



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO**  
**CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS**  
**ESCOLA DE COMUNICAÇÃO**  
**JORNALISMO**

**MÍDIA, POLÍTICA E GÊNERO - DILMA ROUSSEFF E AS MULHERES**  
**POLÍTICAS NO NOTICIÁRIO**

**CAROLINA SILVA DE ASSIS**

Rio de Janeiro / RJ

2011

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO**  
**CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS**  
**ESCOLA DE COMUNICAÇÃO**  
**JORNALISMO**

**MÍDIA, POLÍTICA E GÊNERO - DILMA ROUSSEFF E AS MULHERES**  
**POLÍTICAS NO NOTICIÁRIO**

Monografia apresentada à Escola de Comunicação da UFRJ como requisito para obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Raquel Paiva de Araújo Soares

Rio de Janeiro  
2011

## **FICHA CATALOGRÁFICA**

ASSIS, Carolina Silva de.

Mídia, Política e Gênero - Dilma Rousseff e as mulheres políticas no noticiário. Rio de Janeiro, 2011.

Monografia (Graduação em Comunicação Social/ Jornalismo) –  
Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Escola de Comunicação –  
ECO.

Orientadora: Raquel Paiva de Araújo Soares

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO

**TERMO DE APROVAÇÃO**

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, avalia a Monografia **Mídia, Política e Gênero - Dilma Rousseff e as mulheres políticas no noticiário**, elaborada por Carolina Silva de Assis.

Monografia examinada:

Rio de Janeiro, no dia...../...../.....

Comissão Examinadora:

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Raquel Paiva de Araújo Soares  
Doutora em Comunicação pela Escola de Comunicação .- UFRJ  
Departamento de Comunicação - UFRJ

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Ana Paula Goulart Ribeiro  
Doutora em Comunicação pela Escola de Comunicação – UFRJ  
Departamento de Comunicação - UFRJ

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Alessandra Aldé  
Doutora em Ciência Política - IUPERJ  
Departamento de Teoria da Comunicação da Faculdade de Comunicação Social da UERJ

Rio de Janeiro  
2011



ASSIS, Carolina Silva de. **Mídia, Política e Gênero - Dilma Rousseff e as mulheres políticas no noticiário.** Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Raquel Paiva de Araújo Soares. Rio de Janeiro: UFRJ/ECO. Monografia em Jornalismo.

## RESUMO

Este trabalho pretende investigar a representação das mulheres políticas no noticiário, discutindo como os enquadramentos baseados em estereótipos de gênero podem condicionar e constranger a atuação política feminina. Procura-se focar a abordagem da relação entre comunicação e política na questão da representação midiática como momento de representação política e no papel do jornalismo nas agendas pública e política. Apresenta-se uma leitura da cobertura jornalística de três momentos da trajetória política de Dilma Rousseff nos jornais *O Globo* e *Folha de São Paulo*, procurando observar os estereótipos de gênero na representação da atual presidenta. O trabalho discute também o panorama atual da atuação política feminina no Brasil e como o pluralismo de perspectivas na mídia pode colaborar para a inclusão política de minorias sociais.

**Palavras-chave:** mídia, política, gênero, noticiário, governo, mulher, jornalismo.

## **DEDICATÓRIA**

A Denize, minha mãe, primeiro e maior exemplo de mulher na minha vida.

A Alexandre, meu sobrinho: que ele possa crescer e viver em um mundo onde mulheres e homens, de todas as raças, etnias, classes e orientações sexuais, gozem dos mesmos direitos e vivam em igualdade.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha família, especialmente a Denize, Roberto, Juliana e João pelo apoio, paciência, fé, amor e compreensão infinitos.

Aos meus amigos, também pelo apoio, paciência, fé, amor e compreensão.

À minha *carissima* orientadora, Professora Raquel Paiva, por tudo.

Às Professoras Ana Paula Goulart Ribeiro e Alessandra Aldé, por terem aceitado o convite para participar da banca avaliadora e fazer parte deste momento tão importante.

Por fim, à energia que nos rege, ao que nos escapa, ao Destino, Universo, Deus, Gaia ou seja qual for o seu nome: minha imensurável e eterna gratidão por ter colocado todas estas pessoas na minha vida.

**“Se as mulheres conquistaram o direito ao trabalho, que se pague menos a elas. Se atingiram o direito ao prazer, que se exija delas um padrão inatingível de corpo, para fabricar a frustração. Se querem deixar de ser objetos dos maridos, que assumam sozinhas a responsabilidade pela educação dos filhos. Por isso, a luta continua”.**

**Laura Capriglione**

## SUMÁRIO

### **1. Introdução**

### **2. Comunicação e política**

2.1. Mídia e representação política

2.2. Comunicação de massa e prática política

2.3. Agenda pública, visibilidade midiática e capital político

2.4. Jornalismo e cobertura política

### **3. Representação e participação feminina na política**

3.1. O voto feminino no Brasil

3.2. Participação feminina no cenário político brasileiro

3.3. Obstáculos e desafios enfrentados pelas mulheres políticas

### **4. Gênero e política no noticiário**

4.1. Estereótipos de gênero e atuação política

4.2. Corpo e vida doméstica na cobertura política

### **5. Dilma Rousseff, a primeira presidenta do Brasil**

5.1. Dilma Rousseff no noticiário político: três momentos

5.1.1. 14 de junho de 2010: cobertura do lançamento oficial da candidatura à Presidência

5.1.2. 1º de novembro de 2010: cobertura da vitória nas eleições

5.1.3. 02 de janeiro de 2011: cobertura da posse

5.2. A candidatura, a eleição e a posse em *Folha* e *O Globo*

### **6. Conclusão**

### **7. Bibliografia**

### **8. Anexos**

## 1. Introdução

Este trabalho, intitulado "Mídia, política e gênero - Dilma Rousseff e as mulheres políticas no noticiário", pretende explorar como as mulheres políticas são representadas no noticiário político, investigando o uso de estereótipos de gênero nas narrativas sobre estas mulheres e sua atuação política.

Dilma Rousseff, do Partido dos Trabalhadores (PT), foi eleita presidenta da República no dia 31 de outubro de 2010, após mais de trinta anos de atuação política e oito anos como ministra no governo Lula. Apesar disso, sua vitória nas eleições é de um ineditismo ímpar: foi o primeiro cargo eletivo a que Rousseff se candidatou e sua primeira participação em eleições; foi a primeira vez que uma ex-guerrilheira, que atuou na luta armada contra a ditadura militar nos anos 60, foi eleita presidente; foi a primeira vez em 65 anos que um presidente fez um sucessor pelo voto direto; e, pela primeira vez na história do país, a maioria da população brasileira votou e escolheu uma mulher para ocupar o gabinete da Presidência da República.

Este marco histórico sublinhou um panorama desalentador: a sub-representação das mulheres na esfera política. Embora as mulheres sejam maioria no eleitorado (51,8%)<sup>1</sup> e a vitória de Rousseff tenha significado 100% de representação feminina na Presidência da República, elas alcançaram somente 12,85% nas Assembleias Legislativas Estaduais<sup>2</sup>, 8,77% na Câmara dos Deputados<sup>3</sup> e 14,81% no Senado Federal<sup>4</sup> nas eleições de 2010.

A imensa discrepância entre a presença masculina e a presença feminina no mundo político não pode ser simplesmente entendida como um desinteresse geral das mulheres pela política. A limitação da atuação feminina na esfera pública foi histórica e socialmente estabelecida ao longo de séculos de opressão e de demarcação de espaços "femininos" e "masculinos". Às mulheres caberia o espaço privado: o ambiente doméstico e o cuidado da família. Aos homens, o espaço público: as ruas e as assembleias. Ainda que o movimento feminista tenha questionado esta divisão e obtido vitórias importantíssimas, como o direito ao voto e à participação política por parte das mulheres, estes limites ainda não foram

<sup>1</sup>Disponível em <<http://www.tre-sc.gov.br/site/noticias/noticias-anteriores/lista-de-noticias-anteriores/noticia-anterior/arquivo/2010/julho/artigos/eleitorado-de-2010-no-pais-e-78-maior-que-o-da-eleicao-geral-de-2006/index.html>>, acesso em 15/06/2011.

<sup>2</sup>Disponível em <[http://www.cfemea.org.br/images/stories/pdf/eleicoes2010\\_Eleitos\\_ACL\\_UFSexo.pdf](http://www.cfemea.org.br/images/stories/pdf/eleicoes2010_Eleitos_ACL_UFSexo.pdf)>, acesso em 15/06/2011.

<sup>3</sup>Disponível em <[http://www.cfemea.org.br/images/stories/pdf/eleicoes2010\\_Eleitos\\_CD\\_UFSexo.pdf](http://www.cfemea.org.br/images/stories/pdf/eleicoes2010_Eleitos_CD_UFSexo.pdf)>, acesso em 15/06/2011.

<sup>4</sup>Disponível em <[http://www.cfemea.org.br/images/stories/pdf/eleicoes2010\\_Eleitos\\_SF\\_UFSexo.pdf](http://www.cfemea.org.br/images/stories/pdf/eleicoes2010_Eleitos_SF_UFSexo.pdf)>, acesso em 15/06/2011.

completamente superados. A perpetuação destas estruturas de demarcação e limitação baseadas no gênero são "produto de um trabalho de eternização que compete a instituições interligadas tais como a família, a igreja, a escola, e também, em uma outra ordem, o esporte e o jornalismo" (BOURDIEU, 2002: 05).

A questão que norteia este trabalho, portanto, é como o discurso jornalístico naturaliza não só os estereótipos de gênero mas também os pertencimentos às diferentes esferas sociais, e como este processo de naturalização e perpetuação de estereótipos podem constranger e condicionar a atuação feminina na política.

Antes de tratar da presença feminina na política brasileira e da representação das mulheres políticas no noticiário, é importante considerar a interação entre comunicação e política, que será explorada no primeiro capítulo. O conceito de campo, proposto por Pierre Bourdieu, é um dos fundamentos sobre o qual se baseia esta abordagem da relação entre comunicação e política - esferas independentes, com regras, práticas e hierarquias próprias, e que se influenciam mutuamente. A relação entre os dois campos pode se apresentar sob interfaces diversas, e reconhece-se desde já a incapacidade de um trabalho de conclusão de curso como este de tratar desta interação na sua totalidade e em toda a sua complexidade.

Admite-se que é durante o processo eleitoral, quando o horário político gratuito invade as salas de estar dos telespectadores e as pesquisas de sondagem de opinião pautam as campanhas eleitorais dos candidatos, que a relação entre comunicação e política fica mais evidente. Grande parte dos estudos na área se focam neste aspecto, considerando especialmente a influência da propaganda político-partidária nas eleições e sua conversão em preferências eleitorais e votos. Sobre estas questões, pode-se destacar o trabalho dos pesquisadores Marcus Figueiredo, Alessandra Aldé e Afonso de Albuquerque, que abordam temas como marketing político, persuasão eleitoral e imagem partidária no Brasil.

Apesar de reconhecer a importância e a crucialidade do momento eleitoral nas pesquisas sobre comunicação e política, neste trabalho decidiu-se por abordar esta relação deslocando o foco para a questão da representação midiática como momento de representação política. Neste sentido, o entendimento do jornalismo como construtor do imaginário político da esfera civil e a legitimação de seu discurso baseada nos conceitos de objetividade, imparcialidade e neutralidade serão os fundamentos da discussão sobre como a representação das mulheres políticas no noticiário pode influenciar e constranger sua participação na esfera pública e sua atuação política. A relação entre agenda midiática, agenda pública e agenda política e visibilidade midiática e capital político também será abordada, procurando-se

entender como os atores políticos se inserem no contexto comunicacional, para o bem - procurando fazer uso da presença nos ambientes midiáticos em benefício próprio, convertendo visibilidade em votos - ou para o mal - quando se tornam objetos de escrutínio popular e protagonistas de escândalos políticos largamente midiaticizados.

No segundo capítulo, pretende-se traçar um panorama da participação feminina na política brasileira. Procura-se investigar, a princípio, sobre que fundamentos se deu a exclusão das mulheres da vida política, revisitando o pensamento dos filósofos Thomas Hobbes, John Locke e Jean Jacques Rousseau, que também trataram desta questão em seus trabalhos. No caso brasileiro, a inclusão das mulheres nas práticas políticas se deu oficialmente em 24 de fevereiro de 1932, quando o voto feminino foi sancionado, após anos de militância das suffragettes brasileiras. Mas este é somente um entre vários momentos marcantes na luta pelos direitos políticos das mulheres, parte de uma batalha que no Brasil começou no século XIX e que dura até hoje, como se pode ver. A sub-representação feminina no panorama político brasileiro atual será explorada a partir dos resultados das eleições de 2010, procurando identificar os obstáculos enfrentados pelas mulheres políticas e que medidas podem ser tomadas para que eles sejam superados.

O terceiro capítulo procurará reunir os pressupostos discutidos nos capítulos anteriores e investigar como se dá esta tripla relação: comunicação, política e gênero. O livro "Caleidoscópio convexo: mulheres, política e mídia" (2011), de Luís Felipe Miguel e Flávia Biroli, ofereceu as bases da abordagem apresentada neste trabalho. O livro apresenta análises teóricas e também os resultados de uma pesquisa empírica coordenada pelos dois professores do Instituto de Ciência Política da Universidade de Brasília sobre a representação das mulheres políticas em três telejornais diários e três revistas semanais, entre 2006 e 2007. Será possível singularizar alguns estereótipos de gênero a que são submetidas as mulheres políticas em sua representação no noticiário. As referências ao corpo e à autoapresentação (vestuário, maquiagem, cirurgias plásticas) e à vida afetiva e familiar serão investigados, procurando entender como a inclusão das mulheres na política se dá sob os preceitos da divisão sexual e do pertencimento das mulheres à vida doméstica e à esfera privada.

O quarto e último capítulo será dedicado a Dilma Rousseff, a primeira presidenta do Brasil, e sua representação em dois dos maiores jornais impressos do país, *Folha de São Paulo* e *O Globo*. Serão escolhidos três momentos em sua trajetória recente, considerados os mais importantes em seu caminho até o Palácio do Planalto: o lançamento oficial da candidatura, em 13 de junho de 2010, a vitória no segundo turno das eleições, em 31 de



outubro de 2010, e a cerimônia de posse e sua consagração como presidenta da República, em 1º de janeiro de 2011. Será feita a leitura da cobertura jornalística destes três eventos, nos dias imediatamente seguintes, portanto: 14 de junho de 2010, 1º de novembro de 2010 e 02 de janeiro de 2011. Optou-se por estes três momentos, anteriores à sua atuação como presidenta, porque permitem um recorte bem definido do crescendo de seu percurso político e seu estabelecimento como autoridade máxima do país. Pretende-se dar seguimento a esta pesquisa em trabalhos futuros, explorando também a representação midiática de Rousseff como presidenta da República e de sua atuação política.

Procurou-se identificar se e como as marcas de estereótipos de gênero que serão discutidas no terceiro capítulo se apresentam na representação de Rousseff enquanto candidata, presidenta eleita e no momento da posse. Esta leitura, porém, não se deterá a um método de análise de material jornalístico, pois pretende ser um comentário sobre como o fato de ser a mulher política mais importante do país não a poupa de uma representação calcada em enquadramentos e estereótipos de gênero.

O objetivo maior deste trabalho é salientar as limitações que ainda são impostas sobre as mulheres e que dificultam sua entrada e atuação no campo político, e refletir sobre o papel da mídia e em especial do jornalismo na manutenção e perpetuação desta realidade. Entende-se que esta é uma questão complexa e abrangente, que envolve todos os domínios das Ciências Humanas e que pode ser trabalhada a partir de perspectivas de áreas diversas como Sociologia, Antropologia, Psicologia, Filosofia e Ciências Políticas, entre outras. Reconhece-se, portanto, que esta é somente uma entre as várias abordagens possíveis sobre a sub-representação feminina na política, que se apresenta como uma introdução à questão. Ainda assim, espera-se que este trabalho possa promover uma reflexão sobre as práticas políticas e jornalísticas e seu papel na construção e manutenção das estruturas de desigualdade e opressão a que certos grupos sociais são submetidos cotidianamente.

## **2. Comunicação e política**

Uma consideração inicial das interações entre comunicação e política leva em conta principalmente os meios de comunicação de massa, estabelecidos ao longo do século XX, e sua influência na prática política. Fala-se inclusive em uma fundamental mudança no fazer político: a passagem de uma "política de partidos", baseada no poder de mobilização dos grupos políticos organizados dentro do sistema decisório, a uma "política midiática", totalmente dominada pela força da mídia e voltada para os efeitos e repercussões de suas ações na esfera comunicacional (GOMES, 2004: 418).

Entretanto, em seu abrangente estudo "Transformações da política na era de comunicação de massa" (2004), Wilson Gomes remonta a Nicolau Maquiavel e a seu "O Príncipe", do início do século XVI, a singularização de aspectos hoje largamente atribuídos à influência dos meios de comunicação de massa, como a administração da imagem política ("política de aparências", na obra do pensador florentino). Além disso, identifica no reinado de Luís XIV a formulação do que hoje seria chamado de política de comunicação de Estado, "um conjunto de iniciativas sistemáticas e controladas desde o centro da esfera política com o propósito explícito de prover e coordenar a informação na perspectiva de se estabelecer a opinião socialmente predominante sobre o rei" (GOMES, 2004: 365).

Em 1922, quando a comunicação de massa ensaiava seus primeiros passos, Walter Lippmann já estabelecia em "Opinião Pública" o papel do jornalismo na formulação de imagens e estereótipos e como a agenda da mídia (conjunto de temas, questões e personagens tratados como relevantes) influencia a agenda pública (o que as pessoas acham relevante) e a agenda política (questões para as quais a administração pública dará mais atenção) (MANOEL, 2010: 23). Segundo Gomes, "há mais coisas em comum entre a política de opinião praticada no passado e a que agora se pratica do que sonha o deslumbramento hipermidiático contemporâneo" (GOMES, 2004: 384).

É inegável, porém, que o advento dos meios de comunicação de massa representou uma revolução na vida em sociedade e no exercício da cidadania, e evidentemente, no ambiente político. O rádio, o cinema e a televisão e as novas práticas sociais que engendraram exigiram dos políticos novas habilidades e sensibilidade para entender as demandas surgidas de uma sociedade mediada e midiática. A evolução da imprensa e do jornalismo, que ao longo do século XX busca se legitimar através do discurso da objetividade, imparcialidade e neutralidade, foi acompanhada da adoção de novas práticas políticas, que tiveram que reconsiderar o peso da visibilidade proporcionada pela comunicação de massa.

Gomes sublinha a percepção geral da interface entre comunicação e política como uma relação instrumental, em que o universo político entraria com seus conteúdos, agentes e habilidades e o universo da comunicação disponibilizaria seus dispositivos de difusão e circulação de conteúdos, que seriam operados pela destreza política segundo seus interesses e conveniências, organizando e pautando os gostos, as disposições e a opinião do público, pronto a absorver passivamente os fluxos de mensagens provenientes dos meios de comunicação de massa (GOMES, 2004: 49).

O autor questiona esta visão e até rejeita a expressão *meios* de comunicação, entendendo que "a comunicação de massa não se disponibiliza, dócil e instrumental, para o uso de instâncias alheias aos seus sistemas internos" (GOMES, 2004: 60). Mais que *meios*, a comunicação e cultura de massa são hoje *ambientes* fundamentais para a política contemporânea, sendo esta apenas um dos aspectos desta vivência midiática.

Ao mesmo tempo, é exagero pensar que a comunicação de massa tenha "engolido" a política tradicional, visão provavelmente derivada do avanço das práticas publicitárias nas campanhas político-eleitorais e até na gestão governamental (MIGUEL, 2003: 04).

Miguel e Gomes utilizam o conceito de "campo", elaborado por Pierre Bourdieu, para estabelecer os fundamentos da relação entre comunicação e política. Por "campo" se entende

um sistema de relações sociais que estabelece como legítimos certos objetivos, que assim se impõem "naturalmente" aos agentes que dele participam. Esses agentes, por sua vez, interiorizam o próprio campo, incorporando suas regras, também de maneira "natural", em suas práticas (o que Bourdieu chama de *habitus*). Os diferentes agentes disputam o acesso às posições dominantes dentro do campo, buscando valorizar seus atributos distintivos, em detrimento daqueles associados a seus concorrentes. Essa luta faz com que esteja em jogo, permanentemente, a estrutura do próprio campo. Cada campo "é um campo de forças dotado de uma estrutura, e também um campo de lutas para conservar ou transformar esse campo de forças" (BOURDIEU apud MIGUEL, 2003: 05).

Segundo os dois autores, este conceito é basilar para compreender a interação entre comunicação e política, dois campos diferentes que "guardam certo grau de autonomia e a influência de um sobre o outro não é absoluta nem livre de resistências; na verdade, trata-se de um processo de mão dupla" (MIGUEL, 2003: 05).

O papel atual da mídia como lugar de socialização e vivência da cidadania faz com que esta seja imprescindível no funcionamento eficiente do jogo político. O sistema democrático estabelece que a legitimação da esfera política deve necessariamente vir da esfera civil. Em uma sociedade em que os indivíduos formulam suas ideias e opiniões

baseando-se no conhecimento sobre o atual estado do mundo difundido pela comunicação de massa, entende-se que a política não pode prescindir da comunicação (GOMES, 2004: 321). Ao mesmo tempo, a indústria de comunicação de massa, como provedora de informação e portadora da atualidade, do "mundo-em-página" ou "mundo-em-tela" (GOMES, 2004: 324), depende da esfera política não só como fornecedora de fatos e eventos a serem transformados em notícias mas também como avalizadora e reguladora de suas práticas.

É uma relação simbiótica e complexa que não se esgota no simplismo da instrumentalização ou da dominação e que certamente não pode ser explorada em sua totalidade em um trabalho de conclusão de graduação. Pretende-se analisar, porém, como as interfaces entre a comunicação de massa e o mundo político se apresentam neste início do século XXI, admitindo o ambiente midiático como grande estruturador do imaginário político.

## **2.1. Mídia e representação política**

Segundo Gomes, um dos dogmas centrais da democracia é a ideia de soberania popular, segundo a qual "o conjunto dos cidadãos se autodetermina politicamente e o povo está no comando do Estado" (GOMES, 2004: 87). Mas esta hierarquia - em que a esfera civil se apresenta como mandante da esfera política, que atua como mandatária - não se sustenta:

Historicamente, entretanto, o centro do poder de Estado parece ser ocupado pela esfera política, em cujo núcleo está o governo, restando à esfera civil apenas a função de intervenções episódicas em eleições para escolher, em função de cliente, uma dentre as várias opções de configuração do Estado produzidas pela esfera política e oferecidas no balcão eleitoral (GOMES, 2004: 87)

Aparentemente, portanto, a única tarefa que competiria aos cidadãos seria a de escolher, de tempos em tempos, a quem delegar o poder sobre os recursos do Estado. Comparando a atuação da esfera civil, que no Brasil é convocada de quatro em quatro anos para dar o seu parecer sobre quem deseja como responsável pelas decisões de interesse público, e da esfera política, que governa e lida, durante todos os dias por pelo menos quatro anos, com os recursos financeiros e o poder decisório que lhe foram conferidos, a perspectiva de desvantagem da população com relação aos governantes é claramente observável (GOMES, 2004: 112).

O contexto atual, porém, concede uma prerrogativa aos cidadãos fora dos círculos decisórios:

Hoje vivemos em sociedades de fluxo contínuo, intenso, acelerado e multidirecional de informação política. Nas democracias liberais, a indústria de entretenimento e o sistema industrial de informação assumiram o negócio da informação política em lugar da imprensa de opinião e da imprensa oficial e a censura prévia se torna uma brutalidade arcaica. Além disso, vivemos em sociedades com grande cota de tempo livre e capital cultural, onde a comunicação política, copiosa, leiga e variada, chega ao volume da informação contínua e ao padrão de velocidade do segundo. Em sociedades onde a política é secularizada e tratada no nível do consumível, devassa-se a esfera política como se devassa a vida privada das celebridades e da cultura em ondas cada vez mais crescentes de hiperexposição (GOMES, 2004: 112)

A desigualdade política e a profunda divisão entre governantes e governados são fruto de uma organização social que concentra o poder e o capital político nas mãos de poucos indivíduos, reconhecidos por seus concidadãos como "dignos" das posições de decisão sobre o interesse público. "Se o reconhecimento social é a chave da conquista do capital político, avulta a importância da mídia, principal difusora do prestígio e do reconhecimento social nas sociedades contemporâneas" (MIGUEL, 2002: 08).

A representação política se apresenta como questão crucial em uma sociedade formada por grupos com características e interesses profundamente diversos entre si. O grande desafio é estabelecer um elenco de atores políticos que efetivamente representem estes diferentes interesses, ampliando a igualdade política entre os diversos grupos sociais e atendendo igualmente, na medida do possível, às demandas apresentadas pela população. Mas "a tomada de decisões não esgota a atividade de representação política" (MIGUEL & BIROLI, 2011: 16).

Ela é a etapa final de um processo que abarca, notadamente, a discussão pública sobre as questões de interesse coletivo - o que inclui a transmissão de informações, a apresentação de argumentos e a exposição de alternativas, com um impacto fundamental sobre a constituição da agenda pública e a formação das preferências políticas. Em sociedades complexas como a nossa, tal discussão não se resume aos debates no parlamento, levados a cabo pelos representantes formais. Ela ocorre em diversos espaços sociais, que influenciam, de diferentes maneiras e em graus variados, a esfera da decisão política corporificada nos poderes institucionais. (MIGUEL & BIROLI, 2011: 16)

A mídia, como grande organizadora e difusora de representações do mundo social, "se estabelece como momento de uma representação especificamente política" (MIGUEL & BIROLI, 2008: 02).

Dito de outra forma, se é razoável entender a representação política como englobando outras dimensões além da transferência de poder decisório formal, a mídia de massa deve ser percebida como um espaço de representação. Nós somos representados por aqueles que, em nosso nome,

tomam decisões nos três poderes constitucionais, mas vemos também nossos interesses, opiniões e perspectivas serem representados nos discursos presentes nos espaços de debate público. Trata-se de outra forma de representação, informal, difusa, imprecisa, que depende de adesões por vezes pontuais e revogáveis a qualquer momento, mas nem por isso menos importante no processo público de formulação das decisões. (MIGUEL & BIROLI, 2011: 18)

Representação política, portanto, deve ser entendida não só como a atuação de governantes e dirigentes, que tomam decisões representando os grupos sociais que lhes conferiram este poder, mas também como o ato de participar da produção da agenda pública e do debate político em nome de outros. "Nesse sentido, a compreensão de que os meios de comunicação são uma esfera de representação está diretamente ligada à compreensão de que são um espaço privilegiado de disseminação das diferentes perspectivas e projetos dos grupos em conflito nas sociedades contemporâneas" (MIGUEL & BIROLI, 2011: 21).

A questão central é que a mídia não representa os diferentes grupos sociais de modo satisfatório, e os discursos veiculados não refletem a pluralidade de perspectivas e interesses da sociedade. São discursos que representam apenas uma parte da população. É o que se pode chamar de "jornalismo classe média": como a vasta maioria dos profissionais de comunicação são provenientes das classes média e alta, as perspectivas e os interesses destes grupos acabam sendo apresentados na mídia como universais. "Os interesses e preocupações dos grupos dominantes tornam-se interesses e preocupações gerais também porque o discurso socialmente legitimado do jornalismo entroniza-os nessa posição" (MIGUEL & BIROLI, 2011: 61). Portanto, tanto nos ambientes da comunicação de massa como na esfera política, "a universalização que caracteriza a democracia convive com a exclusão da maior parte dos cidadãos dos espaços e posições que lhes poderiam conferir a possibilidade de decidir" (MIGUEL & BIROLI, 2011: 163).

Outros grupos sociais, ao não terem suas perspectivas e interesses representados midiaticamente, acabam não sendo representados politicamente. "A democratização da esfera política implica, portanto, tornar mais equânime o acesso aos meios de difusão das representações do mundo social" (MIGUEL, 2002: 10). Ampliar a presença midiática de grupos marginalizados política e socialmente é fundamental. Mas é importante atentar para que seus discursos não sejam veiculados a partir do viés "classe média", que tende a tingir de exotismo a representação de outros ambientes sociais (MIGUEL & BIROLI, 2011: 61). Para participar efetivamente do debate político, estes grupos precisam de espaço "para formular suas próprias interpretações sobre suas necessidades e seus interesses" (MIGUEL, 2002: 10).

O pluralismo presente na sociedade só poderá ser efetivamente representado na esfera política se também for representado midiaticamente.

## **2.2. Comunicação de massa e prática política**

Miguel e Biroli, em "Mídia, representação e democracia" (2010), afirmam categoricamente que "a mídia se tornou um fator central da vida política contemporânea e que não é possível mudar esse fato" (MIGUEL & BIROLI, 2010: 11). A centralidade da comunicação de massa no jogo político possui impacto nas formas de atuação e nas estratégias dos atores políticos (MIGUEL & BIROLI, 2011: 18). Os autores identificam quatro dimensões principais em que a influência da mídia na política se faz presente, alterando suas práticas.

O primeiro aspecto é o mais evidente: a mídia é hoje o principal instrumento de contato entre a elite política e os cidadãos comuns. Sem descambar para uma visão "apocalípticos *versus* integrados" da "política de partidos *versus* política midiática", eles sustentam que o peso dos partidos políticos diminuiu, já que a comunicação de massa tem suprido em grande parte as funções historicamente atribuídas a eles: a mobilização de apoiadores e dos cidadãos e o recolhimento das demandas da esfera civil, permitindo que elas cheguem aos agentes do poder (MIGUEL & BIROLI, 2010: 09).

Em consequência desse novo peso da mídia, observa-se uma transformação no discurso político, que cada vez mais tem se adaptado às formas praticadas pela comunicação de massa. "Na época de predomínio da televisão, em especial, avulta o peso da imagem dos políticos e [...] o discurso torna-se cada vez mais fragmentário, bloqueando qualquer aprofundamento dos conteúdos" (MIGUEL & BIROLI, 2010: 09). A sonora de um entrevistado na TV ou no rádio é de poucos segundos, e os políticos tem se adequando a essa regra abreviando a fala, reduzindo-a a "palavras de efeito" que na prática não comunicam nada, mas que garantem a presença no jornal da noite.

A produção da agenda pública é outra dimensão da influência da comunicação de massa sobre as práticas políticas. A mídia apresenta as questões que julga relevantes, produzindo no público o entendimento de que aquelas são as questões das quais os agentes políticos devem se ocupar. Os agentes políticos se veem, assim, na obrigação de dar uma resposta a estas questões e ao mesmo tempo identificam o potencial de visibilidade que esta

atuação poderia lhes proporcionar, e "hoje, em grande medida, orientam suas ações para o impacto presumível na mídia" (MIGUEL & BIROLI, 2010: 10).

A gestão da visibilidade é o quarto aspecto destacado por Miguel e Birolí. Como foi dito, já no século XVI a difusão de uma certa imagem do agente político era uma preocupação, mesmo que o sistema político praticado então não fosse a democracia. Hoje a visibilidade midiática é cada vez mais componente do capital político: há a busca do fato político, uma tentativa de identificação dos eventos e ações que receberiam destaque na mídia e o consequente esforço dos agentes políticos de se inserirem no noticiário e em outras categorias de produção de capital midiático, como *talk-shows* e programas de auditório, por exemplo. "A notoriedade midiática é condição necessária para o acesso às posições mais importantes do campo político" (MIGUEL & BIROLI, 2010: 11).

Afastando-se da teoria de instrumentalização da comunicação de massa pelo poder político, os autores também negam a hipótese de que a política tenha se curvado às injunções da mídia ou se tornado um mero "entretenimento visual" (JANEWAY apud MIGUEL & BIROLI, 2010: 11). Redes tradicionais de apoio e sua organização em partidos políticos ainda são indispensáveis para o êxito eleitoral; o discurso político, mesmo que tente se adaptar a uma lógica midiática, continua guardando marcas de distinção em relação ao discurso comumente veiculado pela comunicação de massa; ainda que a mídia paute a agenda pública, agentes com grande capital político tem a capacidade de orientar a cobertura política nos noticiários; e a gestão da visibilidade, mesmo sendo uma tarefa central do fazer político, não mudou o fato de que grande parte do jogo político - negociações, barganhas, alianças, etc - se faz longe dos olhos do público (MIGUEL & BIROLI, 2010: 11).

É comum a divisão da prática política em "bastidores", a esfera secreta onde são feitas as negociações e são tomadas as decisões, e "palco", onde se faz o jogo de cena político. A comunicação de massa, que nesta classificação pertenceria ao segundo plano, também desempenharia seu papel no palco político, produzindo a cena para a plateia de não-iniciados e perpetuando o mito da democracia como "governo do povo". Segundo Miguel, mesmo reconhecendo-se as imperfeições do sistema político praticado nas assim chamadas "repúblicas democráticas", esta divisão deve ser relativizada. A ideia de apatia e passividade da massa não se sustenta, já que esta de tempos em tempos irrompe no palco, e não só de quatro em quatro anos, para exercer seu direito ao voto. O público não é indiferente ao que ocorre nos bastidores, e uma revelação pode mudar tudo o que fora acertado atrás dos panos (MIGUEL, 2002: 07).



### 2.3. Agenda pública, visibilidade midiática e capital político

Os aspectos em que a relação entre mídia e política é mais acentuada se influenciam mutuamente. O fato de que os ambientes de comunicação de massa sejam a principal, senão a única fonte de informações sobre o mundo político, que estabelece para a audiência quais são as questões públicas relevantes, faz com que os agentes políticos busquem se beneficiar da visibilidade proporcionada por determinada atuação.

Do ponto de vista dos públicos, a cena política é o grande espelho onde a vida política se apresenta aos olhos dos leigos. Não é apenas uma grande cena, não é apenas a parte visível da esfera política, é a esfera política no seu modo de existir para o cidadão e no modo como pode ser por ele experimentada. Se há outra, não lhe é disponível. Por isso, é nela e por ela que a esfera civil forma a sua opinião e organiza a sua disposição sobre os sujeitos políticos, sobre o estado da coisa pública, sobre agendas e prioridades do congresso, do governo e da sociedade. Do ponto de vista da esfera política, a esfera de visibilidade pública é a forma com que um agente político ou uma matéria da pauta política, por exemplo, podem assegurar o reconhecimento público da sua existência (GOMES, 2004: 114).

A influência da agenda midiática na agenda política já é discutida por Lippman em 1922<sup>5</sup>, quando a comunicação de massa dava seus primeiros passos. McCombs e Shaw, em estudo de 1972, analisaram como, ao selecionar fatos e eventos transformando-os em notícias, a mídia desempenha um papel fundamental na elaboração da realidade política. O público apreende não só as informações sobre certa questão, mas também o quanto de importância deve dar a tal questão. A noção de agendamento midiático é complementada pelo conceito de *framing* ou enquadramento, adaptada da obra de Erving Goffman e aplicada à comunicação: enquadramentos são "esquemas narrativos que permitem interpretar os acontecimentos" (MIGUEL, 2002: 17).

Enquadramento envolve essencialmente seleção e saliência. Enquadrar é selecionar alguns aspectos de uma realidade percebida e torná-los mais salientes em um texto comunicativo, de forma a promover determinada definição de um problema, uma interpretação causal, uma avaliação moral e/ou uma recomendação de tratamento para o item descrito (ENTMAN apud GADRET, 2010: 04)

"Agendando" e "enquadrando", a mídia constrói representações do mundo social e pauta as preocupações da audiência com relação às questões de interesse público. Os agentes políticos, assim, se sentiriam pressionados a agir com relação a estas questões, de modo a

---

<sup>5</sup>LIPPMANN, Walter. *Opinião Pública*. Petrópolis, Vozes, 2008.

responder às demandas do eleitorado. Um exemplo recente é o episódio que ficou conhecido como "Massacre de Realengo", em que Wellington Menezes de Oliveira, de 23 anos, invadiu a Escola Municipal Tasso da Silveira no bairro de Realengo, no Rio de Janeiro, atirando a esmo e matando 12 crianças, no dia 07 de abril de 2011<sup>6</sup>. Durante a extenuante e sensacionalista cobertura jornalística que se seguiu ao massacre, a discussão sobre o desarmamento da população civil foi resgatada por alguns políticos<sup>7</sup>, que identificaram na comoção generalizada uma oportunidade de revisar o referendo nacional sobre o Estatuto do Desarmamento, realizado em 23 de outubro de 2005, em que 63,94% do eleitorado votou pela continuidade da venda legal de armas de fogo e munição no Brasil<sup>8</sup>.

Mas não é só para saciar os anseios dos eleitores que governantes e parlamentares orientam sua atuação de acordo com a agenda da mídia. O político que age a respeito de temas com maior visibilidade aparece aos olhos do público como um agente efetivamente atuante nos círculos do poder, e converte esta visibilidade em capital pessoal potencial, pois a intervenção a respeito destes temas tem mais chances de receber destaque na mídia (MIGUEL & BIROLI, 2011: 20). Esta seria a verdadeira "galinha dos ovos de ouro", na medida em que pode ser revertida em votos e poder de barganha no meio político.

Nesse sentido, a campanha agora se confunde com o mandato, solicitando da esfera política um dispêndio subsidiário e constante de energia. Os mandatários não apenas governam ou legislam, mas o fazem como se estivessem o tempo todo em campanha. A campanha agora é permanente, a eleição é interminável (GOMES, 2004: 114).

Segundo Gomes, o que os agentes políticos querem da comunicação de massa é "exposição midiática favorável, ou seja, aparecer nos jornais, nas revistas, no rádio e na televisão do modo que lhes renda o máximo de benefícios junto ao público" (GOMES, 2004: 155). Querem, consequentemente, "exposição midiática desfavorável aos seus adversários" e que "os meios de comunicação lhes sejam instrumentos para formar uma opinião no público que se converta em voto" (GOMES, 2004: 155).

---

<sup>6</sup>Disponível em <<http://g1.globo.com/Tragedia-em-Realengo/>>, acesso em 28/05/2011.

<sup>7</sup> "Sarney diz que vai propor novo referendo sobre desarmamento", disponível em <<http://g1.globo.com/politica/noticia/2011/04/sarney-diz-que-vai-propor-novo-referendo-sobre-desarmamento.html>>; "Maria do Rosário apoia referendo sobre desarmamento", disponível em <<http://noticias.r7.com/brasil/noticias/maria-do-rosario-apoia-referendo-sobre-desarmamento-20110412.html>>; "Cardozo: debate sobre referendo do desarmamento é bem-vindo", disponível em <<http://noticias.terra.com.br/brasil/noticias/0,,OI5072994-EI7896,00-Cardozo+debate+sobre+referendo+do+desarmamento+e+bemvindo.html>>. Acesso em 28/05/2011.

<sup>8</sup>Disponível em <[http://www.tse.gov.br/internet/eleicoes/referendo\\_2005/quad\\_geral\\_blank.htm](http://www.tse.gov.br/internet/eleicoes/referendo_2005/quad_geral_blank.htm)>, acesso em 28/05/2011.

Esta exposição é hoje crucial na produção do capital político, entendido como o reconhecimento da legitimidade de um indivíduo atuar na política (MIGUEL, 2003: 07). Reconhecimento que se dá hoje em grande parte pela mídia. A visibilidade midiática, portanto, pode ser fator condicionante de trajetórias políticas, já que seu oposto, a invisibilidade, é um obstáculo concreto para o alcance de cargos eletivos de maior importância no Poder Executivo (MIGUEL & BIROLI, 2008: 03).

O intercâmbio entre capital midiático e capital político é uma via de mão dupla, na medida em que "os meios de comunicação são, ao mesmo tempo, fonte e índice de capital político" (MIGUEL & BIROLI, 2011: 127). A presença na mídia confere distinção ao personagem político, ao mesmo tempo em que é o reconhecimento midiático de uma competência já comprovada na prática política.

Os agentes políticos não-inseridos no campo da comunicação buscam os holofotes investindo na presença em "noticiários (com uma pontuação diferente para o noticiário nacional e o telejornal regional ou local) e programas de auditórios, programas convencionais de entrevistas, presença nos editoriais e manchetes dos jornais impressos" (GOMES, 2004: 209). Esta presença se dá, como já foi visto, através da atuação política voltada para as questões pautadas pela mídia ou pela criação de "pseudo-eventos", "acontecimentos que não são espontâneos, planejados com o objetivo de virarem notícia" (BOORSTIN apud MIGUEL, 2002: 17), como entrevistas, manifestações de massas, encontro de líderes ou convenções partidárias.

Muitos agentes do campo da comunicação também se lançam na carreira política, buscando converter seu capital midiático em capital político. Marta Suplicy, Celso Russomano e o apresentador Ratinho são exemplos de personalidades midiáticas que construíram uma reputação na televisão, na qual se basearam para se legitimarem como atores políticos: Suplicy, como sexóloga no programa *TV Mulher*, que foi ao ar na Rede Globo na década de 1980, tornou-se referência feminista; Russomano construiu a imagem de defensor dos direitos do consumidor em suas reportagens na TV; e Ratinho identificou-se com o discurso da segurança pública. Portanto, "mais do que a mera exibição na mídia, há a construção, por meio dela, de uma imagem de benfeitor público ou de paladino de determinada causa, que depois é utilizada na disputa eleitoral" (MIGUEL, 2002: 17).

Esta transição pode se dar de maneira inesperada e imprevisível. Nas eleições de 2010, duas personalidades midiáticas peculiares chegaram à Câmara Federal: Francisco Everardo Oliveira Silva, o palhaço Tiririca, que foi eleito deputado federal por São Paulo pelo Partido

da República (PR), e Jean Wyllys, que foi eleito como deputado federal pelo Rio de Janeiro pelo Partido Socialismo e Liberdade (PSol).

Tiririca, com uma carreira midiática construída como palhaço e comediante e presença constante em programas de auditório, elegeu-se com um discurso de subversão das instituições políticas. Em seu programa eleitoral gratuito, o palhaço declarava: "O que faz um deputado federal? Na realidade, eu não sei, mas vote em mim que eu te conto." Seu slogan era "Vote em Tiririca, pior do que tá (*sic*) não fica"<sup>9</sup>. Foi o segundo deputado federal mais votado no Brasil, com 1,35 milhão de votos<sup>10</sup>, em meio à polêmica de seu suposto analfabetismo<sup>11</sup>.

Já Jean Wyllys alcançou sua visibilidade midiática como participante e vencedor do *reality show* Big Brother Brasil, da Rede Globo, em 2005. Antes disso, atuava como jornalista e professor universitário em Salvador. Wyllys conseguiu neutralizar o capital midiático duvidoso de sua condição de ex-BBB e elegeu-se baseado em uma plataforma de defesa dos direitos humanos e da população LGBT<sup>12</sup>.

O capital midiático acumulado foi determinante para a eleição dos dois deputados, que usaram a visibilidade nos meios de comunicação de massa como "atalho" para a carreira política. O campo político, porém, "impõe uma taxa de conversão desfavorável ao capital simbólico originário dos meios de comunicação" (MIGUEL, 2002: 17), já que os políticos originários do campo da comunicação não raramente usufruem de pouco prestígio entre seus pares e ocupam posições secundárias no campo político. Para os que almejam uma carreira política, é necessária uma "faxina" no capital simbólico importado da comunicação de massa e a desvinculação gradual das raízes midiáticas. Contudo, "independentemente da origem do capital político, a visibilidade na mídia é crucial para quem deseja chegar ao topo da carreira política" (MIGUEL, 2002: 17). Mesmo que as redes tradicionais de apoio sejam suficientes para sustentar uma carreira no Poder Legislativo, para os políticos que almejam os cargos mais altos do Executivo a presença nos ambientes da comunicação de massa é fundamental, já que "é importante tanto por angariar credibilidade diante dos chefes partidários, financiadores de campanha e outros operadores políticos quanto por facilitar a identificação dos eleitores" (MIGUEL, 2002: 17).

---

<sup>9</sup>Disponível em <<http://www.youtube.com/watch?v=qJqD6SrrOA4>>, acesso em 28/05/2011.

<sup>10</sup> Disponível em <<http://noticias.r7.com/eleicoes-2010/noticias/com-1-35-mi-de-votos-tiririca-quase-bate-recorde-para-deputado-federal-20101003.html>>, acesso em 28/05/2011.

<sup>11</sup> Disponível em <<http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI174615-15223,00.html>>, acesso em 28/05/2011.

<sup>12</sup> Disponível em <<http://jeanwyllys.com.br/wp/>>, acesso em 28/05/2011.

## **2.4. Jornalismo e cobertura política**

Se é nos ambientes da comunicação de massa que se constroem as representações do mundo social, pode-se dizer que é através do jornalismo e do noticiário político que a esfera civil elabora as representações da esfera política.

Na sociedade contemporânea, a informação política via comunicação de massa tornou-se recurso fundamental para a vida civil. Repórteres e editores garantem ao cidadão os meios fundamentais para entender o jogo político praticado ao seu redor, para compreender a realidade e para entender vinculação entre as agendas e os movimentos do universo político e a realidade que lhe diz respeito na vida em sociedade. Tem o poder de incrementar a compreensão da realidade e dar-lhe sentido político e o poder de expandir a compreensão do jogo político e dar-lhe sentido de realidade (GOMES, 2004: 184).

Ao analisar a relação entre jornalismo e política, Gomes identifica alguns modelos de prática jornalística que, apesar de estarem ligados a épocas e circunstâncias históricas precisas, podem também conviver no interior de uma mesma sociedade (GOMES, 2004: 45).

No primeiro modelo, a comunicação de massa existe basicamente na forma da imprensa, e a prática jornalística seria a da imprensa de opinião, que remonta à esfera pública burguesa do século XVIII. Esta se situava fora da esfera reservada da política do Estado absolutista e se estabelece como instrumento de discussão pública, para defender os interesses burgueses contra o Estado aristocrático. Já neste momento, a cobertura política da imprensa se firma como "fruto da necessidade de constituição da publicidade civil, isto é, de uma esfera de discussão pública política realizada fora da esfera política restrita, mas como parte essencial do universo político conduzido na esfera pública" (GOMES, 2004: 46).

A relação entre imprensa e política é repensada quando a burguesia chega ao poder, já que neste momento o grupo social a que se liga a imprensa passa a ser o mesmo a controlar o Estado. A classe burguesa se divide, então, em grupos no governo e na oposição, e a imprensa segue esta fragmentação, acompanhando os grupos e partidos que se dispõem no meio político. Assim se organiza a imprensa de partido, que se estabelece não mais como órgão da esfera civil, mas como portadora dos programas e visões dos partidos políticos, dividindo-se entre veículos governistas e oposicionistas. Assim, "obscurece-se a sua função de instrumento da esfera pública e de representante dos interesses da esfera civil" (GOMES, 2004: 47).

No segundo modelo, à imprensa se unem "instituições sociais dotadas de meios tecnológicos de produção, reprodução e emissão ou circulação de mensagens e produtos culturais de distribuição massiva" (GOMES, 2004: 47): os meios de comunicação de massa. Começa-se a entender a comunicação como um negócio e a identificar o potencial destes meios como instrumentos para se organizar gostos, disposições e opinião do público, inclusive sobre as questões políticas. O alcance destes novos instrumentos constitui uma "nova publicidade social, uma esfera expandida de visibilidade pública, um público sem convivência e presença" (GOMES, 2004: 49); em suma, um público consumidor de informação e cultura, passivo e submetido aos fluxos de mensagens provenientes destes meios (GOMES, 2004: 49).

O terceiro modelo se torna predominante ao longo do século XX: a indústria da informação, que "surge quando o mundo dos negócios se dá conta de que a informação pode se transformar num negócio cujas transações se realizam não mais com corporações e partidos mantenedores mas com duas categorias novas, os consumidores de informação e os anunciantes" (GOMES, 2004: 50). Identifica-se uma demanda por informação independente e objetiva, que não poderia ser oferecida pela imprensa de opinião ou de partido. Nasce então a imprensa empresarial, que se afirma como portadora de informação sobre o mundo político sem assumir uma posição ou um viés partidário ou ideológico, alcançando assim todos os estratos da audiência, desde os mais politizados até aqueles pouco dispostos ao engajamento político (GOMES, 2004: 50).

É neste contexto que se apresenta hoje a cobertura política no noticiário nacional. Este modelo, entretanto, apresenta "um sistema jornalístico caracterizado pela crescente homogeneização da informação política: os indivíduos recebem informações equivalentes, independentemente de suas preferências políticas" (ALDÉ, 2004: 24).

A escolha de assistir a determinado telejornal, por exemplo, se dá de acordo com outros critérios, sejam de sociabilidade, conteúdo ou estéticos. Um segmento importante do eleitorado passa a ser flutuante, ou seja, passa a votar de acordo com a pauta de problemas e questões levantadas a cada eleição, identificada pelos institutos de pesquisa e fartamente evidenciada pela cobertura jornalística. Trata-se de uma informação, no entanto, simplificada, em que problemas complexos são expressos de acordo com o meio, tornados curtos, simples e espetaculares, para reter a atenção do espectador. (ALDÉ, 2004: 25)

A objetividade (fidelidade ao fato, descrito tal como ele aconteceu), a imparcialidade (ausência de preferência por qualquer um dos lados envolvidos em uma questão) e a

neutralidade (despreocupação com as implicações da notícia, que deve ser divulgada do a quem doer) são a tríade de prescrições sobre a qual se ergueu o discurso jornalístico ao longo do século XX. Miguel e Biroli (2011) analisam a problemática deste discurso de legitimação e sua relação com a cobertura jornalística da política.

Segundo os autores, "ainda que uma leitura crítica da objetividade e da imparcialidade se tenha disseminado nas últimas décadas, o discurso jornalístico continua a se apresentar como partindo de um ponto de vista 'universal'" (MIGUEL & BIROLI, 2011: 59). Eles afirmam que a centralidade da comunicação de massa na relação entre esfera civil e esfera política se dá, essencialmente, porque a mídia noticiosa aparece aos olhos do público como imparcial.

De maneira diferente dos outros atores, ela seria capaz de falar sem se situar em uma posição social específica e, portanto, sem coincidir com interesses conflitivos. Ela representaria, supostamente, a totalidade dos interesses, abarcando as posições plurais que constituem uma dada sociedade (MIGUEL & BIROLI, 2011: 20).

Mas "o interesse nacional permanece como horizonte implícito de sua atuação" (MIGUEL & BIROLI, 2011: 37), no sentido de que a imprensa se apresenta como defensora do "bem comum" e direciona sua cobertura política neste sentido. Esta posição, porém, "esconde a adesão a uma série de valores parciais, que correspondem à visão de mundo de alguns grupos, mas não de outros. Em uma sociedade cindida por sérias clivagens (de classe, de gênero, de raça, entre muitas outras), a própria noção de 'bem comum' precisa ser posta em xeque" (MIGUEL & BIROLI, 2011: 38).

A validade do discurso jornalístico reside na ideia de que ele esteja acima do bem e do mal: "o que distingue o jornalismo é sua suposta competência para produzir discursos verdadeiros porque não posicionados, exteriores aos conflitos sociais" (MIGUEL & BIROLI, 2011: 40). A imparcialidade, assim, não significaria "não tomar partido", mas uma tomada de partido "universal". Isso permite que veículos e profissionais possam emitir juízos sobre instituições e indivíduos, expressando "posições políticas e valorativas que são, no entanto, apresentadas como a expressão de uma crítica que resguarda valores que são os de todos nós" (MIGUEL & BIROLI, 2011: 56).

Estes processos reforçam a opressão e o domínio exercido por determinados grupos sociais, já que transformam o ponto de vista destes grupos hegemônicos em uma posição universal, além de naturalizar divisões e formas de exclusão percebidas e reproduzidas cotidianamente:

A visibilidade diferenciada nos meios de comunicação é entendida como parte desse "círculo de reforço" justamente por ser um mecanismo importante de ativação (ou neutralização) das relações de opressão existentes. O silenciamento de determinadas perspectivas e a reprodução de estereótipos ligados a alguns grupos e posições sociais são considerados aspectos importantes dessa dinâmica. Naturalizam-se juízos relativos às diferentes competências e habilidades de homens e mulheres, às diferentes disposições morais de ricos e pobres e à capacidade que os diferentes indivíduos teriam para emitir opinião sobre assuntos públicos (MIGUEL & BIROLI, 2011: 55).

É neste sentido que a "visibilidade diferenciada" concedida à atuação política das mulheres e de outras minorias sociais perpetua os estereótipos e os mecanismos de exclusão destes grupos, que acabam sendo ocultados pela pretensa universalidade do discurso jornalístico, com práticas que "produzem, na realidade, um equilíbrio que consiste em simulação controlada dos conflitos sociais" (MIGUEL & BIROLI, 2011: 72):

Ao apresentar-se como um discurso fundado em categorias universais, o discurso jornalístico contribui para tornar invisíveis as discordâncias e diferenças que constituem um público efetivamente plural. Ao apresentar sua posição como não situada socialmente, os jornalistas ocultam o fato de que sua perspectiva incorpora e ativa os pressupostos que naturalizam a ordem social e política estabelecida (MIGUEL & BIROLI, 2011: 72)

O discurso do jornalismo como defensor do "bem comum" e do interesse geral da nação também serve a reforçar e forjar uma coesão social - neste caso, promovendo a união da esfera civil contra a esfera política. Ao longo das últimas décadas, o jornalismo deixou de identificar o governo como porta-voz absoluto do interesse nacional, e tem se esforçado para desmascarar o discurso político e divulgar notícias incômodas aos detentores do poder (MIGUEL & BIROLI, 2011: 37). A imprensa, assim, coloca o seu dever para com o público e a sociedade acima de seu compromisso com o Estado, tomando para si o papel de portador da "verdade", valor e produto que somente os jornalistas poderiam fornecer. "É por apresentar a verdade que o jornalismo é imparcial; é por apresentar a verdade que ele serve à sociedade em geral, para além dos interesses específicos" (MIGUEL & BIROLI, 2011: 63).

De fato, o jornalismo tem assumido cada vez mais uma nítida hostilidade para com a esfera política, "objeto da sua vigilância, sempre em nome do interesse público" (GOMES, 2004: 343). Este viés é facilmente observável na cobertura de escândalos políticos, entendidos como "denúncias de atos ilícitos praticados por funcionários públicos e as investigações delas resultantes" (MIGUEL & BIROLI, 2011: 139), que são verdadeiros motores do noticiário



político. A divulgação dos desvios dos agentes políticos seria a demonstração de que a imprensa está cumprindo seu papel de *watchdog*, "cão de guarda em defesa dos interesses da esfera civil" (ALBUQUERQUE, 2010: 92).

Gomes afirma que, nos momentos de conflito no meio político, o jornalismo apresenta narrativas dramáticas em que identifica protagonistas e antagonistas. Frequentemente, porém, nenhuma das forças políticas envolvidas na polêmica representa o "bem comum" ou o interesse da nação, e portanto não podem ser identificadas como protagonistas - papel que passa a ser desempenhado pelo veículo ou pelo jornalista, "que apresenta ambos os contendores como equivocados, cegos, estúpidos ou mal-intencionados, ao passo que ele, o jornalista, veraz, lúcido, perspicaz e de boa fé usaria a sua boa justiça para identificar paternalmente para o seu público o engano universal que nessa contenda se processa" (GOMES, 2004: 348).

Mesmo se colocando nesta posição de *watchdog* e defensor dos interesses da sociedade, "a crítica no jornalismo não tem como alvo um modo de funcionamento das democracias que concentra poder e reproduz clivagens e hierarquias sociais (de classe, de gênero, de raça), mas um mau funcionamento, que faz os atores desempenharem mal seu papel de elites dirigentes" (MIGUEL & BIROLI, 2011: 163). Pode-se dizer que a cobertura jornalística contribui para a manutenção do caráter censitário do sistema político, "ao construir a política como universo separado, de acesso limitado a uns poucos e fracamente conectado com outras esferas sociais" (MIGUEL & BIROLI, 2011: 162). Por outro lado, isso aumenta a importância da mídia noticiosa, que se apresenta como canal privilegiado de acesso ao mundo político e tradutora competente dos processos e práticas das esferas de poder (MIGUEL & BIROLI, 2011: 162).

Acredita-se que sejam estes os aspectos fundamentais da interação entre mídia e política, sobre os quais se baseia este trabalho. No capítulo 4 esta questão será explorada mais a fundo, ao se analisar como a sub-representação das mulheres políticas na mídia perpetua sua sub-representação nas esferas de poder.

### **3. Representação e participação feminina na política**

Antes de realizar o objetivo deste trabalho, que é investigar a representação das mulheres políticas no noticiário, é importante avaliar o lugar da mulher na política e expor a problemática desta questão.

Em seu artigo "Política de interesses, política do desvelo: representação e 'singularidade feminina'", Luís Felipe Miguel discorre sobre as justificativas históricas para a pouca representatividade das mulheres no âmbito político. Segundo ele, a necessidade da ampliação da participação política feminina é uma questão de "justiça intuitiva", e questiona "como é possível que um grupo que inclui cerca de 50% da população adulta (na verdade, um pouco mais) ocupe apenas uns 5% das cadeiras no parlamento?" (MIGUEL, 2001: 02).

Miguel afirma que a exclusão histórica das mulheres do cenário político foi justificada e até explicada nos séculos XVII e XVIII por pensadores e filósofos como Thomas Hobbes, John Locke e Jean Jacques Rousseau.

Hobbes, apesar de afirmar que homens e mulheres eram iguais quanto à capacidade física e mental (idéia estranha à época), sustentava que a constituição da unidade familiar - pai, mãe e filho (ou filha) - submetia a mulher ao homem porque a maternidade a fragilizava. Assim como a criança indefesa se submete aos pais, a mulher também deveria se submeter ao homem, em troca de sua proteção e para garantir a própria vida. (MIGUEL, 2001: 03) Para o filósofo, este pacto significava, naturalmente, que as mulheres não tinham porquê participar da esfera pública e dos processos de decisão, pois estavam já submetidas aos homens.

Para John Locke, porém, as mulheres tinham uma "racionalidade inferior", e o contrato de casamento era uma oficialização da alienação dos seus direitos como cidadãs, assim como os trabalhadores assalariados abriam mão de seus direitos ao assinar o contrato de trabalho. Essa "racionalidade inferior" e a consequente alienação dos direitos tornavam ambos "inaptos para a participação na vida pública". "[...] o contrato apenas expressa o fato de que o homem é naturalmente 'mais capaz e mais forte' do que a mulher". Para Pateman "o consentimento aparente [das mulheres] à autoridade de seus maridos é apenas um reconhecimento formal de sua subordinação 'natural'" (PATEMAN apud MIGUEL, 2001: 03).

Jean-Jacques Rousseau, por sua vez, exclui o argumento jurídico do contrato e da alienação de direitos e vai mais longe. Segundo ele, "a limitação inata da razão e da capacidade de julgamento moral das mulheres torna necessário que elas permaneçam circunscritas ao círculo doméstico" (MIGUEL, 2001: 04). Em um trecho de seu romance

*Emílio*, Rousseau afirma: "Consultai o gosto das mulheres as coisas físicas e que se prendem ao julgamento dos sentidos; o dos homens nas coisas morais e que dependem mais do entendimento" (MIGUEL, 2001: 03).

Em meados do século XIX, no bojo das mudanças sociopolíticas e das lutas dos trabalhadores, o movimento feminista ganha força, e as mulheres começam a exigir o direito de participar da vida pública. Lúcia Avelar, no artigo "Mulher e política: o mito da igualdade", explica que

com a ascensão do capitalismo comercial e industrial difundiu-se a noção de que outros indivíduos e grupos, interessados nos negócios públicos, contribuíam para a manutenção dos Estados e, por isto, tinham discernimento e independência para serem incluídos entre os eleitores. (AVELAR, 2002: 03)

Isso não significa que a incorporação destes novos atores sociais tenha se dado tranquila e irrestritamente. Segundo Avelar, as classes dominantes temiam pela extensão do sufrágio, pois isto poderia tornar os novos eleitores mais independentes e em condições de exigir maiores direitos de cidadania, o que de fato aconteceu.

Cada país lidou de maneira diferente com a reivindicação sufragista feminina. Em geral, na maioria dos países o voto feminino foi estabelecido na primeira metade do século XX (com notáveis exceções como a Suíça, onde as mulheres só conquistaram o direito de votar em 1971). Analisaremos no próximo item como se deu esta conquista no Brasil.

### **3.1. O voto feminino no Brasil**

O dia 24 de fevereiro de 1932 marca oficialmente a inclusão política das mulheres no Brasil. É a data em que o então presidente Getúlio Vargas sancionou o voto feminino, mais de 40 anos depois de a questão da participação feminina entrar na agenda política brasileira.

Segundo Antônio Sérgio Ribeiro, no artigo "A mulher e o voto", em 1890, durante a elaboração da primeira Constituição republicana, alguns parlamentares iniciaram a discussão sobre o voto feminino. O constituinte baiano César Zama, na sessão de 30 de setembro daquele ano, defendeu o sufrágio universal e a participação das mulheres na vida política do país. Depois dele, Almeida Nogueira e Lopes Trovão também ergueram suas vozes em defesa do direito das mulheres de votar.

No dia 1º de janeiro de 1891, a emenda do parlamentar Saldanha Marinho, que conferia o direito das mulheres ao voto, foi assinada por 31 constituintes. A emenda, porém, não foi aprovada, e na sessão do dia 27 de janeiro de 1891 o deputado Pedro Américo pronunciou-se:

"A maioria do Congresso Constituinte, apesar da brilhante e vigorosa dialética exibida em prol da mulher-votante, não quis a responsabilidade de arrastar para o turbilhão das paixões políticas a parte *serena e angélica* do gênero humano" (RIBEIRO, 2002). A covardia da maioria dos componentes desta Assembleia Constituinte custou ao Brasil o pioneirismo do voto feminino, já que o primeiro país a instituí-lo foi a Nova Zelândia, em 1893. César Zama, o parlamentar que primeiro levantou a questão do sufrágio feminino, debochou: "Bastará que qualquer país importante da Europa confira-lhes direitos políticos e nós o imitaremos. Temos o nosso fraco pela imitação."

Emendas e projetos de lei que contemplavam o direito das mulheres ao voto foram propostos repetidamente nos anos seguintes, sem sucesso. Entre os parlamentares que defenderam os direitos políticos das mulheres, podemos citar o deputado Maurício de Lacerda, que propôs uma emenda à Constituição em 1917; os deputados Octavio Rocha, Bethencourt da Silva Filho e Nogueira Penido, que propuseram um projeto de lei em 1920; e o deputado Basílio de Magalhães, que pleiteou a instituição do voto feminino em 1924. No Senado, o representante do Pará, Justo Leite Chermont, levantou a bandeira do voto feminino em 1919.

Em 1928, quatro anos antes da sanção federal ao voto feminino, as mulheres puderam votar e ser votadas pela primeira vez no Brasil. Foi no Rio Grande do Norte, o primeiro estado da federação a reconhecer o direito da mulher ao voto e à participação política. O projeto foi proposto pelo deputado Juvenal Lamartine, aprovado pelo legislativo estadual e sancionado pelo então governador José Augusto Bezerra de Medeiros. A potiguar Alzira Teixeira Soriano foi eleita e empossada prefeita do município de Lages, sendo este o primeiro registro na América do Sul de uma mulher em um cargo eletivo (PAIVA, 2008: 215).

Enquanto alguns poucos representantes do povo se manifestavam em favor do voto feminino, as mulheres começaram a se unir em organizações feministas e a lutar elas mesmas por seus direitos. Bertha Lutz, nascida em São Paulo em 1894, filha do cientista e médico Adolfo Lutz, parte aos 17 anos para uma temporada de estudos em Paris. Ao voltar, sete anos depois, traz na bagagem os ideais sufragistas e funda, junto à militante anarquista Maria Lacerda de Moura, a Liga pela Emancipação Intelectual da Mulher, que em 1922 passou a se chamar Federação pelo Progresso Feminino<sup>13</sup>.

Avelar afirma que, apesar de Bertha e sua organização pregarem a independência feminina e a necessidade de as sufragettes brasileiras "deixarem de viver parasitariamente e

<sup>13</sup> Disponível em <<http://historia.abril.com.br/gente/voto-rosa-choque-433802.shtml>>, acesso em 20/04/2011.

assumir responsabilidades políticas”, no geral, nas décadas de 1920 e 30, os movimentos urbanos pelos direitos das mulheres eram feitos por e voltados às mulheres de classe alta, e na verdade reiteravam a política conservadora da época – política praticada, em muitos casos, por seus pais e maridos. Elas deixavam claro que “as conquistas femininas não implicariam em modificações na estrutura da sociedade e da família”. (AVELAR, 2002: 06)

Mesmo assim, o movimento pelo voto feminino no Brasil ganhou força. As suffragettes brasileiras mantinham um intenso intercâmbio com as companheiras americanas e inglesas, e aliaram-se ao Comitê Internacional Pan Americano de Mulheres (Pan American Women’s International Committee) e à International Woman Suffrage Alliance, o que impulsionaria o movimento pela conquista do voto das mulheres.

E quem eram as suffragettes brasileiras? Segundo Avelar, elas eram “médicas, dentistas, advogadas, escritoras, escultoras, poetisas, pintoras, uma aviadora famosa (Arlete), engenheiras civis, cientistas, funcionárias públicas, parentes de políticos da alta elite” (AVELAR, 2002: 06); o que facilitava, portanto, que as reivindicações do grupo fossem ouvidas e debatidas.

Em junho de 1931, o presidente Getúlio Vargas esteve no II Congresso Internacional Feminista, realizado na então capital federal, Rio de Janeiro. Na ocasião, Vargas “defendeu a oportunidade da remodelação da estrutura política nacional” (RIBEIRO, 2002), um sinal do reconhecimento oficial da luta das mulheres pelo sufrágio feminino.

Poucos meses depois foi elaborado um anteprojeto de lei eleitoral que instituía o voto feminino, porém com restrições, como o veto ao voto de mulheres desquitadas. Getúlio Vargas, porém, suprime todas as restrições às mulheres, e através do Decreto nº. 21.076, de 24 de fevereiro de 1932, é instituído o novo Código Eleitoral Brasileiro, cujo artigo 2 estipulava que era eleitor “o cidadão maior de 21 anos, sem distinção de sexo, alistado na forma do código”. O artigo 121, porém, estabelecia que “os homens com mais de 60 anos e as mulheres em qualquer idade podiam isentar-se de qualquer obrigação ou serviço de natureza eleitoral”. O voto feminino, portanto, não era obrigatório (RIBEIRO, 2002).

### **3.2. Participação feminina no cenário político brasileiro**

Com a participação política feminina devidamente sancionada pelo governo federal, as mulheres, além de votar, passam a poder candidatar-se a cargos eletivos. De fato, desde que o

voto feminino foi estabelecido, discute-se a necessidade da participação das mulheres e a instituição de medidas legais para inseri-las no campo político.

As eleições presidenciais de 2010 contaram com duas candidatas: Marina Silva, do Partido Verde, e Dilma Rousseff, do Partido dos Trabalhadores. A presença de duas mulheres com chances reais de vitória na disputa da presidência do país suscitou reflexões sobre o lugar da mulher na política brasileira e sua participação e representação nas esferas decisórias. A vitória de Rousseff marcou uma conquista inédita: pela primeira vez na história do país, o Brasil tem uma *presidenta*. Sabe-se que a escolha do termo de tratamento, feita pela própria Rousseff, foi uma maneira de marcar sua identidade de mulher no poder<sup>14</sup>.

Ao tomar posse, a presidenta entrou para o seleto grupo de mulheres chefes de Estado e governo. Em janeiro de 2011, somente oito países eram presididos por mulheres, e outros cinco contavam com mulheres como chefes de governo, no cargo de Primeira-Ministra<sup>15</sup>.

A presença de uma mulher no cargo máximo do Poder Executivo pode dar a falsa impressão de que a participação feminina esteja em par com a presença masculina no cenário político brasileiro. Pelo contrário; o Brasil está em 112º lugar no ranking de Political Empowerment do Global Gender Gap Report 2010<sup>16</sup>, relatório elaborado anualmente pelo Fórum Econômico Mundial. A título de comparação, o Quênia, onde uma candidata foi assassinada e outra foi torturada durante as eleições gerais de 2007<sup>17</sup>, está no 29º lugar do mesmo ranking. A classificação termina na posição 131.

O mesmo relatório apresenta dois dados importantes: a proporção de mulheres em relação aos homens no Senado Federal e nos Ministérios. No Senado, as mulheres eram apenas 9%, o que significa que, em 2010, havia pouco menos de uma senadora para cada dez senadores. Nos Ministérios era ainda pior: 7% de mulheres em posições ministeriais. A proporção fica em 0,08.

A partir de 2011, com a posse da presidenta Rousseff, os dois índices tiveram uma significativa melhora: nos 37 Ministérios e Secretarias com status ministerial, há hoje dez mulheres<sup>18</sup>, o que corresponde a 27% e à proporção de 0,3, ou uma mulher para cada três

<sup>14</sup> No site oficial da Presidência há uma página que esclarece o uso da palavra *presidenta*: <<http://www.presidencia.gov.br/presidenta/uso-da-palavra-presidenta>>, acesso em 20/04/2011.

<sup>15</sup> Em 03 de janeiro de 2011, os países com mulheres presidentes, além do Brasil, eram Finlândia, Irlanda, Argentina, Índia, Lituânia, Suíça, Libéria e Costa Rica; e os países com Primeiras-Ministras eram Bangladesh, Islândia, Croácia e Ucrânia, além da Alemanha, cuja Chanceler é mulher. Disponível em <<http://especiais.ig.com.br/zoom/mulheres-no-poder/>>, acesso em 20/04/2011.

<sup>16</sup> Disponível em <[http://www3.weforum.org/docs/WEF\\_GenderGap\\_Report\\_2010.pdf](http://www3.weforum.org/docs/WEF_GenderGap_Report_2010.pdf)>, acesso em 20/04/2011.

<sup>17</sup> Fonte: relatório *Progresso das Mulheres do Mundo 2008/2009*, disponível em <<http://www.unifem.org.br/sites/700/710/00000432.pdf>>. Acesso em 20/04/2011.

<sup>18</sup> Fonte: <<http://www.presidencia.gov.br/ministros/view>>, acesso em 17/06/2011.

homens. No Senado, são 12 senadoras e 69 senadores; as mulheres correspondem a 14,8% do total, com uma proporção de pouco mais de uma mulher para cada cinco homens.

As ministras e ministros foram escolhidos pela presidenta, portanto o aumento na representatividade feminina nesta esfera não poderia ser explicado por uma mudança na consciência do eleitorado, mas sim por um compromisso de Rousseff com o aumento da representação feminina no alto escalão. Em seu discurso de vitória a presidenta já tinha sinalizado a intenção de compor o gabinete ministerial com o maior número possível de mulheres, ou pelo menos 30%<sup>19</sup>.

Porém, com relação ao aumento no número de mulheres no Senado, poder-se-ia dizer que é um dos reflexos de uma lenta mudança do entendimento popular com relação ao papel da mulher na política. A vitória de Dilma Rousseff seria a demonstração máxima dessa evolução.

De fato, a pesquisa intitulada "Mulheres na política", realizada pelo IBOPE/Instituto Patrícia Galvão e citada por Marlise Matos no artigo "Opinião pública e representação política das mulheres: novos horizontes para 2010?", realizou 2002 entrevistas com eleitores em fevereiro de 2009 e concluiu que "94% dos/as entrevistados/as responderam afirmativamente que votariam em uma mulher, sendo que 59% declararam que dariam seu voto para mulheres em qualquer cargo". Além disso, 83% disseram acreditar que "a presença de mulheres melhoraria a política e os espaços de poder e de tomada de decisão". Defendendo uma presença maior das mulheres no cenário político, "55% dos respondentes acham que lista de candidaturas deveria ter número igual de mulheres e homens e, finalmente, 80% defendem leis para promover igualdade política". (MATOS, 2010: 06)

Em 29 de setembro de 1995 foi aprovada a lei nº 9100, cujo artigo 11, parágrafo 3º estabelecia uma cota mínima de 20% de candidaturas femininas para as eleições municipais do ano seguinte. Em 1997 a lei nº 9504 altera o texto da lei anterior, determinando "não mais uma cota mínima para mulheres, mas uma cota mínima de 30% e uma cota máxima de 70% para qualquer um dos sexos" (GROSSI & MIGUEL, 2001: 169).

É importante observar que as cotas são para as *candidaturas* apresentadas pelos partidos e coligações, e que o número de candidatos registrados pode ser até o dobro da quantidade de vagas disponíveis nas Câmara dos Deputados, Câmara Legislativa, Assembleias Legislativas e Câmaras Municipais<sup>20</sup>. E que não há punição para os partidos e

---

<sup>19</sup> Fonte: <[http://www.cfemea.org.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=3497&catid=212&Itemid=146](http://www.cfemea.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=3497&catid=212&Itemid=146)>, acesso em 20/04/2011.

<sup>20</sup> Disponível em <[http://www.tre-sp.gov.br/legislacao/lei\\_9504.pdf](http://www.tre-sp.gov.br/legislacao/lei_9504.pdf)>, acesso em 20/04/2011.

coligações que não cumprem a cota. Nas eleições de 2010, 19,42% das candidaturas para a Câmara dos Deputados eram femininas, um avanço frente aos 12,6% de 2006, mas ainda assim longe do necessário para cumprir a cota mínima. O aumento das candidaturas, porém, não mudou nada, afinal: findas as eleições, temos somente 8,77% de deputadas federais: 45 mulheres para 468 homens<sup>21</sup>, o mesmo resultado de 2006<sup>22</sup>.

Nas eleições de 2010, 27 partidos disputaram vagas na Câmara Federal, e 22 conseguiram eleger representantes. Destes, oito partidos não elegeram nenhuma mulher. O PCdoB é o partido com a maior proporção de mulheres eleitas: seis deputadas entre os 15 representantes eleitos. O PT foi o que mais elegeu mulheres em termos absolutos: são nove deputadas, que correspondem porém a somente 10% da bancada petista, que conta com 80 deputados.

Espírito Santo é o estado que elegeu mais mulheres: quatro em dez. São Paulo elegeu o maior número de mulheres, que porém representam somente 8,6% dos 70 deputados paulistas. A bancada carioca tem somente 8,7% de mulheres, e a de Minas Gerais, estado natal de Dilma Rousseff, conta com o pífio percentual de 1,9% de mulheres. Mato Grosso, Sergipe e Mato Grosso do Sul não elegeram nenhuma mulher; o último, contraditoriamente, foi o único estado que apresentou mais de 30% de candidaturas femininas.

A região Norte foi a que elegeu o maior percentual de mulheres: 15,4% de deputadas federais e 15,7% estaduais. A região Sul ficou com o outro extremo: somente cinco deputadas federais foram eleitas, um índice de 6,5%.

Nas eleições para o Senado Federal houve uma diminuição no número de candidaturas femininas. Foram eleitas oito senadoras; contando com as três que exercerão seu segundo mandato até 2014 e uma suplente que assumiu uma vaga, no Senado há hoje 12 mulheres.

Também houve diminuição no número de mulheres candidatas aos governos estaduais. Duas foram eleitas no primeiro turno: Roseana Sarney (PMDB) no Maranhão e Rosalba Ciarlini (DEM) no Rio Grande de Norte. Outras duas disputaram o segundo turno, mas foram derrotadas: Weslian Roriz (PSC) no Distrito Federal e Ana Júlia Carepa (PT) no Pará. Em 2006, elegeram-se cinco governadoras, todas no segundo turno.

### **3.3. Obstáculos e desafios enfrentados pelas mulheres políticas**

<sup>21</sup> Fonte: CFEMEA. Disponível em <[http://www.cfemea.org.br/images/stories/pdf/eleicoes2010\\_Eleitos\\_CD\\_UFSexo.pdf](http://www.cfemea.org.br/images/stories/pdf/eleicoes2010_Eleitos_CD_UFSexo.pdf)>, acesso em 20/04/2011.

<sup>22</sup> Fonte: CFEMEA. Disponível em <[http://www.cfemea.org.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=3497&catid=212&Itemid=146](http://www.cfemea.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=3497&catid=212&Itemid=146)>, acesso em 20/04/2011.



Raquel Paiva, em seu livro "Política: Palavra Feminina" (2008), afirma que um dos objetivos da lei de cotas foi obrigar os partidos a investirem em candidaturas femininas, "para contornar a suposição de que, se as mulheres quisessem ser candidatas, os partidos poderiam barrá-las". Esperava-se uma grande mudança na representação feminina na política com a instituição das cotas, mas esta mudança ainda não aconteceu. Nos 82 anos que separam o primeiro registro da eleição de uma mulher no Brasil (Alzira Soriano, como prefeita do município de Lages, no Rio Grande do Norte, em 1928) e a eleição da primeira presidenta do país, a representação política feminina passou de 0 para 9%, enquanto o eleitorado feminino chegou a 51,8% do total, o que significa mais de 70 milhões de mulheres votantes.

A disparidade entre a força das mulheres na sociedade e sua representação no campo político é desconcertante. As mulheres são 51,3% da população brasileira, totalizam 42,7% da população economicamente ativa, e 26,8% são “pessoas de referência” dos domicílios brasileiros. A pergunta feita por Paiva continua a retumbar:

se a presença do machismo na sociedade atual não passa de um delírio de alguns grupos feministas, como explicar então que, ainda hoje, se tenha em todo o mundo um número tão diminuto de mulheres que respondam pelos rumos da Nação, dos estados, das cidades e do Parlamento? (PAIVA, 2008:16)

Os obstáculos para a inclusão da mulher no mundo político começam dentro da própria casa. A responsabilidade com o cuidado do espaço doméstico e da família, imposta social e historicamente sobre as mulheres, é o primeiro empecilho:

difícil que [as mulheres] assumam carreiras profissionais que, como a política, exigem flexibilidade de horários, uma disponibilidade quase inesgotável de tempo e ausências frequentes. Por conta disso, as mulheres encontram maior dificuldade para militar em movimentos sociais ou partidos ou para fazer campanha eleitoral. Se eleitas, têm menos condições de se dedicar ao exercício do mandato. Além disso, sua ascensão é prejudicada pelo fato de que a possibilidade de assumir um cargo que as obrigue a se afastar da família gera um dilema que é virtualmente inexistente para os homens. (MIGUEL & BIROLI, 2008: 27)

Segundo Matos, isso leva a "falta de autoestima e de auto-confiança para concorrer e experiência da ausência de apoio e sustentação familiar imediatas para a entrada e a permanência na carreira política" (MATOS, 2010: 05), o que seria definido pelo senso comum como "falta de ambição política" das mulheres.

Essa é uma das conclusões da pesquisa intitulada "A Política na Ausência das Mulheres: um estudo sobre recrutamento, trajetórias/carreiras e comportamento legislativo de mulheres", realizada na Universidade Federal de Minas Gerais, em 2009, com as candidatas à Assembleia Legislativa de Minas Gerais e à Câmara dos Deputados, em Brasília. A pesquisa conseguiu identificar as dificuldades vividas pelas mulheres para adentrar o campo político, relatadas pelas próprias candidatas.

Tomada a decisão de se candidatar, as mulheres se deparam com a dificuldade de se impor como agentes políticos legítimos. Segundo Matos,

foram relatadas experiências de discriminações/opressões, desde o plano pessoal (assédio moral e até mesmo sexual no espaço político-partidário-parlamentar), social (desqualificação, desautorização e deslegitimação continuadas que terminam por gerar ausência persistente de voz e de vez) e institucional (desinteresse das famílias de origem, dos próprios movimentos de origem, dos partidos e até da própria sociedade e especialmente do eleitorado). (MATOS, 2010: 05-06)

Estes fatores contribuem para a ideia de que o destino das candidaturas femininas é a invisibilidade e o fracasso - ao menos para aquelas que não possuem padrinhos políticos e/ou não ocupam posição de destaque dentro do partido.

Outra barreira relatada pelas entrevistadas foi a seleção das candidaturas feita pelos "selecionadores partidários" (*gatekeepers*). Segundo elas, este processo nem sempre é claro. As listas inicialmente são preenchidas por mulheres que já tenham uma trajetória política, profissional ou familiar, diminuindo as chances das mulheres fora deste perfil, e as que tem estes perfis recebem mais apoio político-partidário e financeiro em suas campanhas. As candidaturas femininas, em geral, são consideradas "tampões" para preencher a cota mínima (determinada por lei mas não obrigatória) e não são tratadas como efetivamente competitivas e viáveis dentro dos partidos. Matos afirma que quase todas as entrevistadas tem "uma relação tensa, contraditória ou ambígua em relação aos partidos", que se apresentam "mais como obstáculos a serem enfrentados do que como um espaço democrático, ou de apoio ou incentivo à carreira política" (MATOS, 2010: 07).

A pesquisa relata também que, depois de eleitas, as políticas tem "sua atuação atravessada por padrões que acabam sendo reforçadores do *status quo* subalternizado das mulheres" (MATOS, 2010: 09). Não raro, elas são segregadas dentro do parlamento e dos próprios partidos. Quase nunca são indicadas para ocupar posições nas Mesas Diretoras ou conseguem desempenhar um papel de destaque dentro dos partidos ou das casas legislativas.

As próprias candidatas afirmaram não conseguir desempenhar um papel efetivo na definição das agendas parlamentares. As poucas que o conseguem, reconhecem que o fizeram por terem tido um comportamento político mais próximo daquele esperado de um "bom líder", ou seja: características tradicionalmente associadas a um comportamento "masculino": "dureza, assertividade, determinação, objetividade, agressividade, racionalidade, coragem, força etc" (MATOS, 2010: 10).

Há também um "nicho feminino" de atuação política. As áreas em que as mulheres conseguem se destacar são aquelas consideradas "femininas", como as que tratam de Família, Saúde, Direitos Humanos, Educação, etc. Coincidentemente ou não, estas são também as áreas de atuação menos privilegiadas no meio político. Percebe-se que as mulheres acabam desempenhando um papel "secundário" com relação aos seus colegas homens. De fato, "algumas deputadas reconheceram que são pouco escutadas no parlamento, são mais interrompidas nas falas e discursos e que, por isso, acabam se acostumando a ter menos disposição em ocupar a tribuna para uso da palavra" (MATOS, 2010: 10).

Matos sublinha que a constatação das dificuldades da inserção das mulheres no poder não deve afastá-las da participação política. Muito pelo contrário; há que se tomar consciência de como as condições desta participação se apresentam de maneira desigual para homens e mulheres para que elas possam ser transformadas.

No artigo "A participação política das mulheres nas eleições 2006", a socióloga e pesquisadora Almira Rodrigues, do CFEMEA (Centro Feminista de Estudos e Assessoria), destaca alguns pontos que devem ser considerados na mudança deste panorama. Segundo ela, o impacto da adoção da cota mínima, estabelecida em 1997, foi nitidamente observado nas eleições de 1998 com relação às de 1994. Desde então, o aumento no número de mulheres candidatas e eleitas tem sido muito reduzido. Ela salienta a necessidade de se discutir e implementar outras políticas afirmativas de incentivo e promoção da participação das mulheres:

o financiamento público de campanhas eleitorais; a lista fechada com alternância de sexo; a destinação por parte dos partidos de cotas mínimas do fundo partidário e do tempo de propaganda partidária na mídia para a promoção da participação política das mulheres; a adoção de cotas para a composição das instâncias de direção nos partidos políticos. (RODRIGUES, 2006)

Ela também retoma o que foi dito por Miguel & Biroli e Matos e exposto acima, afirmando que é necessário aprofundar o debate sobre a sub-representação das mulheres nos espaços de poder, esclarecendo as raízes do problema, como a cultura patriarcal que se

transfigura também na atribuição de certas responsabilidades às mulheres, como o cuidado com a casa e a família. Portanto, é preciso também tratar da "falta de responsabilidade do Estado na implementação da Educação Infantil e de infra-estrutura de moradia; a não divisão das tarefas domésticas e do cuidado das crianças com os companheiros" (RODRIGUES, 2006).

A importância de se repensar e reformular o sistema político brasileiro e o acesso a ele não diz respeito somente às mulheres. Deve ser feito para que "a política representativa possa se reconstruir como uma prática democrática, ética e acolhedora da representação de diversos projetos políticos e de diversos segmentos sociais" (RODRIGUES, 2006) . A entrada das mulheres e de outros grupos sociais politicamente excluídos no foro público é necessária não porque estes grupos tenham as mesmas opiniões ou interesses, mas porque "partem de uma mesma perspectiva social, vinculada a certos padrões de experiência de vida":

Neste sentido, as vozes das mulheres na política são, sim, "vozes diferentes". Não porque a diferença sexual produza uma singularidade moral, mas porque a organização da sociedade impõe experiências de gênero diferenciadas. A presença das vozes das mulheres - e de outros grupos excluídos politicamente - no debate público representa, então, um passo na direção da realização da democracia, entendida no seu sentido de "autonomia", isto é, a possibilidade de que os cidadãos e cidadãs fixem, eles próprios, as normas que regerão as suas vidas. (MIGUEL, 2001; 14).

A representação política destes grupos depende também de "condições mais igualitárias de acesso aos espaços de geração de capital político" (MIGUEL & BIROLI, 2008: 27-28), ou seja, à mídia e aos veículos de comunicação. Miguel e Biroli afirmam que o noticiário político, ao reproduzir o modelo sexista predominante na esfera política e ao difundir uma representação desta como um lugar restrito aos homens e às elites, reforça os preconceitos que afastam os grupos sub-representados e contribui para a perpetuação deste cenário (MIGUEL & BIROLI; 2008, 28). Veremos no próximo capítulo como se dá a representação das mulheres políticas pela mídia e como a representação midiática pode condicionar a representação política.

#### 4. Gênero e política no noticiário

Como visto no capítulo 2, a interface entre comunicação e política vai muito além das campanhas eleitorais e da influência da mídia na escolha dos eleitores. Como afirmam Miguel e Biroli,

Os meios de comunicação de massa ecoam nos discursos parlamentares, têm impacto na formação da agenda legislativa e fazem, às vezes, fórum de discussão para as elites políticas. E a visibilidade midiática é um componente importante na produção do capital político. Mais, ainda, as formas dessa visibilidade contribuem para a abertura ou o fechamento de oportunidades e, assim, orientam as carreiras políticas. (MIGUEL & BIROLI, 2011: 125)

Além disso, moldam o entendimento do cidadão comum sobre política, a partir da representação destas esferas e de seus atores. Neste sentido, o jornalismo e seu discurso de "objetividade, neutralidade e imparcialidade" desempenham um papel-chave na difusão destas representações e no entendimento da população sobre o que é e como se faz política.

Sendo a visibilidade na mídia elemento crucial para a produção de capital político, o noticiário seria a arena onde essa produção se daria de maneira mais acentuada, já que estabelece o que - e quem - é relevante e merece a atenção e o interesse da população. A cobertura da participação política feminina é, portanto, determinante no modo em que a opinião pública percebe o papel e o lugar da mulher nas esferas decisórias:

A presença das mulheres nos meios de comunicação pode colaborar para a construção de trajetórias políticas individuais e também para uma inserção maior e mais efetiva delas, como grupo, no campo político. Mas, dependendo de seu volume e feitiço, pode, também, naturalizar a sub-representação e a presença marginal das mulheres, ao torná-las invisíveis ou restringir sua participação a espaços e temas que ativam compreensões convencionais de gênero, sobretudo das habilidades e vocações que seriam caracteristicamente "femininas". (MIGUEL & BIROLI, 2011: 01)

Ainda que, hoje, a defesa da exclusão política das mulheres não seja mais tolerada e, portanto, tenha saído do "espaço do 'politicamente dizível'" - mesmo que os mecanismos desta exclusão continuem sendo reproduzidos e reiterados pela classe política dominante - e que arroubos machistas no estilo "lugar de mulher é na cozinha" não sejam mais *abertamente* veiculados pelo jornalismo, estes discursos continuam sendo as bases do noticiário e de sua forma de representar o mundo político e a participação feminina nesta esfera (MIGUEL & BIROLI, 2011: 169).

Como já explicitamos, a diminuta presença (ou quase ausência) de mulheres no campo político é uma realidade que contribui para a reprodução das estruturas sociais que excluem as mulheres e que as mantêm em uma posição de subalternidade, não só na esfera política. Este aspecto, porém, é pouco abordado pelo noticiário, que apresenta o quase monopólio masculino na vida pública como um dado de realidade, indigno de ser mencionado e que, provavelmente, não é nem percebido. As reportagens e artigos sobre mulheres políticas, porém, não cessam de marcar o estranhamento da presença feminina e admiração (ou espanto) por elas terem "chegado lá" (MIGUEL & BIROLI, 2011: 212).

Em pesquisa sobre as representações da política nos meios de comunicação de massa, Miguel e Biroli acompanharam por um período de quase dez meses, entre o primeiro semestre de 2006 e o primeiro semestre de 2007, o noticiário político de três telejornais diários (*Jornal Nacional*, *Jornal da Band* e *SBT Brasil*) e três revistas semanais (*Veja*, *Época* e *Carta Capital*)<sup>23</sup>. Uma das conclusões a que chegaram:

Na mídia, os atores políticos são aqueles que já possuem cargos públicos eletivos ou de confiança (especialmente no Poder Executivo e no Poder Legislativo Federais); são homens e, comprovadamente no caso dos telejornais, especulativamente no caso das revistas, são brancos. (MIGUEL & BIROLI, 2011:163)

Afinal, política é coisa de homem, e não só: homem branco, com capacidade e competência para chegar aos altos escalões. Esta representação dos atores políticos sublinha os limites entre quem "pertence" e quem "não pertence" àquele campo (MIGUEL & BIROLI, 2011: 167), e não só as mulheres são excluídas.

O predomínio masculino na vida pública, especialmente nas posições de maior relevância, e a ausência das mulheres destas posições (e sua presença muito mais acentuada em aspectos relacionados ao espaço doméstico e à família) são apresentados pelo noticiário como sendo a configuração natural da sociedade e do meio político, reforçando as hierarquias de gênero e coincidindo com "as formas convencionais da dualidade entre o público e o privado" (MIGUEL & BIROLI, 2011: 14).

O jornalismo coloca-se, portanto, como "fiscal de uma ordem que ele não contesta" (MIGUEL & BIROLI, 2011: 96), apresentando as desigualdades, exclusões e privilégios dentro no campo político como um "dado prévio", uma ordem estabelecida, que não é

---

<sup>23</sup> O relatório detalhado com os resultados quantitativos e a análise qualitativa da pesquisa pode ser encontrado em MIGUEL & BIROLI, 2011, capítulo 4. Um relatório parcial está disponível em <[http://www.compos.org.br/data/biblioteca\\_418.pdf](http://www.compos.org.br/data/biblioteca_418.pdf)>, acesso em 28/04/2011.

questionada. A sub-representação política das mulheres (e de outros grupos sociais) se perpetua também em sua sub-representação midiática (MIGUEL & BIROLI, 2011: 212), que marca não só sua ausência nas esferas decisórias mas também seu pertencimento à esfera doméstica, estabelecendo os papéis a serem desempenhados por homens e mulheres na sociedade.

"A representação do gênero é a sua construção" (LAURETIS apud MIGUEL & BIROLI, 2011: 209). Portanto, ao representar a atuação política feminina baseando-se nos estereótipos que reduzem e constroem o papel das mulheres no espaço público, a mídia reforça estas restrições e contribui para a reprodução destes mecanismos de dominação e exclusão.

A mídia compõe esses procedimentos na medida em que difunde visões da realidade social que tendem a confirmar e naturalizar as compreensões das hierarquias de gênero já incorporadas pelos agentes (homens e mulheres). As divisões entre público e privado são, nesse sentido, exemplares. A confirmação do "pertencimento" de mulheres e homens a temas e funções vinculados à esfera pública ou privada, de acordo com as definições convencionais dessas esferas, confirma as hierarquias que são resultantes da inserção diferenciada de umas e outros nessas esferas e, em especial, da divisão do trabalho que envolve. E essa confirmação é prospectiva no sentido de que, ao "constatar" a realidade presente, potencializa sua realização no futuro, isto é, sua permanência. (MIGUEL & BIROLI, 2011: 24)

#### **4.1. Estereótipos de gênero e atuação política**

De acordo com as hierarquias e estereótipos de gênero, a esfera pública - a arena política e profissional - pertence aos homens. Às mulheres está reservada a esfera privada - o ambiente doméstico e familiar. Assim, a presença feminina na política está marcada por este deslocamento e estranhamento: "As mulheres vem sendo excluídas e incluídas [da política] como mulheres" (PATEMAN apud MIGUEL & BIROLI, 2011: 15), como o outro que não pertence àquele campo, devido a essa oposição histórica e socialmente produzida entre o feminino e o masculino e ao próprio *modus operandi* da política, "que naturaliza limites e reproduz formas de desvalorização e exclusão de atores, perspectivas e temas" (MIGUEL & BIROLI, 2011: 15).

A cobertura midiática desta presença realça, então, o que todas as mulheres na política teriam em comum: sua condição de mulher, ou seja, seu pertencimento a uma categoria de indivíduo que apresenta certas características e atitudes. A feminilidade se torna, portanto, um estigma (GOFFMAN apud MIGUEL & BIROLI, 2011: 186). Sua visibilidade como agente

político está marcada pelo fato de que são mulheres, de quem se espera uma postura e atuação "femininas".

Dentro do campo político, esta expectativa se materializa na associação entre gênero e temáticas de atuação política (MIGUEL & BIROLI, 2011: 103). Há um campo considerado apropriado para a ação política feminina: as questões sociais, especialmente àquelas ligadas à família, à infância e a adolescência; direitos humanos e meio ambiente. Aos homens, caberiam as áreas econômica, internacional e a "política de verdade", ou o engendramento de acordos e alianças entre os atores e os partidos. Ou seja, ocorre uma "atualização das fronteiras convencionais entre o público e o privado, confirmando o pertencimento diferenciado de homens e mulheres à vida familiar e doméstica" (MIGUEL & BIROLI, 2011: 168).

Estas áreas de atuação ditas "femininas" são as menos prestigiadas dentro do campo político, e frequentemente são consideradas apenas uma etapa na ascensão a posições de maior relevância. Porém, "o que é apenas um degrau na carreira política de um homem é aquilo que aparece como o espaço próprio para a ação parlamentar de uma mulher" (MIGUEL & BIROLI, 2011: 117). Como a produção de capital político e de capital midiático estão estreitamente ligadas, essas temáticas possuem menor potencial de visibilidade midiática e são pouco valorizadas na cobertura jornalística da política.

[...] a mídia ocupa uma posição central neste processo de identificação e afirmação do que é relevante social e politicamente: é mesmo a *fiadora* da relevância das temáticas, tanto nas disputas eleitorais quanto no cotidiano das interações entre os atores que participam do campo e entre esses atores e os cidadãos comuns. Em outras palavras, a mídia confere um "certificado de importância legítima" àquilo que noticia e a quem faz parte do noticiário (Shudson, 1995, p.33). (MIGUEL & BIROLI, 2011: 14)

Os mecanismos que atuam dentro da esfera política e que constroem as mulheres a este "pertencimento compulsório" a determinadas áreas temáticas agem também na cobertura jornalística, na medida em que o noticiário político tende a destacar a atuação das mulheres em áreas temáticas consideradas "femininas". Quando a mulher política escolhe atuar fora da sua suposta área de *expertise*, ela é percebida por seus pares e representada pela mídia como "desviante da norma": a elas são reservados epítetos como "Dama de Ferro", por exemplo, usado primeiro para descrever a ex-Primeira-Ministra britânica Margaret Thatcher e também Dilma Rousseff, quando foi Ministra da Casa Civil do governo Lula (MIGUEL & BIROLI, 2011: 183). A "firmeza" e a "dureza" no trato são características sempre destacadas na representação dessas mulheres, já que não correspondem ao estereótipo de mulher "feminina",



"delicada" e "submissa". A própria Rousseff ironizou essa imagem de mulher "dura", ao declarar que era "uma mulher dura cercada de homens meigos":

Em condições de poder, a mulher deixa de ser vista como objeto frágil e isso é imperdoável. Aí começa a história da mulher dura. É verdade: eu sou uma mulher dura cercada de homens meigos. Eles mandam e desmandam. E são suaves e meigos.<sup>24</sup>

A opção pela atuação na área social e não na econômica, por exemplo, pode ser uma consequência do fato de que os eleitores, a mídia e os próprios colegas políticos esperam uma atuação "feminina" da mulher. "Os meios de comunicação, o Estado, os partidos e o próprio eleitorado mostram-se mais confortáveis diante de mulheres que correspondem àquilo que se espera delas, e este é um fator que pesa nas suas chances de êxito eleitoral e político" (MIGUEL & BIROLI, 2011: 29). O enfrentamento ou submissão aos estereótipos de gênero dentro da política se apresenta como uma escolha: ir de encontro à expectativa geral, atuando em uma área em que predominam os homens, pode significar um aumento da relevância dentro do campo político, mas também engendrar uma representação de mulher "desviante" e até "masculina", com todos os ônus que isto acarreta - inclusive a perda de votos, por exemplo. A obediência aos estereótipos pode proporcionar uma atuação mais efetiva - já que nas áreas ditas "femininas" há menos obstáculos a serem superados - e comprazer aos eleitores em suas expectativas, mas também significa conformar-se com um papel secundário no meio político (MIGUEL & BIROLI, 2011: 104). Aos homens esta escolha não se apresenta. Mesmo que a eles também corresponda um modelo considerado "masculino", "a ação esperada dos homens é aquela que melhor promove a carreira política, ao passo que o comportamento 'feminino' contribui para reter as mulheres nas posições mais periféricas do campo" (MIGUEL & BIROLI, 2011: 32).

A cobertura jornalística participa desta dinâmica ao opor masculino e feminino também dentro da política, associando a atuação dos atores políticos a papéis convencionais de gênero (MIGUEL & BIROLI, 2011: 190). Na medida em que confere maior visibilidade às mulheres que atuam de acordo com os estereótipos e representa de forma pouco lisonjeira

---

<sup>24</sup> Disponível em <<http://www.estadao.com.br/noticias/nacional,sou-uma-mulher-dura-cercada-de-homens-meigos-diz-dilma,336414,0.htm>>, acesso em 29/04/2011. Na mesma matéria, Rousseff fala sobre a presença feminina em áreas supostamente masculinas: "Nós também somos mulheres capazes de atuar em áreas restritas, até agora, a homens. Eu sempre estive em áreas restritas a homens. Eu fui secretária de Fazenda, secretária e ministra de Minas e Energia e, agora, chefe da Casa Civil. Sempre fui a primeira e tenho certeza de que não serei a última."

aquelas que fogem à "norma", contribui para o constrangimento da ação política da mulher e reforça, mais uma vez, as hierarquias de gênero.

#### **4.2. Corpo e vida doméstica na cobertura política**

Em julho de 2008, a escritora e jornalista portuguesa Inês Pedrosa esteve na Feira Literária Internacional de Paraty, e contou um curioso episódio ocorrido quando dirigia a edição portuguesa da revista *Marie Claire*. Em 1995, ela entrevistou o então candidato a presidente de Portugal, Jorge Sampaio. As perguntas versavam sobre como o candidato pretendia conciliar carreira e filhos, se ele cozinhava, quais eram seus pratos preferidos e qual era sua opinião sobre o aborto. Sampaio irritou-se e reclamou que estas perguntas eram "perda de tempo", e que eles acabariam não falando sobre suas propostas políticas. "É precisamente o que acontece com as mulheres, candidato", respondeu Pedrosa<sup>25</sup>.

A inversão da perspectiva permite observar a nítida diferença de tratamento na cobertura jornalística de mulheres e homens políticos. As referências a estado civil, vida familiar e relações afetivas, bem como aparência física e vestuário, são largamente observadas nas representações de mulheres políticas mas praticamente não aparecem nas abordagens sobre homens políticos. "Há um conjunto distinto de referências (ou de silêncios), que permitem falar na presença de estereótipos de gênero" (MIGUEL & BIROLI, 2011: 200). Estes estereótipos podem ser concentrados em dois eixos: a relação entre comportamento e aparência física, com destaque para o corpo e a autoapresentação das mulheres, e a relação entre trajetória e vida familiar (MIGUEL & BIROLI, 2011: 200).

Segundo Miguel e Biroli, a associação entre mulheres e privacidade, intimidade e corpo atua como uma marca de diferença negativa, um estigma, já que é a esfera pública que é valorizada e associada à universalidade, à razão, à impessoalidade - atributos também associados ao masculino. "A divisão entre público e privado, civil e familiar, é a divisão entre razão masculina e corpo feminino" (PATEMAN apud MIGUEL & BIROLI, 2011: 85). Os afetos e o corpo femininos se apresentam portanto como "o outro", um desvio com relação aos pressupostos da arena pública e da atuação política, domínios da racionalidade e do masculino (MIGUEL & BIROLI, 2011: 182).

A atenção ao corpo e à aparência física pressupõem juízos de valor sobre o comportamento "adequado" da mulher política e até consente a elaboração de suposições sobre

<sup>25</sup> Disponível em <<http://sexismonapolitica.wordpress.com/2009/08/28/igualdade-de-genero-na-marie-claire-portuguesa/>>, acesso em 01/05/2011.

sua personalidade e atuação política. Durante a campanha para as eleições de 2006, as referências aos trajes simples de Heloísa Helena, por exemplo, permitiram a Miguel e Biroli observarem que um discurso corrente sobre a então candidata à Presidência da República pelo Partido Socialismo e Liberdade (PSol) era a "conexão entre o que se percebe como ausência de sex appeal no trajar, déficit de feminilidade e conservadorismo" (MIGUEL & BIROLI, 2011: 197).

Os questionamentos com relação a uma expectativa não correspondida de autoapresentação feminina também foram feitos com relação a Marina Silva, candidata à Presidência nas eleições de 2010 pelo Partido Verde (PV). Silva, também adepta da simplicidade no trajar, sempre se apresentou sem maquiagem. Durante a campanha, porém, foi cobrada e teve que se justificar: segundo ela, não se maquiava por ser alérgica. É difícil acreditar nessa justificativa, já que há muitos anos existem produtos hipoalergênicos no mercado, com preços relativamente acessíveis - certamente acessíveis a uma candidata à Presidência da República. O mais provável é que a ex-senadora e ex-Ministra do Meio Ambiente nunca tenha querido usar maquiagem. Acabou sucumbindo à pressão: noticiou-se que sua equipe teria encontrado uma linha de produtos antialérgicos para a então candidata<sup>26</sup>.

O pecado da vaidade, entretanto, também não é tolerado. Roupas de grife, maquiagem e cirurgias plásticas são objetos de escrutínio público e, quando são percebidos como excessivos, são veementemente condenados. A atual senadora e ex-prefeita de São Paulo e ex-Ministra do Turismo, Marta Suplicy (PT), é um bom exemplo: sua representação midiática é fortemente atada aos estereótipos de gênero. Os veículos de comunicação pouco conseguem disfarçar a antipatia pela senadora, estigmatizada como "perua" por seu vestuário vistoso e intervenções cirúrgicas, e criticada também por seu comportamento na vida afetiva, especialmente quando de seu divórcio do senador Eduardo Suplicy (PT), em 2001, e de seu casamento com Luis Favre, em 2003.

A correspondência aos padrões de beleza também engendra um aumento na visibilidade das mulheres políticas. No entanto, a representação destas mulheres subestima e constrange a atuação política delas na medida em que fica circunscrita a este aspecto. A deputada federal pelo Rio Grande do Sul, Manuela D'Ávila (PCdoB), foi eleita em 2006 como a candidata mais votada em seu estado. Logo recebeu o epíteto de "Musa do Congresso" por sua beleza. A deputada, que também é jornalista, sempre expressou seu desconforto com o título (PAIVA, 2008: 94), mas sua representação midiática é sempre atrelada à sua

---

<sup>26</sup> Disponível em <<http://oglobo.globo.com/pais/eleicoes2010/mat/2010/07/27/marina-silva-reve-foto-dos-anos-80-decide-adotar-maquiagem-antialergica-visual-mais-despojado-917255619.asp>>, acesso em 01/05/2011.

aparência<sup>27</sup>. Em outubro de 2007, quando se preparava para se candidatar à prefeitura de Porto Alegre nas eleições do ano seguinte, foi entrevistada pelo portal G1, das Organizações Globo. A matéria saiu com o inacreditável título "Musa do Congresso está solteira", e destacava o fim do namoro da deputada e seus cuidados com o peso e a alimentação<sup>28</sup>.

A vida familiar e afetiva das mulheres políticas também é fator de visibilidade, em que desvio e normalidade se complementam: o destaque é dado tanto quando a mulher corresponde ao papel convencional de mãe e esposa como quando ela apresenta uma conduta "desviante", de mulher solteira (MIGUEL & BIROLI, 2011: 173).

O fato de ser solteira, aliás, é apresentado tanto como uma caracterização negativa como também uma razão para a atuação política, como se a dedicação à vida pública e à sociedade fosse um meio de compensar a ausência de marido e filhos. Por outro lado, esta dedicação pode também ser apontada como justificativa para um suposto fracasso na vida privada. A atual deputada federal Emília Fernandes (PT), que também foi ministra da Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres no início do governo Lula, teve um perfil publicado pela revista *Época* na edição de 19 de outubro 1994, quando foi a primeira mulher eleita senadora pelo Rio Grande do Sul. O artigo expressou o assombro por Fernandes ser uma mulher que "não cozinha, não faz as compras do supermercado e não cuida da casa" (REVISTA ÉPOCA apud MIGUEL & BIROLI, 2011: 174). Na edição do dia 13 de março de 2000, a mesma revista fala da presença de Fernandes na Mesa Diretora do Senado, em uma matéria sobre mulheres em posições de destaque e de poder. A referência à vida pessoal da então senadora não podia faltar: "é tão devotada ao mandato que viu ruir o casamento de 31 anos" (REVISTA ÉPOCA apud MIGUEL & BIROLI, 2011: 174).

Estudos feitos nos EUA mostram que a cobertura jornalística sobre atores políticos menciona o fato de serem mulheres e seu estado conjugal "com uma frequência muito maior do que com relação aos homens, nutrindo sua identificação como, em primeiro lugar, mães e esposas" (MIGUEL & BIROLI, 2011: 184). A revista *Marie Claire*, em uma reportagem especial, cheia de potencial e boas intenções, sobre as nove Ministras do governo de Dilma Rousseff, não deixou de destacar, logo no primeiro parágrafo da matéria, aspectos da vida afetiva das Ministras, como a relação com o marido e com os filhos. Foram feitas entrevistas individuais com cada Ministra, e na apresentação de cada uma, um pequeno perfil contava

---

<sup>27</sup> "Musa do Sul vê beleza com desdém", Folha de São Paulo, 08/10/2006. Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u84871.shtml>>, acesso em 01/05/2010.

<sup>28</sup> Disponível em <<http://g1.globo.com/Noticias/Politica/0,,MUL143579-5601,00.html>>, acesso em 01/05/2011.

com os campos "Estado Civil" e "Filhos". Luiza Bairos, Ministra da Secretaria de Promoção da Igualdade Racial, destoou do grupo: se recusou a responder perguntas sobre a sua vida pessoal e lembrou o episódio citado no início do capítulo, sobre a entrevista de Inês Pedrosa com o então candidato a Presidente de Portugal, Jorge Sampaio: "Tem certas prerrogativas dos homens que também quero para mim: cabelo branco, não precisar ter mulher e filho para mostrar..."<sup>29</sup>

Mesmo com a ampliação da presença feminina na vida pública e no noticiário político, a vida afetiva e familiar e a rotina doméstica continuam sendo fatores relevantes na caracterização destas mulheres, em um reforço constante dos estereótipos de gênero. A oposição entre vida pública e vida privada continua sendo indissociável da representação das mulheres políticas, ao mesmo tempo em que é uma questão praticamente inexistente na caracterização dos homens (MIGUEL & BIROLI, 2011: 176).

No entanto, mesmo que esta representação limite o papel das mulheres na política, muitas delas se apropriam deste discurso como uma maneira de angariar capital político e midiático. O noticiário político afirma, por exemplo, que "os eleitores estão atrás de quem cuide das finanças municipais com a mesma dedicação de donas de casa" (REVISTA ISTOÉ apud MIGUEL & BIROLI, 2011: 175). Na mesma matéria ressoa a declaração da então candidata à prefeitura de Belém, Valéria Pires Franco (DEM): "no que depender de mim, vou cuidar todos os dias de Belém, como mãe zelosa e guardadora" (REVISTA ISTOÉ apud MIGUEL & BIROLI, 2011: 175). Heloísa Helena, ainda na campanha de 2006, prometeu "acolher todas as crianças e jovens da forma como acalenta seus filhos"<sup>30</sup>. Muitas mulheres políticas se apropriam deste discurso de oposição entre o feminino e o masculino, definindo suas habilidades políticas de acordo com a divisão convencional dos papéis sexuais e dos estereótipos de gênero (MIGUEL & BIROLI, 2011: 173), correspondendo assim às expectativas da mídia e principalmente do eleitorado.

Os estereótipos de gênero permeiam, assim, as escolhas das candidatas - em termos das estratégias de campanha e temáticas a serem abordadas - dos jornalistas - ao enquadrar as personagens políticas - e dos votantes - ao avaliar as ofertas à sua disposição no mercado eleitoral. (MIGUEL & BIROLI, 2011: 184)

---

<sup>29</sup> "Dilma Rousseff e suas ministras: a mudança começa com elas", Revista Marie Claire, 11/04/2011. Disponível em <<http://revistamarieclaire.globo.com/Revista/Common/1,,EMI220216-17737,00.html>>, acesso em 01/05/2011.

<sup>30</sup> "A filha do sonho e da dor", Revista Época, 14/08/2006. Disponível em <<http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI78886-15223-2,00-A+FILHA+DO+SONHO+E+DA+DOR.html>>, acesso em 01/05/2011.

É imprescindível destacar que a apropriação destes discursos pelas mulheres políticas é uma faca de dois gumes, já que "o limite entre lançar mão estrategicamente dos estereótipos, alcançando visibilidade e galgando posições, e atuar no sentido de reproduzir as condições que implicam subordinação é bastante tênue" (MIGUEL & BIROLI, 2011: 185). A definição de sua identidade e atuação política de acordo com a norma masculina significaria a construção da visão que tem de si mesmas "a partir dos recursos de sua condição de subordinação, isto é, a partir da internalização dos valores que confirmam e reproduzem sua condição de dominadas" (MIGUEL & BIROLI, 2011: 186).

Por isso é tão importante que as mulheres tenham acesso à voz no noticiário político. A mulher no campo político é sempre "o outro", o elemento estranho, que não pertence àquele universo. A cobertura jornalística sublinha este estranhamento dedicando diferentes formas de tratamento e representação a homens e mulheres políticos. "A mulher é observada e descrita pelo homem" (PERROT apud PAIVA, 2008: 131), não só na História, mas também no jornalismo, que apresenta perspectivas sobre o feminino e restringe a mulher a objeto do discurso.

Há poucas mulheres no noticiário político, diminuindo o impacto potencial de *perspectivas de mulheres* (e não *sobre mulheres*), que poderiam confrontar o discurso que os meios de comunicação apresentam como "universal". Essas perspectivas poderiam expor tensões, confrontos e dissonâncias que fazem parte das relações assimétricas entre homens e mulheres. (MIGUEL & BIROLI, 2011: 25, grifo dos autores)

A apropriação dos espaços de criação dos discursos, no entanto, pode apresentar um dilema. O fim da representação diferenciada de homens e mulheres pode levar a uma falsa concepção universal de indivíduo,

que nega que as diferenciações existem socialmente e que as relações de poder são perpassadas pelo gênero. Por outro lado, porém, a presença, *enquanto mulheres*, vinculada a estereótipos que remetem à maternidade, à vida doméstica e à sexualidade, atualiza representações convencionais e restritivas, naturalizadas nas reportagens. A exigência difusa de que as mulheres se comportem *enquanto homens* quando se encontram em posições de maior destaque, ou para que a elas tenham acesso, convive com a exigência de que as mulheres se comportem *enquanto mulheres* que de fato são. (MIGUEL & BIROLI, 2011: 198, grifo dos autores)

De qualquer forma, permaneceriam os critérios androcêntricos de classificação e julgamento do comportamento feminino, que sujeitam as mulheres aos papéis convencionais e

delimitam as condutas consideradas legítimas nas esferas predominantemente masculinas (MIGUEL & BIROLI, 2011: 198).

É imperativo que a lógica de representação das mulheres no noticiário político seja dominada para que ela possa ser transformada (MIGUEL & BIROLI, 2011: 187), e para isso é necessário que voltemos à questão do capítulo 3: a necessidade de ampliar a participação política feminina. Mas a presença de mais mulheres nas esferas decisórias, apesar de significar, *per se*, a superação de uma desigualdade, não é o suficiente.

Em outras palavras, a questão chave não é eleger mais mulheres e sim eleger mulheres feministas. O feminismo, como uma ideologia política, é elemento crucial na construção de identidades políticas femininas porque é um conjunto estruturado de idéias que guia a ação política. É a consciência de que as mulheres são discriminadas e não usufruem das mesmas condições de igualdade que os homens; a convicção de que isto é resultante da situação de desigualdade estrutural das mulheres na sociedade, e do reconhecimento de que são necessárias soluções grupais, resultantes da ação coletiva, para a mudança em termos estruturais (AVELAR, 2002: 08).

## **5. Dilma Rousseff, a primeira presidenta do Brasil**

O dia 1º de janeiro de 2011 pode ser considerado o coroamento da luta de Bertha Lutz, das sufragetas e de todas as mulheres e homens que se empenharam pela conquista dos direitos civis e políticos das mulheres brasileiras. Dilma Rousseff, do Partido dos Trabalhadores (PT), tomou posse como a primeira presidenta do Brasil, após uma longa trajetória política que se iniciou na sua adolescência<sup>31</sup>.

Dilma Vana Rousseff nasceu em 14 de dezembro de 1947, na cidade de Belo Horizonte, Minas Gerais. Em 1964, aos 16 anos, Rousseff vai estudar no Colégio Estadual Central, referência no ensino público e ponto de efervescência das agitações estudantis na capital mineira. Os dois anos passados no Colégio foram também os dois primeiros anos da ditadura militar no Brasil, e lá Rousseff entrou em contato com grupos de resistência ao regime, como o Política Operária (Polop), no qual ingressou e onde iniciou sua atuação na luta armada contra a ditadura, em 1967. Passou também pelos Comandos de Libertação Nacional (Colina) e pela Vanguarda Armada Revolucionária Palmares (VAR-Palmares). Em 16 de janeiro de 1970, aos 22 anos, Rousseff foi presa em São Paulo e levada para a Operação Bandeirante (OBAN), onde foi torturada pelas autoridades militares. Permaneceu quase três anos no Presídio Tiradentes, na capital paulista, na ala conhecida como "Torre das Donzelas", onde ficavam as presas políticas. Foi libertada no final de 1972 e mudou-se para Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, onde vivia seu então marido e companheiro na luta armada, Carlos Franklin Paixão de Araújo.

O início de sua carreira na administração pública se dá em 1975, como estagiária na Fundação de Economia e Estatística (FEE), órgão do governo gaúcho. Concluiu o curso de Ciências Econômicas na Universidade Federal do Rio Grande do Sul em 1977, e retomou a militância política no Instituto de Estudos Políticos e Sociais (IEPES), ligado ao Movimento Democrático Brasileiro (MDB), único partido oficial de oposição à Aliança Renovadora Nacional (ARENA), partido de sustentação da ditadura militar. No final de 1979, com a redemocratização, participou com Araújo e Leonel Brizola das articulações para a recriação do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB). A disputa entre Brizola e Ivete Vargas pelo nome do partido acabou levando à criação do Partido Democrático Trabalhista (PDT), em 1980.

---

<sup>31</sup> As informações sobre a vida e trajetória política de Rousseff foram recolhidas da biografia disponível no site da Presidência da República, em <<http://www.presidencia.gov.br/presidenta/view>>, acesso em 11/06/2011, da reportagem "Mares nunca dantes navegados", da revista Piauí, disponível em <<http://revistapiaui.estadao.com.br/edicao-34/vultos-da-republica/mares-nunca-dantes-navegados>>, acesso em 11/06/2011, e do caderno "De Silva para Rousseff", do jornal O Globo, publicado no dia 01/11/2010.



Mesmo atuando ostensivamente em campanhas e articulações políticas no PDT do Rio Grande do Sul, Rousseff nunca se candidatou a nenhum cargo eletivo. Foi assessora da bancada do partido entre 1980 e 1985, e em 1986 assumiu a Secretaria da Fazenda da Prefeitura de Porto Alegre, a convite do então prefeito Alceu Collares (PDT). Afastou-se do cargo em 1988 para participar da campanha de Araújo à prefeitura da capital gaúcha, mas a disputa foi vencida por Olívio Dutra (PT). Em 1989 foi nomeada diretora-geral da Câmara Municipal de Porto Alegre, e em 1990 foi indicada por Collares, já governador do Rio Grande do Sul, para a presidência da FEE, onde estagiou nos anos 1970. Permaneceu até o fim de 1993, quando foi nomeada Secretária Estadual de Energia, Minas e Comunicações, função que desempenhou até o fim de 1994. Em 1999 volta a participar da equipe do governo do Rio Grande do Sul, no mesmo cargo, na gestão de Olívio Dutra. Em 2000 deixa o PDT e filia-se ao PT, apoiando a candidatura de Tarso Genro à prefeitura de Porto Alegre.

Sua atuação como Secretária de Energia, Minas e Comunicações do Rio Grande do Sul destacou-se pois o estado, junto com o Paraná e Santa Catarina, não sofreu com a crise nacional do apagão, que afetou a distribuição e o fornecimento de energia elétrica em todo o país entre 2001 e 2002. Em janeiro de 1999 o Rio Grande do Sul havia sofrido 31 cortes de energia, o que levou a Secretaria a organizar um programa emergencial de reestruturação do setor elétrico estadual, que aumentou em 46% da capacidade energética do estado até o final da gestão. Rousseff participou da equipe de transição entre os governos de Fernando Henrique Cardoso (1995-2002) e Luís Inácio Lula da Silva (2003-2010), e após a posse do novo presidente foi nomeada ministra de Minas e Energia.

Em 2005, o escândalo do mensalão derruba José Dirceu do Ministério da Casa Civil, e o presidente Lula a nomeia chefe da pasta, responsável por coordenar todos os outros ministérios. A queda de Antonio Palocci do Ministério da Fazenda no ano seguinte, em outro escândalo de corrupção, faz com que Rousseff se torne o nome mais forte na equipe gestora do governo Lula. Sua candidatura à presidência da República começa a ser articulada pelo próprio presidente já em 2007, e em 13 de junho de 2010 Rousseff é lançada oficialmente como a candidata do PT para a sucessão de Lula. No dia 03 de outubro de 2010, disputa o primeiro turno das eleições para a presidência com mais oito candidatos, recebendo 47.651.434 votos, ou 46,91% do eleitorado<sup>32</sup>. O candidato José Serra (PSDB) consegue 33.132.283 votos, 32,61% dos eleitores, e a disputa vai ao segundo turno. No dia 31 de outubro de 2010, Rousseff vence as eleições com o apoio de 56,05% do eleitorado, ou

<sup>32</sup> Os resultados das eleições presidenciais do ano de 2010 estão disponíveis em <[http://www.tse.gov.br/internet/eleicoes/estatistica2010/est\\_resultados.html](http://www.tse.gov.br/internet/eleicoes/estatistica2010/est_resultados.html)>, acesso em 11/06/2011.

55.752.529 votos. Em 1º de janeiro de 2011, Dilma Rousseff toma posse como a 40ª pessoa a presidir o país<sup>33</sup>, e a primeira mulher presidente do Brasil.

### **5.1. Dilma Rousseff no noticiário político: três momentos**

A problemática abordada até aqui neste trabalho procurou explicitar como a sub-representação das mulheres políticas no noticiário contribui para a manutenção da sub-representação das mulheres em cargos eletivos e de confiança nas esferas de poder. Observou-se também como a visibilidade das mulheres políticas, atada a estereótipos de gênero, pode ser tão prejudicial à sua ação política quanto a invisibilidade midiática.

Desde o início de sua atuação no governo Lula, Dilma Rousseff sempre esteve sob a atenção da mídia e do público. Desempenhou papéis decisivos: primeiro como ministra de Minas e Energia, uma pasta estratégica para o projeto de desenvolvimento social e econômico do primeiro governo do PT, e depois como ministra da Casa Civil, assumindo o cargo em meio à crise do mensalão e tendo que administrar a desconfiança da opinião pública não só com relação à atuação do ministério, maculado pelas denúncias de corrupção, mas também sobre sua capacidade para atuar como coordenadora geral do governo. Sua candidatura à presidência da República foi questionada pela imprensa e pela oposição, que consideravam seu perfil "técnico", de gestora, pouco apto para a atuação propriamente política, que exigiria flexibilidade e jogo de cintura<sup>34</sup>, características que Rousseff supostamente não teria.

Como mulher política, braço direito do então presidente da República e candidata à presidência, Rousseff foi presença constante no noticiário político, no qual se podem encontrar algumas marcas de estereótipos de gênero já mencionadas neste trabalho. Foram escolhidos três momentos da sua trajetória de candidata, presidenta eleita e presidenta empossada e sua cobertura na imprensa, em uma tentativa de observar estes enquadramentos na representação da mulher política mais importante na história do país até hoje.

Segundo Biroli, "neste ponto, os aspectos qualitativos perdem relevância":

---

<sup>33</sup> Fonte: Galeria dos Presidentes, disponível em <[http://www.presidencia.gov.br/info\\_historicas/galeria\\_pres](http://www.presidencia.gov.br/info_historicas/galeria_pres)>, acesso em 11/06/2011. Júlio Prestes e Tancredo Neves, apesar de terem sido eleitos, não chegaram a tomar posse.

<sup>34</sup> Em janeiro de 2008, quando ainda era ministra da Casa Civil, Rousseff ganhou de presente do então líder do PMDB na Câmara dos Deputados, Henrique Eduardo Alves, um bambolê. "O recado, enviado em tom de brincadeira, era para que Dilma ganhasse um pouco mais de 'jogo de cintura'." Em "PMDB dá bambolê de presente para Dilma Rousseff" <<http://noticias.terra.com.br/brasil/noticias/0,,OI2267095-EI7896,00-PMDB+da+bambole+de+presente+para+Dilma+Rousseff.html>>, acesso em 11/06/2011.

Entende-se que a presença de enunciados que explicitam ou indicam uma problemática de gênero, mesmo que estatisticamente seja pouco relevante, permite discutir aspectos significativos das divisões e hierarquias de gênero nos noticiários e na política. Essa posição se acentua quando essas marcas (estereótipos de gênero) são analisadas tendo-se em mente os dados relativos à sub-representação das mulheres no noticiário. (BIROLI, 2010: 17)

Para esta leitura, decidiu-se pelo noticiário político de jornais impressos. Em sua pesquisa sobre a formação das atitudes políticas do cidadão comum contemporâneo, Aldé pôde constatar o "valor da imprensa escrita como quadro de referência para explicar a política" (ALDÉ, 2004: 74):

A televisão e o rádio são quase universalmente acessíveis; o jornal, embora implique um esforço maior, ainda assim é bastante acessível, principalmente tendo em conta seu grande retorno social: os leitores de jornal são vistos como uma elite cognitiva relevante na formação da opinião pública. (ALDÉ, 2004: 138)

Os veículos escolhidos foram a *Folha de São Paulo*, da cidade de São Paulo, e *O Globo*, do Rio de Janeiro. A *Folha* conta uma circulação média diária de 294.498 exemplares, e *O Globo* tem circulação média diária de 262.435 exemplares. São, respectivamente, o segundo e o terceiro maiores jornais do país, de acordo com o ranking de circulação da Associação Nacional de Jornais do ano de 2010<sup>35</sup>. Apesar do inegável peso do noticiário político televisivo na construção do imaginário político da audiência/eleitorado e da emergência da internet como ambiente de discussão, empoderamento e até subversão da democracia e das instituições políticas<sup>36</sup>, acredita-se que a mídia impressa continua a desempenhar um papel fundamental na agenda pública e política, como discutido no capítulo 2.

Os dias escolhidos para a leitura dos jornais foram os imediatamente seguintes aos momentos mais marcantes na trajetória de Dilma Rousseff, da candidatura à chegada ao Palácio do Planalto. No dia 13 de junho de 2010, a convenção nacional do Partido dos Trabalhadores marcou o lançamento oficial da candidatura de Rousseff à presidência da República; no dia 31 de outubro de 2010, Rousseff venceu o segundo turno das eleições; e no dia 1º de janeiro de 2011, tomou posse em Brasília como a primeira presidenta do Brasil.

---

<sup>35</sup> Disponível em <<http://www.anj.org.br/a-industria-jornalistica/jornais-no-brasil/maiores-jornais-do-brasil>>, acesso em 11/06/2011.

<sup>36</sup> Cf. GOMES, Wilson. "Democracia digital: que democracia?"; PRUDENCIO, Kelly "Mobilizar a opinião pública: sobre a comunicação dos ativistas políticos". In: MIGUEL & BIROLI (org.). "Mídia, representação e democracia"(2010).

Realizou-se a leitura de *O Globo* e *Folha de São Paulo*, portanto, nos dias 14 de junho de 2010, 1º de novembro de 2010 e 02 de janeiro de 2011.

Nas tabelas estão as matérias lidas, catalogadas sob os itens "Caderno", "Página", "Título", "Subtítulo", "Intertítulo" e "Box / Retranca". A leitura se ateve à cobertura dos eventos em questão, ou seja, ao noticiário propriamente dito. Editoriais, comentários, colunas e análises não foram levados em consideração, pois acredita-se que a tríade sagrada da prática jornalística - objetividade, imparcialidade e neutralidade, como discutido no capítulo 2 - não se aplica a estes espaços, já que correspondem ou à opinião do jornal, no caso dos editoriais, ou ao ponto de vista de um especialista, intelectual ou acadêmico. Porém, também devido a este aspecto, não se pode deixar de observar que estes espaços são muito mais suscetíveis à representação de mulheres e outros grupos sociais baseada em estereótipos e até em expressões de preconceitos por parte dos autores (SODRÉ et al, 2008: 19-20).

#### 5.1.1. 14 de junho de 2010: cobertura do lançamento oficial da candidatura à Presidência

**Tabela 1: Folha de São Paulo**

| <b>Caderno</b>   | <b>Página</b> | <b>Título</b>                                          | <b>Subtítulo</b>                                                                                             | <b>Intertítulo</b> | <b>Box / Retranca</b>                                                |
|------------------|---------------|--------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------|----------------------------------------------------------------------|
| Primeiro caderno | A1            | À sombra de Lula, Dilma promete "alma de mulher"       | "Mudei de nome e vou colocar Dilma", afirma presidente; candidata fala em "continuidade da mudança"          | -                  | Oposição inventou dossiê, diz presidente                             |
| Primeiro caderno | A4            | Dilma diz que fará Brasil de Lula com 'alma de mulher' | Na convenção do PT, presidente reforça ideia de que votar na petista é votar nele                            | -                  | Logotipo da campanha de Dilma lembra o de Obama / Jingle da campanha |
| Primeiro caderno | A6            | Adversários 'inventam' dossiê, diz Lula                | Presidente condena "jogo rasteiro" da oposição ao acusar equipe de Dilma de produzir material contra tucanos | -                  | Convencionais                                                        |

Fonte: Jornal Folha de S. Paulo, 14 de junho de 2010

**Tabela 2: O Globo**

| <b>Caderno</b> | <b>Página</b> | <b>Título</b>            | <b>Subtítulo</b>         | <b>Intertítulo</b> | <b>Box / Retranca</b> |
|----------------|---------------|--------------------------|--------------------------|--------------------|-----------------------|
| Primeiro       | 1             | Lula: oposição faz 'jogo | Candidata oficial, Dilma | -                  | -                     |

|                  |   |                                              |                                                                                                  |                                  |                                                                                             |
|------------------|---|----------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------|
| caderno          |   | rasteiro' com dossiês                        | prega 'continuidade da mudança'                                                                  |                                  |                                                                                             |
| Primeiro caderno | 3 | A "continuidade da mudança"                  | Ao oficializar a candidatura ao Planalto, Dilma destaca seu vínculo com Lula                     | A estreia do jingle da campanha  | "Garantia de liberdade de imprensa" / Depois da Copa, Lula entra em campo nos palanques     |
| Primeiro caderno | 4 | Lula acusa oposição de fazer "jogo rasteiro" | Para presidente, que defendeu campanha de nível elevado, adversários inventam dossiês "todo dia" | Crítica a espaço nos noticiários | Música, risos e vaias na festa da "presidenta" / Petistas ironizam rótulo de "neocorruptos" |

Fonte: Jornal O Globo, 14 de junho de 2010

### 5.1.2. 1º de novembro de 2010: cobertura da vitória nas eleições

**Tabela 3: Folha de São Paulo**

| <b>Caderno</b>                   | <b>Página</b> | <b>Título</b>                             | <b>Subtítulo</b>                                                                                                                                                               | <b>Intertítulo</b> | <b>Box / Retranca</b>                                                            |
|----------------------------------|---------------|-------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------|----------------------------------------------------------------------------------|
| Primeiro caderno                 | A1            | Dilma é a eleita                          | Primeira mulher a ocupar o cargo, petista teve 56% dos votos e será o 40º presidente                                                                                           | -                  | Ineditismos / Lula recomenda manter nomes da Fazenda e do Banco Central          |
| Caderno Especial "Eleições 2010" | 1             | Primeira mulher eleita tem 56% dos votos  | Eleita promete zelar por liberdade de imprensa e de culto - Oposição vai governar 53% dos eleitores do país - Lula pede Palocci na Casa Civil e que Mantega e Meirelles fiquem | -                  | -                                                                                |
| Caderno Especial "Eleições 2010" | 2             | Eleita, Dilma promete erradicar a miséria | Sucessora de Lula diz que mulheres podem governar e reafirma que defenderá democracia e liberdade de imprensa                                                                  | "Calúnias"         | Em Brasília, aliados discutem novo governo                                       |
| Caderno Especial "Eleições 2010" | 3             | Lula defende manter Mantega e Meirelles   | Presidente aconselha Dilma a alojar Palocci na Casa Civil, mas alas do PT resistem e querem ex-ministro na Saúde                                                               | -                  | Ministeriáveis (infográfico) / Eleita terá de mudar perfil de técnico a político |
| Caderno Especial "Eleições 2010" | 4             | Lula defende "governo com a cara dela"    | Presidente diz que continuará a fazer política pelo país, mas descarta participação ativa na gestão de Dilma                                                                   | Tiririca           | "Eu não posso, não quero e não devo", afirma Dirceu sobre cargo / Agora é Dilma  |

|                                  |         |                                                                    |                                                                                                                                                                                                        |                                 |                                                                                                                                                               |
|----------------------------------|---------|--------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
|                                  |         |                                                                    |                                                                                                                                                                                                        |                                 | (análise) / Lula venceu (análise)                                                                                                                             |
| Caderno Especial "Eleições 2010" | 6       | Dilma não bate recordes de votos de Lula                           | Eleição da primeira mulher será também primeira sucessão de três presidentes eleitos diretamente em 84 anos                                                                                            | Continuidade / Perfil Guerrilha | Dilma Vana Rousseff (infográfico) / Eleições presidenciais no Brasil (infográfico)                                                                            |
| Caderno Especial "Eleições 2010" | 7       | Projeto Dilma decolou com pré-sal e PAC                            | Marco zero da candidatura foi no dia 08 de novembro de 2007, quando Lula delegou a ela anúncio sobre petróleo                                                                                          | Aloprados Abatimento            | Apuração de escândalos seguirá na transição / Folha adotará "presidente" para se referir a Dilma / Eleições presidenciais no Brasil (continuação da página 6) |
| Caderno Especial "Eleições 2010" | 8 e 9   | O voto pelo Brasil (infográficos)                                  | Dilma consegue vitória esmagadora no Nordeste, onde obtém 10,5 milhões dos 11,8 milhões de votos de vantagem que impôs sobre Serra no total do país; tucano não consegue virar resultado em MG         |                                 |                                                                                                                                                               |
| Caderno Especial "Eleições 2010" | 10 e 11 | O voto no detalhe (infográficos)                                   | Serra não consegue ampliar de maneira expressiva a vantagem que tinha obtido no primeiro turno em São Paulo; Dilma repete maioria no Rio, onde venceu em toda a região metropolitana, e ganha em Minas | -                               | Serra consegue viradas em cidades importantes de São Paulo                                                                                                    |
| Caderno Especial "Eleições 2010" | 12      | Eleitorado se divide onde Marina venceu no primeiro turno          | Disputa quase empatou nas três capitais "verdes": BH, Brasília e Vitória                                                                                                                               | -                               | Eleitores preferem viajar só depois de votar / Toda mídia (coluna)                                                                                            |
| Caderno Especial "Eleições 2010" | 13      | Líder do partido, Temer terá mais força que vices de FHC e de Lula | Companheiro de chapa de Dilma diz que terá atuação discreta, pois não tem vocação para "carro alegórico" e vê "preconceito" com partido                                                                | -                               | PMDB quer vaga cativa nas reuniões do Planalto / Vices que assumiram o cargo (infográfico)                                                                    |
| Caderno Especial "Eleições 2010" | 16 e 17 | O contrapeso tucano (infográficos)                                 | -                                                                                                                                                                                                      | -                               | -                                                                                                                                                             |

|                                  |    |                |   |   |   |
|----------------------------------|----|----------------|---|---|---|
| Caderno Especial "Eleições 2010" | 20 | Festa vermelha | - | - | - |
|----------------------------------|----|----------------|---|---|---|

Fonte: Jornal Folha de S. Paulo, 1º de novembro de 2010

**Tabela 4: O Globo**

| <b>Caderno</b>   | <b>Página</b> | <b>Título</b>                                                    | <b>Subtítulo</b>                                                                                                            | <b>Intertítulo</b>                                                                      | <b>Box / Retranca</b>                                                                                                        |
|------------------|---------------|------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Primeiro caderno | 1             | Lula elege Dilma e aliados já articulam sua volta em 2014        | Com 55 milhões de votos, petista se torna a primeira mulher eleita presidente do Brasil                                     | -                                                                                       | Caderno Especial: De Silva para Rousseff / Como Lula construiu sua candidatura / O risco do duplo comando                    |
| Primeiro caderno | 3             | "Estendo minha mão à oposição"                                   | Candidata de Lula, Dilma Rousseff é eleita a primeira mulher presidente do Brasil                                           | -                                                                                       | -                                                                                                                            |
| Primeiro caderno | 4             | "Agora é hora do trabalho, hora da união"                        | No seu primeiro discurso após ser eleita, Dilma agradece a Lula e diz que cumprirá promessas. Eis a íntegra:                | -                                                                                       | -                                                                                                                            |
| Primeiro caderno | 10            | "Nunca pensei em ser presidente do Brasil"                       | Na véspera, Dilma jantou com o ex-marido e os dois lembraram que, 40 anos atrás, presos, jamais imaginaram um dia como este | Vinho tinto e reminiscências do passado / Piada sobre polêmica envolvendo aborto e Papa | Petista vota em ritmo de já ganhou / Temer minimiza dissensões do PMDB                                                       |
| Primeiro caderno | 11            | Volta de Lula em 2014, que rondará gestão Dilma, já é articulada | Projeto de poder do PT prevê a possibilidade de retorno do presidente ao cargo, em quatro anos                              | Dutra: "É muito cedo para discutir isso" / Lula: "Conjuntura do momento vai indicar"    | Festa vermelha nas ruas do país / Gabrovo, na Bulgária, quer o carnaval carioca / Resultados (TSE) - Presidente da República |
| Primeiro caderno | 12            | Lula, o fiador vitorioso, porém solitário, do projeto "Dilma lá" | Nas asas de uma popularidade recorde, presidente elege desconhecida como sucessora                                          | A adrenalina da vingança                                                                | -                                                                                                                            |
| Primeiro caderno | 16            | Lula: "Serra sai menor desta campanha"                           | Presidente diz que Dilma foi vítima de preconceito e acusa a oposição de incitar o ódio e politizar a religião              | -                                                                                       | Dirceu diz que não vai pleitear cargo / Ciro: aliança é desafio para Dilma / "Já virou balcão de                             |

|                                           |    |                                                            |                                                                                                                                                                                        |                                                       |                                                                               |
|-------------------------------------------|----|------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------|
|                                           |    |                                                            |                                                                                                                                                                                        |                                                       | negócios"                                                                     |
| Primeiro caderno                          | 24 | Um novo estilo à frente do Alvorada                        | Cria de Lula, Dilma conduz de forma mais rígida e metódica sua rotina; festas deverão dar lugar à discricção                                                                           | Improviso não deverá mais ser marca nos discursos     | O que chega, o que sai                                                        |
| Primeiro caderno                          | 25 | Nunca antes...                                             | Dilma se torna um emblema: a primeira mulher presidente; isto depois de uma campanha que pisou em bandeiras feministas                                                                 | Eleição de uma mulher causa impacto na América Latina | Mulher e história / Uma outra primeira vez                                    |
| Primeiro caderno                          | 26 | Destaque na imprensa do mundo inteiro                      | "El país" analisa conjuntura política, e "NYT" e "Guardian" listam problemas que a nova presidente terá que enfrentar                                                                  | No twitter, Chávez diz que Dilma é "giganta"          | Da guerrilha para a Presidência / Serra vence em Nova York, e Dilma, em Paris |
| Primeiro caderno                          | 27 | Dilma cresceu em Minas, Rio e Nordeste                     | Petista venceu em 15 estados e no DF. Serra virou a eleição em três: Rio Grande do Sul, Goiás e Espírito Santo                                                                         | -                                                     | O voto para presidente nos estados                                            |
| Caderno especial "De Silva para Rousseff" | 2  | A escola que despertou o espírito de rebeldia              | Dilma Rousseff deixou o colégio de freiras para estudar num centro público de referência, que exalava liberdade. Ali se operou uma verdadeira revolução na cabeça da futura presidente | -                                                     | "Dilma continuará a política para a América Latina"                           |
| Caderno especial "De Silva para Rousseff" | 3  | O legado da Dilma militante                                | Nas organizações de esquerda, ela já mostrava perfil dirigente. Ali, discutiu teorias econômicas revolucionárias e o dilema entre guerrilha e mobilização das massas                   | -                                                     | Ela "jamais esmoreceu"                                                        |
| Caderno especial "De Silva para Rousseff" | 4  | A vida no Sul foi um recomeço entre aulas e gestão pública | Em quase três décadas em terras gaúchas, onde o marido esteve preso, Dilma lecionou, teve sua única filha, ajudou Brizola a fundar o PDT e ocupou cargos municipais e estaduais        | -                                                     | "Espera-se que Dilma concentre o foco mais nos temas internos"                |
| Caderno especial                          | 5  | Sobre como Lula fabricou sua candidata                     | Dilma se aproximou do presidente ainda                                                                                                                                                 | -                                                     | -                                                                             |



|                                           |    |                                         |                                                                                                                                                                                                 |   |                                            |
|-------------------------------------------|----|-----------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---|--------------------------------------------|
| "De Silva para Rousseff"                  |    |                                         | na transição, ocupou um ministério importante e ganhou mais força após a queda de José Dirceu da Casa Civil                                                                                     |   |                                            |
| Caderno especial "De Silva para Rousseff" | 9  | Afinal, o que pensa Dilma?              | A petista, lançada solitariamente por Lula, terminou a disputa como um enigma político, com ideias genéricas. Seu desafio é eliminar as dúvidas sobre um duplo comando na Presidência           | - | -                                          |
| Caderno especial "De Silva para Rousseff" | 10 | Sem Lula, uma nova relação governo-PT   | Partido vai conduzir suas bandeiras históricas, como legalização do aborto, poupando Dilma. Palocci e Paulo Bernardo devem ser nomes fortes no Planalto, que terá de buscar equilíbrio com PMDB | - | Desafio de prover bens coletivos           |
| Caderno especial "De Silva para Rousseff" | 11 | O que o povo quer da "mulher do Lula"   | No Nordeste, trabalhadores esperam que Dilma continue as políticas do presidente. Mas cobram avanços em saúde, educação e combate à corrupção                                                   | - | Acreditamos na vida e no Brasil. Acertamos |
| Caderno especial "De Silva para Rousseff" | 12 | Filme, família e feijão nas horas vagas | Cinéfila, fã de ópera e batata frita, ela não troca a costureira e adorou a China                                                                                                               | - | Mulheres no poder / As faces de Dilma      |

Fonte: Jornal O Globo, 1º de novembro de 2010

### 5.1.3. 02 de janeiro de 2011: cobertura da posse

**Tabela 5: Folha de São Paulo**

| <b>Caderno</b>   | <b>Página</b> | <b>Título</b>                                           | <b>Subtítulo</b>                                                                                                                                                              | <b>Intertítulo</b> | <b>Box / Retranca</b> |
|------------------|---------------|---------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------|-----------------------|
| Primeiro caderno | A1            | Dilma promete um país sem fome e de classe média sólida | Presidente enfatiza compromisso de erradicar miséria até 2014 - No discurso de posse, se emociona ao citar vítimas da ditadura - Indicadores econômicos desafiam novo governo | -                  | -                     |

|                                     |   |                                                                         |                                                                                                                                                             |                     |                                                                                                                                                                                                     |
|-------------------------------------|---|-------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Caderno Especial "Presidente Dilma" | 1 | Dilma promete erradicar a miséria e projeta país de classe média sólida | Presidente enfatiza importância histórica de ser primeira mulher presidente - Petista diz não ter "arrependimento" nem "rancor" pela atuação na luta armada | -                   | -                                                                                                                                                                                                   |
| Caderno Especial "Presidente Dilma" | 2 | Dilma diz que será rígida com corrupção                                 | No primeiro discurso, presidente afirma que pobreza "envergonha o país" e defende reformas política e tributária                                            | Erradicar a miséria |                                                                                                                                                                                                     |
| Caderno Especial "Presidente Dilma" | 3 | Discursos acenam com fim da crispação (análise)                         | -                                                                                                                                                           | -                   | Pivô de crise, Erenice reaparece no Planalto                                                                                                                                                        |
| Caderno Especial "Presidente Dilma" | 4 | No Congresso, Dilma diz que irá consolidar obra de Lula                 | -                                                                                                                                                           | -                   | -                                                                                                                                                                                                   |
| Caderno Especial "Presidente Dilma" | 5 | No Planalto, nova presidente cita líder indiana                         | No final do discurso, Dilma faz uma referência velada à obra de Caminha                                                                                     | -                   | -                                                                                                                                                                                                   |
| Caderno Especial "Presidente Dilma" | 6 | Cerimônia reúne 30 mil pessoas sob forte chuva                          | Festa em Brasília é afetada por precipitação incomum em janeiro                                                                                             | -                   | Para acompanhar a posse, militantes trocam ônibus por avião e resgatam símbolos petistas                                                                                                            |
| Caderno Especial "Presidente Dilma" | 7 | Lula ignora roteiro e adia saída do Palácio                             | Emocionado ao deixar o Planalto, o agora ex-presidente se despediu com choro e foi ovacionado pela multidão                                                 | São Bernardo        | "Não fui porque não deixaram", afirma Alencar                                                                                                                                                       |
| Caderno Especial "Presidente Dilma" | 8 | Cortes de gastos serão foco de início do governo                        | Planejamento estima em R\$ 20 bi necessidade de redução de despesas                                                                                         | Corte definitivo    | Em recado, Marina diz que não fará "oposição pela oposição" / Modelo clássico teve blazer e vestido com pérolas e amuleto contra inveja / Ex-miss, vice-primeira-dama chama atenção durante a posse |
| Caderno                             | 9 | Presidente começa                                                       | Principais indicadores deram                                                                                                                                | -                   | Chávez e                                                                                                                                                                                            |

|                                   |  |                                       |                                                                                        |  |                                                                                                |
|-----------------------------------|--|---------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------|--|------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Especial<br>"Presidente<br>Dilma" |  | novo governo com<br>piora na economia | sinal de deterioração no final do<br>ano passado, e espaço para<br>correção é limitado |  | Hillary<br>esperam lado a<br>lado em fila /<br>Repercussão -<br>Cobertura da<br>posse de Dilma |
|-----------------------------------|--|---------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------|--|------------------------------------------------------------------------------------------------|

Fonte: Jornal Folha de S. Paulo, 02 de janeiro de 2011

**Tabela 6: O Globo**

| <b>Caderno</b>      | <b>Página</b> | <b>Título</b>                                               | <b>Subtítulo</b>                                                                                                                   | <b>Intertítulo</b>                                                                                              | <b>Box /<br/>Retranca</b>                                                       |
|---------------------|---------------|-------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------|
| Primeiro<br>caderno | 1             | Ao assumir, Dilma<br>promete enfrentar<br>desafios pós-Lula | Primeira mulher no Planalto,<br>petista estende a mão à<br>oposição e diz que fará as<br>reformas                                  | -                                                                                                               | Política<br>externa / Uma<br>despedida<br>com muito<br>choro                    |
| Primeiro<br>caderno | 3             | Dilma e o desafio do voo<br>solo                            | Primeira mulher presidente<br>do Brasil promete fazer país<br>avançar mais e fala em<br>conciliação                                | -                                                                                                               | -                                                                               |
| Primeiro<br>caderno | 4             | "Não tenho<br>arrependimento,<br>tampouco rancor"           | Na posse no Congresso,<br>Dilma estende a mão à<br>oposição, relembra<br>companheiros mortos e diz<br>que será presidente de todos | Mais<br>descontração<br>que no<br>dia da<br>diplomação /<br>Promessa de<br>reformas<br>política e<br>tributária | Sob chuva,<br>posse é<br>marcada por<br>emoção /<br>Acerto na<br>escolha da cor |
| Primeiro<br>caderno | 8A            | "Luta obstinada pela<br>erradicação da pobreza<br>extrema"  | -                                                                                                                                  | -                                                                                                               | -                                                                               |
| Primeiro<br>caderno | 8B            | "Não haverá<br>discriminação ou<br>compadrio"               | -                                                                                                                                  | -                                                                                                               | Brasil e país<br>são as<br>palavras mais<br>ditas                               |
| Primeiro<br>caderno | 12            | Os 10 passos de Dilma<br>até a Presidência                  | -                                                                                                                                  | -                                                                                                               | -                                                                               |
| Primeiro<br>caderno | 12A           | Hora de descobrir quem é<br>a Dilma presidente              | Para colegas, a ministra com<br>estilo durão saiu de cena, e<br>país se surpreenderá com<br>sua maneira de trabalhar               | Cuidado com<br>vazamentos /<br>Estilo agressivo<br>causava irritação<br>/ Muito metódica<br>e disciplinada      | Mulher e<br>história /<br>Novo governo<br>Dilma                                 |
| Primeiro<br>caderno | 12B           | "Agora é hora de<br>trabalho. É hora de<br>união"           | Em discurso no parlatório<br>do Planalto, Dilma fala da<br>responsabilidade que<br>assume. Abaixo, a íntegra:                      | -                                                                                                               | Erenice<br>reaparece no<br>Planalto                                             |

|                  |    |                                                     |                                                                                                                     |                                               |                                                                                                         |
|------------------|----|-----------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Primeiro caderno | 14 | Intimidade com Hillary e afagos de Chávez           | Dilma é cumprimentada por 11 chefes de Estado, entre eles os presidentes de Chile, Colômbia, Uruguai e Paraguai     | Encontros descontraídos com latino-americanos | Mulher de Temer rouba a cena / Após a posse, encontro reservado com companheiras de prisão e familiares |
| Primeiro caderno | 19 | Aécio: "Faremos oposição leal ao Brasil e vigorosa" | Senador mineiro vai apresentar proposta de reformas política e tributária. Serra defende colaboração entre governos | -                                             | "Dilma tem enviado sinais de independência"                                                             |

Fonte: Jornal O Globo, 02 de janeiro de 2011.

## 5.2. A candidatura, a eleição e a posse em *Folha* e *O Globo*

Das leituras de *O Globo* e *Folha de São Paulo* nestes três dias de cobertura de momentos cruciais na trajetória de Dilma Rousseff rumo à Presidência da República, podem ser singularizados alguns aspectos na representação da atual presidenta. As referências à autoapresentação - vestuário, maquiagem, cabelos e cirurgias plásticas -, como foi explorado no capítulo 4, são constantes na representação das mulheres políticas, e também estão presentes nos textos sobre o lançamento da candidatura, a vitória nas eleições e a posse de Rousseff. As menções a sua vida familiar e afetiva são menos evidentes, mas não deixam de aparecer, especialmente ao se pensar sobre o quanto se falou na imprensa sobre a esposa e os filhos do candidato José Serra durante a campanha, ou sobre a família do ex-presidente Lula. Para Miguel e Biroli,

o fato de que o corpo, a vida familiar e a vida afetiva das mulheres estejam em pauta, enquanto aspectos bem diferentes da trajetória dos homens ganham relevância, está diretamente ligado às demandas e aos critérios de julgamento diferenciados aos quais mulheres e homens são expostos. (MIGUEL & BIROLI, 2011: 182)

No evento de lançamento da candidatura de Dilma Rousseff à Presidência da República, *O Globo* observa que ela estava "maquiada e bem penteada, de blazer vermelho e pérolas" (14/06/2010, página 3), um comentário gratuito, sem ligação nenhuma com o resto do texto, assim como quando comenta que "contrariando os conselhos do cabeleireiro Celso Kamura, a presidente Dilma Rousseff preferiu não trocar o vestido pérola por um vermelho" para a recepção oferecida pelo Itamaraty após a posse (02/01/2011, página 14). Para a *Folha*,

Rousseff é "casada duas vezes, hoje divorciada, com uma filha e um neto" antes de ser "economista de formação e socialista por definição" (01/11/2010, página A1).

Em sua cobertura da vitória de Rousseff nas eleições, *O Globo* publicou um caderno especial, "De Silva para Rousseff", com reportagens sobre a sucessão presidencial e a vida da presidenta eleita. Em "Filmes, família e feijão nas horas vagas" (01/11/2010, página 12 do suplemento), *O Globo* explora trivialidades sobre a presidenta eleita e as inevitáveis referências a sua aparência e seu vestuário. Segundo o jornal, "mesmo após a repaginada da campanha, Dilma foge das grifes da moda para se vestir ou se calçar. Tem uma pequena coleção de joias delicadas - e uma excentricidade é um relógio esportivo Guess". O box "As faces de Dilma" trata das mudanças na aparência de Rousseff desde o início do governo Lula: "Dilma atravessou os primeiros anos do governo Lula num estilo mais sisudo e discreto de se vestir e pentear", mas "quando começou a ser citada como possível candidata à Presidência, mudou. Em 2008, cirurgia plástica para suavizar a expressão facial e substituição dos óculos por lentes de contato. As roupas ficaram mais leves". O jornal lembra, porém, que uma das maiores mudanças na aparência da então ministra, o uso de perucas, deu-se devido à queda dos cabelos em consequência do tratamento contra um câncer linfático, em 2009. Mas "já de plástica nova, em junho deste ano impressionou artistas, num jantar, com o visual assinado pelo cabeleireiro Celso Kamura. Rejuvenescera" (01/11/2010, página 12).

A *Folha de São Paulo* publicou um caderno especial com a cobertura da posse, "Presidente Dilma". Uma editora de moda julgou as roupas e a maquiagem da presidenta: "o conjuntinho 'senhora', de blazer e vestido, assinado pela estilista Luisa Stadlander, não é do tipo que causa impacto. (...) A maquiagem, com olhos fortes, esfumados, e lábios marcados, quebrou a suavidade do look. A presidente, afinal, precisa ser firme." Ela vê "simbolismo" nas escolhas de Rousseff: "a preferência de Dilma pelo brilho da pérola, tanto na cor quanto nos acessórios (brincos e pingente), passou uma mensagem. As pérolas são símbolo da história das mulheres que sobreviveram ao câncer, caso da própria Dilma. Na moda, das rainhas a Coco Chanel, o brilho duro das pérolas representa resistência, um tipo eterno de beleza, acima da modinha" (02/01/2011, página 9).

Em *O Globo*, o box "Acerto na escolha da cor" avaliou as escolhas de roupa, maquiagem e acessórios de Rousseff para a posse, relacionando-as à sua atuação política: "Se o vestido acompanhado pelo casaquinho não favoreceu sua silhueta, pelo menos a cor neutra se impôs como símbolo de sua intenção de governar para todos. (...) A maquiagem foi correta: discreta e sem arroubos como convém a uma mulher que ocupa o cargo máximo de um país"

(02/01/2011, página 4). Na opinião do jornal, porém, apesar de ter acertado na cor, "o casaco era largo demais, quadrado, não definindo a cintura e, assim, aumentando o volume da silhueta. A gola era grande demais, e o tecido texturizado, além de engordar, não harmonizou com a faixa presidencial. A melhor opção seria um tecido plano." A matéria decreta que "elegância feminina não foi o forte da cerimônia" e comenta também os modelitos de outras mulheres presentes, como a senadora Serys Slhessarenko (PT-MT), que "surpreendeu usando um modelo vermelho com uma overdose de informação que em nada lhe favorecia", além de Paula Rousseff, filha da presidenta, e Marcela Temer, esposa do vice-presidente Michel Temer: "tudo indica que, com alguns ajustes, ela será o ícone da elegância do governo que se instala" (02/01/2011, página 4)<sup>37</sup>.

A vice-primeira dama, aliás, "chamou a atenção durante a posse" e "monopolizou os olhares", segundo a *Folha*: "Ela vestia uma saia justa, salmão, de tecido estruturado, e uma blusa fluida beringela" (02/01/2011, página 9). O texto segue com informações sobre a vice-primeira-dama, que antes do casamento "queria ser modelo e apostou em concursos de miss", e sobre como conheceu e se envolveu com Temer. Paula Rousseff, filha da presidenta, foi "outra mulher que chamou a atenção", segundo o jornal: "Paula, 34, casada e mãe de Gabriel, único neto de Dilma. Mora em Porto Alegre, trabalha como procuradora, e ontem desfilou no Rolls Royce presidencial" (02/01/2011, Página 9).

Já *O Globo* dedica um box a Marcela Temer e ao *frisson* que se seguiu à sua aparição na Praça dos Três Poderes - entre os usuários do Twitter. Segundo *O Globo*, o fato de Marcela ter ficado entre os *trending topics* mundiais no dia da posse é prova de que "a beleza estonteante da mulher do vice-presidente Michel Temer" foi "a verdadeira atração" do evento de posse da primeira presidenta do Brasil. "Com seus 28 anos - 42 mais jovem que o marido -, a vice-primeira-dama vestia uma saia justa e uma camisa que lhe deixavam os braços de fora. Ao lado dos governantes no Parlatório, sob os flashes e câmeras que transmitiam ao vivo a cerimônia, Marcela despertou amores à primeira vista. (...) Em segundos surgiu a hashtag #marcelatemernaplayboy, usada para quem já torce por uma capa da revista com a vice-primeira-dama. Assim que ela apareceu em frente às câmeras, foi criado um perfil falso para Marcela no Twitter, @marcelatemer. Em uma hora, conseguiu 445 seguidores" (02/01/2011, página 14).

---

<sup>37</sup> Sobre a figura da primeira-dama e seu papel na imagem do governo, cf. BORGES, Pollyana de Moraes. "O lugar da primeira-dama na construção da imagem de governo - De Eleanor Roosevelt a Michelle Obama". Monografia (Graduação em Comunicação Social - Habilitação em Jornalismo) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

Apesar deste tratamento fortemente marcado pelos estereótipos de gênero, a questão foi pouco abordada diretamente pelos dois jornais. Na cobertura da vitória nas eleições, *O Globo* destaca a fala do então presidente Lula sobre a campanha eleitoral de José Serra, que para ele foi "agressiva" e disseminou "o ódio e o preconceito" ao usar questões como aborto e religião como arma eleitoral (01/11/2010, página 16). A *Folha de São Paulo* vai além e explicita a questão de gênero na fala de Lula: "O presidente atribuiu os ataques a Dilma a 'preconceito' contra a mulher" (01/11/2010, página 4)<sup>38</sup>.

*O Globo* aborda a questão de gênero em matéria que analisa o significado de uma mulher ter sido eleita, pela primeira vez, presidente do Brasil. Segundo o jornal, "Dilma chega ao posto mais alto da nação depois de uma campanha em que bandeiras feministas foram pisoteadas", mas não explica quais são essas "bandeiras" ou como elas foram "pisoteadas". Pergunta se "a eleição da ex-ministra e ex-militante é fruto da luta das mulheres" e responde que "especialistas divergem". Os "especialistas" oferecem pontos de vista diversos sobre a vitória de Rousseff, mas todos reconhecem a importância social e histórica da eleição de uma "presidenta". Eunice Michiles, primeira senadora da República, que assumiu em 1979 pela ARENA representando o Amazonas, lembra como foi recebida no Congresso por seus colegas homens: "Fui recebida de maneira muito gentil, com flores, poemas. Foi muito interessante. Mas não deixei de perceber que era discriminatório. Não se recebe um senador assim. Eu era apenas a dama, uma senhora chegando" (01/11/2010, página 25).

Sobre a repercussão da eleição de Dilma na imprensa internacional, *O Globo* destaca que o jornal britânico *The Guardian* "chamou atenção para o fato de Dilma, uma 'ex-rebelde marxista', que 'fez cirurgia plástica para aumentar seu apelo', ser a primeira mulher presidente do país", e observa que, no site do mesmo jornal, "internautas desejaram aos brasileiros um destino melhor do que eles tiveram com a sua governante do sexo feminino, Margaret Thatcher". Ainda segundo o jornal carioca, o francês *Le Monde* "também lembrou o passado de oposição à ditadura militar e tortura de Dilma, citando sua reputação de 'dama de ferro'" (01/11/2010, página 26). Na matéria "Intimidade com Hillary e afagos de Chávez", sobre os convidados internacionais para a cerimônia de posse, *O Globo* destaca fala do presidente venezuelano sobre a presidenta e as mulheres no poder: "Dilma é extraordinária. Eu sou feminista. As mulheres são melhores que os homens. Quando eu entregar o governo - não sei quando - gostaria que fosse para uma mulher" (02/01/2010, página 14).

---

<sup>38</sup> Sobre a discussão sobre religião e aborto na campanha eleitoral de 2010 e sua repercussão na mídia, cf. MANTOVANI, Denise. "Gênero e eleições presidenciais: um estudo sobre a hegemonia da temática religiosa no debate eleitoral de 2011". Artigo apresentado no IV Encontro da Compólitica, abril de 2011.

A oposição razão masculina e afeto feminino, comentada no capítulo 4, é subvertida nas narrativas sobre o relacionamento entre Lula e Dilma Rousseff. Em "Sobre como Lula fabricou sua candidata" (01/11/2010, página 5 do suplemento "De Silva para Rousseff"), *O Globo* resgata como os dois se conheceram. "A mulher que até hoje se refere a Luiz Inácio Lula da Silva com admiração, mesmo longe dos holofotes e da imprensa, era apenas um nome técnico para seu ídolo no fim de 2002". Comenta a oposição entre a sisudez da então ministra e a expansão do então presidente: "A mulher fechada em planilhas foi ganhando, aqui e acolá, um afago do presidente, que a pegava pelo braço e apoiava sua mão na dela, como faz com alguns ministros e amigos mais próximos"; "Lula achava graça - e já disse isso em público - da fama de mal-humorada de Dilma. São muitas as histórias de que ela bateu na mesa, gritou e xingou auxiliares". Porém, "à medida que o convívio foi aumentando, a criatura foi adquirindo outros traços do criador": "Dilma está mais brincalhona" e "a mudança de humor dela é evidente, segundo um auxiliar de Lula. Nas reuniões de coordenação que passou a frequentar quando chegou à Casa Civil, Dilma limitava seus comentários à pauta sempre técnica, ao contrário dos demais - a grande maioria, homens -, que, vez ou outra, falavam de futebol ou assuntos paralelos". O jornal questiona se, como presidenta, "a criatura formatada será um Lula de saias ou uma Dilma meio mineira, meio gaúcha, mas com identidade própria".

Na mesma edição, o jornal carioca comenta os "estilos" de Rousseff e Lula (01/11/2010, página 24). Segundo *O Globo*, a "cria de Lula" tem uma forma "mais rígida e metódica" de conduzir sua rotina. Lula teria um "estilo mais informal, festivo e, às vezes, rebelde com a liturgia do cargo". O vice-governador do Rio de Janeiro, Luiz Fernando Pezão, afirma que Rousseff "é uma gerente, muito disciplinada. Já o Lula tem um estilo muito alegre, brincalhão. O ritmo é outro". A presidenta eleita teria "perfil 'técnico' e inflexível", seus discursos seguem "linhas mais racionais" e ela prefere "seguir o script". "O sossego deve voltar ao Palácio da Alvorada", já que "sai o peladeiro de fim de semana, que gosta de ouvir música sertaneja e pescar no Lago Paranoá, encher o Alvorada e a Granja do Torto de amigos para churrascadas regadas a muita cerveja" e "entra a amante de ópera e músicas da jovem guarda".

A imagem da ministra rígida e temperamental e o presidente fanfarrão contrasta com a insistência na representação de Dilma Rousseff como discípula leal e disciplinada de Lula, que teria um "plano de poder" no qual a atual presidenta seria apenas um brinquedo. Em sua cobertura, *O Globo* destaca incessantemente o papel do então presidente Lula na eleição de



Rousseff: "Lula deu ontem mais um passo no seu projeto de poder: transformou a ex-ministra Dilma Rousseff, que até então não havia disputado nenhuma eleição, na primeira mulher eleita para presidente do Brasil" (01/11/2010, página 1). A "candidata de Lula" e "mãe do PAC" discursou após a divulgação do resultado das eleições "num pronunciamento que só a deixou emocionada quando agradeceu a Lula e exaltou o presidente" (01/11/2010, página 3). Segundo o jornal, "o fantasma de Lula permanecerá rondando Brasília", e "um dos desafios de Dilma é se livrar da imagem de que não passa de uma sombra de seu criador. Mas não a ponto de se descolar dele" (01/11/2010, página 3). Na página 4, com a íntegra do discurso após a vitória nas eleições, uma foto de Rousseff com os olhos marejados e a legenda: "Dilma chora ao falar de Lula: 'Baterei muito à sua porta'".

Em texto sobre um jantar de Rousseff na casa do ex-marido Carlos Araújo no sábado anterior à votação, com detalhes sobre o cardápio e a conversa entre os dois, Araújo, "ex-marido e confidente", contraria a percepção de que a presidenta eleita seja "fantoche" de Lula: "Quem acha que a Dilma não vai governar o Brasil não a conhece. Ela não é de delegar tarefas. Vai ter as rédeas do seu governo" (01/11/2010, página 10). Apesar disso, *O Globo* afirma que "alguns lulistas até dizem que [em 2014] Lula será candidato, independentemente do desempenho de Dilma. A escolha da petista para sua sucessão foi baseada na confiança de que ela, sempre leal, não dificultaria uma eventual volta dele" (01/11/2010, página 11). Para o jornal, Lula "foi o grande vencedor" e "se converteu no primeiro presidente da História republicana a eleger o sucessor e a exibir um projeto de poder" (01/11/2010, página 12).

*O Globo* foi ao Nordeste, região onde Rousseff teve melhor desempenho nas eleições, para saber "O que o povo quer da 'mulher do Lula'" (01/11/2010, página 11). Colheu depoimentos de populares, como da vendedora Maria Conceição de Lima: "Não tenho dúvida de que a mulher vai reinar. Vai mandar nesses homens todinhos. Ela é determinada, guerreira, iluminada e aprende com o melhor professor do mundo, que foi Lula. Ao contrário do que muita gente pensa, Dilma não vai ser boneca, figura decorativa". A vendedora Maria do Carmo Santana da Silva afirma que Rousseff, "como primeira mulher presidente, tem uma responsabilidade muito grande. Ela é muito forte, até o câncer ela venceu. Não vai ser a sombra de Lula" (01/11/2010, página 11).

Apesar de não fazer parte da amostra das matérias lidas em busca dos traços e enquadramentos referentes à questão de gênero, a entrevista com Julia Sweig, pesquisadora e diretora de Estudos da América Latina e do Global Brazil Initiative do Council on Foreign Relations em Washington, deve ser mencionada, pois é o único momento em que se fala de

sexismo na percepção de Dilma como marionete do ex-presidente e "esquentacadeira" para a volta de Lula ao poder, tônica da cobertura de *O Globo*, em especial. Ela afirma que são "comentários sexistas": "Assumem que ela não será capaz de ter o seu próprio governo de forma independente". Após a insistência do repórter em perguntar sobre o peso de Lula, o "estadista", sobre Rousseff, a "tecnocrata", a pesquisadora explicita: "De novo, neste início de governo, acho as críticas de fundo sexista. Se Dilma fosse um homem, acredito até que a pergunta não seria formulada dessa maneira. Seria: 'Como o presidente deve controlar e aproveitar Lula como um ativo e um recurso para governar no futuro?'" (02/01/2011, página 19).

## 6. Conclusão

Este trabalho procurou lançar luz sobre a sub-representação das mulheres na política brasileira, explorando como a cobertura jornalística pode condicionar e constranger a atuação destas mulheres, retratando-as a partir de enquadramentos e estereótipos de gênero.

A abordagem da relação entre os campos da comunicação e da política, complexa e multifacetada, foi centralizada na cobertura jornalística da política, que se apresenta como a principal, senão a única, fonte de informações da esfera civil sobre o mundo político. O jornalismo, cujo discurso se legitima no trio de preceitos da imparcialidade, objetividade e neutralidade, é fonte e índice de capital político, na medida em que dota de importância certos atos, eventos e atores políticos e certifica a relevância destes mesmos atos, eventos e atores. Desta maneira, pauta a agenda pública, informando aos leitores, espectadores e consumidores de informação a que questões eles deveriam dar atenção, influenciando também a agenda política, que procura responder aos anseios do eleitorado e ao mesmo tempo capitalizar a visibilidade proporcionada pela atuação em tais questões.

O noticiário político, entretanto, se insere em um contexto muito maior: a mídia, como organizadora e difusora de representações sociais, estabelece-se como lugar e momento de representação política, ao colocar-se como portadora e defensora do interesse geral da nação. Nação esta formada por diferentes grupos sociais, perpassados por diferentes interesses e necessidades, mas que se veem representados midiaticamente sob um ponto de vista pretensamente universal, que corresponde, na realidade, ao ponto de vista de um grupo hegemônico que não tem interesse em ver as necessidades destes grupos minoritários atendidas.

Neste sentido, as mulheres são apenas um dos muitos grupos sociais afetados negativamente pela atual configuração das práticas jornalísticas e de seus discursos. Negros, índios, deficientes físicos e pessoas pertencentes a classes sociais com menor poder aquisitivo também veem suas perspectivas e demandas esvaziadas e enfraquecidas nos ambientes midiáticos, o que faz com que encontrem dificuldades em se fazer representar politicamente. Entende-se que o pluralismo político caminhe *pari passu* com o pluralismo dos discursos veiculados na mídia, e que a ampliação da presença midiática destas minorias sociais pode influir diretamente na participação destes grupos na esfera pública, dotando-os de capital político e legitimando suas lutas e reivindicações.

As mulheres políticas, em especial, são obrigadas não só a enfrentar a configuração patriarcal do meio político como também a ver a si mesmas e a suas atuações representadas midiaticamente sob um viés sexista, calcado em estereótipos de gênero, que constantemente reforçam o pertencimento da mulher à esfera privada, à dimensão materna do cuidado com o outro e à futilidade de preocupações estéticas com a aparência física e a autoapresentação. Esta representação dificulta a entrada das mulheres na vida pública e prejudica sua atuação, colocando obstáculos a sua trajetória e ascensão política que não se apresentam aos homens. A sub-representação das mulheres políticas no noticiário - entendida em termos quantitativos e qualitativos -, se transfigura em uma sub-representação na esfera política, que é também reforçada e mantida pelos mecanismos de funcionamento do meio político tal como ele se apresenta hoje.

Entende-se portanto que, para mudar este quadro, mudanças no sistema político também são imprescindíveis. A lei nº 9504/97, que estabelece um mínimo de 30% e máximo de 70% de candidaturas para qualquer um dos sexos, é virtualmente inócua, e não surte mais efeito no número de mulheres em cargos eletivos. Medidas como o financiamento público de campanhas políticas, o estabelecimento de listas fechadas com alternância de sexos entre os candidatos, e a adoção de cotas também dentro dos partidos, para que reservem fundos, tempo de propaganda partidária e cargos de direção para mulheres, facilitariam a inserção e a atuação delas no campo político. Mas é necessário ir mais fundo e reconhecer as origens do problema, como a histórica e ainda corrente divisão sexual entre homens e mulheres, da qual deriva a ideia do pertencimento de cada gênero a diferentes esferas sociais e diferentes modos de vivência da cidadania, ou mesmo a negação da fruição desta cidadania às mulheres.

A presença de uma mulher no Gabinete da Presidência da República no Palácio do Planalto, em Brasília, a partir do dia 1º de janeiro de 2011, se apresenta como uma novidade a ser absorvida pelos quase 191 milhões de brasileiros e a ser elaborada pelo discurso jornalístico no noticiário político. A própria recusa ao uso do termo *presidenta*, que segundo a *Folha de São Paulo* é "desnecessário e causa estranheza"<sup>39</sup>, pode ser entendido como uma certa má-vontade ou até negação dos veículos jornalísticos desta nova realidade.

Nestes primeiros seis meses de governo, Dilma Rousseff tem se mostrado comprometida com o aumento da representação feminina nas esferas de poder. No dia 07 de junho, devido - mais uma vez - à queda do ministro da Casa Civil, Antonio Palocci, a

presidenta convocou a senadora Gleisi Hoffman (PT-PR) para ocupar a pasta<sup>40</sup>. Três dias depois, substituiu o ministro Luiz Sérgio, na pasta de Relações Institucionais, pela ministra Ideli Salvatti, que chefiava o Ministério da Pesca e Aquicultura, para onde foi Luiz Sérgio<sup>41</sup>.

Os enquadramentos de gênero na cobertura da atuação das mulheres políticas, como abordados neste trabalho, já podem ser observados na repercussão do aumento da presença feminina em cargos-chave no governo Rousseff. *O Globo* fala em "Palácio da Luluzinha", já que "agora são três mulheres, contra dois homens, entre os chamados ministros palacianos - aqueles com gabinete próximo ao da presidente"<sup>42</sup>. Na cobertura da posse da ministra Gleisi Hoffman, casada com o ministro das Comunicações, Paulo Bernardo, *O Globo* destacou a presença de seus filhos no evento, afirmando que "a família da nova ministra foi o centro das atenções durante a solenidade": "No final do discurso de Gleisi, Paulo Bernardo permitiu que as crianças fossem dar um beijo na mãe. Os dois subiram ao púlpito e beijaram a mãe enquanto a presidente Dilma já discursava"<sup>43</sup>. A revista *IstoÉ* dedicou a capa de sua edição do dia 15 de junho de 2011 ao "casal mais poderoso da República", em reportagem que destaca o relacionamento entre os dois ministros e a rotina da vida em família<sup>44</sup>. Já a ministra Ideli Salvatti ganhou um perfil na *Folha de São Paulo* do dia 11 de junho de 2011, com o título "Estilo agressivo esconde lado festeiro e vaidoso". A matéria afirma que "Ideli adora Carnaval e Chico Buarque e perdeu 40 quilos após fazer cirurgia", e que Rousseff e ela "recentemente, tricotavam sobre o marido da ministra, que completou o desafio *ironman*"<sup>45</sup>.

Será interessante observar se Rousseff, nos próximos três anos e meio que faltam para completar seu mandato, continuará a ampliar a presença feminina em seu governo, e se o fato de o país ter uma presidenta e um ministério com quase 30% de mulheres influenciará no número de candidaturas e vitórias femininas nas eleições municipais de 2012. Mais importante ainda será acompanhar a cobertura jornalística e midiática destas mulheres,

<sup>40</sup> "Palocci pede demissão, e senadora Gleisi Hoffman assumirá Casa Civil", disponível em <<http://oglobo.globo.com/pais/mat/2011/06/07/palocci-pede-demissao-senadora-gleisi-hoffmann-assumira-casa-civil-924633518.asp>>, acesso em 18/06/2011.

<sup>41</sup> "Ideli assume Relações Institucionais; Luiz Sérgio vai para Pesca", disponível em <<http://oglobo.globo.com/pais/mat/2011/06/10/ideli-assume-relacoes-institucionais-luiz-sergio-vai-para-pesca-924657874.asp>>, acesso em 18/06/2011.

<sup>42</sup> "Dilma se cerca de mulheres no Planalto e agora tem um Ministério com quase um terço feminino", disponível em <<http://oglobo.globo.com/pais/mat/2011/06/10/dilma-se-cerca-de-mulheres-no-planalto-agora-tem-um-ministerio-com-quase-um-terco-feminino-924664125.asp>>, acesso em 18/06/2011.

<sup>43</sup> "Gleisi Hoffman toma posse e rebate apelido 'trator' na despedida do Senado", disponível em <<http://oglobo.globo.com/pais/mat/2011/06/08/gleisi-hoffmann-toma-posse-rebate-apelido-trator-na-despedida-do-senado-924638264.asp>>, acesso em 18/06/2011.

<sup>44</sup> "O casal mais poderoso da República", disponível em <[http://www.istoe.com.br/reportagens/141526\\_O+CASAL+MAIS+PODEROSO+DA+REPUBLICA](http://www.istoe.com.br/reportagens/141526_O+CASAL+MAIS+PODEROSO+DA+REPUBLICA)>, acesso em 18/06/2011.

<sup>45</sup> *Folha de S. Paulo*, 11 de junho de 2011, Primeiro Caderno, página A6.

atentando para o modo em que elas são representadas e como esta representação pode influenciar a sua atuação política. A pesquisa acadêmica em Comunicação, Política e Gênero, focada nos discursos sobre estas mulheres e especialmente sobre a primeira presidenta do Brasil, pode oferecer respostas e caminhos para mudar não só o modo em que elas são representadas como também para ampliar a presença de mulheres e outros grupos sub-representados na mídia. O pluralismo de perspectivas sociais no discurso midiático pode ajudar a estabelecer as bases para um efetivo pluralismo político e para uma democracia efetivamente representativa, que seja de fato um governo do povo, representado nas esferas decisórias em toda a sua multiplicidade e diversidade.

## 7. Bibliografia

ALBUQUERQUE, Afonso de. "As três faces do Quarto Poder". In: MIGUEL, Luís Felipe; BIROLI, Flávia (org.). *Mídia, representação e democracia*. São Paulo: HUCITEC, 2010.

ALDÉ, Alessandra. *A construção da política*. Rio de Janeiro: Editora FGV. 2004.

AVELAR, Lúcia. "Mulher e política: o mito da igualdade". In: *Revista Social Democracia Brasileira*, 2002. Disponível em <[http://ww1.psdb.org.br/psdb\\_antigo/Partido/itv/revista/revista\\_02/p4054\\_mulher.pdf](http://ww1.psdb.org.br/psdb_antigo/Partido/itv/revista/revista_02/p4054_mulher.pdf)>, acesso em 12/06/2011.

BIROLI, Flávia. "Gênero e política no noticiário das revistas semanais brasileiras: ausências e estereótipos". In: *Cadernos Pagu*, número 34, janeiro-junho de 2010:269-299. Disponível em <[http://repositorio.bce.unb.br/bitstream/10482/7122/1/ARTIGO\\_GeneroPoliticaNoticiario.pdf](http://repositorio.bce.unb.br/bitstream/10482/7122/1/ARTIGO_GeneroPoliticaNoticiario.pdf)>, acesso em 12/06/2011.

BOURDIEU, P. *A dominação Masculina*. 2a. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 2002.

GADRET, Débora Lapa. "Os enquadramentos sobre Dilma Rousseff nas notícias do Jornal Nacional". In: *CoMtempo - Revista Eletrônica do Programa de Pós-graduação da Faculdade Cásper Líbero*, São Paulo, v.2, n.2, dez.2010/maio 2011. Disponível em <<http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/comtempo/article/viewFile/7487/6887>>, acesso em 12/06/2011.

GOMES, Wilson. *Transformações da política na era de comunicação de massa*. São Paulo: Paulus, 2004.

GROSSI, Míriam Pillar; MIGUEL, Sônia Malheiros. "Transformando a diferença: as mulheres na política". In: *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 9, no. 1, p. 167-206, 2001. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v9n1/8609.pdf>>, acesso em 12/06/2011.

MANOEL, Marjorie Rodrigues. *Backlash à brasileira: A construção do feminino em veículos jornalísticos impressos*. Monografia (Graduação em Jornalismo) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

MATOS, Marlise. "Opinião pública e representação política das mulheres: novos horizontes para 2010?". In: *Em Debate*, Belo Horizonte, v.2, n.3, p 31-37, março 2010. Disponível em <<http://www.opiniaopublica.ufmg.br/emdebate/marlise7.pdf>>, acesso em 12/06/2011.

McCOMBS, Marshall; SHAW, Donald. "The Agenda-Setting Function of Mass Media". In: *Public Opinion Quarterly*, XXXVI, 2, 1972. Disponível em <[http://www.sfu.ca/media-lab/archive/2009/326/Readings/McCombs\\_Agenda%20\\_Setting\\_1972.pdf](http://www.sfu.ca/media-lab/archive/2009/326/Readings/McCombs_Agenda%20_Setting_1972.pdf)>, acesso em 28/05/2011.

MIGUEL, Luís Felipe. "Política do desvelo: representação e 'singularidade feminina'". In: *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, Volume 1, nº 1, 2001. Disponível em <<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/9706/8913>>, acesso em 17/06/2011.

\_\_\_\_\_. "Os meios de comunicação e a prática política". In: *Revista Lua Nova*, São Paulo, números 55-56, 2002. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/ln/n55-56/a07n5556.pdf>>, acesso em 12/06/2011.

\_\_\_\_\_. "Capital político e carreira eleitoral: algumas variáveis na eleição para o congresso brasileiro". In: *Revista Sociologia e Política*, Curitiba, número 20, junho 2003. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/rsocp/n20/n20a10.pdf>>, acesso em 12/06/2011.

MIGUEL, Luís Felipe; BIROLI, Flávia. *Gênero e política no jornalismo brasileiro*. Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho "Comunicação e Política", do XVII Encontro da Compós, na UNIP, São Paulo, SP, em junho de 2008. Disponível em <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/viewFile/4412/3311>>, acesso em 17/06/2011.

\_\_\_\_\_. (org.). *Mídia, representação e democracia*. São Paulo: HUCITEC, 2010.

\_\_\_\_\_. *Caleidoscópio convexo: mulheres, política e mídia*. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

PAIVA, Raquel. *Política: Palavra feminina*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2008.

RIBEIRO, Antônio Sérgio. "A mulher e o voto". In: Site da Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo, 2002. Disponível em <[http://www.al.sp.gov.br/web/eleicao/mulher\\_voto.htm](http://www.al.sp.gov.br/web/eleicao/mulher_voto.htm)>, acesso em 12/06/2011.

RODRIGUES, Almira. *A participação política das mulheres nas eleições 2006*. Disponível em <<http://www.mulheredemocracia.org.br/noticias.php?noticia=469>>, acesso em 12/06/2011.

SODRÉ, M.; PAIVA, R.; NÓRA, G.; SOUZA, J.. "A representação do feminino nas eleições de 2006". In: *Revista Lumina - Apresentação*, América do Sul, 2 19 08 2008.



## **8. Anexos**

Observação: nem todos os fac-símile da *Folha de São Paulo* estavam disponíveis. Nestes casos, constam nestes anexos os textos das matérias disponíveis no site do jornal. Em alguns casos os títulos e/ou subtítulos estão diferentes de como aparecem no impresso e nas tabelas 3 e 5 do capítulo 5, porém sem prejuízo do conteúdo das matérias, que é o mesmo do jornal impresso.

ANEXO A - 14 de junho de 2010: cobertura do lançamento oficial da candidatura à  
Presidência

*Folha de São Paulo*

Primeiro caderno

Páginas A1, A4, A6

*O Globo*

Primeiro caderno

Páginas 1, 3, 4







# poder

PAINEL

RENATA LO PRETE

painel@folha.com.br

## Marca registrada

Tudo o empenho da campanha do PT na convenção de ontem esteve voltado à tentativa de consolidar a ideia de que Dilma Rousseff, se eleita, não será apenas a herdeira de um governo bem sucedido e aprovado. Ao construir o evento em torno da questão do "gênero", os petistas quiseram na verdade passar o recado de que, assim como a eleição de Lula foi emblemática pela chegada de um operário ao poder, Dilma, sendo mulher, pode imprimir uma marca tão forte quanto. Esta possibilidade será levantada a todo momento nos próximos meses.

**Script** Lula zarpou do evento assim que Dilma encerrou sua fala para não dividir holofotes com a candidata. A petista cruzou diversas vezes o palco para tirar fotos e abraçar militantes.

**Som na caixa A** marchinha "depois do cara a gente vota na coroa" não agradou à plateia, formada majoritariamente por mulheres. Diante das vaías, o jingle não voltou mais ao repertório.

**Na pressão 1 O** comando da campanha de Dilma sabe que ela teve menos exposição do que José Serra no "JN" de sábado pelo simples motivo de que a convenção do dia era a dele — ela prestigiou a de aliados.

**Na pressão 2** Apesar disso, a grita foi generalizada, chegando até ao discurso de Lula. O objetivo é indicar que a campanha está, nas palavras de um coordenador, "marcando" a Rede Globo e a grande imprensa em geral.

**Cortesia** Pressionado pelo Planalto para aceitar a vice de Hélio Costa (PMDB) em Minas, Patrú Ananias recebeu uma referência explícita de Dilma no discurso, quanto ela prometeu fortalecer o Bolsa Família se eleita.

**Ferida** Irado com a cúpula do partido, que determinou o apoio forçado a Roseana Sarney (PMDB) no Maranhão, Domingos Dutra (PT) desabafou com um petista de São Paulo: "O que fizeram conosco foi como obrigá-lo a apoiar Maluf".

**Lados** A presença do vice-presidente do PP, Mário Negromonte (RA), na mesa da convenção do PT teve a bênção do presidente da sigla, Francisco Dornelles (RJ).

» com SILVIO NAVARRO e LETÍCIA SANDER

### tiroteio

Serra disse que ele não caiu de paraquedas na campanha. Na verdade, ele está caindo sem paraquedas.

DO DEPUTADO CÁNDIDO VACCAREZZA (PT-SP), líder do governo na Câmara, invertendo a fala usada pelo tucano para alfinetar a adversária petista.

### contraponto

#### Morrendo de saudade

Já passava do meio-dia de sexta-feira quando o ministro Alexandre Padilha (Relações Institucionais) chegou à reunião do Diretório Nacional do PT, em Brasília. Cercado por repórteres, ele próprio fez questão de falar dos cuidados com a legislação eleitoral: — Vocês notaram que eu só cheguei à reunião na hora do almoço?

E ainda emendou: — Eu vim de táxi, viu? Aliás, tão igual a Angélica agora: só "vou de táxi".



**Telão** A campanha de Dilma tenta organizar um convésio para que ela assista à estreia do Brasil na Copa, amanhã, com a comunidade brasileira em Paris.

**Rodízio** Após o duro discurso contra Dilma e Lula na véspera, José Serra transferiu a tarefa aos aliados ontem no lançamento de Geraldo Alckmin (PSDB) ao governo paulista. O tucano apenas sugeriu os temas: confronto de biografias e corrupção.

**Tintas** Tucanos, entre tanto, ficaram de cabelo em pé quando Orestes Quercia (PMDB-SP), candidato ao Senado, falou em "dar um sarrafo na moça do PT".

**Urna** O PMDB identificou mais votos de delegado gaúcho pela candidatura de Roberto Requião (PR) à Presidência do que do Estado dele, o Paraná. Pegou mal para Eliane Padilha (RS), amiga do peito de Michel Temer.

**Balcão** Está em curso uma operação para tentar convencer Orlando Pessutti (PMDB) a desistir da candidatura ao governo do Paraná. Em troca, ele mudaria o vice de Osmar Dias (PDT).

**Comando** O governo abortiu a ideia de liquidar a votação do pré-sal na Câmara na quarta. O motivo é que Temer, estará na Europa.

PRESIDENTE 40 ELEIÇÕES 2010

# Dilma diz que fará Brasil de Lula com 'alma de mulher'

Na convenção do PT, presidente reforça ideia de que votar na petista é votar nele

**Lula diz que, apesar de não disputar a eleição, continuará na cédula: "Eu mudei de nome e vou colocar Dilma"**

DE BRASÍLIA  
DA ENVIADA A BRASÍLIA

Dilma Rousseff, 62, foi confirmada ontem candidata do PT à Presidência em um evento cujos motes foram a exaltação à figura da mulher e a tentativa de colar a imagem da petista à do presidente Lula, que tem aprovação de 76% da população.

Na convenção do partido, em Brasília, Dilma disse em discurso que fará um governo como o de Lula, mas "com alma e coração de mulher".

O tema da convenção (mulheres), idealizado pelo marquês João Santana, teve o objetivo de melhorar o desempenho da petista no eleitorado feminino.

De acordo com a última pesquisa Datafolha, Dilma e José Serra (PSDB) estão empatados com 37% das intenções de voto, mas o tucano vence entre as mulheres (38% a 33%).

Durante o dia, foram exibidos vídeos de brasileiras ilustres, como a princesa Isabel e a compositora Chiquinha Gonzaga. Maria da Penha, que inspirou lei contra a violência doméstica, estava lá.

Na plateia, um espaço em frente ao palco foi reservado ao público feminino, que recebeu bandeiras de cor lilás.

A convenção serviu para mostrar que Lula será mais do que um cabo eleitoral de Dilma — ele irá reforçar a ideia de que votar em sua ex-ministra é votar nele.

Em tom de brincadeira, Lula disse que irá trocar de nome para continuar a receber votos. "Meu nome não vai estar na cédula. Vai haver um vazio naquela cédula. E para que esse vazio seja preenchido, eu mudei de nome e vou colocar Dilma".

O tom também está explícito no novo jingle da candidatura, tocado exaustivamente: "Lula tá com ela, eu também tô", diz o refrão.

Em 51 minutos de discurso, sem improviso, Dilma prometeu um debate de "alto nível", com confronto de "projetos e programas". "Sei como estimular o debate sério e não o envenenamento".

Segundo ela, os governos anteriores trataram os mais pobres apenas como "peso, resto, carga, estorvo". "O tabu que derrubamos foi o de que era impossível governar para todos os brasileiros", disse, referindo-se aos governos FHC (1995-2002).

Dilma disse que pretende fazer um governo de "continuidade da mudança". E listou prioridades para um eventual governo. Defendeu investimentos em saúde, educação e infraestrutura.

Alguns petistas reclamaram do discurso longo. Gilberto Carvalho, chefe de gabinete de Lula, a defendeu. "Foi longo, mas tem conteúdo".

(KATIER BRAGAN, VALDO CRUZ, FABIO AMATO E ANA FLOR)



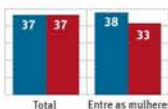
A sombra de Lula é projetada sobre imagem de Dilma, durante discurso do presidente

### INTENÇÃO DE VOTO PARA PRESIDENTE

Resposta estimulada e única, em %

■ Serra (PSDB)  
■ Dilma (PT)

Fonte: Datafolha



### FOCO

#### SEMELHANTES

Símbolo de Dilma se parece com o de Obama



## Logotipo da campanha de Dilma lembra o de Obama

DE BRASÍLIA

A campanha de Dilma Rousseff usou ontem um logotipo que lembra o utilizado na campanha de Barack Obama à Presidência dos EUA.

Redondo, o símbolo estiliza o disco central da bandeira brasileira com uma perspectiva de horizonte.

Distribuídas para a militância pela organização do evento, as bandeiras com o logo traziam também o nome de Dilma e o número 13.

Além dessas bandeiras, foram distribuídas para as mulheres bandeiras de cor lilás, com estrelas do PT.

### JINGLE DA CAMPANHA

Meu Brasil querido  
Vamos em frente  
Sem voltar pra trás  
Pra seguir mudando  
Seguir crescendo  
Ter muito mais  
Meu Brasil novo  
Brasil do povo  
Que o Lula começou  
Vai seguir com a Dilma  
Com a nossa força  
com o nosso amor  
Ela sabe bem o que faz  
Ela já mostrou que  
é capaz  
Ajudou o Lula a fazer  
pra gente um Brasil  
melhor  
Lula tá com ela  
Eu também tô  
Veja como o Brasil  
já mudou  
Mas a gente quer mais  
Quer mais e melhor  
É com a Dilma que  
eu vou  
É a mulher e sua  
força verdadeira  
Eu tô com Dilma  
Uma grande brasileira

1 Ouça o jingle  
folha.com.br/  
mm750295



PRESIDENTE 40 ELEIÇÕES 2010

# Adversários 'inventam' dossiê, diz Lula

Presidente condena 'jogo rasteiro' da oposição ao acusar equipe de Dilma de produzir material contra tucanos

**Lula ainda reclama da cobertura da imprensa ao dizer que um canal de televisão deu espaço privilegiado a Serra**

DE BRASÍLIA  
DA ENVIADA A BRASÍLIA

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva levantou ontem suspeitas sobre a neutralidade da imprensa na cobertura eleitoral e chamou de "jogo rasteiro" dos adversários a revelação de que a equipe de inteligência da campanha de Dilma Rousseff preparava dossiês contra tucanos.

Depois que dois conjuntos de papéis contra aliados e familiares de José Serra foram revelados pela imprensa, a **Folha** mostrou que há um terceiro dossiê — esse utilizando dados fiscais sigilosos de Eduardo Jorge, vice-presidente do PSDB. O partido deve tomar medidas judiciais sobre o caso.

"Esperamos que os nossos adversários estejam dispostos a fazer uma campanha de nível elevado, para discutir programa, e que não façam jogo rasteiro, inventando dossiê todo dia", disse Lula em discurso na convenção que oficializou a candidatura de sua ex-ministra.

E completou: "Nós já estamos caleados, já estamos maduros, já sabemos como eles funcionam. Então, muita tranquilidade, compa-



Lula discursa no lançamento da candidatura de Dilma, sentada ao lado do candidato a vice, Michel Temer (PMDB)

nheira Dilma, (...) porque o bicho vai pegar".

Lula reclamou da cobertura da imprensa ao dizer que, recentemente, um canal de TV deu espaço privilegiado a Serra, sem citar qual.

"É importante a gente começar a ficar esperto. (...) Quando se trata de campanha, é preciso que a imprensa seja neutra ou, no mínimo, diga que tem candidato para a gente saber quem é quem. Porque aí nós vamos mudar de canal pra ver o canal da nossa candidatura."

Falando de improviso, o presidente também agradeceu ao PT por defendê-lo durante as denúncias do escândalo do mensalão — "que cheiravam a quase golpe" —,

fez várias críticas indiretas ao ex-presidente tucano Fernando Henrique Cardoso (1995-2002) e não economizou nas brincadeiras.

Sobre o confronto de outubro, o presidente afirmou que as possibilidades de vitória "são totais", quase "absolutas". "Que ninguém resolva tirar férias agora e resolva viajar porque a eleição está fácil." Dilma embarca amanhã para encontrar-se com líderes europeus.

"Não tenho dúvida de que eu posso ir lá tomar água de coco em Boa Viagem [Recife], que a Dilma vai governar com a maior sabedoria", encerrou Lula. (FÁBIO AMATO, RANIER BRAGON, VALDO CRUZ E ANA FLOR)

## CONVENCIONAIS

**Descompasso** Dilma não conseguiu concluir o discurso, escrito previamente. Quase no final da fala, a plateia começou a aplaudir e cantar quando entendeu que ela, ao elevar a voz, já havia encerrado. Dilma ficou parada na tribuna, tentando retomar, mas aí o jingle entrou e a produção soltou a chuva de papel prateado.

**Tchau, tchau** O PT abandonou o recém-nascido "presidente". Um banner anunciava "Dilma Presidente", para desgosto de algumas mulheres. A explicação é a de que pesquisas internas mostram que há divergência sobre o melhor termo a ser usado.

**A volta da coroa** O jingle anterior do marqueteiro João Santana, que diz "Depois do cara a gente vota na coroa", não era para tocar ontem, quando reinaria a nova música de Dilma. Ele entrou no script a pedido da própria candidata, que não se importou de ser chamada de coroa e adora a música.

**Aclamação** Em meio à festa para as mulheres, discursos, cantos, jingles novos e muita gente, o PT quase se esquece do básico. Só a certa altura alguém lembrou que o partido teria que realizar uma votação pré-forma para oficializar a candidatura de Dilma.

## Presidente deve vetar reajuste a aposentados

DE BRASÍLIA

O chefe de gabinete de Lula, Gilberto Carvalho, disse que "a tendência" de seu chefe é vetar o reajuste de 7,7% aos aposentados que ganham mais de um salário mínimo, que foi aprovado pelo Congresso, e editar uma medida provisória concedendo um aumento entre 6,14% e 7%.

"Ainda não há uma decisão final. Mas, se não houver surpresa de última hora, a tendência dele é vetar o reajuste e conceder aquilo que o governo deu no início do ano ou honrar o acordo que havia sido feito no Congresso", disse Carvalho, durante a convenção do PT.

No início do ano, o governo havia editado uma MP aumentando em 6,14% acima da inflação, os benefícios dos aposentados que ganham acima do mínimo. Depois, aceitou um acordo em torno de 7%, mas os congressistas acabaram aprovando um reajuste de 7,7%.

Lula vai decidir amanhã, prazo final para sancionar ou vetar a decisão do Congresso. Uma ala do governo pressiona pela sanção do texto, temendo desgaste para a campanha de Dilma. (VC)

**Kalunga**  
a grande loja



FORESTER

## NOVO SUBARU FORESTER 2010 SAWD 4X4 INTELIGENTE.

A PERFEIÇÃO EM QUALQUER TERRENO.



A PARTIR DE R\$  
**86.900**



O máximo em leveza e conforto ao dirigir. Estabilidade Inigualável. Segurança preventiva. Não compre carro sem conhecer em detalhes a tecnologia Subaru.



Eleito pela segunda vez o melhor motor do mundo.



SUBARU. A marca mais segura em todas as categorias. Fonte: IIHS/2010



Novo interior com bancos com regulagem elétrica, em couro Premium.



Câmbio SPORTSHIFT® Prodrive Automático e Sequencial.



Freios a disco nas 4 rodas com ABS de 4 canais de última geração e EBD.



Teto solar panorâmico com controle eletrônico.



VDC - VEHICLE DYNAMIC CONTROL SYSTEM. Garante a tração e estabilidade em todas as situações.



Faróis de xenon HID com lavador elétrico.



10 air bags. Frontais, laterais e de cortina.



Sistema de som MP3 com disc-changer para 6 CDs.

Os equipamentos descritos nas fotos e textos são opcionais e podem ou não estar disponíveis nas versões apresentadas neste anúncio. Imagens somente para fins ilustrativos.

Forester 2.0 XS ano/modelo 2009/2010. Preço à vista R\$ 86.900,00. Entrega em 11/6/2010. 10 unidades. Oferta válida até 14/6/2010 ou enquanto durarem os estoques nos distribuidores.



oglobo.com.br

## O GLOBO

IRINEU MARINHO (1876-1925)

RIO DE JANEIRO, SEGUNDA-FEIRA, 14 DE JUNHO DE 2010 • ANO LXXXV • Nº 28.070

ROBERTO MARINHO (1904-2002)

esportes **COPA 2010**

## Alemanha, o primeiro bicho-papão

Jovem equipe mostra força e goleia Austrália por 4 a 0, com gols do 'brasileiro' Cacau e de dois 'poloneses'

• A Copa da África do Sul tem o seu primeiro favorito. A Alemanha teve ótima atuação e goleou a Austrália por 4 a 0, em Durban. O brasileiro naturalizado alemão Cacau fez o quarto gol. Os outros foram marcados por Müller e pelos "poloneses" Podolski e Klose. A jovem equipe, média de 25 anos, envolveu completamente os rivais, com rápida troca de passes. Pelo mesmo grupo, o D. Gana superou a Sérvia por 1 a 0, na primeira vitória africana. Pelo C, a Eslovênia ganhou da Argélia pelo mesmo placar, graças a um frangão, o segundo do Mundial, do goleiro argelino Chouachi.

## Enquanto isso, o secreto Brasil...

• Pelo segundo dia consecutivo, Dunga comandou um treino secreto, seguindo o exemplo do adversário de amanhã, a Coreia do Norte. Mas hoje, por exigência da Fifa, o técnico dará uma entrevista coletiva.



CACAU SUPERA o goleiro australiano Mark Schwarzer para marcar o quarto gol da Alemanha na vitória por 4 a 0, em Durban

Logo  
e Copa 2010

A página móvel associa os Big Five, os cinco animais símbolos da África do Sul, a cinco locais na teia de contrastes de Johannesburg, a capital do Mundial.

| OS JOGOS DE HOJE                             |                     |
|----------------------------------------------|---------------------|
| Real Madrid, Barcelona, Bayern e ESPN Brasil |                     |
| GRUPO E                                      |                     |
| 08:30h • Johannesburg                        | Grécia X Espanha    |
| 10:30h • Durban                              | Holanda X Dinamarca |
| 13h • Bloemfontein                           | Itália X Paraguai   |
| 15h • Johannesburg                           | Japão X Camarões    |
| 19:30h • Cidade do Cabo                      | Brasil X França     |



O que abre e o que fecha para o jogo do Brasil amanhã

RIO, página 14

Fifa admite, pela primeira vez, proibir as vuvuzelas

Felipão assume Palmeiras e PC Gusmão, o Vasco

Hamilton vence no Canadá e assume liderança da F-1

## Jorgina sai da cadeia após 13 anos

• A maior fraudadora da Previdência, a ex-advogada Maria Jorgina de Freitas, que causou um rombo de cerca de R\$ 400 milhões na década de 90, foi solta, após 13 anos de prisão. Ela deixou a penitenciária Oscar Stevenson, em Benfica, onde cumpriu parte da pena. **Página 11**

## REVISTA DIGITAL

• Sistema de transferência de créditos por celular ganha espaço em países periféricos e começa a chegar ao Brasil.

## SEGUNDO CADERNO

• Preso sob a acusação de vandalismo, o artista de rua Poster Boy tem parte de sua obra compilada em livro.

## LOTÉRIAS

MEGA-SENA • 1.187

(08 • 17 • 13 • 40 • 02 • 03) (Acumulado)

QUINA • 2.318

(11 • 23 • 29 • 02 • 20) (Acumulado)

LOTOMANIA • 1.044

(06 • 07 • 11 • 20 • 21 • 25 • 28 • 31 • 37 • 41 • 44 • 46 • 48 • 50 • 53 • 57 • 60 • 61 • 62 • 68) (Acumulado)

Página 11

## Lula: oposição faz 'jogo rasteiro' com dossiês

Candidata oficial, Dilma prega 'continuidade da mudança'



SOMBRA: Dilma e Temer, candidatos oficiais da aliança PT-PMDB, ouvem discurso de Lula

• Ao discursar ontem na convenção do PT que oficializou a candidatura à Presidência de Dilma Rousseff, o presidente Lula atacou a oposição e disse esperar que seus adversários "não façam jogo rasteiro, inventando dossiês todo dia". A cúpula do PSDB vem cobrando explicações do PT sobre a elaboração de um dossiê contra seu candidato à Presidência, José Serra. Dirigentes tucanos chegaram a classificar o episódio como uma quebra do estado de direito. Na festa petista, cujo lema foi "a continuidade da mudança", Dilma acabou ofuscada pela desenvoltura do presidente no palanque e, em seu discurso, citou o nome de Lula mais de vinte vezes. Militantes do movimento de mulheres vaiaram o trecho de um dos jingles do PT, que chama Dilma de "coroa", e também exigiram que a candidata fosse chamada de presidente. **Páginas 3 a 10**

## Petrobras faz nos país 75% de suas compras

• O índice de nacionalização de encomendas da Petrobras subiu de 57% para 75%, um salto de US\$ 18 bilhões, em seis anos. Para os críticos, a política do governo é excessivamente nacionalista e pode gerar reserva de mercado, como aconteceu com a informática no passado. **Página 17**

• O governo americano quer que a BP crie uma conta para pagar os pedidos de indenização com o vazamento de óleo. **Página 18**







## ELEIÇÕES 2010

# Lula acusa oposição de fazer 'jogo rasteiro'

Para presidente, que defendeu campanha de nível elevado, adversários inventam dossiês 'todo dia'

Luiza Damé e Leila Suwaram

• BRASÍLIA. O presidente Luiz Inácio Lula da Silva orientou ontem a candidata Dilma Rousseff, durante a convenção do PT, a se preparar para o que chamou de "jogo rasteiro" da oposição, ao se referir às denúncias de fabricação de dossiês na campanha petista contra o adversário tucano José Serra. Defendendo uma campanha de nível elevado, disse que Dilma e o candidato a vice, Michel Temer (PMDB), devem ter tranquilidade, porque "o bicho vai pegar". Lula também cobrou neutralidade da imprensa na cobertura jornalística do processo eleitoral.

— Serão três meses de muito trabalho, muita alegria e muita tensão. Esperamos que nossos adversários estejam dispostos a fazer uma campanha de um nível elevado, para discutir programa, e que não façam jogo rasteiro, inventando dossiês todo dia. Nós já estamos colecionando, nadadores, já aprendemos como eles funcionam e, portanto, muita tranquilidade porque o bicho vai pegar — afirmou Lula.

Repetido que é preciso "ficar esperto", Lula mencionou o caso do dossiê contra Serra na disputa ao governo de São Paulo em 2006, conhecido como escândalo dos algarins. Assessor da campanha do petista Aloizio Mercadante, também candidato ao governo estadual na ocasião, foram acusados de tentar comprar um dossiê.

— Vocês viram como é que foi o nível da campanha em 2006. Vocês perceberam que muita gente que aparece com a cara de santo na televisão porque todo mundo tem que aparecer rindo, com os dentes arreganhados — por de trás faz o que fizeram comigo em 2006. Nós sabemos muito bem.

Na atual campanha, o delegado aposentado da Polícia Federal Onézimo Sousa disse que foi procurado por integrantes do comitê de campanha petista para elaborar um dossiê contra Serra. O PT nega, mas o jornalista Luiz Lauzetta, que se encontrou com Onézimo, foi afastado da campanha.

## Crítica a espaço nos noticiários

• A candidata saiu na mesma linha de Lula:

— Nesta campanha nós vamos debater em alto nível, vamos confrontar projetos e programas. Vamos esclarecer ao povo que somos diferentes dos outros candidatos.

Nem discurso de 32 minutos, em que circulou com desenvoltura pelo palanque, Lula reclamou do espaço destinado à candidatura de Dilma nos noticiários sobre as convenções do PDT e do PMDB, da qual ela participou antecorrendo. Lula disse defender a liberdade de imprensa, e pregou que, em período de campanha eleitoral, a imprensa deve ser neutra ou declarar publicamente seu candidato.

— Eu estava vendo um certo canal de televisão a Dilma deve ter aparecido uns 30 segundos, e o adversário apareceu seis vezes em quase seis minutos. É importante a gente começar a ficar esperto, a olhar e começar a ver qual o tratamento vai ser dado — disse, sendo interrompido por aplausos. — Todos somos defensores da imprensa, mas não é a imprensa que tem que ficar esperto, a olhar e começar a ver qual o tratamento vai ser dado — disse, sendo interrompido por aplausos. — Todos somos defensores da imprensa, mas não é a imprensa que tem que ficar esperto, a olhar e começar a ver qual o tratamento vai ser dado — disse, sendo interrompido por aplausos.

Dilma também defendeu a liberdade de imprensa: — A consolidação do estado democrático de direito passa, igualmente, pela garantia e manutenção de ampla liberdade de imprensa e da livre circulação e difusão de ideias. ■

## Música, risos e vaias na festa da 'presidenta'

Jingle associando a candidata à palavra 'coroa' gera protesto de militantes do movimento de mulheres

• BRASÍLIA. Uma festa para as militantes e artistas do PT. Assim foi a convenção no Unicef Palace, em Brasília, que oficializou a candidatura de Dilma Rousseff à Presidência da República, com plateia predominantemente feminina. No salão, o pôster de Dilma aparecia ao lado de personalidades da História, como Anita Garibaldi, Chiquinha Gonzaga e Princesa Isabel. "Ela mudaram o Brasil. Dilma vai seguir mudando", diziam os cartazes. Dilma, como eventual futura presidente, era posta no mesmo patamar dessas figuras. Mas a grande estrela continuava sendo Lula, que discursou como um animador de auditório.

Ligadas a um movimento de mulheres, as militantes vaiaram os dois jingles do partido, que referiam-se a Lula como o "cara" e Dilma a "coroa". A implicância era com a expressão "coroa". Apontaram o dedo para baixo, em sinal de negativo e a música não foi executada mais nas caixas de som.

Outra exigência da militância feminina era que Dilma fosse chamada de "presidenta" e não de "presidente". A apresentadora oficial do evento, a atriz Tássia Camargo, tentou contornar: — Tanto faz, gente! — disse Tássia, mas as militantes não cederam.

Lula a tratou como "presidenta", mas Dilma optou por "presidente" em seus discursos. O encontro começou com quase uma hora de atraso. Enquanto a militância entoava jingles, Dilma, Lula, assessores e companheiros petistas como Antonio Palocci e José Dirceu ficaram numa sala vip. Mas quem acompanhou Dilma até o palanque foi Palocci. Aliados, como Renan Calheiros, José Sarney e Roseana Sarney, também dividiram o espaço vip com Lula e Dilma.

O vernáculo tradicional do PT sumiu do material de campanha. O "kit Dilma" distribuído aos congressistas tinha uma bandeira, botões e outros materiais de propaganda com as cores verde, amarelo, azul e branco, da bandeira nacional. Entre tantos políticos conhecidos da militância, quem fez sucesso mesmo foi o ex-treinador da seleção brasileira, Wanderley Luxemburgo, que hoje treina o Atlético Mineiro. Recém-filado ao PT, Luxemburgo, abordado para autógrafos e fotos, gravou mensagens para o programa do partido e foi citado por Lula.

— Dilma, temos que montar uma boa equipe. Podemos aproveitar a presença do Luxemburgo, que sabe como escalar o lateral direito, o lateral esquerdo e até o banco de reservas — disse Lula.

Luxemburgo tentou sair candidato a deputado federal por Tocantins, mas a Justiça Eleitoral vetou por problemas de domicílio eleitoral.



DILMA ROUSSEFF discursa no Unicef Palace, onde oficializou sua candidatura, sendo comparada a personalidades da História

bilância, quem fez sucesso mesmo foi o ex-treinador da seleção brasileira, Wanderley Luxemburgo, que hoje treina o Atlético Mineiro. Recém-filado ao PT, Luxemburgo, abordado para autógrafos e fotos, gravou mensagens para o programa do partido e foi citado por Lula.

Na área externa do salão, uma barrquinha vendia DVDs piratas de filmes e documentários de cunho político. Até o ministro Samuel Pinheiro Guimarães, da Secretaria de Assuntos Estratégicos (SAE), comprou quatro unidades, um deles sobre a vida de Trótski, revolucionário bolchevique, fundador do Exército Vermelho da extinta União Soviética.

O vendedor disse que seus DVDs não eram piratas e sim filmes "intelectuais, para aliviar a cabeça das pessoas". Candidatos petistas aproveitavam a presença de ministros e outras autoridades para tirarem fotos e fazer gravações para usar na campanha eleitoral.

Zeca Dirceu, filho do ex-ministro José Dirceu (Casa Civil), levou uma equipe de filmagem e teve acesso à sala vip. No seu discurso improvisado, Lula levou a plateia a dar risadas, dizendo que, desde a volta das eleições diretas para presidente, a partir de 1989, ele dispôs todos os pleitos.

— Este ano, vai ter um vazio na cédula (sic) sem meu nome lá.

Sentado na mesa principal, no palanque do presidente do Senado, José Sarney (PMDB-AP), foi vaiado por alguns militantes quando teve seu nome citado pelo locutor. (Eduardo Eboi e Regina Albuquerque)

## Petistas ironizam rótulo de 'neocorruptos'

Dutra diz que expressão usada por Serra é 'resultado da falta de um projeto'

Gerson Camarati

• BRASÍLIA. O PT reagiu ontem, com ataques e ironias, ao discurso feito no dia anterior pelo candidato tucano à Presidência, José Serra, que voltou a atacar o aparelhamento do Estado e usou expressões como "neocorruptos" e "esquadrões de militantes pagos com dinheiro público" para se referir ao governo petista. O presidente nacional do partido, José Eduardo Dutra, criticou a postura de Serra, ressaltando que, quando assumiu a presidência da Petrobras, em 2003, a estatal estava completamente aparelhada por políticos tucanos.

— Eu me surpreenderia se Serra fizesse um discurso elogiando Dilma. Mas ele nos acusa de algo que os tucanos fizeram. Quando entrei na Petrobras, eu conheci o aparelhamento do governo anterior. No gabinete da presidência da estatal havia uma ex-deputada do PSDB. Também tinha um ex-deputado tucano no Conselho da Petrobras — disse Dutra. — O engrançado é que, quando do grupo dele, isso é competência, mas, quando é do nosso, é aparelhamento.

Dutra diz que termo neocorruptos é inconsistente

O presidente do PT afirmou que é inconsistente a classificação "neocorruptos" feita por Serra: — É inconsistente nos chamar de neocorruptos. Isso é resultado da falta de um projeto para apresentar. Quem não tem projeto fica adjetivando o adversário — disse Dutra.



EDUARDO DUTRA discursa na Convenção Nacional do PT. "Quem não tem projeto adjetiva o adversário"

O governador da Bahia, Jaques Wagner (PT-BA), foi contundente ao afirmar que não é a honestidade que separa a candidata petista Dilma Rousseff de Serra.

— Acho muito difícil carimbar nessa moça (Dilma) a pcha de desonestidade, como acho também difícil fazer isso em relação a Serra. Nossa diferença é de projeto. Não é a honestidade que separa a Dilma do Serra. O debate dessa campanha será do modelo de desenvolvimento econômico — rebateu o governador petista.

O líder do governo na Câmara e coordenador da campanha de Dilma, deputado Cândido Vaccarezza (PT-SP),

ironizou os ataques feitos por Serra na convenção do PSDB. Para ele, isso é demonstração de desespero. Ele lembrou que em 2006 o ex-governador Geraldo Alckmin vestiu camisas com os símbolos de estatais para dizer ser contra a privatização.

— A campanha do Serra está muito parecida com a do Geraldo Alckmin, em 2006. Só falta vestir o jaleco do Banco do Brasil. O Serra está caindo sem paradas. Por isso está desesperado: só faz denúncia e não apresenta qualquer proposta. Não sei a quem ele está se referindo quando fala de neocorruptos. Ele precisa vir para o debate — disse Vaccarezza.

Em seu twitter, o secretário de Comunicação do PT, deputado André Vargas (PR), também reagiu às declarações do candidato tucano: — O Serra acusa o governo Lula de patota corporativa, mas esquece que os ministros de Fernando Henrique Cardoso viraram banqueiros.

Em seu discurso na convenção que oficializou sua candidatura à Presidência da República, sábado, em Salvador, Serra disse que "quem justifica deslizes morais dizendo que está fazendo o mesmo que outros fizeram, ou que foi levado a isso pelas circunstâncias, deve merecer o repúdio da sociedade. São os neocorruptos. ■

## Lula deve vetar reajuste de 7,7% para aposentados

A dívida do governo é como garantir o aumento de benefícios

Luiza Damé

• BRASÍLIA. O presidente Lula decidirá amanhã pelo veto ao reajuste de 7,72% às pensões e aposentadorias do INSS superiores ao salário mínimo, cedendo à pressão da equipe econômica. A dívida que persiste no governo é qual o instrumento jurídico será usado para garantir o aumento de 6,14% dos benefícios, que estão sendo pagos desde 1º de janeiro, e cumprir o acordo com as centrais sindicais e os representantes de aposentados.

— A tendência é respeitar o acordo com as centrais e fazer o veto. Essa é a tendência, mas o presidente só decidirá na terça-feira. Vamos fazer algo que não prejudique os aposentados. Eles já estão recebendo os 6,14% — disse o chefe de gabinete da Presidência, Gilberto Carvalho.

Lula também deverá vetar o fim do fator previdenciário, aprovado pelo Congresso, junto com o aumento das aposentadorias. O governo propôs um aumento de 6,14%, chegou a aceitar 7%, mas o Congresso aprovou 7,7%. Num primeiro momento, Lula pensou em sancionar esse índice, tendo um impacto negativo na candidatura da petista Dilma Rousseff. Como ela começou a crescer nas pesquisas de intenção de voto, o efeito tende a se diluir.

— Não vejo motivo para chegar aos 7,7%. O acordo tinha uma lógica, mas começamos a fazer leilão de índices, um campeonato de quem era mais bonzinho — disse ontem o ministro do Planejamento, Paulo Bernardo. ■

ANEXO B - 1º de novembro de 2010: cobertura da vitória nas eleições

*Folha de São Paulo*

Primeiro caderno

Página A1

Caderno Especial "Eleições 2010"

Páginas 1, 2, 3, 4, 6, 7, 8, 10, 12, 13, 16, 20

*O Globo*

Primeiro caderno

Páginas 1, 3, 4, 10, 11, 12, 16, 24, 25, 26, 27

Caderno Especial "De Silva para Rousseff"

Páginas 1, 2, 3, 4, 5, 9, 10, 11, 12



# FOLHA DE S. PAULO

Desde 1921

★ ★ ★ UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL

folha.com.br

DIRETOR DE REDAÇÃO: OTAVIO FRIAS FILHO

ANO 90 • SEGUNDA-FEIRA, 1º DE NOVEMBRO DE 2010 • Nº 29.797

EDIÇÃO SÃO PAULO • CONCLUÍDA ÀS 03H37 • R\$ 2,50

## DILMA É A ELEITA

### Primeira mulher a ocupar o cargo, petista teve 56% dos votos e será o 40º presidente

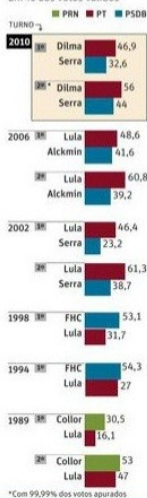
Dorival Marinho/Fotografia/Folhapress

#### INEDITISMOS

- ▶ 1ª mulher eleita
- ▶ 1ª ex-guerrilheira
- ▶ 1ª vez em 65 anos que um presidente faz o sucessor pelo voto direto
- ▶ Eleita com o apoio do maior número de partidos (10) pós-ditadura militar
- ▶ Eleição abriu discussão sobre a nomenclatura do cargo, se presidente ou presidenta. Como ambos são corretos, a Folha adotou a forma mais usada, que é presidente

#### Últimas eleições diretas

Em % dos votos válidos

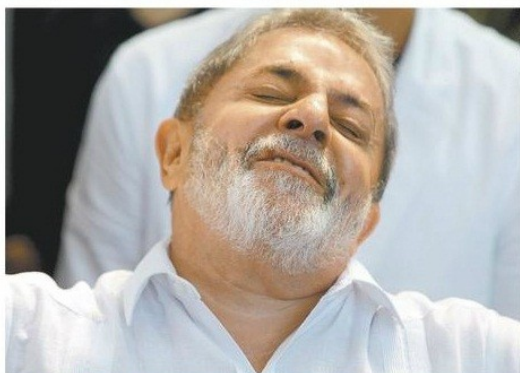


**FERNANDO DE BARROS E SILVA**  
Futura Presidência é fonte de mais dúvidas que expectativas Pág. A2

**ELIANE CANTANHÊDE**  
Líder do PMDB, Temer será vice mais forte que os anteriores Pág. 7

**VLADIMIR SAFATLE**  
Nível de acirramento torna difícil reflexão isenta da era Lula Pág. 4

**EDITORIAIS** Pág. A2  
Leia "Dilma presidente", sobre o resultado do segundo turno; e "O campo da oposição", acerca das perspectivas políticas para os próximos quatro anos.



» **CRIAÇÃO E CRIADOR** Acima, em Brasília, Dilma dá entrevista sobre vitória; abaixo, Lula depois de votar no ABC, quando disse que novo governo terá "a cara dela" Págs. 2 e 4

Dilma Vana Rousseff, 62, será a 40ª pessoa a assumir a Presidência do Brasil. Primeira mulher e primeira ex-guerrilheira a ocupar o cargo, a petista nunca havia disputado eleição e era praticamente desconhecida dos eleitores quando foi escolhida pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva. A posse é em 1º de janeiro.

Com 99,99% apurados, Dilma somava 56% dos votos válidos, e seu rival, José Serra (PSDB), 44%. Na primeira fala como eleita, ela disse que vai "bater muito à porta" de Lula e prometeu erradicar a miséria no país.

Casada duas vezes, hoje divorciada, com uma filha e um neto, Dilma é economista de formação e socialista por definição. Filha de um búlgaro naturalizado e uma professora do RJ, nasceu em Belo Horizonte, em 14 de dezembro de 1947. Militou em organizações marxistas desde os 16; em 1970, aos 22, foi presa e torturada. Libertada em 1972, após cumprir pena, mudou-se para Porto Alegre, onde fez carreira como burocrata.

Com Lula, foi ministra de Minas e Energia e, depois, da Casa Civil, quando o presidente pôs o Programa de Aceleração do Crescimento sob sua gestão. Sua campanha enfrentou denúncias de quebra de sigilo de tucanos, montagem de dossiê e tráfico de influência atribuído a sua ex-branca direita Erenice Guerra.

No ano passado, Dilma descobriu um câncer no sistema linfático. Submetida a radioterapia e quimioterapia, foi dada como recuperada. Seu vice é o atual presidente da Câmara, Michel Temer (PMDB-SP), 70.

No discurso de derrota, Serra disse que não se despediria com adeus, mas com "até logo". Eleições 2010

#### Lula recomenda manter nomes da Fazenda e do Banco Central

Apesar de dizer que não vai interferir no novo governo, o presidente Lula sugeriu a Dilma Rousseff manter Guido Mantega no Ministério da Fazenda e Henrique Meirelles no Banco Central, relata **Kennedy Alencar**.

Lula quer que Antonio Palocci chefe a Casa Civil e comande a transição. Pág. 3

#### LEIA MAIS ELEIÇÕES 2010

Tucanos vão gerir 47,5% do eleitorado em oito Estados Pág. 16

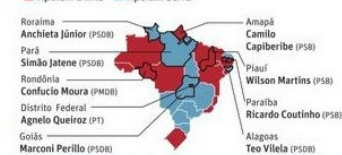
Palocci afirma que estabilidade terá pilares mantidos Pág. 5

Fala de Serra indica disputa por chefia do PSDB com Aécio Pág. 7

#### VOTO PARA PRESIDENTE NO 2º TURNO



#### Governadores eleitos ontem



## **Primeira mulher eleita tem 56% dos votos<sup>46</sup>**

**Petista promete zelar por liberdade de imprensa e de culto - Oposição vai governar 53% dos eleitores do país - Lula pede Palocci na Casa Civil e que Mantega e Meirelles fiquem**

**VERA MAGALHÃES**

**EDITORA DE PODER**

Dilma Vana Rousseff, 62, foi eleita ontem a primeira mulher presidente da República do Brasil. Com 99,98% dos votos apurados, ela tinha 56% dos votos válidos.

Seu triunfo é uma vitória pessoal do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, que escolheu uma técnica neófito em eleições para sucedê-lo, à revelia de seu partido, o PT.

Dilma teve uma escalada de 8% de intenções de votos no fim de 2008, segundo o Datafolha, para a vitória num acirrado segundo turno.

José Serra (PSDB), 68, que disputou o cargo pela segunda vez, teve 44% dos válidos

Dilma teve 12 milhões de votos a mais que Serra, 10,7 milhões só no Nordeste. Também venceu no Sudeste, graças a votações maciças no Rio e em Minas -Estado de Aécio Neves, que terá de costurar com os paulistas para se sagrar novo líder tucano.

Se por um lado Lula conseguiu transferir parte de sua aprovação recorde de 83% para Dilma, por outro a oposição obteve lastro para se contrapor ao poder central: PSDB e DEM governarão 53% dos eleitores brasileiros.

Dilma será a 40ª pessoa a ocupar a Presidência. Sua vitória tem outras características inéditas: será a primeira vez em 84 anos em que haverá um ciclo de três presidentes eleitos diretamente.

Eleita por uma coalizão de dez partidos, Dilma terá o desafio de exercitar o diálogo, em contraposição ao perfil técnico que sempre teve.

Ao chegar ao poder sem nunca ter disputado eleições, terá de esclarecer aspectos ainda nebulosos de sua vida, como a participação na resistência à ditadura militar (1964-1985). Também não está claro que programa de governo vai implementar.

---

<sup>46</sup> Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/poder/po0111201007.htm>>, acesso em 01/07/2011.

No discurso da vitória, Dilma citou Barack Obama ao dizer: "Sim, a mulher pode". Prometeu erradicar a miséria e zelar pela democracia e pela "ampla e irrestrita" liberdade de imprensa e religiosa.

Lula pediu à aliada para manter Guido Mantega na Fazenda e Henrique Meirelles no Banco Central.

Também trabalha para fazer de Antonio Palocci o titular da Casa Civil. Em entrevista à **Folha** ontem, Palocci disse que o novo governo manterá a austeridade fiscal.

## **Eleita, Dilma promete erradicar a miséria<sup>47</sup>**

**Sucessora de Lula diz que sua "alegria maior" se deve ao fato de uma mulher ter chegado à Presidência pelo voto**

**Petista diz que estende sua mão à oposição e diz que governará sem perseguir adversários e sem favorecer aliados**

**ANA FLOR**

**ENVIADA ESPECIAL A BRASÍLIA**

Em seu primeiro discurso como presidente eleita, ontem à noite, em Brasília, Dilma Rousseff (PT) disse que seu principal compromisso é erradicar a miséria no país.

"Ressalto, entretanto, que essa ambiciosa meta não será realizada apenas pela vontade do governo. Essa meta é um chamado a nação. [É preciso] o apoio de todos para superar esse abismo que nos separa de ser uma nação desenvolvida", disse a ex-ministra em hotel na capital federal, onde se concentravam petistas e aliados, como o vice Michel Temer (PMDB).

Dilma agradeceu aos brasileiros por sua vitória sobre José Serra (PSDB) e ressaltou que sua "alegria maior se deve ao fato de uma mulher ter chegado à Presidência pelo caminho sagrado do voto".

"Por isso registro aqui outro compromisso com o país: valorizar a democracia em toda a sua dimensão." Ela reafirmou que "zelará pela mais ampla e irrestrita liberdade de imprensa, pela mais ampla liberdade religiosa e de culto. Zelarei pela nossa Constituição, dever maior da Presidência da República."

Ela disse que estendia sua mão à oposição e prometeu fazer um governo sem perseguir adversários ou proteger amigos. Disse que será rígida na defesa do interesse público e que não tem compromisso com os erros, desvios e malfeitos.

Dedicou um elogio especial a Lula: "Ter a honra de seu apoio e de sua convivência, ter aprendido com sua imensa sabedoria, são coisas que se guarda para a vida toda. Conviver durante todos estes anos com ele me deu a exata dimensão do governo justo e do líder

apaixonado por seu país e por sua gente. A alegria que sinto hoje pela minha vitória se mistura com a emoção de sua despedida".

Dilma disse que "um líder como Lula nunca estará longe de seu povo, de cada um de nós. Baterei muito à sua porta, e tenho certeza que a encontrarei sempre aberta".

"A tarefa de sucedê-lo é difícil e desafiadora, mas saberei honrar este legado, consolidar e avançar sua obra. Aprendi com ele que quando se governa pensando no interesse público e no mais necessário, uma imensa força brota do povo e nos ajuda a governar", disse a eleita.

"Passada a eleição, sabemos que é hora de trabalho. Passado o debate de projetos, agora é hora da união."

Pela manhã, em Porto Alegre, onde votou, ela afirmou que seu governo será chefiado pela aliança que a apoiou, sem se comprometer a incluir partidos de oposição: "A minha coligação, a que me trouxe até aqui, é a coligação com a qual governarei".

Ela disse também ter sido vítima de "calúnias" na campanha, mas declarou que preferia "ênfatizar os bons episódios" da campanha.

Colaborou **GRACILIANO ROCHA**, de Porto Alegre

## **Lula defende manter Mantega e Meirelles<sup>48</sup>**

**Presidente aconselha Dilma a alojar Palocci na Casa Civil, mas alas do PT resistem e querem ex-ministro na Saúde**

**Apesar de dizer que não interferirá no futuro governo, presidente já conversou sobre nova equipe com a sucessora**

**KENNEDY ALENCAR**

DE BRASÍLIA

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva já aconselhou a sucessora, Dilma Rousseff, a manter Guido Mantega no Ministério da Fazenda e Henrique Meirelles no comando do Banco Central.

Apesar de Lula dizer publicamente que não interferirá no governo Dilma, a Folha apurou que ele já teve algumas conversas com ela sobre a formação do ministério.

Lula disse a Dilma que acha que deu certo a "dobradinha" entre Mantega, tido como mais desenvolvimentista, e Meirelles, mais conservador, na crise econômica internacional de 2008/ 2009.

Para Lula, a manutenção deles sinalizaria uma continuidade que acalmaria o mercado numa hora de preocupante valorização do real em relação ao dólar e de possibilidade de guerra cambial entre os países.

Meirelles seria um indicador da permanência do conservadorismo light adotado por Lula na política econômica. Já Mantega atenderia aos que pedem contraponto aos defensores de maior ortodoxia fiscal e monetária.

Além disso, há a avaliação de que a eventual manutenção de apenas um deles acabaria por cancelar um lado da disputa. Apesar do acerto na crise, há histórico anterior de embates entre os dois.

O petista também deu conselho a Dilma sobre o destino de Antonio Palocci, ex-ministro da Fazenda e coordenador da campanha dela.

---

<sup>48</sup> Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/poder/po0111201013.htm>>, acesso em 01/07/2011.



Lula gostaria que Palocci chefiasse a Casa Civil e que fosse o chefe da transição da parte do novo governo -função que já cumpriu em 2002.

Palocci, que caiu no episódio da quebra de sigilo do caseiro Francenildo, é muito identificado com Lula. Há setores no PT que bombardeiam a ida de Palocci para cargo tão poderoso, sob o argumento de que ele seria uma sombra para Dilma. Essas alas petistas defendem Palocci na Saúde, mas ele não gosta da ideia.

Se Palocci não for para a Casa Civil, crescem, nessa ordem, as chances de Paulo Bernardo (Planejamento) e de Alexandre Padilha (Relações Institucionais) de ocupar o posto. Bernardo está alguns pontos à frente. Dilma gosta de Padilha, também cotado para ser o novo chefe de gabinete da Presidência. Gilberto Carvalho, chefe de gabinete de Lula, deve ocupar a pasta dos Direitos Humanos ou outro cargo no Palácio do Planalto, como a Secretaria-Geral.

Um auxiliar direto de Lula avalia que é significativa a possibilidade de Dilma seguir os conselhos do atual presidente. Mas afirma que os dois deverão, publicamente, evitar tratar do ministério porque já ocorrem pressões de petistas e aliados por cargos no novo governo. Ela já disse a auxiliares que não pretende anunciar logo nomes do primeiro escalão.

Numa estratégia de ocupação de espaço, Meirelles prefere ir para um ministério e indicar o sucessor no BC.

O atual presidente do BC defende Alexandre Tombini, diretor de Normas da instituição. A cúpula do PMDB já recebeu pedido de Meirelles para indicá-lo para a Fazenda, mas Dilma resiste. É mais provável que ela peça para Meirelles ficar onde está.

Apesar da sugestão de Lula a favor de Mantega, Dilma também pensa em Luciano Coutinho -atual presidente do BNDES- para a Fazenda.

O deputado federal José Eduardo Martins Cardozo (PT-SP), coordenador jurídico da campanha, é cotado para o Ministério da Justiça ou para a vaga em aberto no STF (Supremo Tribunal Federal). Na Petrobras, é dada como certa a manutenção de Sérgio Gabrielli.

## **Eleita terá de mudar perfil de técnico a político<sup>49</sup>**

DE SÃO PAULO

---

<sup>49</sup> Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/poder/po0111201014.htm>>, acesso em 01/07/2011.

DE BRASÍLIA

DO RIO

Na Presidência, Dilma Rousseff terá de ser menos técnica e mais política e ouvir os interlocutores na tomada de decisões. Esse, segundo aliados, será um de seus grandes desafios.

Em outras palavras, ela terá de deixar de ser a "gerente durona" da Casa Civil, que chegava a destratar colegas de trabalho, para assumir um papel de líder política do governo.

Um assessor do Palácio do Planalto diz que ela sabe que terá de escolher alguém com perfil próximo ao seu para ser o "cobrador implacável" que teve com Lula.

Membros de sua equipe dizem que ela já começou a mudar na campanha.

A presidente eleita gosta de agir com rapidez. Demonstra impaciência com a lentidão do governo.

Assessores dizem que, na busca de dados, Dilma leva seus subordinados "ao limite da exaustão".

Ela queria saber o "detalhe do detalhe" de tudo.

Muitas vezes perdia a paciência e tratava assessores, diretores de estatais e ministros com rispidez, em tom desrespeitoso.

Integrantes do Conselho de Administração da Petrobras, que foi presidido por Dilma até abril passado, relatam que ela lia antecipadamente os relatórios e já ia às reuniões com posição fechada.

O presidente da Petrobras, José Sérgio Gabrielli, teria chorado depois de uma alteração com Dilma por telefone. Os dois negam, mas a **Folha** ouviu a história de várias pessoas.

**(ANA FLOR, VALDO CRUZ, KENNEDY ALENCAR E PLÍNIO FRAGA)**

## **Serra sai menor da campanha, diz Lula<sup>50</sup>**

**Presidente critica agressividade de tucanos contra Dilma Rousseff e evita falar numa conciliação pós-eleitoral**

**Petista descarta tomar parte na futura gestão e diz que eleita "precisa construir um governo que seja a cara dela"**

**FABIO VICTOR**

**DE SÃO PAULO**

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva disse ontem que José Serra "sai menor dessa campanha", pela agressividade contra Dilma Rousseff, e evitou falar de conciliação após a eleição.

"Essa campanha foi muito mais violenta de uma parte para outra. Eu sinceramente acho que o candidato Serra sai menor dessa campanha, porque a agressividade deles [tucanos] à companheira Dilma Rousseff é uma coisa que eu imaginava que já tivesse terminado na política brasileira", afirmou Lula, após votar pela manhã, em São Bernardo do Campo.

"Fui candidato cinco vezes, perdi três, e vocês nunca me viram com a agressividade dessa campanha."

O presidente atribuiu os ataques a Dilma a "preconceito" contra a mulher.

Indagado se iria exterminar os tucanos, disse que "jamais, porque nós somos democráticos e queremos a convivência democrática na diversidade".

Lula declarou que, ao terminar seu mandato, vai "continuar andando o Brasil" e fazendo política, mas descartou participar diretamente do governo Dilma.

"Não existe nenhuma possibilidade de um ex-presidente participar do governo de um futuro presidente. A Dilma precisa construir um governo que seja a cara dela, [tenha] o jeito dela, com pessoas em quem ela confie."

---

<sup>50</sup> Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/poder/po0111201016.htm>>, acesso em 01/07/2011.

O petista comentou ter construído uma relação -""política, sindical, com movimentos sociais e empresários"- que não lhe permitirá ficar parado. "Eu vou ter muita tarefa, mas a única coisa que não quero é ter tarefa dentro do governo."

E listou, entre as missões, levar à África e à América Latina "experiências bem-sucedidas do Brasil, sobretudo na área social".

## **TIRIRICA**

Lula definiu Tiririca (PR-SP), deputado federal mais votado do país, como "a cara da sociedade" e chamou de "cretinice" a ação de falsidade ideológica contra ele. Sobre o promotor que pede teste de alfabetização do palhaço, disse que "quem tem que fazer prova é quem está pedindo para ele fazer prova".

Colaboraram **MARINA MESQUITA** e **VITOR SION**, de São Paulo

## **"Eu não posso, não quero e não devo", afirma Dirceu sobre cargo<sup>51</sup>**

DE SÃO PAULO

DE RIBEIRÃO

"Eu não posso, não quero e não devo." Assim o ex-ministro da Casa Civil José Dirceu descartou participar do governo Dilma Rousseff ontem, após votar em um colégio da zona sul de São Paulo.

Ao contrário do primeiro turno, quando entrou por uma porta lateral, dessa vez esperou na fila. Acusado de chefiar o mensalão no governo Lula, ele foi alvo de protesto na eleição de 2006, o que não ocorreu ontem.

"Sei que devo contas à Justiça", disse Dirceu, que se defende no Supremo Tribunal Federal. "Quero ser julgado. Fui prejulgado, linchado."

Em Ribeirão Preto (314 km da capital), o coordenador da campanha de Dilma, Antonio Palocci, afirmou que não discutiu "projetos pessoais ou cargos". "O que menos me interessa agora é um cargo."

---

<sup>51</sup> Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/poder/po0111201017.htm>>, acesso em 01/07/2011.

## **Placar da vitória é mais apertado desde 89<sup>52</sup>**

**Eleição da primeira mulher será também a primeira sucessão de 3 presidentes eleitos diretamente em 84 anos**

**Eleita será a segunda a chegar ao Planalto sem ter disputado eleição anterior e terá a maior coalizão, de 10 partidos**

**FERNANDO RODRIGUES**

DE BRASÍLIA

Apontada candidata por Luiz Inácio Lula da Silva, Dilma Vana Rousseff, 62, a primeira mulher eleita presidente do Brasil, não superou a votação do mentor. Lula continua o presidente com a maior votação da história - teve 61,3% dos votos válidos no segundo turno de 2002.

Além da questão de gênero, há vários outros fatores históricos inéditos na escolha de Dilma para ser o 40º presidente do país.

Quando receber a faixa presidencial de Lula, Dilma protagonizará um ato que não acontecia no país havia 84 anos, desde 1926, quando Arthur Bernardes entregou o cargo a Washington Luís.

Como registrou em um artigo em setembro o jornalista Elio Gaspari, assim como Washington Luís, a presidente eleita conquistou o cargo pelo voto direto e receberá o país das mãos de outro cidadão escolhido da mesma forma -e que, por sua vez, também chegou ao Planalto sucedendo outro governante, Fernando Henrique Cardoso, escolhido nas urnas.

Mas há uma peculiaridade extra. Washington Luís havia sido senador por São Paulo antes de ser presidente. Já Dilma nunca disputou uma eleição na vida antes dessa.

Esse feito ocorreu só uma vez no Brasil, há 65 anos: o marechal Eurico Gaspar Dutra foi eleito por meio do voto direto, em 1945, sem experiência anterior nas urnas.

## **CONTINUIDADE**

Lula ter conseguido eleger sua sucessora também é algo raro na política brasileira.

---

<sup>52</sup> Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/poder/po0111201033.htm>>, acesso em 01/07/2011.

O próprio presidente costuma se vangloriar que mesmo governantes populares, como Juscelino Kubitschek, não conseguiram transferir seu prestígio aos candidatos que apoiaram à sucessão.

O caso mais recente em que houve continuidade foi também atípico: Fernando Henrique Cardoso foi eleito em 1994 com o apoio de Itamar Franco, que o indicara ministro da Fazenda para implementar o Plano Real.

Mas Itamar assumira a Presidência após o impeachment de Fernando Collor, para um mandato de dois anos.

Antes disso, o último presidente a apoiar a eleição pelo voto direto de seu sucessor foi por Getúlio Vargas em 1945, dando suporte ao marechal marechal Dutra.

Dilma chegará ao Palácio do Planalto com o lastro da mais ampla aliança partidária montada em torno de um candidato vitorioso até hoje.

A presidente eleita contou com o apoio oficial recorde de dez partidos que integraram a coligação "Para o Brasil seguir mudando": PT, PMDB, PC do B, PDT, PR, PSB, PSC, PTC, PTN e PRB.

Serra, o segundo colocado, concorreu pela chapa "O Brasil pode mais", com seis siglas: PSDB, DEM, PTB, PPS, PMN e PT do B.

O PMDB comandou o processo de redemocratização do Brasil, no início da década de 80, mas esta é também a primeira vez que participa de uma chapa vitoriosa numa eleição presidencial direta.

## **PERFIL**

Casada duas vezes, hoje divorciada, mãe de uma filha e com um neto nascido em setembro, Dilma é economista de formação e socialista por definição ideológica.

Leitora contumaz, cultivava também hobbies pouco conhecidos, como ouvir música em um iPod e mergulhar no mar ou em rios com o auxílio de cilindro de oxigênio.

Num país que enfrentou duas décadas de estagnação e momentos de inflação descontrolada, ela é a segunda pessoa formada em economia eleita presidente da República. O outro foi Collor.

Filha de um búlgaro naturalizado brasileiro, Pétar Russév (depois Pedro Rousseff), e de uma professora, Dilma Jane Silva, natural de Friburgo (RJ), Dilma nasceu em Belo Horizonte (MG), em 14 de dezembro de 1947.

Quando tomar posse, será a oitava mineira a ocupar o cargo de presidente. Minas Gerais lidera esse ranking, que tem o Rio Grande do Sul no segundo lugar, com seis.

## **GUERRILHA**

Dilma será também a primeira ex-guerrilheira a comandar o Palácio do Planalto. Militou em organizações de esquerda desde os 16 anos, em Belo Horizonte.

Em 1968, passou a viver na clandestinidade. Usava documentos e nomes falsos como Estela, Luísa, Marina, Patrícia e Wanda. Atuava, sobretudo, no Rio e em São Paulo. Em um dos documentos forjados, declarava ter nascido no em São João da Boa Vista, no interior de SP.

Em janeiro de 1970, aos 22 anos, foi presa em São Paulo. Torturada nas primeiras semanas, cumpriu pena acusada de subversão. Ao sair da prisão no final de 1972, mudou-se para Porto Alegre (RS), onde morava e ainda vive seu segundo marido.

Dilma nega ter participado de ações armadas enquanto esteve na clandestinidade. Admite apenas ter participado de treinamento militar clandestino no Uruguai.

Ex-ministra das Minas e Energia (2003-2005) e da Casa Civil (2005-2010), Dilma construiu sólida carreira como burocrata de vários governos no Rio Grande do Sul. Nos anos 70, aproximou-se do MDB, o partido de oposição consentida à ditadura.

Só teve uma incursão frustrada na iniciativa privada. Abriu uma loja de bugigangas na década de 90, em Porto Alegre. A Pão & Circo vendia itens de pequeno valor, como brinquedos inspirados no desenho animado japonês "Cavaleiros do Zodíaco".

Abandonou a atividade comercial depois de um ano e cinco meses, em julho de 1996. Essa experiência como empresária não aparece em sua biografia oficial.

Com a abertura política, ajudou a fundar o PDT. Seguidora de Leonel Brizola (1922-2004), rompeu com o brizolismo em 2000 para permanecer na administração do petista Olívio Dutra na Prefeitura de Porto Alegre. Filiou-se ao PT em 2001.

## SAÚDE

No ano passado, descobriu um câncer no sistema linfático. Submetida a radioterapia e quimioterapia, a petista foi dada como recuperada no final de 2009. Faz exames regulares para monitorar a saúde. Durante a campanha, não divulgou boletins médicos detalhados.

Na campanha, foi disciplinada: mudou o vestuário, tirou os óculos, fez intervenções plásticas no rosto e na região do pescoço e aceitou a contratação de um "hair stylist" para modernizar seu corte de cabelo.

Sua loquacidade ainda está distante da de um político profissional. Mas quem compara a Dilma de hoje com a de um ano atrás nota enorme diferença. Controlou parcialmente a impaciência. Parou de chamar repórteres de "santinha" ou "santinho", em tom de reprimenda.

A partir de hoje terá de começar a pensar na nomeação de 37 ministros e cerca de 20 mil funcionários em cargos comissionados. É uma incógnita como acomodará todos os partidos aliados e como se relacionará com Lula.

Terá de conciliar essas decisões políticas com sua maior meta anunciada, a de erradicar a pobreza extrema do Brasil até 2014.



## **Projeto Dilma decolou com pré-sal e PAC<sup>53</sup>**

**Marco zero da candidatura foi no dia 8 de novembro de 2007, quando Lula delegou a ela anúncio sobre petróleo**

**Petista saiu prostrada do 1º turno, quando vitória que parecia certa escapou; estratégia então repetiu a de 2006**

**ANA FLOR**

**DE SÃO PAULO**

**PLÍNIO FRAGA**

**DO RIO**

Dilma Rousseff tornou-se na prática a candidata do presidente Luiz Inácio Lula da Silva à sua sucessão no dia 8 de novembro de 2007, relatam seus assessores.

O presidente, então com 11 meses de seu segundo mandato, decidiu que caberia a Dilma, ministra da Casa Civil, anunciar e capitalizar politicamente a confirmação da descoberta do campo de Tupi - até então o maior do chamado pré-sal, capaz de colocar o Brasil entre os quatro maiores produtores de petróleo do mundo.

"A descoberta de grande reserva de petróleo e gás na bacia de Santos eleva o Brasil para a elite mundial dos produtores", disse Dilma no auditório da Petrobras, sem Lula. Antes, ela conversara com o marqueteiro João Santana. A ideia parecia desastrosa.

Um mês depois, pesquisa Datafolha mostrava Serra com 37% e Dilma com 2%. O nome governista mais bem posicionado era Ciro Gomes (PSB), com 19%.

Reservadamente, Lula dizia que Dilma tinha futuro político. Colocou sob sua gerência o PAC (Programa de Aceleração do Crescimento) para que tivesse visibilidade.

Em 7 de março de 2008, o presidente apresentou sua ungida como "mãe do PAC" em cerimônia de início das obras no Complexo do Alemão, na zona norte do Rio, epíteto que ecoaria durante toda a campanha. No final daquele ano, o Datafolha mostrava Serra com 41%, Ciro com 15% e Heloísa Helena (PSOL) com 14%. Dilma pontuava apenas 8%.

## **ALOPRADOS**

Aos poucos, Dilma teve sua imagem remodelada.

Houve mudanças estéticas (saíram os óculos e surgiu o topete à la Carolina Herrera) e, principalmente, o reforço ao discurso de que os programas gerenciados pela petista tinham tido impacto social. A organização da campanha de Dilma começara mal.

Em abril a formação de uma "equipe especial de investigações" resultou na eclosão do escândalo da quebra de sigilos fiscais e bancários de familiares e aliados de Serra.

Mais adiante, acusações de corrupção nos Correios e na Casa Civil deixaram a candidata na defensiva, provocando perda de eleitores nos setores bem informados.

A duas semanas da eleição, uma reportagem da **Folha** sobre o esquema na Casa Civil derrubou a sucessora e principal assessora de Dilma no governo, Erenice Guerra.

No dia 3 de outubro, a sangria provocada pelos escândalos -aliada a uma ofensiva que propagava a mudança de posição de Dilma em relação ao aborto e espalhava boatos sobre sua religiosidade- levou a disputa ao segundo turno.

## **ABATIMENTO**

Dilma saiu prostrada do primeiro turno, apesar dos 47 milhões de votos. Além do cansaço físico, o inesperado confronto parecia duro e de resultado imprevisível.

A estratégia para o segundo turno foi tentar mostrar que a petista não era um produto do marketing. O uso da imagem de Lula, que sumira na reta final para não "ofuscar" a candidata, ganhou corpo, mas de forma dosada.

Dilma também passou a aparecer mais "assertiva", na expressão petista, no limite da agressividade. O comando de campanha foi buscar na fórmula de 2006 a alavanca para Dilma: colocar a pecha de privatista no candidato do PSDB.

Antes que fosse acuada pelo adversário, partiu para o ataque com críticas a Serra, abrindo o confronto antes que tivesse de respondê-lo.

Intensificou as carreatas e caminhadas. Ministros e assessores próximos de Lula tiraram férias para reforçar a campanha, que priorizou o Sudeste, onde a disputa com Serra estava mais acirrada.

Em duas semanas, a estratégia pareceu dar resultado, e a liderança nas pesquisas tranquilizou os petistas. A partir daí, era não errar e administrar a vantagem.

Colaborou **KENNEDY ALENCAR**, de Brasília

## **Apuração de escândalos seguirá na transição<sup>54</sup>**

DE BRASÍLIA

Eleita ontem, Dilma Rousseff (PT) terá que dividir a montagem da sua equipe de governo com explicações sobre dois escândalos que marcaram sua campanha- o caso Erenice Guerra e a quebra de sigilo fiscal de tucanos e pessoas próximas a José Serra (PSDB).

O desfecho dos dois casos, empurrados para depois da eleição, deve culminar com o período de transição do governo, entre novembro e dezembro. A posse é no dia primeiro de janeiro.

Na próxima semana, encerra o prazo dado pela Justiça para que a Polícia Federal conclua as investigações das denúncias de tráfico de influência na Casa Civil.

O escândalo envolve a sub de Dilma na Casa Civil, Erenice Guerra, que pode ser indiciada após ter confirmado semana passada em depoimento à PF que recebeu empresários que negociavam com a empresa de lobby dos filhos dela.

Dilma tem afirmado que não sabia de nada e criticado a conduta da sua braço direito no governo. Erenice teve de deixar o governo após a **Folha** revelar que um dos encontros ocorreu no prédio do governo com empresários de Campinas.

Também está em curso apuração sobre como os Correios, em especial a área de transporte de carga, foram afetados pelo lobby.

A PF deve sinalizar nos próximos dias se irá aprofundar a investigação sobre a quebra do sigilo de familiares de Serra e de tucanos.

Nos dois casos, a oposição não descarta propor CPIs caso a investigação da PF não seja conclusiva.

A sindicância do governo instalada para apurar a participação de servidores no esquema de lobby na Casa Civil também pode ser concluída no próximo dia 18, fim do novo prazo dado para o encerramento dos trabalhos.

A **Folha** revelou que a sindicância detectou que o esquema de lobby não se restringia à Casa Civil, mas contava com a participação de dois outros órgãos vinculados à Presidência da República -GSI (Gabinete de Segurança Institucional) e SAE (Secretaria e Assuntos Estratégicos).

Os computadores de Erenice e outros dois assessores da Casa Civil estão sendo periciados pela PF e pela sindicância interna. A PF não confirma, por exemplo, se pediu quebra de sigilos fiscal, telefônico e bancário dos envolvidos, que podem atrasar a conclusão do inquérito.

## **Folha adotará "presidente" para se referir a Dilma<sup>55</sup>**

DE SÃO PAULO

A **Folha** usará "presidente", e não "presidenta", para se referir à petista Dilma Rousseff, eleita ontem.

Durante a disputa, a coordenação da campanha da petista ensaiou o uso do termo feminino, mas pesquisas internas mostraram que a mudança não tinha um impacto significativo a favor da candidata.

A campanha decidiu usar "presidenta" em comícios, enquanto "presidente" foi reservado para a TV e para discursos para um público mais tradicional.

Em português, as duas formas estão corretas, "mas a feminina é pouco usada", diz Thaís Nicoleti, consultora de língua portuguesa do Grupo Folha-UOL.

Para Pasquale Cipro Neto, o uso da forma "presidenta" é desnecessário e causa estranheza.

---

<sup>55</sup> Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/poder/po0111201037.htm>>, acesso em 01/07/2011.

## **Dilma constrói vitória no Nordeste, e Serra não consegue virada em MG<sup>56</sup>**

**Entre os nordestinos, petista obtém 10,7 milhões dos 12 milhões de votos de vantagem que impôs sobre tucano**

**SILVIO NAVARRO**

**UIRÁ MACHADO**

**DE SÃO PAULO**

Sem Marina Silva (PV) na disputa, a vitória de Dilma Rousseff (PT) sobre José Serra (PSDB) no segundo turno foi calcada numa maioria acachapante no Nordeste e em sólida votação obtida em Minas Gerais, segundo colégio eleitoral do país.

A petista derrotou o tucano em todos os Estados do Nordeste e teve 10,7 milhões de votos a mais do que seu adversário na região (com 99,9% das urnas apuradas). A vantagem de Dilma no país foi de 12 milhões de votos.

No Nordeste, a petista conquistou 70% dos votos, ante 30% de Serra.

Nos três maiores colégios nordestinos -Bahia (70,8%), Pernambuco (75,6%) e Ceará (77,3%)- ela obteve vitória com mais de 70% dos votos válidos.

Mesmo nas duas "ilhas" da oposição na região, Alagoas e Rio Grande do Norte, Dilma conseguiu bater Serra.

A esperança dos tucanos para virar o jogo era um avanço significativo em Minas Gerais, reduto do correligionário Aécio Neves.

Dilma, entretanto, conseguiu equilibrar o cenário, saltando de 46,9% dos votos válidos no 1º turno para 58,5%. Serra passou de 30,8% para 41,5%. O mesmo ocorreu no Rio, onde ela levou vantagem de 1,7 milhão de votos.

Esse desempenho minimizou o impacto de viradas de Serra em alguns Estados (RS, GO e ES) onde perdera no primeiro turno.

Em São Paulo, o terreno com a maior densidade eleitoral do Brasil, o tucano também não conseguiu ampliar de forma expressiva sua vantagem: subiu de 40,3% para 54%. A petista cresceu de 38,1% para 46%.

No total, a petista superou o rival no Sudeste por 1,6 milhão de votos.

A disputa foi apertada nas demais regiões, embora a maior vitória proporcional de Dilma tenha ocorrido no Norte do país, com 80% dos votos válidos no Amazonas.

No placar geral região da Norte, a petista teve 1 milhão de votos a mais que o tucano.

No Sul, Serra venceu com 1,2 milhão de eleitores de vantagem. Ele também levou a melhor no Centro-Oeste, com 130 mil votos a mais que a oponente eleita.

## **Na cidade de SP, Dilma ganha só na periferia<sup>57</sup>**

**BRENO COSTA**

DE SÃO PAULO

A exemplo do primeiro turno, os desempenhos de Dilma Rousseff (PT) e José Serra (PSDB) na capital paulista tiveram contrastes geográficos e socioeconômicos nítidos.

Das 58 zonas eleitorais de São Paulo, o tucano ganhou em 34 delas -duas a mais do que em 3 de outubro.

Os dois "territórios" conquistados por Serra foram justamente em redutos tradicionais do petismo, em bairros de periferia nas zonas sul e leste da capital.

Dilma não derrotou Serra em nenhuma zona eleitoral localizada na região central ou em áreas nobres.

Apesar da derrota nacional, Serra aumentou ontem sua votação no Estado de São Paulo, seu berço eleitoral.

O tucano conseguiu reverter derrotas sofridas para Dilma no primeiro turno, em municípios de peso, como Guarulhos, Campinas e Santo André.

De acordo com a totalização das urnas, dos 645 municípios de São Paulo, Serra teve mais votos que Dilma em 440 deles (68%). No primeiro turno, foram 414 as cidades onde Serra saiu-se melhor que a nova presidente.

O tucano contou, durante todo o segundo turno, com a colaboração ativa do governador eleito Geraldo Alckmin, que fez campanha para o candidato no Estado.

O desempenho de Serra também superou a votação do tucano nas eleições presidenciais de 2002, quando perdeu para o presidente Luiz Inácio Lula da Silva.

---

<sup>57</sup> Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/poder/po0111201039.htm>>, acesso em 01/07/2011.

## **Serra consegue viradas em cidades importantes de SP<sup>58</sup>**

**Tucano ganha em Guarulhos, Campinas e Santo André; ele teve mais votos que a petista em 440 dos 645 municípios do Estado**

**BRENO COSTA**

**DE SÃO PAULO**

Derrotado nacionalmente, José Serra (PSDB) conseguiu aumentar sua votação no Estado de São Paulo, seu berço eleitoral. O tucano conseguiu reverter derrotas sofridas para Dilma Rousseff (PT) no primeiro turno, em municípios de peso, como Guarulhos, Campinas e Santo André.

De acordo com a totalização das urnas até as 21h de ontem, dos 645 municípios de São Paulo, Serra teve mais votos que Dilma em 440 deles (68%). No primeiro turno, foram 414 as cidades onde Serra saiu-se melhor que a nova presidente.

Serra contou, durante todo o segundo turno, com a colaboração ativa do governador eleito Geraldo Alckmin, que fez campanha para o candidato no Estado.

O desempenho de Serra também superou a votação do tucano nas eleições presidenciais de 2002. Na ocasião, quando foi derrotado nacionalmente para o presidente Luiz Inácio Lula da Silva, o tucano obteve 9,1 milhões de votos no segundo turno.

Oito anos depois, e com a experiência de prefeito de São Paulo e governador do Estado, Serra conseguiu agora 12,3 milhões de votos -um crescimento de 35,9%.

Na capital, Serra herdou a maioria dos votos de Marina Silva (PV) no primeiro turno, e saltou de 40,3% dos votos válidos para 53,8%.

A maior votação proporcional do tucano no Estado, pelos dados disponibilizados pelo TSE (Tribunal Superior Eleitoral) até o fechamento desta edição, ocorreu no município de Saltinho, na região Noroeste de São Paulo, com 76,1% dos votos válidos.

Curiosamente, o município também registrou a menor abstenção proporcional no Estado, com apenas 10% de ausência nas urnas.

**DILMA**



Apesar de ter caído em municípios importantes, Dilma venceu em cidades como Osasco, Diadema, Barueri e Itu. Em todas elas, a petista já havia sido vitoriosa no primeiro turno.

Dilma também teve votação superior a Serra em São Bernardo do Campo, domicílio eleitoral de Lula. Sua maior votação proporcional foi em Itapura, Noroeste paulista, com 74,6% dos votos.

## **Eleitorado se divide onde Marina venceu no 1º turno<sup>59</sup>**

**Disputa quase empatou nas três "capitais verdes": BH, Brasília e Vitória**

**Senadora não revela voto e diz que não vai participar do governo Dilma. "Já dei a minha contribuição", afirmou**

DE SÃO PAULO

DE BRASÍLIA

Com Marina Silva (PV) neutra, a eleição presidencial terminou equilibrada nas três capitais em que ela surpreendeu ao vencer no primeiro turno: Belo Horizonte, Brasília e Vitória.

A disputa quase empatou na cidade mineira, onde José Serra (PSDB) superou ontem a presidente eleita Dilma Rousseff (PT) por uma margem milimétrica: 50,4% a 49,6% dos votos válidos.

No Distrito Federal, houve pequena vantagem para a petista, que venceu por 52,8% a 47,2%. O desempenho dela ficou bem atrás do registrado pelo colega de partido Agnelo Queiroz, que foi eleito governador com 66,1% dos votos.

Em Vitória, a menor das três capitais "marineiras", Serra teve uma vitória um pouco mais folgada: bateu Dilma por 55,6% a 44,3%.

Ontem, Marina disse que não pretende assumir cargo no governo Dilma.

"Já dei a minha contribuição. Acho que a melhor forma de fazê-la, para o Brasil, é voltando para a sociedade, para o trabalho que sempre fiz, que é lutar pela sustentabilidade ambiental, [pelo] grande desafio da educação de qualidade no nosso país."

Ela desejou boa sorte a Dilma e citou um trecho bíblico para dizer que a petista deve ter "a simplicidade das pombas e a sagacidade das serpentes" no poder.

"Aquele que foi durante todo este processo eleitoral a candidata de uma parte, a partir deste momento passa a ser a escolhida pela sociedade brasileira para, como presidente da República, representar a todos nós", afirmou, em coletiva de imprensa.

---

<sup>59</sup> Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/poder/po0111201041.htm>>, acesso em 01/07/2011.

No primeiro turno, Marina recebeu 19,6 milhões de votos, o que representou quase 20% dos votos válidos.

Questionada se o PV fará oposição ou não ao próximo governo, ela disse que a legenda terá como guia "ideias, projetos e programas" a serem apresentados, mas reforçou a posição de terceira via da legenda.

**(BERNARDO MELLO FRANCO E FLÁVIA FOREQUE)**

## **Eleitores preferem viajar só depois de votar<sup>60</sup>**

**Abstenção é de 21,5%; o maior fluxo de carros para o litoral de SP ocorreu após as 11h**

**MARIO CESAR CARVALHO**

ENVIADO ESPECIAL À BAIXADA SANTISTA

Dava para ver logo de manhã no Canto da Praia, em Santos, que a previsão dos políticos de que haveria uma abstenção recorde por causa do feriado prolongado tinha naufragado. Havia vazios quilométricos na areia. Os barraqueiros reclamavam: "Isso aqui tá pior do que feriado prolongado com chuva", dizia Amarildo Pereira Muniz, 46, 20 anos de praia.

Dados do TSE (Tribunal Superior Eleitoral) mostram que o Canto da Praia não foi uma exceção. O índice de abstenção foi de 21,5%, não muito diferente do que ocorreu nas disputas presidenciais de 2002 e 2006 (20,5% e 19%, respectivamente).

A fuga para o litoral até aconteceu -mas só depois da votação. Números da Ecovias, que administra a Anchieta/Imigrantes, principal via de acesso ao litoral, apontam que o eleitor só foi para a praia depois de votar.

No sábado, passaram 31.300 veículos pelo pedágio das 8h às 17h. Ontem, foram 49.300, com congestionamento entre as 11h e as 14h.

Levantamento nada científico feito pela reportagem em quatro praias mostra que José Serra perdeu mais votos do que Dilma Rousseff entre os que deram as costas para as urnas. De 30 eleitores que não votaram, 21 eram serristas e nove, petistas.

---

<sup>60</sup> Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/poder/po0111201042.htm>>, acesso em 01/07/2011.

Todos os serristas tinham um argumento similar para justificar a fuga, uma espécie de síndrome de já perdeu. "Vim para a praia porque o Serra já perdeu", dizia advogada Mayara Zanini, 23.

O grupo de Mayara contabiliza cinco votos perdidos pelo tucano. Na família da dona de casa Mila Myrtha Zinni, 69, eram seis.

Mila acha que marcaram a eleição na véspera de um feriado de propósito: "Foi um truque para o Serra perder".

## **Com controle do PMDB, Temer será vice com mais poder<sup>61</sup>**

**Companheiro de chapa de Dilma diz que terá atuação discreta, pois não tem vocação para "carro alegórico" e vê "preconceito" com partido**

**ELIANE CANTANHÊDE**

**COLUNISTA DA FOLHA**

Diferentemente de Marco Maciel e José Alencar, que foram extremamente leais respectivamente a Fernando Henrique Cardoso e a Lula, a expectativa é de que Michel Temer seja um vice em que a presidente Dilma Rousseff vá confiar, mas desconfiando.

Ele é presidente do maior partido do país, exerce inequívoca liderança no Congresso e tem personalidade política e pessoal mais forte do que seus antecessores.

Com seis mandatos consecutivos na Câmara desde 1987, Temer será um intermediador dos interesses do PMDB no novo governo. O preenchimento do primeiro escalão passa por ele.

Paulista, 70 anos, Temer entrou na política quase por acaso. Era professor de direito constitucional na PUC-SP quando passou a se reunir com peemedebistas como FHC, José Serra, Mário Covas e Paulo Renato Souza para eleger Franco Montoro governador de São Paulo em 82.

Seu primeiro cargo foi o de procurador-geral do Estado, mas Montoro perdeu dois secretários de Segurança e no final do primeiro ano de governo e chamou Temer. Ele tentou reagir: não entendia nada de direito penal nem da área de segurança: "Nem sei onde fica a secretaria". Montoro não aceitou o "não" e o nomeou secretário, com a tarefa de harmonizar as polícias Militar e Civil.

Cinco dias depois, Temer estava "desesperado" e decidido a renunciar, quando viu pela TV uma entrevista do dramaturgo Gianfrancesco Guarnieri ensinando: "A vida é uma representação. Você tem de representar o papel que a vida te entrega".

---

<sup>61</sup> Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/poder/po0111201020.htm>>, acesso em 01/07/2011.

Ficou na secretaria (que reassumiria em 1992 para tentar controlar a crise decorrente do massacre do Carandiru), disputou a eleição de 1986 para o Congresso Constituinte e jamais deixou de representar os papéis que lhe couberam. O da Vice- Presidência é o principal deles.

Quando Montoro e seus companheiros criaram o PSDB em 1988, Temer ficou no PMDB: "O PSDB tinha muito cacique. Ouvi o conselho de Montoro: quem ficasse no PMDB iria fazer carreira". Ele jamais trocou de partido, mas trocou de "turma".

Como deputado e presidente da Câmara pela primeira vez (1997-2000), foi um dos articuladores do apoio peemedebista aos dois mandatos de FHC (1995-1999 e 1999-2003). Depois, liderou a aliança que deu ao PMDB a vaga de vice do tucano José Serra na eleição de 2002 (que ele perdeu para Lula).

Aos poucos, porém, foi trocando de parceria e se aproximando de Lula, do PT e finalmente de Dilma.

A missão do ministro José Dirceu (Casa Civil) para o PMDB apoiar o primeiro mandato de Lula em troca de dois ministérios fracassou.

Quem conseguiu o feito foi o ministro Tarso Genro, já na campanha da reeleição, em 2006, com Lula fragilizado pela crise do "mensalão".

A primeira conversa Lula-Temer foi difícil, pois a versão corrente era de que um não gostava do outro. "Vamos furar esse tumor", propôs Temer, dizendo que tudo era "intriga" e que "admirava a biografia de Lula".

Saiu da conversa levando três ministérios para o PMDB -que chegaram a seis no final do governo e devem no mínimo se manter sob Dilma.

Mais difícil será negociar as cúpulas do Congresso. O PMDB tem hoje as presidências da Câmara e do Senado, mas o PT elegeu mais deputados. Disputam Henrique Eduardo Alves (PMDB-RN) e Cândido Vaccarezza (PT-SP). Esse será seu primeiro teste.

Ele tem como meta "acabar com o preconceito de que o PMDB só pensa em cargo". E promete atuar sempre nos bastidores: "Serei discretíssimo. Não tenho a menor vocação para carro alegórico".

## **PMDB quer lugar fixo na coordenação<sup>62</sup>**

DE SÃO PAULO

Com Lula, o PMDB ocupou postos-chave no Congresso e em ministérios. Após dividir a chapa vencedora com o PT, quer um lugar cativo na coordenação política do governo e manter a presidência do Senado.

"O PMDB precisa participar do núcleo decisório", afirmou o líder do governo no Senado, Romero Jucá (RR).

Isso inclui reuniões da presidente Dilma com grupo restrito de auxiliares sobre as principais decisões do Poder Executivo.

O salto na escala de poder deve ser simbolizado pelo vice-presidente eleito, Michel Temer, apontado como elo entre Dilma e Congresso Nacional, com mais prestígio que os antecessores.

O partido planeja manter os seis ministérios que tem (Saúde, Defesa, Agricultura, Integração Nacional, Comunicações e Minas e Energia) e ganhar ao menos mais duas pastas de porte, como Transportes e Cidades.

---

<sup>62</sup> Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/poder/po0111201022.htm>>, acesso em 01/07/2011.

## **O contrapeso tucano<sup>63</sup>**

**PSDB ganha oito governos estaduais e vai administrar 47,5% do eleitorado brasileiro, maior percentual desde a vitória de FHC; no Congresso, Dilma deve ter a maior base de um presidente desde a redemocratização**

**SILVIO NAVARRO**

DE SÃO PAULO

Derrotado na corrida à Presidência, o PSDB saiu das eleições deste ano como o campeão na disputa pelos Estados -oito vitórias- e terá, a partir de janeiro, quase metade do eleitorado brasileiro sob sua administração -64,5 milhões, que representam 47,5% do total.

Os tucanos já haviam faturado a eleição no primeiro turno em quatro Estados: São Paulo, Minas Gerais, Paraná, Tocantins, sendo os dois primeiros os maiores colégios eleitorais do país.

A esse cinturão no Centro-Sul do mapa somaram-se vitórias em mais quatro praças ontem: Alagoas, Pará e Goiás e Roraima.

O resultado está acima dos prognósticos mais otimistas feitos pelo comando do partido no início da campanha, cuja expectativa era faturar no máximo seis Estados. Em números, é o melhor desempenho da sigla desde 1994 -52% dos eleitores-, quando houve uma onda nos Estados alavancada pela eleição de Fernando Henrique Cardoso (1995-2002). Em 2006, conseguiu 43%.

A fatia da oposição é composta ainda pelo DEM, que faturou no primeiro turno em Santa Catarina e no Rio Grande do Norte. Juntos, PSDB e DEM detêm 52,5% do país.

A conquista oposicionista nos Estados torna-se um contrapeso à vitória de Dilma Rousseff (PT), que contará com apoio certo de 16 governadores -o PMN, vencedor no Amazonas, estava na chapa de José Serra (PSDB).

---

<sup>63</sup> Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/poder/po0111201044.htm>>, acesso em 01/07/2011.



O PT teve crescimento discreto - de 13,5% para 15,7%-, faturando em quatro Estados (AC, BA, RS e SE) e no Distrito Federal. Além da reeleição na Bahia, a grande vitória petista foi no Rio Grande do Sul.

Maior partido do Brasil, o PMDB encolheu e comandará 15,3% do eleitorado, ante 22,8% há quatro anos. A legenda administrará cinco Estados (MA, MS, MT, RJ e RO).

Outro destaque destas eleições é o PSB, que termina com seis vitórias (PB, CE, PE, ES, PI e AP), totalizando 14,8% do eleitorado. A força dos "socialistas" está concentrada no Nordeste.

## **CONGRESSO**

O triunfo da oposição na geopolítica do país é, entretanto, relativizado pela ampla maioria que Dilma terá no Congresso.

De largada, a petista conta com 311 dos 503 deputados. Mas, se tomado o arco de partidos que hoje apoiam o governo Lula, ela teria uma base de 402 parlamentares -a maior desde a redemocratização do Brasil.

Os principais alvos de negociação do futuro governo Dilma serão PP, PTB e PV, que não se coligarem formalmente em sua chapa na disputa ao Palácio do Planalto.

No Senado, a petista também terá maioria confortável, que variaria hoje entre 52 e 60 das 81 cadeiras.

## **Festa vermelha<sup>64</sup>**

**Antes mesmo do anúncio oficial da vitória de Dilma Rousseff na corrida ao Palácio do Planalto, simpatizantes e militantes petistas saíram às ruas do país para comemorar a eleição da primeira mulher presidente do país**

DE BRASÍLIA

DE SÃO PAULO

DE RECIFE

DO RIO

Antes mesmo de o TSE (Tribunal Superior Eleitoral) anunciar oficialmente a eleição de Dilma Rousseff, militantes petistas saíram às ruas do país para comemorar o terceiro mandato presidencial do partido.

A festa, porém, tanto em volume de pessoas nas ruas como em lágrimas, mostrou-se aquém da vista em 2002, por exemplo, na primeira eleição do presidente Lula.

Em São Paulo, o PT convocou os militantes para a festa na avenida Paulista, local tradicional de comemorações políticas e esportivas. Alceu Valença, Leci Brandão e o pagodeiro Netinho estavam na lista de atrações.

No início da noite, um buzinaço na avenida, em frente ao Masp, sinalizava o avanço da petista na apuração do TSE. Cada vez que o semáforo fechava, militantes invadiam a avenida. Dançavam e agitavam bandeiras, cantando o hit do grupo Asa de Águia ("Na casa do Senhor não existe satanás. Xô satanás, xô satanás"), uma provocação ao candidato José Serra.

Também cantavam o sambão composto pela velha guarda da Mangueira especialmente para a campanha eleitoral: "Deixa de ser enganador, pois bolinha de papel não fere nem causa dooer." Era uma alusão ao episódio de agressão ao candidato tucano durante caminhada pelo Rio de Janeiro.

No Rio, a diretora de gás e energia da Petrobras, Maria das Graças Foster, um dos nomes cotados para ocupar um cargo de primeiro escalão no governo Dilma, comemorou a

---

<sup>64</sup> Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/poder/po0111201055.htm>>, acesso em 01/07/2011.

vitória da candidata petista dançando no carro de som que animou a festa organizada pelo PT em uma praça do Leme, na zona sul.

Os militantes começaram a se reunir a partir das 18h. Telão instalado em um carro de som exibia informes do TSE sobre a apuração. Cerca de mil pessoas comemoraram o anúncio da vitória.

Em Recife, a festa ocorreu no marco zero da cidade, tradicional palco das vitórias do PT e do PSB, partidos aliados no Estado. Os organizadores estimavam em 5.000 o número de pessoas no local.

Em Brasília, às 22h, cerca de 5.000 pessoas, segundo a Polícia Militar, e uma escola de samba esperavam o governador eleito do Distrito Federal, Agnelo Queiróz (PT), e a presidente eleita na Esplanada dos Ministérios. "O bem venceu o mal", gritou no microfone um dos organizadores, ao ter a confirmação da vitória de Dilma.

Próximo dali, a comemoração reuniu num hotel aliados e políticos eleitos que foram classificados por pulseirinhas que mudavam de cor conforme o cargo.

Quanto mais importante a autoridade (governador, ministro, senador), mais forte a cor da pulseirinha. A mais cobiçada era a roxa, que dava acesso à cobertura do hotel, onde foi servido um coquetel com vinho, suco e água, além de comidinhas.

Para a militância sem mandato e sem coquetel, havia cerveja de graça.

oglobo.com.br

O GLOBO

IRINEU MARINHO (1876-1925)

RIO DE JANEIRO, SEGUNDA-FEIRA, 1 DE NOVEMBRO DE 2010 • ANO LXXXVI • Nº 28.210

ROBERTO MARINHO (1904-2003)

Eleições 2010

## PARA COBRAR DE DILMA

(As principais promessas da presidente eleita. Veja a íntegra nas páginas 18 e 19)

## CONTAS PÚBLICAS

• Não fazer ajuste fiscal

## ADMINISTRAÇÃO

• Não promover a reforma da Previdência

## MÍDIA E LIVRE EXPRESSÃO

• Não censurar conteúdo e impedir qualquer tentativa de controlar a mídia

• Dar garantia irrestrita da liberdade de imprensa, de expressão e de religião

## IMPOSTOS

• Reduzir a zero os impostos sobre investimentos para aumentar a taxa de crescimento do país

• Reduzir os impostos sobre empresas de saneamento para estimular mais obras de água e esgoto

• Reduzir os impostos sobre energia elétrica

• Reduzir os impostos sobre a folha de pagamento das empresas para estimular a geração de mais empregos

## PROGRAMAS SOCIAIS E INCLUSÃO

• Expandir a mínima e combater todos os brasileiros ao padrão da classe média

## EDUCAÇÃO E QUALIFICAÇÃO

• Aumentar para 7% do PIB os investimentos públicos em educação

• Expandir e universalizar o ensino médio

• Construir 100 mil creches e pré-escolas

• Possibilitar que os professores tenham, ao menos, curso universitário

• Manter um piso salarial nacional para professores

• Criar o "Problema" programa de bolsa de estudos em instituições de ensino médio técnico, nos moldes da Universidade para Todos (Unifórum)

## SEGURANÇA E DEFESA

• Fazer novo modelo de segurança inspirado nas Unidades de Polícia Pacificadora (UPPs) do Rio

## TRANSPORTE E INFRAESTRUTURA

• Ampliar o Aeroporto Galeão/Tom Jobim, com a conclusão do terminal 2 e melhorias no terminal 1

• Fazer novos aeroportos em Guilherme Guinle e Paulo Sérgio (BA)

• Ampliar os aeroportos Alceu Pena (Curitiba) e Guarulhos

• Fazer o trem de alta velocidade (entre Rio e São Paulo)

• Expandir e controlar metrô nas principais aglomerações urbanas

• Fazer 50 grandes obras viárias, com novos corredores de transporte, mais metrô e vias leves sobre trilhos

## URBANIZAÇÃO

• Universalizar o saneamento

• Investir R\$ 34 bilhões em obras de abastecimento de água e saneamento básico

## SAÚDE

• Construir 8.600 unidades básicas de saúde (UBSs) em todo o país

• Implantar o cartão do SUS, com o registro do histórico dos atendimentos

• Acabar com as filas para exames e atendimentos especializados

## HABITAÇÃO

• Construir a construção de mais dois milhões de moradias no programa Minha Casa, Minha Vida

• Incluir estudantes e mães na segunda fase do Minha Casa, Minha Vida

## EMPREGO E RENDA

• Continuar aumentando o salário mínimo acima da inflação

## INDÚSTRIA

• Defender a abertura da capital da indústria, mantendo controle estatal

## MEIO AMBIENTE

• Antecipar o cumprimento da meta de reduzir as emissões dos gases de efeito estufa em 35% a 39% até 2020

## REFORMA AGRÁRIA E AGRICULTURA

• Reduzir as invasões no campo

## CIÊNCIA E TECNOLOGIA

• Expandir recursos para pesquisa e ampliar as bolsas Capes e CNPq

## PEQUENAS EMPRESAS

• Criar um ministério para pequenas e médias empresas

## ESPORTE E LAZER

• Construir seis mil quadras poliesportivas em escolas públicas com mais de 500 alunos

• Construir 800 complexos esportivos, culturais e de lazer, em todos os lugares do país

## PETRÓLEO

• Defender tratamento diferenciado aos estados produtores na distribuição de royalties de petróleo

• Com os recursos do pré-sal, tornar o Brasil a quinta maior economia do mundo

## CULTURA

• Ampliar os pontos de cultura e outros equipamentos

• Implantar o Vale Cultura

## Lula elege Dilma e aliados já articulam sua volta em 2014

Com 55 milhões de votos, petista se torna a primeira mulher eleita presidente do Brasil

Caderno Especial:  
De Silva para Rousseff

• Nesta edição, um caderno especial de 12 páginas relata a trajetória da filha de uma tradicional família mineira que, após ser presa e torturada como guerrilheira, começou sua vida pública no Sul, virou ministra de Lula e acaba de se eleger para o posto máximo do país. Fã de ópera e batata frita, apelidada na campanha de "a mulher do Lula", ela enfrentará agora a pressão do PT por cargos, os problemas gigantescos que ainda perduram na infraestrutura do país e, sobretudo, a sombra de seu padrinho político.

## Como Lula construiu sua candidatura

## O risco do duplo comando



— Ai meu Deus... e agora?



DILMA, já como presidente eleita, prometeu valorizar mulheres e dialogar com a oposição



LULA após votar em São Bernardo: presidente sai vitorioso de campanha iniciada em 2007

• Com dez milhões de votos a menos que os obtidos em 2006 em sua reeleição, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva deu ontem mais um passo no seu projeto de poder: transformou a ex-ministra Dilma Rousseff, que até então não havia disputado nenhuma eleição, na primeira mulher eleita para presidente do Brasil. O próximo passo do lulismo, a volta do presidente em 2014, embora sempre negada, já é articulada por aliados no Congresso e auxiliares diretos do Palácio do Planalto. Na campanha presidencial mais longa — iniciada em 2007 por Lula — e mais radical, no discurso e no uso da máquina pública, Dilma venceu com 55 milhões de votos (56%), contra 43,4 milhões de votos (43,9%) dados ao candidato opositor, José Serra, do PSDB. A candidata de Lula venceu no DF e em 15 estados — inclusive em Minas Gerais, seu estado natal. Em seu primeiro pronunciamento após a vitória, ao lado do vice eleito, o peemedebista Michel Temer, e do ex-ministro Antônio Palocci, Dilma, resistindo à emoção, incentivou as mulheres a se mirarem em seu exemplo, prometeu zelar pela ampla e irrestrita liberdade de imprensa e elogiou a "genialidade" do presidente Lula. Aos adversários, lançou palavras cordiais: "Estendo a mão aos partidos de oposição."

Páginas 3 e 4

## MÍRIAM LEITÃO

Sem Palocci por perto, o pensamento de Dilma sobre economia é uma total incógnita. **Página 21**

## RICARDO NOBLAT

O paralelo de Dilma será o presidente Dutra, que esquentou a cadeira para a volta de Getúlio. **Página 2**

## PSDB governará mais e maiores estados

• Derrotado pela terceira vez consecutiva na disputa presidencial, o PSDB saiu vitorioso nas eleições regionais: comandará oito estados, inclusive São Paulo e Minas, maiores colégios eleitorais. O PSB também

foi fortalecido, dobrando de três para seis os estados sob sua administração. O PT mantém cinco governadores. O PMDB perdeu força: de seus oito governadores, ficará com cinco. **Página 33**

No 2º turno, Serra só virou o resultado em 3 estados: GO, ES e RS **Página 27**

Abstenção de 21,5% iguala recorde de 1998 **Página 28**

## O PAÍS



Eleições 2010

# 'Estendo minha mão à oposição'

Candidata de Lula, Dilma Rousseff é eleita a primeira mulher presidente do Brasil

Gerson Camaretti e Diana Fernandes  
BRASILIA

**D**ilma Vana Rousseff, de 62 anos, foi eleita ontem a primeira mulher presidente da República do Brasil com mais de dez pontos de vantagem sobre seu adversário, José Serra (PSDB), mostrando a força política do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, que trabalhou com obsessão ao longo do último ano para atingir essa vitória. A 49ª presidente do Brasil chegou lá na primeira eleição que disputou na vida. Do alto de seu capital de presidente mais popular da História, Lula passou por cima do PT, escolheu a candidata e conseguiu eleger como sucessora uma ex-assessora de perfil técnico, estabelecendo outro fato inédito: o terceiro mandato presidencial consecutivo para um mesmo partido eleito democraticamente.

As primeiras palavras de Dilma, depois de eleita, foram feitas de dentro do carro, ao sair de sua casa para o hotel onde fez um pronunciamento.

— Eu agradeço a todos os brasileiros e prometo honrar a confiança que depositaram em mim.

No discurso, minutos depois, ao lado do vice eleito, Michel Temer (PMDB), e dos principais coordenadores da campanha, Dilma ressaltou a importância da mulher brasileira e prometeu governar para todos, além de zelar pela "ampla e irrestrita" liberdade de imprensa, de religião e de respeito aos direitos humanos. Reafirmou a promessa de erradicar a miséria e afirmou que vai perseguir todos os compromissos que assumiu na campanha. Defendeu a reforma política e acenou a adversários.

— Estendo minha mão à oposição — discursou ela, num pronunciamento que só a deixou emocionada quando agradeceu a Lula e exaltou o presidente.

Com 92% das urnas apuradas, o presidente do Tribunal Superior Eleitoral (TSE), ministro Ricardo Lewandowski, confirmou oficialmente no início da noite a vitória de Dilma com 55,3% dos votos válidos, contra 44,6% de Serra. Com 99,98% dos votos apurados, Dilma tinha 56,05% dos votos e Serra, 43,95%, confirmando os resultados das pesquisas. Dilma obteve mais de 55 milhões de votos.

No início do ano, quando já chamava Dilma de "a mãe do PAC" em eventos oficiais do governo país afora, Lula disse que o seu governo não seria um sucesso se não conseguisse fazer seu sucessor. Consequente, mas ontem fez silêncio sobre a vitória depois do resultado oficial.

— O dia hoje é de Dilma — disse mais cedo, no Palácio da Alvorada.

O consenso de que o peso eleitoral do presidente foi determinante para a vitória e o tamanho da influência que ele exerceu diretamente ao longo da campanha reforçam a suspeita de que o fantasma de Lula permanecerá rondando Brasília. Um dos desaios de Dilma é se livrar da imagem de que não passa de uma sombra de seu criador. Mas não a ponto de se descolar dele. A presidente eleita do Brasil repetiu ontem que baterá sempre à porta de Lula, e que tem certeza de que a encontrará aberta.

O presidente do PT, José Eduardo Dutra, resumiu, à noite, o tamanho da influência de Lula. A que já exerceu e a que ainda terá no governo de sua criatura.

— Não tem como negar: o presidente Lula foi o grande eleitor dessa disputa. ■



Bruno Domingos/Rutten

DILMA ROUSSEFF faz seu primeiro pronunciamento como presidente eleita; ela ressaltou a importância da mulher brasileira e disse que cumprirá tudo o que prometeu



**Eleições 2010**

Siga a gente no Twitter: [twitter.com/OGlobo\\_Eleicoes](https://twitter.com/OGlobo_Eleicoes)

CLIQUE ESPECIAL [oglobo.com.br/pais/eleicoes2010](http://oglobo.com.br/pais/eleicoes2010)

**A PRIMEIRA MULHER PRESIDENTE DO BRASIL**

Seja um pouco mais sobre a história da economia que já foi guerrilheira, ministra e agora vai comandar o país

# ‘Agora é hora de trabalho, hora da união’

No seu primeiro discurso após ser eleita, Dilma agradece a Lula e diz que cumprirá promessas. Eis a íntegra:

“Primeiro, eu queria agradecer aos que estão aqui presentes nesta noite, que, para mim, é uma noite, vocês imaginam, completamente especial. Mas eu queria me dirigir a todos os brasileiros e brasileiras, aos meus amigos e minhas amigas de todo o Brasil. É uma imensa alegria estar aqui hoje. Eu recebi de milhões de brasileiros e de brasileiras a missão, talvez a missão mais importante da minha vida. E esse fato, para além da minha pessoa, é uma demonstração do avanço democrático do nosso país, porque, pela primeira vez, uma mulher preside o Brasil. Já registei, portanto, o meu primeiro compromisso após a eleição: honrar as mulheres brasileiras para que esse fato, até hoje inédito, se torne um evento natural, para que elas possam se sentir, se ampliar nas empresas, nas instituições civis, nas entidades representativas de toda a nossa sociedade. A igualdade de oportunidades entre homens e mulheres é um princípio essencial da democracia. Eu gostaria muito que os pais e as mães das meninas pudessem olhar hoje nos olhos delas e dizer: sim, a mulher pode.

A minha alegria é ainda maior pelo fato de que a presença de uma mulher na Presidência da República se dá pelo caminho sagrado do voto, da decisão democrática do eleito, do exercício mais elevado da cidadania. Registro outro compromisso com o país: valorizar a democracia em toda a sua dimensão, desde o direito de opinião e expressão até os direitos essenciais básicos da alimentação, do emprego, da renda, da moradia digna e da paz social. Eu vou zelar pela minha ampla e inextinguível liberdade de imprensa. Vou zelar pela mais ampla liberdade religiosa e de culto. Vou zelar pela observância criteriosa e permanente dos direitos humanos tão claramente consagrados pela nossa Constituição. Zelarei, enfim, pela nossa Constituição, dever maior da Presidência da República.

Nessa longa jornada que me trouxe até aqui, pude falar e visitar todas as nossas regiões. O que mais me deu confiança e esperança ao mesmo tempo foi a capacidade inenarrável do nosso povo de agarrar uma oportunidade por menor que seja, por mais singela que seja e, com ela, construir um mundo melhor para si e para a sua família.

É simplesmente incrível a capacidade de criar e empreender do meu compromisso fundamental que eu mantive e manterei ao longo dessa campanha: a erradicação da miséria e a criação de oportunidades para todos os brasileiros e para todas as brasileiras. Resulta, entretanto, que esta ambiciosa meta não será realizada apenas pela vontade do governo. Ela é importante, mas esta meta é um chamado à nação, aos empresários, aos trabalhadores, às igrejas, às entidades civis, às universidades, à imprensa, aos governadores, aos prefeitos e a todas as pessoas de bem do nosso país.

Não podemos desistir enquanto houver brasileiros com fome, enquanto houver famílias morando nas ruas, enquanto crianças pobres estiverem abandonadas à própria sorte, enquanto reinar o crack e as drogas. A erradicação da miséria nos próximos anos é, assim, uma meta que assumo, mas para a qual peço humildemente o apoio de todos os que possam ajudar o país no trabalho de superar este abismo que ainda nos separa de ser uma nação desenvolvida. O Brasil é uma terra generosa e sempre desenvolverá em dobro cada semente que for plantada com mão amorosa e olhar para o futuro.

Minha convicção de assumir a meta de erradicar a miséria vem não de uma vertez boba, mas de experiência vivida no nosso governo, o governo do presidente Lula, no qual uma imensa mobilidade social se realizou, tornando, hoje, possível um sonho que sempre pareceu impossível. Recordo, eu e meu vice Michel Temer, hoje eleito, reconhecemos a capacidade empreendedora de qualificar o nosso desenvolvimento econômico. Essa nova era de prosperi-



DILMA DISCURSA cercada pelo vice Michel Temer (esq.), Luizianne Lins, Magno Malta, José Eduardo Cardozo, José Eduardo Dutra e Antônio Paloc

Quando se governa pensando no interesse público e nos mais necessários, uma imensa força brota do povo e nos ajuda a governar

“ dual para formalizar milhões de negócios individuais ou familiares.

Ampliarei os limites do Superimposto e construirei modernos mecanismos de aperfeiçoamento econômico, como faz nosso governo, o governo do presidente Lula na construção civil, no setor elétrico, na lei de recuperação de empresas, entre vários outros.

As agências reguladoras terão todo o respaldo para atuar com determinação e autoridade, voltados para a promoção da inovação, da saúde e da concorrência e da efetividade do controle dos setores regulados.

Aprentaremos sempre com clareza nossos planos de ação governamental, levaremos ao debate as grandes questões nacionais. E buscaremos sempre transparência às nossas metas, nossos resultados, nossas dificuldades.

Maximizaremos os recursos (inevitavelmente) prestados de nossas riquezas naturais sempre com um pensamento de longo prazo. Por isso trabalharei no Congresso pela aprovação do fundo social do pré-sal, do marco regulatório do modelo de parceria do pré-sal. Por isso darei atenção especial às questões de longo prazo para as futuras gerações. Ele é o mais importante fundo do novo modelo que propomos, o modelo de parceria para a exploração do pré-sal, que reserva à nação e ao povo deste país a parcela mais importante das riquezas.

Definitivamente não alenearemos nossas riquezas para deixar ao nosso povo só as migalhas.

Me comprometi nessa campanha com a qualificação também da educação, dos serviços de saúde. Me comprometi com a melhoria da segurança pública, com o combate às drogas, que infecta nossas famílias e compromete nossas crianças, nossos jovens. Realizo aqui esses compromissos. Nomeei (inevitavelmente) primeira facultade para realizar esses objetivos. Mas acompanharei também pessoalmente essas áreas capitais para o desenvolvimento do país. A visão moderna de desenvolvimento econômico é aquela que valoriza o trabalhador e sua família, o cidadão e a sua comunidade, oferecendo acesso à educação e saúde de qualidade. É aquela que convive com o meio ambiente sem agredí-lo, sem criar passivos maiores que as conquistas do próprio desenvolvimento.

Não pretendo me estender aqui neste primeiro pronunciamento ao país, mas quero registrar todos os compromissos que assumi vou perseguir de forma dedicada e carinhosa. Desejo na campanha que os mais necessários — as crianças, os jovens, as pessoas com deficiência, o trabalhador desempregado, o idoso — tenham toda a minha atenção. Reafirmo aqui este compromisso.

Eu e o Michel Temer fomos eleitos por uma coligação de dez partidos e com o apoio de lideranças de vários outros partidos. Vou com eles construir um governo novo à capacidade profissional, a liderança e a disposição de servir ao país será o critério fundamental. Vou valorizar os quadros profissionais da administração pública, independente de filiação partidária.

Direi também aos partidos de oposição e aos setores da política que não estiveram conosco nesta campanha. Entendo minha missão e a deles. De minha parte não haverá discriminação, privilégios ou compadrios. A partir da minha posse, serei presidente de todos os brasileiros e brasileiras, respeitando as diferenças de opinião, de origem e de orientação política.

Nosso país precisa ainda melhorar a conduta e a qualidade da política. Quero empenhar-me, junto com todos os partidos, por uma reforma política que eleve os valores republicanos, avançando e fazendo avançar nossa jovem democracia.

Ao mesmo tempo afirmo com clareza que valorizarei a transparência na administração pública. Não haverá compromisso com erros, com desvios e com o malfeito. Serei rígida com o interesse público em todos os níveis de meu governo.



DILMA CHORA ao falar de Lula: “Baterei muito à sua porta”

vermo. Os órgãos de controle e de fiscalização trabalharão com o meu respeito sem jamais perseguir adversários ou proteger amigos.

Devo para o final os meus agradecimentos, pois quem dedicou o tempo, quem deu a eles muita fé. Primeiro, meu agradecimento ao povo brasileiro que me dedicou seu apoio. Serei eternamente grata pela oportunidade única de servir ao meu país em seu mais alto posto. Prometo devolver em dobro todo o carinho recebido em todos os lugares, em todas as regiões por que passei. Nem uma região do meu país ficará para trás ou será menosprezada ou considerada de segunda categoria.

Mas agradeço especialmente também todos aqueles que votaram no primeiro e no segundo turno em outros candidatos ou candidatas. Eles também foram votar e votar na democracia e a eles também o meu agradecimento.

Agradeço às lideranças partidárias que, inclusive, muitas delas estão aqui hoje, que me apoiaram, comandaram essa jornada. Meus assessores, minha equipe de trabalho e todos os que dedicaram meses inteiros a esse árduo trabalho.

Agradeço à imprensa brasileira e estrangeira que aqui está e cada um dos seus profissionais pela cobertura do processo eleitoral. Não nego a vocês que por vezes algumas das coisas difíceis me deixaram triste. Mas quem como eu luta pela democracia e pelo direito de livre opinião arriscando a vida, quem como eu e tantos outros que não estão mais entre nós, dedicamos toda nossa juventude ao direito de expressão, nós somos naturalmente amantes da liberdade. Disse e repito que prefiro o barulho da imprensa livre ao silêncio da ditadura. As críticas do jornalismo livre ajudam ao país e são essenciais aos governos democráticos, apontando erros e fazendo o necessário contrabalanço.

Agradeço muito especialmente em nome da nação a todos os brasileiros e brasileiras que me apoiaram e me apoiaram com a sua imensa sabedoria às coisas que se guardam para a vida toda. Convidar durante todos esses anos ao Brasil para a vida pública, convidar todos os brasileiros e brasileiras a esta dimensão do governo justo e do líder apaixonado por seu país e por sua gente.

A alegria que sinto hoje pela minha vitória se mistura com a emoção da sua despedida. Sei que um dia com Lula nunca estará longe de seu povo e cada um de nós. Batei muito à sua porta. Tenho certeza e confiança que a encontrarei sempre aberta. Sei que a distância de um cargo nada significa para um homem de tamanha grandeza e generosidade. A tarefa de sucedê-lo é difícil e desafiadora, mas saberei honrar este legado. Saberei consolidar e avançar sua obra. Aprendi com ele que, quando se governa pensando no interesse público e nos mais necessários, uma imensa força brota do povo e nos ajuda a governar. Uma força que leva o país para a frente e ajuda a vencer os maiores desafios.

Pensando a eleição, agora, não sabemos, é hora de trabalho. Passado o debate de projetos, agora é hora da união. União pela educação, união pelo desenvolvimento, união pelo país. Junto comigo foram eleitos novos governadores, novos senadores, novos deputados federais. Ao parabenizá-los, e a todos os deputados estaduais também eleitos no primeiro turno, convidei a todos, independentemente de cor partidária, para uma ação determinada e para uma ação efetiva, para uma ação enérgica em prol do futuro do nosso país. Sempre com a convicção de que a nação brasileira será exatamente do tamanho, será exatamente com a grandeza daquilo que juntos nós todos fizermos por ela. Um abraço a cada um, meus amigos e minhas amigas.”





DEPOIS DE votar, Dilma Rousseff (PT) deixa a seção eleitoral em Porto Alegre, fazendo o sinal da vitória. Ela conclamou a militância a não entrar no clima do já ganhou com a expressão gaúcha "não é para afrouxar o garrafão".

## ‘Nunca pensei em ser presidente do Brasil’

Na véspera, Dilma jantou com o ex-marido e os dois lembraram que, 40 anos atrás, presos, jamais imaginaram um dia como este

Maria Lima

Enviada especial

• PORTO ALEGRE. Na noite de sábado, num jantar na casa do ex-marido e da namorada dele, Ana, os dois ex-guerrilheiros Max (Carlos Araújo) e Vanda (Dilma Rousseff) repassaram o filme de suas vidas e conversaram sobre a surpresa de um deles ter chegado, 40 anos depois, ao topo do poder no Brasil. Como que se beliscando para ver se era sonho, Dilma e Carlos ainda não acreditavam no desfecho de suas histórias, que, admitiram, nunca passaram nem da forma mais remota pela cabeça dos dois.

**Vinho tinto e reminiscências do passado**  
Bebericando um vinho tinto chileno, Dilma e Carlos compararam a trajetória de Dilma e a de Serra, que sempre trabalhou e sonhou em ser presidente do Brasil, e ela, que nunca pretendeu, chegou lá.  
— Eu nunca quis, nunca pensei em ser presidente do Brasil. Nunca tive que fazer arranjos constrangedores para chegar onde cheguei. E o Serra só fez isso a vida inteira (pensar em ser presidente): foi o primeiro aluno da classe, liderou o grêmio estudantil, foi parlamentar, governou, sempre de olho na Presidência. Como é surpreendente o processo político brasileiro! Ao

contrário do Serra, para mim, ser presidente não era uma coisa de vida ou morte. Aconteceu naturalmente — disse Dilma na conversa com Carlos.

O ex-marido de Dilma, para ilustrar a surpresa de sua chegada à Presidência da República, contou que na noite de sábado os dois se lembraram de quando estavam presos.

— A gente falou quando que na prisão a gente imaginaria que ia chegar um dia como este? O mais significativo é pensar como uma pessoa como a Dilma podia chegar a presidente — contou Carlos Araújo ao GLOBO.

A comida foi preparada por Ana, atual namorada de Carlos Araújo: arroz com feijão, maionese caseira com ovos caipira e filé de frango com alho. A filha, Paula, deveria participar do encontro em família, mas o filho Gabriel estava doente.

Ontem, depois de votar, Dilma atrasou sua volta para Brasília para ter mais um tempinho com Paula e Gabriel. Passou o tempo com o neto no colo, no apartamento. E ainda deu mais uma passada na casa do ex-marido para se despedir.

Na tarde de sábado, Dilma chegou a Porto Alegre no limite da exaustão. Dispensou assessores e seguranças para se despedir da vida de simples mortal em seu apartamento, no pacato Bairro Assunção, em Porto Alegre.

Durante o jantar de sábado e nas conversas com a filha e familiares, Dilma também discutiu os próximos passos para depois do turbilhão que varrerá a vida simples de todos a partir de hoje. Ela disse que talvez não dê para sair de Brasília nos próximos dias, que precisa deixar algumas coisas sobre a transição amarradas.

— Ela estava confiante e tranquila. Essa eleição está ganha. O *trucking* de hora em hora (pesquisa de opinião que monitora o eleitorado) mostra isso — dizia o também confiante

Carlos na tarde de sábado.

Por causa da ansiedade que o impedia de dormir bem, semana passada o ex-marido da agora presidente eleita foi parar no hospital com uma crise em função do enfisema pulmonar. Carlos tentou esconder de Dilma o agravamento da doença, mas na quinta-feira ela ligou e quem atendeu foi a enfermeira, que o entregou, avisando que estavam a caminho do hospital.

— Eu não queria que a Dilma soubesse, com medo de que ficasse nervosa e fosse mal no debate do Globo. Mas

ela conversou comigo, viu que estava sob controle e ficou tranquila — disse Carlos.

Carlos quer ficar bem logo para ir a Brasília passar um tempo com Dilma. Ele nega que vá morar na capital com a futura presidenta, mas diz que sempre que puder vai passar um tempo por lá. No Alvorada, devem ir morar a mãe da presidenta eleita, dona Dilma Jane, e a tia Arilda. Passado o tumulto dos primeiros dias depois da eleição, Carlos defende que Dilma fuja para um praia quente e isolada, fora do Brasil, para se recompor

e enfrentar seu maior desafio: compor o novo governo.

— Quem acha que a Dilma não vai governar o Brasil não a conhece. Ela não é de delegar tarefas. Vai ter as rédeas do seu governo — diz o ex-marido e confiante.

**Piada sobre poética envolvendo aborto e Papa**

Ele diz que não há risco de o presidente Lula ficar pairando sobre o governo Dilma, porque terá suas coisas para cuidar: — Não vejo hipótese de Lula ficar como sombra de Dilma. Ele certamente será um conselheiro, mas vai cuidar da criação de um instituto para ajudar na integração de África e Oriente Médio. Além do que, Lula deverá se entregar à tarefa de reestruturação política pós-eleição.

Apesar da dificuldade de ficar conversando muito, o ex-marido de Dilma fez piadas sobre a intervenção do Papa Bento XVI sobre a questão do aborto na semana passada, o que foi interpretado como um apoio ao tucano José Serra: — Vou ligar para o secretário geral da ONU e dar o telefone do Serra. Ele já tem o apoio do Papa, quem sabe não ajuda também o apoio da ONU?

E completou: — Como vai estar esse rapaz quando sair o resultado dando vitória a Dilma? Ele vai ter um filho? Se não abortar antes. ■

### Petista vota em ritmo de já ganhou

Candidata promete diálogo com todos e governo de coalizão

• PORTO ALEGRE. Sem esconder o clima de já ganhou, a petista Dilma Rousseff iniciou sua agenda, ontem, em Porto Alegre, com o sorriso estampado no rosto. Ao lado do governador eleito do Rio Grande do Sul, Tarso Genro (PT), de militantes com camisetas onde se lia “Dia D de Dilma”, de caciques do PDT e de outros aliados, participou de um café da manhã num hotel. Na entrevista e no discurso, alagou os aliados e afirmou que dialogará com todos os partidos, mas que quem governará com ela serão os integrantes da coligação.

Na hora do voto, foi recepcionada por militantes, no Colégio Santos Dumont, com uma chuva de pétalas de rosas.

Perguntada se, eleita, chamaria a oposição para fazer um governo de coalizão, disse que governaria para todos, mas não com todos.

— Se eu for eleita, a partir de amanhã começa uma nova etapa da democracia. Vai ser exigido de quem assumir o governo que tenha sentimento republicano. O meu compromisso democrático é de governar para todos. Agora, a minha coligação, que foi quem me trouxe até aqui, é com quem eu vou governar.

Questionada ainda se conversaria com o candidato José Serra (PSDB), ela o enquadrou na categoria de “todos os brasileiros”. — Eu governarei para todos e conversarei com todos os brasileiros, sem exceção.

## Temer minimiza dissensões do PMDB

‘Prefeitos e vereadores acompanharam a decisão nacional do partido’, diz vice

Leila Suwvan

• SÃO PAULO. O vice-presidente eleito na chapa de Dilma Rousseff (PT), deputado Michel Temer (PMDB), minimizou ontem pela manhã, ao votar na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), em Perdizes, na Zona Oeste da capital paulista, as dissensões regionais de seu partido durante a campanha eleitoral.

Para Temer, houve líderes peemedebistas que, de forma isolada, apoiaram o oposicionista José Serra (PSDB).

Mas a base do partido, formada por prefeitos e vereadores, seguiu a decisão da direção nacional.

— O PMDB ajudou muito a campanha. Mesmo em locais onde um ou outro líder era contrário, prefeitos e vereadores eram favoráveis a nós e acompanharam a decisão nacional do partido. Foi útil para a chapa — disse o vice-presidente eleito, antes de entrar na cabine de votação.

Considerado o aliado decisivo do PT na eleição de Dilma Rousseff, o PMDB apoiou, em

Santa Catarina, o governador eleito pelo DEM, partido da coligação de Serra, Raimundo Colombo. E em São Paulo, o comandante do partido, Orestes Quercia, também apoiou a candidatura tucana.

**Na hora da votação, cautela com “eventual vitória”**

Apesar de as pesquisas já indicarem a eleição de Dilma, Temer manteve-se cauteloso, na hora de votar. Preferiu falar em “eventual vitória”, ao prever o resultado da votação do segundo turno.

Acompanhado de assessores e jornalistas, Temer foi recebido e cumprimentado por poucos eleitores.

— A primeira emoção (no momento de votar) é pelo exercício pleno da democracia. A segunda é pela perspectiva da eventual vitória — disse Temer ao chegar na PUC-SP. — As pesquisas indicam positivamente para nós e estamos tomando todas as cautelas. Vamos esperar até 17h, quando fecharem as urnas — pediu o vice-presidente eleito aos jornalistas. ■



TEMER DEIXA a seção eleitoral na PUC-SP. “PMDB ajudou muito”





# Volta de Lula em 2014, que rondará a gestão Dilma, já é articulada

Projeto de poder do PT prevê a possibilidade de retorno do presidente ao cargo, em quatro anos

Gerson Camarotti e Luiza Damé

• BRASÍLIA. Desde o primeiro dia do novo governo, em 1º de janeiro de 2011, um fantasma deve rondar o Palácio do Planalto nos quatro anos de mandato da presidente Dilma Rousseff: a possibilidade de o presidente Luiz Inácio Lula da Silva voltar a ser o candidato do PT em 2014. Embora negado o tempo todo, o tema é assunto frequente entre petistas e aliados, seja para alimentar a expectativa de poder, seja para tentar imobilizar Dilma e, até mesmo, para deixar a oposição em dúvida.

Um dos petistas com grande influência na campanha de Dilma, no comando do PT e com interseção no Planalto diz que o assunto nunca foi discutido seriamente. Ponderando sobre a distância que separa 2010 de 2014 e a impossibilidade de traçar planos dessa magnitude com tanta antecedência, esse petista lembra: "Se alguém dissesse, depois da eleição de 2006, que Dilma seria a candidata do PT em 2010, todos nós cairíamos na risada, não?".

Dutra: "É muito cedo para discutir isso"

De público, o assunto é tratado de forma cuidadosa. Ontem, questionado sobre a possível volta à política nas próximas eleições, o presidente desconversou. Disse que não sabe se estará vivo em 2014.

O comando do PT já tenta tirar o assunto da pauta. — A tarefa de Dilma é fazer um bom governo. A questão de 2014 fica para um momento oportuno. O Lula sai com a aprovação consagrada, com mais de 80% de bom e ótimo. Ele teria que voltar com a obrigação de superar isso — disse o presidente do PT, José Eduardo Dutra. — Não sei se ele gostaria de voltar. Mas ainda é muito ce-

do para discutir isso.

Mas integrantes do PT avaliam que o retorno de Lula é a única forma de garantir o projeto de poder de 20 anos. Alguns lulistas até dizem que Lula será candidato, independentemente do desempenho de Dilma. A escolha da petista para sua sucessão foi baseada na confiança de que ela, sempre leal, não dificultaria uma eventual volta dele.

O que confirma esse fantasma inevitável é que em nenhum momento, quando foi questionado sobre sua volta, Lula foi enfático na negativa. Pelo contrário, deixou a questão em aberto.

Lula: "Conjuntura do momento vai indicar"

Há três anos, quando abordado em uma entrevista, Lula não descartou um retorno em 2014. Na ocasião, disse que não poderia trabalhar com essa hipótese em sua cabeça porque seria o seu "fracasso". Mas ressaltou: "Se essa coisa tiver de acontecer, a conjuntura do momento vai indicar".

Nos últimos dias, um outro ministro com influência no governo lembrava que a oposição errou ao apostar na possibilidade de um terceiro mandato para Lula. Enquanto isso, acrescentou essa fonte, Lula preparava a candidatura governista.

— Por que iríamos nos preocupar com o terceiro mandato se o nosso projeto é de 20 anos: dois mandatos de Lula, mais quatro anos de Dilma e outros oito anos de Lula? Ficamos no poder até 2022 — disse um petista.

Mas a avaliação está longe de ser um consenso dentro do PT. E Lula não tem dado pistas concretas. Dilma sempre foi cautelosa em relação ao tema. No início de julho, disse, de forma "mineira", que "quando chegar a hora" vai conversar sobre isso. Internamente, ela teria deixado escapar essa possibilidade. ■



EM BRASÍLIA, militantes se reúnem em festa organizada pelo governador eleito Agnelo Queiroz (PT): cerca de 5 mil pessoas, segundo a PM

## Festa vermelha nas ruas do país

Da Esplanada, em Brasília, à Av. Paulista, petistas comemoram a vitória

• BRASÍLIA, SÃO PAULO E RIO. O anúncio da vitória petista na disputa presidencial e também na corrida para o governo do Distrito Federal levou para a Esplanada dos Ministérios pelo menos cinco mil pessoas, segundo a Polícia Militar. Lá, o PT local organizou uma festa dupla para celebrar a eleição de Agnelo Queiroz e Dilma Rousseff. Os dois candidatos eram aguardados pela multidão que levou para o gramado as bandeiras vermelhas do partido.

Agnelo foi à festa, animada por três trios elétricos. Já Dilma não compareceu. Lula também não foi, cumprindo uma determinação que já havia manifestado a assessores. Para o presidente, o dia era de Dilma. Portanto, ele não deveria sequer aparecer em público. Lula acompanhou a apuração do cinema do Palácio da Alvorada, onde, mais tarde, se encontrou com Dilma. O abraço entre os dois foi registrado pelo governador reeleito de Sergipe, Marcelo Deda, que postou a foto no Twitter.

No Rio, a partir das 17h, militantes com bandeiras e cartazes de Dilma Rousseff tomaram conta da praça em frente à Escola Municipal Santo Antônio de Aguiar, no Leme, na Zona Sul da cidade, para assistir à apuração num telão. Em São Paulo, a Força Sindical e o PT organizaram em frente ao Masp, na Av. Paulista, uma festa em homenagem a Dilma. Parte da avenida teve o trânsito interditado. ■



O ABRAÇO emocionado: Dilma e Lula se encontram no Palácio da Alvorada, depois da vitória da petista

## Gabrovo, na Bulgária, quer o carnaval carioca

Pai de Dilma nasceu na cidade dos Balcãs

• O prefeito de Gabrovo, nos Balcãs, Nikolay Sirakov, quer uma "cooperação entre o carnaval de primavera de humor de Gabrovo e o carnaval do Rio", segundo a agência oficial de notícias búlgara Novinite. Nem tanto por Gabrovo, terra natal do artista plástico Christo, que ficou famoso embalando estruturas gigantes ao redor do mundo, se autodenominar a capital mundial do humor, graças à sua Casa do Humor e Sátira, local de exposições de cartuns, fotos e pinturas sobre o tema. Mas por ser a cidade natal de

Peter, ou Pedro, o pai da presidente eleita, Dilma Rousseff.

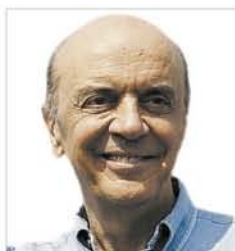
A eleição de Dilma Rousseff foi destaque no noticiário do site da Novinite. As três principais chamadas do site, ontem, eram notícias que acompanhavam em tempo real a eleição brasileira e a vitória da petista. Descendente de búlgaros, Dilma Rousseff tornou-se a nova presidente do Brasil, anunciou o site às 20h30m, depois de noticiar a pesquisa de boca de urna do Ibope que previa a vitória da neta da bem-humorada Gabrovo.

O GLOBO NA INTERNET  
GALERIA Confira as imagens da festa da campanha do PT  
globe.com.br/pais/eleicoes2010

## RESULTADOS (TSE) • PRESIDENTE DA REPÚBLICA

URNAS APURADAS ATÉ 23h52m: 99,98%

**Dilma**  
**56,05%**  
55.745.867  
votos



**Serra**  
**43,95%**  
43.707.472  
votos

Votos em branco: 2.452.519 (2,30%) • Nulos: 4.688.672 (4,40%) • Abstenção: 21,50%





Eleições 2010

José Casado

• Ele foi o grande vencedor. Luiz Inácio Lula da Silva, ontem, se converteu no primeiro presidente da História republicana a eleger o sucessor e a exibir um projeto de poder — oito semanas antes de se despedir do segundo mandato no Palácio do Planalto. Não é pouco.

— Quando eu completei 65 anos de idade (quatro dias atrás), eu falei: “Tudo o que vier para mim, depois, é lucro!”

A eleição da sucessora Dilma Rousseff é o resultado do seu carisma e experiência, lapidados em 21 anos de campanhas presidenciais e polidos em uma custosa estrutura de propaganda (gasto médio oficial de R\$ 1 milhão por dia).

O resultado, ainda que em margens inferiores às projeções otimistas feitas pelo presidente aos assessores nesta semana, é uma reafirmação da sua influência política, consolidada na eleição de 2006, quando somou 58 milhões de votos (60,8% dos válidos) e descolou-se do seu partido, o PT.

Lula tem reiterado a disposição de, a partir de janeiro, se manter no papel de condutor dessa força eleitoral que alguns chamam “lulismo” e ele define como “movimento” popular.

— Eles (da oposição) não sabem o que é ser popular — repetiu nos últimos comícios — porque nunca estiveram perto do povo e aí confundem populismo com popular.

No papel de ex-presidente, seu novo desafio será se manter no centro da cena política. Até porque pode acabar surpreendido pela solidão em São Bernardo do Campo (SP). E, caso consiga continuar protagonista, vai precisar conter o arrebatamento para não ofuscar a sucessora em um cenário novo, complexo e delicado até pelo tom radical adotado durante a campanha.

Foi o embate eleitoral mais radicalizado desde 1989, quando Lula disputou o poder central pela primeira vez e perdeu para Fernando Collor, o presidente que ajudou a derubar dois anos depois.

Desde a montagem da candidatura de Dilma até a vitória de ontem nas urnas, Lula atuou com radicalismo.

Ele escolheu sozinho e impôs Dilma ao Partido dos Trabalhadores. Determinou seus candidatos em cada estado, obrigou outros pretendentes à renúncia e ajudou a derrotar os que resistiram em diferentes partidos aliados. Produziu, dirigiu e assumiu o papel de protagonista onipresente na campanha. Engajou o governo no comitê partidário e, empenhado num acerto de contas político, dividiu o país em dois palanques — o dele e o daqueles a quem tratou como inimigos.

### A adrenalina da vitória

- A oito semanas da despedida da Presidência da República, Lula parece continuar a viver sob o impulso do passado e a construir o futuro numa espécie de transe com a adrenalina da vitória. Ontem, por exemplo, voltou a desqualificar o candidato da oposição: — Serra sai menor desta eleição — disse, depois de votar.
- Com 424 semanas de mandato, Lula fez em média de dois discursos por dia — descontados os comícios da reeleição (2006) e deste ano. Já são mais de 900 pronunciamentos oficiais e, praticamente em todos, fez questão de criticar o antecessor, Fernando Henrique Cardoso, que o derrotou no primeiro turno de duas eleições presidenciais seguidas (em 1994 e 1998).
- Não resistiu e deu vazão ao ressentimento até mesmo na sua festa de aniversário (65 anos), comemorada quatro dias atrás no Palácio da Alvorada: — (Fica provado para) aqueles que governaram antes de nós, que nós construímos um novo patamar, um novo paradigma para que o Brasil nunca mais volte a ser o que era.
- Passara por Santa Catarina, cinco semanas antes, pedindo

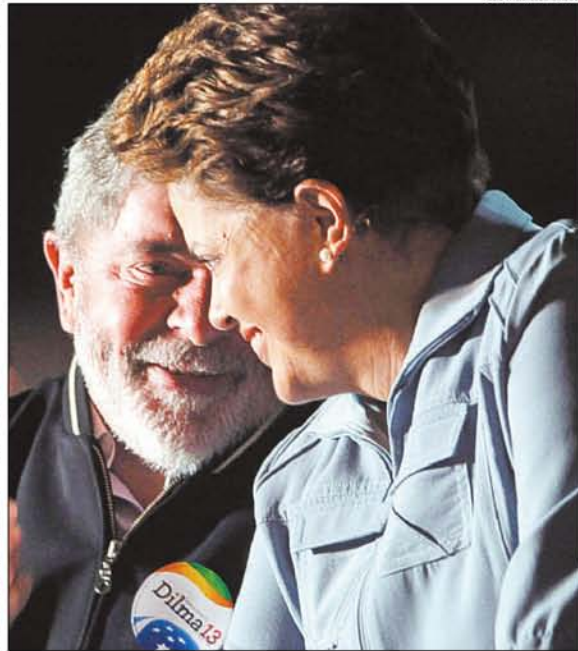


O GRANDE FIADOR: o presidente Lula agiu sozinho ao escolher Dilma Rousseff como sua candidata e impôs o nome dela, uma ex-pedetista, ao Partido dos Trabalhadores

# Lula, o fiador vitorioso, porém solitário, do projeto ‘Dilma lá’

Nas asas de uma popularidade recorde, presidente elege desconhecida como sucessora

Paulo Whitaker/23.08.2010



LULA COM

DILMA: o presidente foi figura onipresente na campanha de sua candidata, e, por ela, sacrificou muitas candidaturas petistas nos estados.



Quando eu completei 65 anos de idade (quatro dias atrás), eu falei: “Tudo o que vier para mim, depois, é lucro!”

(Fica provado para) aqueles que governaram antes de nós, que nós construímos um novo patamar, um novo paradigma para que o Brasil nunca mais volte a ser o que era

Eles (da oposição) não sabem o que é ser popular porque nunca estiveram perto do povo e aí confundem populismo com popular

Presidente Luiz Inácio Lula da Silva

ajuda aos eleitores para aniquilar (“extirpar”) um dos palanques da oposição, o DEM. Perdeu a eleição local no primeiro turno. Visitou Teresina, na semana passada, para comemorar o êxito em outro de seus projetos nesta eleição: derrotar dois senadores oposicionistas (Herculito Fortes, do DEM, e Mão Santa, do PMDB), que se candidatarão à reeleição. Agradeceu ao Padre Eterno a resposta ao seu pedido de vingança.

— Deus escreve certo por linhas tortas — disse, no palanque. — Deus fez a vingança que eu acho que era necessária: colocar gente mais digna, de mais respeito, para representar com mais dignidade o estado do Piauí.

Esse sentimento de rancor que o presidente da República extravasou todo o tempo, contribuiu para um clima de perigosa radicalização da cena política que sua sucessora terá de

administrar, a partir de hoje.

Dilma tem no novo Congresso uma aparente maioria, mas com forte dependência de aliados como o PMDB, cujos líderes rejeitam diariamente o desejo de “partilha” do poder. É a sucessora de Lula vai precisar da oposição, que ontem exibiu um fôlego surpreendente. José Serra saiu do primeiro turno com 32% dos votos e terminou a eleição com 44,6% — avançou 12 pontos em três semanas, somando

no final 41 milhões de votos.

A primeira batalha do governo Dilma no novo Congresso já começou: PT e PMDB estão em guerra pelo futuro comando da Câmara e do Senado. O papel da oposição aí poderá ser decisivo. ■

O GLOBO NA INTERNET

O PT no governo, Confira o especial [globo.com.br/pais/eleicoes2010/governosyl](http://globo.com.br/pais/eleicoes2010/governosyl)



# Lula: 'Serra sai menor desta campanha'

Presidente diz que Dilma foi vítima de preconceito e acusa a oposição de incitar o ódio e politizar a religião

Tatiana Farah

• SÃO BERNARDO DO CAMPO. O presidente Luiz Inácio Lula da Silva deixou a cautela de lado e confiou nas pesquisas de intenção de voto para afirmar, ontem de manhã, que José Serra (PSDB) sairia "menor" das eleições. Ele acusou o tucano de fazer uma campanha agressiva, com "incitação do ódio" e "política da religião". Lula, que votou em São Bernardo do Campo, afirmou que seu partido sai fortalecido das eleições. Ele negou que a campanha tenha sido virulenta "de parte a parte".

— Não fale "de parte a parte". Essa campanha foi muito mais violenta de uma parte para outra. Sinceramente, acho que o candidato Serra sai menor desta campanha. Sai menor porque a agressividade deles com a companheira Dilma Rousseff é uma coisa que eu imaginava que tivesse terminado na política brasileira — disse Lula, repetindo uma frase do tucano Aécio Neves, que afirmou que o presidente sai menor do que entrou nesta campanha.

O presidente disse ainda que Dilma foi vítima de preconceito. — É uma coisa delicada que aconteceu nesta campanha: a questão da disseminação do ódio e do preconceito. Em política, isso é muito grave. Penso que, terminadas as eleições, os partidos políticos vão ter de fazer uma reflexão do que aconteceu. As igrejas vão ter de pensar o seu papel.

Questionado sobre como o PT saia destas eleições, disse "que sai mais fortalecido". Lula afirmou que não participará do governo Dilma e que quer continuar viajando pelo país. Sobre 2014, desceu a cabeça.

— Não sei se estarei nem vivo em 2014. Estou com 65 anos, não posso ficar fazendo prognóstico para muito tempo. Não tenho vontade (de concorrer). Minha vontade agora é de descansar.

O presidente disse que, em suas cinco campanhas presidenciais, não foi tão agressivo como o PSDB este ano.

— Das cinco vezes, eu perdi três e vocês nunca me viram com a agressividade que teve nesta campanha.

Além disso, as principais declarações de Lula, antes da confirmação da vitória de Dilma:

• **MOMENTO MÁGICO:** O importante hoje é que mais uma vez o povo brasileiro está consolidando o processo democrático. Todo mundo sabe que eu trabalhei para minha candidatura. O Brasil precisa continuar este momento extraordinário que está vivendo, de crescimento, um momento quase mágico para um país que passou o século 20 conhecendo ditadores.

• **FORA DO GOVERNO:** Não existe nenhuma possibilidade de um ex-presidente participar de um governo. Dilma eleita precisa ter um governo que seja a cara dela, o jeito dela. E tem de ter pessoas em que ela confie. O ex-presidente da República, só cabe torcer para que a Dilma faça mais do que ele fez.

• **TAREFAS:** Nunca haverá tempo para uma pessoa que construiu a relação que eu construí, seja política, sindical, com o movimento social, com empresários, ficar parada. Terá muita tarefa. Agora, a única coisa que não quero é ter tarefa dentro do governo. E também, não dentro do partido, não quero voltar para dentro do partido.

• **SAÍDA:** Quando entré no governo, sabia que ia sair. O importante é isso: você tem da para entrar e para sair. É uma coisa importante na democracia. Estou saindo confortavelmente.

• **VALIDADE:** Todos os presidentes que passaram pelo Brasil gostariam de viver um momento como esse (aprovação



O PRESIDENTE LULA FALA aos jornalistas depois de votar, em São Bernardo do Campo. Apesar de sua própria atuação polêmica, ele acusou Serra de fazer campanha agressiva

## Dirceu diz que não vai pleitear cargo

Ex-ministro admite que deve à Justiça e ficará apenas na direção do PT

Adair Antunes Barbosa

• SÃO PAULO. O ex-ministro José Dirceu, que teve os direitos políticos cassados em 2005 depois de ser acusado de ser "chefe da quadrilha" do mensalão, disse que ainda deve à Justiça e garantiu que não pode, não quer nem deve participar do governo de Dilma Rousseff. E que em 2011 continuará na direção do PT.

— No governo, nenhuma (participação). Sou dirigente do PT. Não posso, não quero e não devo ser governo. Na direção do PT eu não queria. Assumi porque me pediram. Eu queria esperar meu julgamento — disse, afirmando em seguida que tem uma dívida com a Justiça. — Sei muito bem qual é o meu lugar no Brasil. Devo contas à Justiça, não porque sou culpado, mas pela democracia. Não fujo a isso. Jamais vou ter uma pretensão que não seja de acordo com a minha consciência. E a consciência me diz que não devo ocupar cargos nem pleitear.

Em rápida conversa com jornalistas depois de votar, Dirceu condenou o que chamou de "campanha suja" do candidato do PSDB, José Serra, principalmente com base na internet: ele "só perdeu voto" com essa estratégia.



JOSÉ DIRCEU sai para votar. "Sei muito bem qual é o meu lugar no Brasil"

— Não ganhou um voto fazendo isso — comentou, definindo a campanha adversária como "mistura de populismo e obscurantismo". — Uma das razões de o Serra ter caído nas pesquisas foi a campanha que fez. Acho que ele perdeu voto

da inteligência do país, da juventude, perdeu muito voto de empreendedor, de empresário, com uma mistura de populismo e obscurantismo. É lamentável que tenha havido essa exploração religiosa. Isso é perigoso. Nós não podemos misturar religião e Estado.

O antecessor de Dilma na Casa Civil, um dos mais poderosos cardais do PT, reclamou da decisão do TSE, que negou liminar pedida pelos advogados da campanha petista para suspender propaganda da coligação tucana que o mostrava como "membro da quadrilha do mensalão".

— Foi uma covardia, né? Porque eu não posso responder — disse comentando a decisão do TSE.

Ele voltou a afirmar que continua sendo "linchado".

— Sou inocente e quero ser julgado. Foi linchado, prejudicado, e continuo sendo. Todos esses anos eu só trabalhei para isso. Em tudo o que eu fui investigado, inquirido, CPI, fui processado e absolvido. ■

## 'Já virou balcão de negócios'

Tasso Jereissati, do PSDB, diz achar que país viverá graves problemas

Isabela Martin e Leticia Lins

• FORTALEZA e RECIFE. Falando antes da divulgação do resultado das eleições, o senador Tasso Jereissati (PSDB), que não se reelegerá, afirmou que o Brasil enfrentará graves problemas morais porque a relação do governo com os partidos que apoiaram a candidatura de Dilma Rousseff passou do ponto do fisiologismo e virou balcão de negócios.

— Quem quer que ganhe, nós não queremos que ninguém venha a sucumbir. Mas que o Brasil passa a enfrentar

graves problemas, principalmente morais, isso vai acontecer com certeza — disse após votar.

Segundo o senador, a relação com os partidos não se limita a trocar cargos por apoio.

— Já passou do ponto que era só fisiologismo. Já virou balcão de negócios, a situação vai ficar muito grave. Fisiologismo era quando os partidos trocavam (apoio) por cargos. Agora, a maioria dessas trocas está sendo feita com ambição de lucro.

Depois de reclamar do nível da campanha — "que foi muito suja" —, o presidente do PSDB, Sérgio Guerra, afirmou que oposição e situação devem começar a discutir a partir de hoje a implantação de uma reforma política.

— Tem que haver mudança na política, porque as regras que estão aí não servem mais nem para nós nem para os adversários. Tem que ser uma outra vida com outra política, e uma verdadeira reforma, que deve começar amanhã (hoje).

Guerra criticou a atuação de institutos de pesquisa:

— Tem que ser reavaliados, porque interferem nas intenções de voto.

vivendo agora é anormal, que é o exercício de um mandato.

• **IMPRENSA:** Acho que determinados setores de comunicação erram quando tentam nivelar a política por baixo porque

pobre do país em que a gente não tenha a liberdade democrática, a pluralidade política.

• **RELIGIÃO E ABORTO:** Eu era religioso antes, continuo sendo e vou ser no futuro.

## Ciro: aliança é desafio para Dilma

Fortaleza

• FORTALEZA. O deputado federal Ciro Gomes (PSB-CE) disse ontem que, apesar de ser uma grande administradora e "saber produzir resultado", Dilma Rousseff (PT) terá na falta de vivência política e em suas alianças os seus maiores desafios. Ciro foi o coordenador da campanha de Dilma no Nordeste e fez diversas críticas à "frouxidão moral" da aliança de apoio à petista, que incluiu o PMDB, o qual chamou de "ajuntamento de ladrões".

— A Dilma tem um talento muito grande como administradora. Sabe produzir resultado. Isso é uma coisa de que a administração brasileira se resente muito. Entretanto, a ela falta a experiência, a vivência política que me deixa sempre com alguma preocupação. E a heterogeneidade de sua base de sustentação é disparado o mais grave desafio.

Citando o cientista político italiano Antonio Gramsci, Ciro disse que para lidar com essa heterogeneidade é preciso "impor uma hegemonia moral e intelectual", e que, mesmo tendo "mediadores", este é o papel do presidente. Ciro votou em trânsito, em Fortaleza, porque mudou o domicílio eleitoral para São Paulo a pedido do presidente Lula. Arrependido, diz que irá transferir "imediatamente".

Ciro falou de sua aspiração de ser presidente e da vontade de "cuidar da vida pessoal". Sobre assumir algum cargo no governo de Dilma, disse que não foi sonhado. (Isabela Martin)

Agora, acho que tem uma coisa grave que é você tentar politizar a religião. Vi uma coisa: a tentativa de explorar uma fala do Papa contra o aborto, contra a Dilma. Primeiro, a Igreja Católica é contra o aborto desde que ela existe. Então, não tem novidade.

• **RELIGIÃO E ABORTO:** Eu era religioso antes, continuo sendo e vou ser no futuro.

• **RELIGIÃO E ABORTO:** Eu era religioso antes, continuo sendo e vou ser no futuro.

• **RELIGIÃO E ABORTO:** Eu era religioso antes, continuo sendo e vou ser no futuro.

• **RELIGIÃO E ABORTO:** Eu era religioso antes, continuo sendo e vou ser no futuro.

• **RELIGIÃO E ABORTO:** Eu era religioso antes, continuo sendo e vou ser no futuro.

• **RELIGIÃO E ABORTO:** Eu era religioso antes, continuo sendo e vou ser no futuro.

• **RELIGIÃO E ABORTO:** Eu era religioso antes, continuo sendo e vou ser no futuro.

• **RELIGIÃO E ABORTO:** Eu era religioso antes, continuo sendo e vou ser no futuro.

• **RELIGIÃO E ABORTO:** Eu era religioso antes, continuo sendo e vou ser no futuro.

• **RELIGIÃO E ABORTO:** Eu era religioso antes, continuo sendo e vou ser no futuro.

• **RELIGIÃO E ABORTO:** Eu era religioso antes, continuo sendo e vou ser no futuro.

• **RELIGIÃO E ABORTO:** Eu era religioso antes, continuo sendo e vou ser no futuro.

• **RELIGIÃO E ABORTO:** Eu era religioso antes, continuo sendo e vou ser no futuro.

• **RELIGIÃO E ABORTO:** Eu era religioso antes, continuo sendo e vou ser no futuro.

• **RELIGIÃO E ABORTO:** Eu era religioso antes, continuo sendo e vou ser no futuro.





# Um novo estilo à frente do Alvorada

Cria de Lula, Dilma conduz de forma mais rígida e metódica sua rotina; festas deverão dar lugar à discrição

Maria Lima e Malá Menezes

BRASILIA E RIO. Ao entregar a faixa à sua sucessora, Dilma Rousseff, no próximo dia 1º de janeiro, o presidente Lula cederá espaço também a um novo estilo de comando e de convívio com o poder. Entra em cena um modelo mais rígido de cobrança, já testado por Dilma no comando da Casa Civil e como "gerente do PAC" — ou "mãe", como preferia Lula. Despede-se o estilo mais informal, festivo e, às vezes, rebelde com a liturgia do cargo.

Amigo de infância de Lula e de Dilma desde que o presidente e a então ministra se afeiçoaram ao Rio e ao governador Sérgio Cabral, o vice-governador fluminense Luiz Fernando Pezão reconhece que os hábitos serão outros no Alvorada, a partir de agora.

— Ela cobra de uma maneira muito diferente da dele. É uma gerente, muito disciplinada. Já o Lula tem um estilo muito alegre, brincalhão. O ritmo é outro. As pessoas vão sentir a diferença — diz Pezão, chamado por Lula de "pai do PAC" no Rio.

Pezão afirma que o estilo informal de Lula faz, muitas vezes, reuniões de trabalho tornarem encontros sociais. Ele cita o exemplo das conversas entre Cabral e o presidente:

— É uma festa permanente. Quando os dois estão juntos, 100% é trabalho. O resto é festa.

Apesar de fazer questão de ressaltar as qualidades de Dilma, Pezão admite que nunca mais na História do país teremos um presidente tão festeiro.

— A não ser que ele (Lula) volte em 2014 — brinca, meio a sério.

## Improviso não deverá mais ser marca nos discursos

Metódica, Dilma, na condução da Casa Civil e das Minas e Energia, deixou ao menos uma marca: suas palestras e prestações de contas ancoradas no Power Point — um programa de computador que organiza e apresenta dados. Seus discursos, mesmo na campanha, também seguem linhas mais racionais. Ao contrário de Lula, que recorre a metáforas de futebol e a improvisos, que já resultaram em gales, a presidente eleita prefere seguir o script. Com perfil técnico e "inflexível", segundo até mesmo aliados, Dilma terá, entre outros desafios, o de que encontrar o tom para as negociações com o Congresso.

A rotina que a presidente eleita mantinha até a semana passada é prosaica. Ao final do turbilhão diário da campanha, é para a calmaria de sua casa que Dilma Rousseff deseja voltar. Tem duas empregadas domésticas, mas elas não dormem na casa. Com seguranças do lado de fora, a futura presidente dorme acompanhada apenas de dois cachorros de estimação: o labrador Negro e a cadela dachshund Nani.

Quando está sozinha, Dilma vai para a cozinha e faz seu próprio café ou lanche, e passa o resto das noites vendo filmes na TV ou vídeos para relaxar. Gosta de comida caseira, arroz integral, bife e feijão. Em alguns momentos da campanha, sua mãe, dona Dilma Jane, e a tia Arilda passaram um tempo em Brasília para lhe fazer companhia. Mas, com o nascimento do neto Gabriel, as duas se mudaram para a casa do ex-marido de Dilma, Carlos Araújo, em Porto Alegre.

O sossego deve voltar ao Palácio do Alvorada, residência oficial da Presidência. Sai o peladeiro de fim de semana, que gosta de ouvir música sertaneja e pescar no Lago Paranoá, encher o Alvorada e a Granja do Torto de amigos para churrascadas regadas a muita cerveja. Entra a amante de ópera e músicas da jovem guarda.

## O QUE CHEGA

**• CAMINHANDO COM NEGRO:** A presidente eleita é mais discreta nas horas de lazer. E bem menos festeira que Lula. Uma imagem, na abertura de seu programa eleitoral, mostra Dilma caminhando no Lago Sul com Negro, cachorro que herdou do ministro da Casa Civil e deputado cassado José Dirceu.



Reprodução da TV

**• TERNINHOS:** Entre roupas de estilo variado, Dilma firmou, na campanha, um guarda-roupa que promete ser seu hit no governo: os terninhos estruturados. O branco foi muito usado nos debates. O visual substituiu as blusas com laço utilizadas na pré-campanha.

**• TOPETE BY KAMURA:** O hair-stylist se tornou próximo de Dilma. E



Marcelo Azeiteiro/10-10-2010

suavizou seu visual. Os cabelos curtos e armados se tornaram marca registrada da petista — inspiração declarada na estilista venezuelana Carolina Herrera. Kamura ganhou a confiança da petista: cabeleireiro da senadora eleita Marta Suplicy, acompanhou Dilma na campanha onde foi preciso.

**• POWER POINT:** Como ministra, Dilma imprimiu uma marca em seus

apresentações ao usar o programa de computador, que permite a apresentação criteriosa de dados. Como ministra e candidata, nunca foi adepta do improviso. Seus discursos também carecem das metáforas frequentes de Lula.

**• ATLÉTICO MINEIRO E INTERNACIONAL:** Em Minas, sua terra natal, Dilma se declara atlecionista. No Rio Grande do Sul, é Internacional. Recentemente, em Minas, ao declarar o time, foi validada. Na sexta-feira passada, no encontro com prefeitos em Belo Horizonte, ela posou para foto com uma camiseta do Atlético nas mãos.



Assaí/Imagem/10-27-2010

**• PORTO ALEGRE:** Está para Dilma como São Bernardo está para Lula. Foi na capital gaúcha que Dilma iniciou sua carreira na administração pública. Também é lá que moram seus familiares, como a mãe e a filha, e para onde a presidente eleita deve ir nos finais de semana e em feriados para descansar.

**• COMIDA CASEIRA:** Dilma elogia a comida caseira do ex-marido Carlos Araújo. Almoçou na casa dele ontem, depois de votar. Em Brasília, vai ser mais difícil.

**• NO QUE SE REFERE A TERGIVERSAR:** "Tergiversar", que significa ser evasivo, procurar subterfúgios, foi um verbo usado com frequência por Dilma nos últimos debates na TV, especialmente com José Serra (PSDB). Quantas vezes você não ouviu a frase: "O candidato está tergiversando..."? Já "no que se refere", presente nas falas da petista frase sim, frase não, acabou virando espécie de bordão de Dilma.



Reprodução da TV

**• SEGURANÇAS FEMININAS:** Mais presença feminina ao lado de Dilma — hoje, as poucas mulheres que atuam na segurança ficam com dona Marisa.

**• ÓPERA E CHICO BUARQUE:** A declaração de amor do compositor a Dilma, no dia do encontro com artistas no Teatro Casa Grande, no Rio, agregou valor à campanha da petista. Também lá de Lula, Chico perdurará na transição entre o presidente e sua sucessora. Menos

festeira do que Lula, Dilma relaxa ouvindo ópera, em casa, com a família. Ela também gosta de ouvir músicas da Jovem Guarda.

**• OS ROUSSEFF:** Depois da família Da Silva de Lula, e apesar de a mãe de Dilma também ser uma Silva, o sobrenome do momento é Rousseff, que a petista herdou do pai, o búlgaro Pêtar Russév (naturalizado brasileiro como Pedro Rousseff). Pode não ser tão fácil de pronunciar. Mas, na campanha, no interior do Nordeste, o povo tratou de dar seu jeito, chamando-a de "Dilma do Chefe".

**• MARIA DAS GRAÇAS FOSTER:** É a melhor amiga e conselheira de Dilma. Foi a primeira mulher a integrar a Diretoria Executiva de Gás e Energia da Petrobras. Ela faz parte do quadro de funcionários da estatal, onde ingressou em 1978.



Marcelo Carneiro/28-10-2010

## O QUE SAI



Matteo Perinetti/Agência Estado/05-01-2010

**• ISOPOR NAS COSTAS:** Uma imagem emblemática do estilo Lula de se divertir nas folgas foi registrada na Base Naval de Aratu, na Bahia. Ao passar o réveillon na região, o presidente, dona Marisa e seus seguranças foram flagrados passeando pela praia. Nas costas, Lula carregava um isopor, provavelmente com gelo e bebidas.

**• ESTILO CUBA:** Lula imprimiu um estilo casual nos últimos meses de governo. Adepto da guaiabera (camisa típica cubana), o presidente começou a usá-la até para eventos mais formais. E acrescentou um adereço: o chapéu panamá.



**• WANDERLEY NUNES:** Tornou-se amigo do presidente Lula e de dona Marisa. Frequenta festas no Alvorada e costuma conviver socialmente com o casal. O cabeleireiro já declarou desfrutar da intimidade do presidente. É também compositor de música sertaneja, o que o aproxima ainda mais do gosto presidencial.

**• DE IMPROVISO:** Foi uma das marcas registradas nos anos Lula. Mesmo com o discurso preparado por seus assessores, o presidente não resistia a um chiste, uma provocação, a piadas, e chegou, em alguns momentos, a criar problemas diplomáticos, ao se empolgar em seus discursos. Nas viagens internacionais, Lula costumava dar trabalho aos tradutores.

**• CORINTHIANS E VASCO:** Lula dá declarações de amor a rotineiras ao time paulista. Também vascaíno, fica de mau humor quando perde. Adora recorrer a metáforas futebolísticas em momentos de crise.

**• SÃO BERNARDO DO CAMPO:** É o berço político do ex-sindicalista Lula. É também onde mora e para onde vai regressar, em janeiro, e onde, segundo o próprio Lula disse recentemente, "voltará a fazer política".

**• CHURRASCO E ARRAIÁ:** O presidente criou um ritual no Alvorada: churrasco para receber visitantes. Da banda mexicana RDB ao presidente francês, Nicolas Sarkozy, o convite era democrático. O francês, que se encantou por Lula, cobrou do presidente um convite jamais concretizado para a conchilação no Alvorada. O tradicional Arraiá do Torto, na época das festas juninas, também se tornou famoso.



Marcelo Carneiro/Agência Estado/24-07-2003

**• NUNCA ANTES:** Lula criou um repertório próprio em seus discursos. Mas a expressão nunca antes na História do país, sem dúvida, tornou-se um emblema seu. Uma consulta à expressão no Google chega a 105 mil resultados.

**• GENERAL GONÇALVES DIAS:** Onipresença garantida ao lado de Lula, o general, chefe da equipe de segurança do presidente, está perto de Lula em suas peregrinações pelo país e também pelo exterior.

**• MÚSICA SERTANEJA, MPB E CHICO BUARQUE:** Lula tem CDs de MPB em seu gabinete e tem predileções sertanejas também. O presidente é ainda, como Dilma, fã de Chico Buarque.

**• OS SILVA:** Os seis irmãos de Lula — marceneiros, desempregados, aposentados — não se beneficiaram da eleição do irmão. De origem humilde, saem de cena como entraram.

**• GILBERTO CARVALHO:** O chefe de Gabinete do presidente é também um de seus melhores amigos. Foi conselheiro de Lula desde o primeiro mandato. Deve, porém, continuar no governo Dilma.



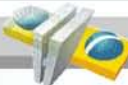
Alison de Freitas/03-04-2009



Segunda-feira, 1 de novembro de 2010

O GLOBO

O PAÍS • 25



## Eleições 2010



# Nunca antes...

Dilma se torna um emblema: a primeira mulher presidente; isto depois de uma campanha que pisou em bandeiras feministas

Carolina Benevides  
e Mail Menezes

• Dilma Rousseff incorpora, com sua eleição, o bordão predileto de seu padrinho Luiz Inácio Lula da Silva — que também quebrou um paradigma ao se tornar o primeiro ex-terreiro mecânico que chegou à Presidência: nunca antes na História uma mulher assumiu o comando do Brasil. Uma conquista, que carrega também uma ressalva. Dilma chega ao posto mais alto da nação depois de uma campanha em que bandeiras feministas foram pisoteadas.

A eleição da ex-ministra e ex-ministreira é fruto da luta das mulheres? Especialistas divergem. Mas, para o imaginário nacional — eles concordam —, é significativo a escolha de uma mulher para suceder a um operário.

— Sem dúvida, o fato de uma mulher se candidatar e ser eleita presidente é consequência de um processo de aquecimento da democracia no Brasil. Afinal, o direito ao voto para a mulher só foi conquistado mesmo nos anos 1900 — sintetiza a historiadora Isabel Lustosa.

— Mesmo sendo a candidata do presidente Lula, Dilma é produto da consolidação da democracia brasileira. E esta eleição

mostrou que, se a sociedade não tivesse mudado, Lula não conseguiria ajudar a elegê-la — concorda Rafael Duarte Villa, professor de ciência política e de relações internacionais da USP.

Há, no entanto, polêmica sobre o processo de amadurecimento do país para a antropóloga Miriam Goldenberg discute questões de gênero já é indicio de que a vitória de Dilma está longe de significar o recuo da desigualdade de gênero.

— Se houvesse igualdade não haveria a discussão sobre o fato de ser mulher.

Ela usa um argumento semelhante ao de Lula, ao afirmar que o fato de ser mulher trará um ônus a Dilma:

— A realidade é que Dilma, como todas as mulheres, terá que provar no mundo dos homens que pode governar. Simbolicamente conquistamos um espaço importantíssimo, mas vamos pagar um preço alto por qualquer deslize. Sendo mulher, ela não pode relaxar um segundo. Tem que provar competência, seriedade e seu valor o tempo todo. É desigual.

A imagem de uma mulher na galeria de presidentes do país terá efeitos simbólicos benéficos, na avaliação de quem luta na trincheira do direito femi-

no. Dilma coroa uma lista de conquistas, que se inicia com o básico em 1932, quando as mulheres ganharam o direito de votar. Na época, só as casadas.

— É a realização de um sonho. É muito simbólico. Imagina isso nos livros escolares? Isso entra no imaginário. Com seu perfil, Dilma traz a ideia da autonomia, de gerir sua vida e ser sujeita de sua história — diz a socióloga Ana Alice Alcântara, da Universidade Federal da Bahia, não sem revelar uma frustração: a candidata Dilma, na avaliação dela, decepção:

— A campanha no 2º turno foi conservadora em relação ao direito das mulheres. Reforçou estereótipos. Dilma entregou as demandas em relação ao direito das mulheres. Reforçou estereótipos. Dilma entregou as demandas em relação ao direito das mulheres.

Coordenadora de Direitos Econômicos do Fundo de Desenvolvimento das Nações Unidas para a Mulher (Unifem), Ana Carolina



**Dilma será o que ela construir. Ninguém mais fala que Obama é negro, por exemplo**

Miriam Goldenberg

Querino diz ser "extraordinário uma mulher na Presidência mesmo que não levante as bandeiras feministas".

— A sociedade estabeleceu um papel para os homens, que transitam na esfera pública, e para as mulheres, que ficam com a esfera privada. Eleger uma mulher é fantástico, porque ainda ganhamos meninos, e muitas acham que trabalhar é só para completar a renda.

O papel determinante de Lula na escolha e na condução da campanha relativizaram a questão de gênero na disputa. Ou seja: Dilma é muito mais fruto de Lula do que de batalhas pelo direito das mulheres.

— Dilma foi escolhida pelo Lula. Ela precisava de uma pessoa sem expressão político-partidária. Ela é eleita em nome do candidato de Lula, mas acaba carregando um simbolismo, do mesmo

forma que Lula, por ser operário — diz o cientista político Carlos Alberto Furtado de Melo.

— A eleição de uma mulher é um fato histórico e Lula ter ajudado não diminui o impacto. Uma mulher ocupando um espaço historicamente reservado aos homens contribui para a ascensão das mulheres nos cargos públicos. O Brasil é um dos países da América do Sul que menos tem mulheres ocupando esse espaço. Há

**DURANTE** à pré-campanha, Dilma posa com mulheres que participavam de um congresso em Brasília

pouca representação no Legislativo e no Executivo — diz Villa. — Em 94, foram eleitas 32 deputadas federais. Em 98, três anos depois da primeira iniciativa de cotas para mulheres, o número não passou de 29. Em 2002, foram 42. Em 2006, tivemos 45, e nesta eleição também. O número está estagnado — diz Fernanda Feitosa, cientista política e consultora do Cleyne.

**Eleição de uma mulher causa impacto na América Latina**

Para a América Latina, a escolha de Dilma também será simbólica, depois de Michelle Bachelet, no Chile, e Cristina Kirchner, na Argentina:

— Terá um impacto muito maior, já que o Brasil é o principal país latino-americano, o que tem maior poder econômico e político — diz Rafaela, que compara Dilma a Bachelet.

— Dilma e Bachelet vêm de movimentos de esquerda, sofreram perseguições da ditadura.

As comparações com outro emblema recente — o presidente dos Estados Unidos, Barack Obama — é natural. Independente do sexo, o deslize de Dilma a partir de agora é criar sua identidade pós-Lula.

— Ao assumir, Dilma será o que construir. Não acredito que fique atrelada ao Lula, e ao fato de ser mulher. Ninguém mais fala que o Obama é negro — diz Miriam Goldenberg.

## MULHER E HISTÓRIA

• Foi a 1ª eleitora no Brasil e na América Latina. Votou em 5 de abril de 1928.



**CELINA GUIMARÃES**

Nascida em Mossoró, no Rio Grande do Norte, que em outubro de 1927 foi o 1º estado a suprimir a distinção de sexo para o exercício do voto. Os votos femininos foram anulados pela Comissão de Poderes do Senado. Só em 1932, o código eleitoral permitiu o voto feminino.

• Aos 32 anos, foi eleita a 1ª prefeita do Brasil — e da América Latina —, em 1928.



**LUÍZA ALZIRA SORIANO**

Comandou Lajes, no Rio Grande do Norte, por um ano. Perdeu o mandato com a revolução de 30, por ser contra a ditadura de Getúlio Vargas.

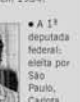
• Primeiras deputadas estaduais, Mª do Céu P. Fernandes (Itapetininga), pelo RN, e Antonietta de Barros (SC), LUI



**Mª DO CÉU P. FERNANDES**

Lages (AL), Mª Luíza Brito (RJ), Mª Tereza N. de Azevedo e Mª Tereza S. de Barros, por SP, eleitas em 1934.

• A 1ª deputada federal: eleita por São Paulo, Carlota Pereira fez um mandato em defesa da mulher e das crianças. Ocupou o cargo até 1937, quando o Congresso foi fechado por Getúlio. Eunice Michiles foi a 1ª senadora (box abaixo).



**CARLOTA P. DE QUEIROZ**

• A 1ª ministra: Maria Ester assumiu a Educação, no governo de João Figueiredo. Ficou no cargo de agosto de 1982 a março de 1985.



**Mª ESTER F. FERRAZ**

• A 1ª governadora eleita: Ela foi eleita, este ano, para o cargo no Maranhão.



**ROSEANA SARNEY**

## Uma outra primeira vez

Eunice Michiles estreou a presença feminina no Senado



**A PRECURSORA:**

Eunice em dois momentos: discutindo no plenário do Senado e, hoje, em sua casa em Brasília



• Eunice Michiles, de 81 anos, carrega um emblema semelhante ao que Dilma encarna a partir de hoje. Em 1979, foi a primeira mulher a assumir uma cadeira no Senado, representando o Amazonas, pela Arena. "Eram outros tempos", atesta Eunice hoje. Leia-se: nem banheiro feminino havia na Casa e mulher usar calças em um ambiente masculino como o Congresso era uma ousadia para pouquíssimas.

Eunice se lembra com detalhes do seu primeiro dia no Senado:

— Foi um dia marcante. Fui recebida de maneira muito gentil, com flores, poemas. Foi muito interessante. Mas não deixei de perceber que era discriminatório. Não se recebe um senador assim. Eu era apenas a dama, uma senhora chegando — diz Eunice, mãe de três filhos e casada novamente há quatro anos.

Como as funcionárias eram poucas, restritas à taquigrafia, o Senado foi obrigado a se adaptar:

— Foi uma correria danada para fazer o banheiro feminino. Além disso, havia uma restrição para entrar de calça. Eu questionei

isso. E comecei a usar meus terninhos.

Eunice elenca como bandeiras de sua gestão no Senado a defesa da liberdade religiosa — ela é evangélica, da Igreja Adventista do 7º Dia — e a promoção da mulher.

— Sou paulista, me casei com amazonense e fui casar no interior do Amazonas. Imagina isso há 60 anos. A diferença cultural e de qualidade de vida que constatei. Vi muitas mulheres morrerem de parto. Na época era considerado uma coisa que tirava votos, mas trabalhei na questão do planejamento familiar. Nunca defendi o aborto, mas o planejamento — diz Eunice, que, sem declarar votos, se debruçou com os temas tornados prioritários no segundo turno.

— Foi uma campanha cheia de subterfúgios.

Para Dilma, um alerta: apesar do avanço que significa a chegada de uma mulher ao comando do país, isso não é garantia de exlu

— Claro que é emblemático. Já foi emblemático o fato de duas mulheres concorrerem à Presidência. A sociedade chega em um patamar bem alto. Mas ser mulher não significa ser capaz. Não é garantia alguma.





# Destaque na imprensa do mundo inteiro

'El país' analisa conjuntura política, e 'NYT' e 'Guardian' listam problemas que a nova presidente terá que enfrentar

Eliane Oliveira e Suzana Veloso

■ Mesmo antes dos resultados das eleições presidenciais, os sites dos principais jornais do mundo já estampavam ontem a foto de Dilma Rousseff em suas seções de notícias internacionais, destacando as pesquisas que davam vantagem de 10% a 15% de Dilma sobre José Serra, atribuída à alta popularidade do presidente Luiz Inácio Lula da Silva.

O espanhol 'El País' foi o jornal europeu que mais deu destaque às eleições no Brasil, com manchete na capa do site. Além de fazer um histórico da trajetória política de Dilma e listar seus desafios, como a maior parte da imprensa estrangeira, o órgão fez uma análise da conjuntura política à espera da futura presidente, que terá maioria na Câmara e no Senado, devido às alianças do PT, e encontrará uma "oposição reforçada, porque mantém o poder nos três estados mais importantes do país" (o que exclui o Rio) e porque "novos políticos se destacam, como Aécio Neves, governador de Minas Gerais, que pode ser chefe da oposição no Senado e herdeiro de Serra". O jornal também citou a provável volta do deputado Antonio Palocci ao governo.

O site do americano 'The New York Times' afirmou que Dilma não é uma "cópia carbono" de Lula e encontrará problemas ainda não solucionados pelo presidente: "enfrentar o baixo nível de educação, melhorar a saúde e o saneamento deploraáveis para milhões e transformar o Brasil no tipo de nação desenvolvida que ele prevê estar se tornando". O jornal lembrou o passado político de Dilma, "mais radical" do que o de Lula, mas sustentou que, apesar de defender maior



'NEW YORK TIMES': Dilma Rousseff não é "cópia carbono" de Lula e terá desafios na educação e na saúde

interferência do Estado na economia, ela não pretende "radicalizar o governo".

Os desafios de Dilma também foram ressaltados pelo britânico 'The Guardian', como a supervalorização do real, o alto índice de homicídios, o aumento do consumo de crack e cocaína e a necessidade de investimentos em infraestrutura e educação, "urgentes para sustentar os níveis de crescimento" do Brasil. O jornal também chamou atenção para o fato de Dilma, uma "ex-rebelde marxista", que "fez cirurgia plástica para aumentar seu apelo", ser a primeira mulher presidente do país. Em bem-humorados comentários no site do 'Guardian', internautas desejaram aos brasileiros um destino melhor do que eles tiveram com a sua governante do sexo feminino, Margaret Thatcher.

O francês 'Le Monde' tam-

bém lembrou o passado de oposição à ditadura militar e tortura de Dilma, citando sua reputação de "dama de ferro". O fim da campanha foi destacado do argentino 'La Nación', que ressaltou a agressividade que a disputa tomou no segundo turno, com escândalos de corrupção, ataques à imprensa e polêmica sobre aborto e casamento homossexual.

No twitter, Chávez diz que Dilma é "giganta"

Um dos principais aliados do presidente Luiz Inácio Lula da Silva na América Latina, o líder venezuelano Hugo Chávez já tratava a candidata petista Dilma Rousseff como nova presidente do Brasil no fim da manhã de ontem. Em seu twitter, Chávez mencionou a morte de Néstor Kirchner, chamou a viúva do ex-presidente argentino, Cristina, de "giganta" e a com-

parou com Dilma.

— E Cristina se transformou em uma gigante! Hoje chega Dilma à Presidência do Brasil. Será outra gigante! — disse Chávez. Idealizador do chamado "socialismo do século XXI", o presidente da Venezuela sempre atuou como cabo eleitoral de Lula, nas duas últimas eleições. Certa vez, Lula fez chegar a Hugo Chávez, por meio de assessores, que o apoio público do líder bolivariano em reuniões de cúpula costumava atrapalhá-lo.

A expectativa é que Dilma de continuidade à atual política externa, que segue o eixo Sul-Sul, com a tentativa de integração entre os países pobres e em desenvolvimento. Chávez e outros presidentes latino-americanos da linha bolivariana sabiam que uma vitória tucana poderia significar não o fim do alinhamento na região, mas uma relação menos intensa. ■



A CAPA do site do 'El País' mostra o presidente Lula depois de votar



O FRANCÊS 'Le Monde' lembra a oposição à ditadura feita por Dilma



O ARGENTINO 'La Nación' dá destaque para a agressividade na reta final

## Da guerrilha para a Presidência

Quarto caso na América Latina

Eliane Oliveira

■ BRASILIA. Torturada e presa por três anos durante a ditadura militar no Brasil, Dilma Rousseff é a quarta ex-guerrilheira a assumir a Presidência de um país na América Latina. Ela se junta ao grupo de Daniel Ortega, na Nicarágua; José Mujica, no Uruguai; e Raúl Castro, em Cuba. Diferentemente dos demais, Castro foi eleito indiretamente pela Assembleia Nacional cubana. Para especialistas, isso mostra o amadurecimento político na região.

— Os que tentavam tomar o poder pela força agora buscam o caminho institucional — afirmou Antonio Jorge Ramalho, professor de Relações Internacionais da Universidade de Brasília (UnB). Para Guilherme Casarões, professor de Relações Internacionais do Instituto Rio Branco, está havendo uma emergência da esquerda desde o início dos anos 2000. Não necessariamente uma esquerda extrema.

Para o historiador Antonio Barbosa, também da UnB, tanto Dilma quanto José Serra representam a geração que combateu a ditadura no Brasil.

— A geração que lutou contra os regimes autoritários na América Latina chegou ao poder.

## Serra vence em Nova York e Dilma, em Paris

Petista ganha também em Madri, Barcelona e Cisjordânia; tucano, em Londres e Israel

■ TÓQUIO, TEL. AVIV, PARIS, NOVA YORK, LONDRES e MADRI. José Serra venceu as eleições em Nova York, o município eleitoral brasileiro fora do país, com 5.715 votos, 71% dos válidos. Dilma Rousseff teve 2.340, o correspondente a 29%. A abstenção foi ainda maior: do que do primeiro turno: dos 21.076 eleitores inscritos, 8.513 compareceram. No primeiro turno, o índice havia sido de 42%.

A votação aconteceu no centro de convenções Metropolitan Pavilion, na Rua 18, em Manhattan, onde se concentraram as 54 seções. A área do Consulado de Nova York abrange também os brasileiros radicados em Nova Jersey, Filadélfia e nas Ilhas Bermudas. O índice de abstenção é tradicionalmente alto, segundo o consúlgel-geral do Brasil em Nova York, Osmar Chohfi.

Serra também voltou a ganhar em Londres

Em Londres, Serra voltou a ganhar, com 1.783 votos, 49% a mais que a petista, ampliando mais de dez vezes a vantagem do primeiro turno. O tucano obteve 53,5% dos votos válidos contra 39% da petista. Os votos brancos chegaram a 127, os nulos, a 131. Cerca de 3.600 dos sete mil eleitores registrados foram às urnas.

Sem surpresa, Dilma derrotou Serra em Paris, com 57%, o equivalente a 1.037 votos, contra 42,7% (772 votos). Ela já tinha vencido no primeiro turno. O advogado Ribeiro e Silva comemorou:

— O governo Lula foi o único que abriu diálogo com os expatriados.

A taxa de participação foi de 48%, sete pontos a menos que



NA CISJORDÂNIA, Dalila Antelo vota no segundo turno na Representação do Brasil em Ramallah

no primeiro turno. Dos 3.994 eleitores inscritos, 1.921 compareceram para votar nas 11 seções eleitorais. Houve 112 votos nulos e brancos.

Na Espanha, o comparecimento foi um pouco menor do que no primeiro turno em Madri e Barcelona, onde a candidata petista venceu. Na capital espanhola, ela recebeu 697 votos e o tucano, 537, com 41 votos brancos e o mesmo número de nulos. Já em Barcelona, foram 327 votos para Dilma e 270 para Serra, com 19 brancos e 23 nulos.

Entre os brasileiros que moram na Cisjordânia, deu Dilma na cabeça, com 86,8% dos votos, contra apenas 7,7% para Serra. Já em Israel, o resultado foi oposto: 78,8% dos eleitores escolheram o candidato do PSDB e 17,6%, a petista.

O palestino Rassem Bisharat, de 46 anos, casado com uma coreia, marcou ponto em frente ao prédio, distribuindo santinhos e adesivos da petis-

ta. Ele pendurou uma faixa e dois cartazes com a imagem de Dilma na entrada do local.

— Sou brasileiro de coração. Fui ao Brasil mês passado e peguei material de campanha para distribuir por aqui.

Em Tel Aviv, o comparecimento foi um pouco maior do que no primeiro turno: 109 dos 282 eleitores cadastrados compareceram à única urna da Embaixada do Brasil (no primeiro turno, o número foi 96). Milhares de brasileiros que vivem no Brasil enfrentaram ontem um dia frio e úmido para votar. Resultados parciais divulgados no fim do domingo (manhã no Brasil) indicavam a vitória de Serra, repetindo o resultado do primeiro turno. Os brasileiros formam o terceiro maior grupo de estrangeiros no Japão, depois de chineses e coreanos, e ao contrário de outros países, como os EUA, todos são imigrantes legais. O número de pessoas aptas a votar,

que transferiram seu domicílio eleitoral, ainda é baixo se comparado ao tamanho da comunidade brasileira — são 267 mil imigrantes e cerca de 11 mil eleitores — mas vem crescendo nos últimos anos.

— Provavelmente não vou voltar para o Brasil, mas a gente nunca deixa de ser brasileiro — diz Sueli Guchi, que vive há 17 anos no Japão. — Aqui tenho assistência médica de graça, por isso não posso pensar em voltar a meu país, mas não vou me naturalizar japonesa e tenho família em São Paulo. É minha obrigação participar desse processo.

Havia ontem 35 locais de votação para os brasileiros, repalhados por sete províncias. Desde 2006, o número de eleitores foi multiplicado por 11. O vice-cônsul em Tóquio, Gustavo Sachs, acredita que muita gente resolveu transferir o título depois que os consulados anunciaram que seria neces-

sário estar em dia com a justiça eleitoral para renovar o passaporte. Na noite de ontem, quando foram divulgados os votos das seções eleitorais de Tóquio e Nagôia, Serra tinha mais de 5 mil votos, contra cerca de 1.500 de Dilma. No primeiro turno, o candidato do PSDB venceu com 51% dos votos válidos.

— Votei porque quero estar com minha documentação certa. Mesmo vivendo longe do Brasil, é muito importante escolher o governo, porque isso afeta a nossa vida também no exterior — diz o operário Mack Willy, descendente de japoneses que vive no Japão há 15 anos e votou em Dilma.

Votação em Tóquio foi tranquila, sem filas

No Consulado Geral do Brasil em Tóquio a votação foi tranquila, sem filas. Empresas voltadas para os negócios da comunidade muito afetada pelas demissões em massa dos últimos dois anos — aproveitavam para divulgar seus produtos. O vice-ministro parlamentar das Relações Exteriores, Ikuo Yamahana, visitou o consulado para conhecer o sistema eleitoral brasileiro e elogiou a rapidez do voto. O comparecimento às urnas foi alto, apesar do mau tempo e da distância das seções — os brasileiros no Japão vivem espalhados, em geral concentrados próximos a grandes fábricas. No primeiro turno já havia sido recorde: 63%, bem acima da média de 45% que marca o comparecimento dos brasileiros no exterior. ■

Cláudia Sarmento, Daniela Kresch (especial para O Globo), Deborah Berlinck, Fernanda Godoy, Fernando Duarte e Priscila Guitayn



# Dilma cresceu em Minas, Rio e Nordeste

Petista venceu em 15 estados e no DF. Serra virou a eleição em três: Rio Grande do Sul, Goiás e Espírito Santo

Fábio Fabiani

BRASILIA A petista Dilma Rousseff conseguiu ampliar seu colchão de votos no Nordeste, além de melhorar seu desempenho em Minas e no Rio, segundo o terceiro colégio eleitoral do país. A conjunção desses fatores assegurou sua eleição ontem. Ela venceu no Distrito Federal e em 15 estados, a maioria no eixo Norte-Nordeste. José Serra (PSDB) virou a eleição em três estados em relação ao primeiro turno — Rio Grande do Sul, Goiás e Espírito Santo — e obteve maioria de votos em 11 unidades da federação, concentradas no Sul e no Centro-Oeste, além de São Paulo.

No estado em que governou até março, Serra tinha 54,05% dos votos válidos (12,3 milhões), contra 45,95% de Dilma (10,4 milhões). A diferença foi de 1,8 milhão de votos, menor do que a meta traçada por sua campanha, que era a de superar os três milhões. O esforço agregado pelo senador eleito Aécio Neves (PSDB) para alavancar o paulista em Minas não surtiu o efeito esperado.

Embora tenha aumentado sua votação em Minas em 11 pontos percentuais, Serra não conseguiu neutralizar o crescimento da rival. Dilma abriu uma dianteira de 1,7 milhão de votos, praticamente anulando a vantagem que ele obtinha em São Paulo. A petista teve 58,4% dos votos (6,2 milhões) na terra de Aécio, contra 41,5% do adversário (4,4 milhões). A performance do tucano no segundo turno foi 33% melhor (mais 1,1 milhão de votos) e a de Dilma, 22% (mais 1,15 milhão). Mas a diferença manteve-se no mesmo patamar, entre 16 e 17 pontos.

O Rio deu 60,48% dos votos válidos à ex-ministra (4,9 milhões) e 39,52% a Serra (3,2 milhões). Ela ganhou 1,1 milhão de votos em relação ao primeiro turno e ele, 1,2 milhão. É como se o eleitorado que apoiou Marina Silva (PV), que ficou em segundo no Rio, com 2,6 milhões de votos, tivesse se dividido. Dilma se aproximou do governador Sérgio Cabral (PMDB), que teve 66% dos votos válidos no primeiro turno. Ele e outros governadores foram cobrados pelo presidente Lula para que pudessem mais apoiar para Dilma. Também foi assim em Pernambuco: Eduardo Campos (PSB) foi reeleito com 82%. Dilma teve 75,6% ontem no estado.

Na cidade do Rio, Dilma alcançou 60,9%, ante 39,01% de Serra. Em Belo Horizonte, o placar foi favorável ao tucano por estreita margem: 50,3% a 49,6%. No primeiro turno, o governador Antônio Anastasia (PSDB), aliado político de Aécio, conseguiu 71% na capital.

País afora, Dilma venceu no Amazonas, Pará, Amapá, Tocantins, Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe, Bahia e Distrito Federal. Fora Minas e Rio. Além de São Paulo, Serra ganhou em Rondônia, Acre, Roraima, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Santa Catarina, Paraná, Goiás, Rio Grande do Sul e Espírito Santo. Nos três últimos, ele perdeu no primeiro turno, mas a vantagem obtida ontem foi de cerca de 1%.

No Nordeste, Dilma ampliou seu percentual em todos os estados. As 21h de ontem, com pouco mais de 25 milhões de votos válidos apurados, ela tinha 17,6 milhões ou 61,7%. Em quatro dos nove estados, ela tinha mais de 70%, incluindo a Bahia, quarto colégio eleitoral do país. Em termos percentuais, o melhor resultado na região foi no Maranhão (78,9%). No país, a votação mais expressiva da petista foi a do Amazonas (80,4%).

**O GLOBO NA INTERNET**  
TEMPO REAL Compare o desempenho de Dilma e Serra nos estados nos dois turnos  
globo.com.br/pais/votacoes2010

## O VOTO PARA PRESIDENTE NOS ESTADOS

### SEGUNDO TURNO

**Acre**  
464.325 eleitores  
Votos apurados... 96,15%  
Dilma... 69,58%  
Serra... 30,32%  
Em branco... 1,07%  
Nulos... 1,77%  
Abstenção... 78,21%

**Alagoas**  
7.031.518 eleitores  
Votos apurados... 100,00%  
Dilma... 53,63%  
Serra... 46,37%  
Em branco... 1,03%  
Nulos... 6,91%  
Abstenção... 26,40%

**Amapá**  
420.349 eleitores  
Votos apurados... 100,00%  
Dilma... 62,66%  
Serra... 37,34%  
Em branco... 1,17%  
Nulos... 1,05%  
Abstenção... 19,86%

**Amazonas**  
2.028.239 eleitores  
Votos apurados... 100,00%  
Dilma... 80,57%  
Serra... 19,43%  
Em branco... 2,00%  
Nulos... 2,51%  
Abstenção... 26,81%

**Bahia**  
8.533.479 eleitores  
Votos apurados... 99,95%  
Dilma... 70,85%  
Serra... 29,15%  
Em branco... 2,89%  
Nulos... 4,77%  
Abstenção... 24,62%

**Ceará**  
5.478.197 eleitores  
Votos apurados... 100,00%  
Dilma... 77,35%  
Serra... 22,65%  
Em branco... 2,01%  
Nulos... 3,32%  
Abstenção... 73,11%

**Distrito Federal**  
1.834.135 eleitores  
Votos apurados... 100,00%  
Dilma... 52,81%  
Serra... 47,19%  
Em branco... 1,08%  
Nulos... 6,29%  
Abstenção... 10,11%

**Espírito Santo**  
7.522.072 eleitores  
Votos apurados... 100,00%  
Serra... 50,85%  
Dilma... 49,15%  
Em branco... 2,64%  
Nulos... 3,12%  
Abstenção... 20,93%

**Goiás**  
4.059.028 eleitores  
Votos apurados... 100,00%  
Serra... 50,75%  
Dilma... 49,25%  
Em branco... 1,95%  
Nulos... 5,07%  
Abstenção... 22,20%

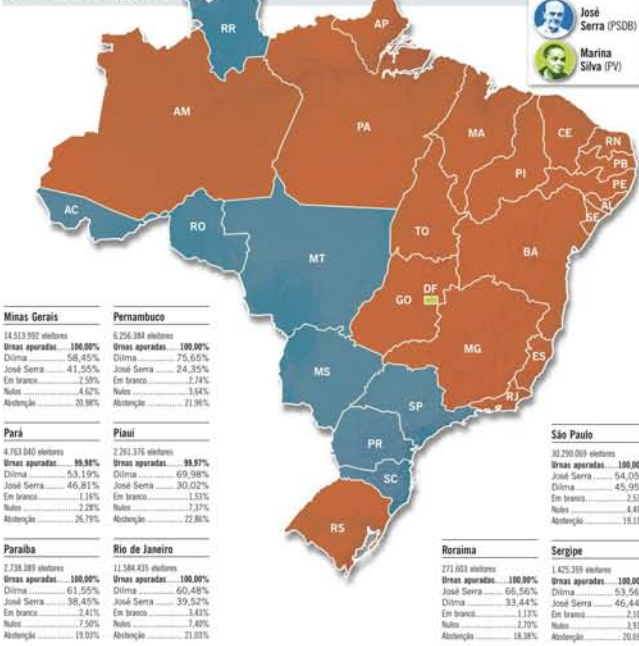
**Maranhão**  
4.320.601 eleitores  
Votos apurados... 100,00%  
Dilma... 79,09%  
Serra... 20,91%  
Em branco... 1,03%  
Nulos... 1,39%  
Abstenção... 29,52%

**Mato Grosso**  
2.894.105 eleitores  
Votos apurados... 100,00%  
Serra... 51,11%  
Dilma... 48,89%  
Em branco... 1,30%  
Nulos... 2,31%  
Abstenção... 24,96%

**Mato Grosso do Sul**  
1.700.979 eleitores  
Votos apurados... 100,00%  
Serra... 55,13%  
Dilma... 44,87%  
Em branco... 1,48%  
Nulos... 2,52%  
Abstenção... 24,14%



### PRIMEIRO TURNO



**Minas Gerais**  
14.513.992 eleitores  
Votos apurados... 100,00%  
Dilma... 58,45%  
Serra... 41,55%  
Em branco... 2,59%  
Nulos... 4,62%  
Abstenção... 30,98%

**Pernambuco**  
6.256.384 eleitores  
Votos apurados... 100,00%  
Dilma... 75,65%  
Serra... 24,35%  
Em branco... 2,74%  
Nulos... 3,64%  
Abstenção... 71,96%

**Pará**  
4.763.040 eleitores  
Votos apurados... 99,98%  
Dilma... 63,19%  
Serra... 36,81%  
Em branco... 1,18%  
Nulos... 2,28%  
Abstenção... 26,79%

**Paraná**  
7.598.134 eleitores  
Votos apurados... 100,00%  
Serra... 55,44%  
Dilma... 44,56%  
Em branco... 1,84%  
Nulos... 2,86%  
Abstenção... 19,63%

**Paraíba**  
2.738.289 eleitores  
Votos apurados... 100,00%  
Dilma... 61,55%  
Serra... 38,45%  
Em branco... 2,41%  
Nulos... 7,50%  
Abstenção... 19,03%

**Piauí**  
2.261.376 eleitores  
Votos apurados... 99,97%  
Dilma... 69,98%  
Serra... 30,02%  
Em branco... 1,53%  
Nulos... 7,37%  
Abstenção... 72,86%

**Poço de Caldas**  
11.580.435 eleitores  
Votos apurados... 100,00%  
Dilma... 59,54%  
Serra... 40,46%  
Em branco... 2,21%  
Nulos... 4,27%  
Abstenção... 21,03%

**Rio de Janeiro**  
11.580.435 eleitores  
Votos apurados... 100,00%  
Dilma... 59,54%  
Serra... 40,46%  
Em branco... 2,21%  
Nulos... 4,27%  
Abstenção... 21,03%

**Rio Grande do Norte**  
8.107.785 eleitores  
Votos apurados... 100,00%  
Serra... 50,94%  
Dilma... 49,06%  
Em branco... 2,22%  
Nulos... 2,52%  
Abstenção... 17,71%

**Rio Grande do Sul**  
8.107.785 eleitores  
Votos apurados... 100,00%  
Serra... 50,94%  
Dilma... 49,06%  
Em branco... 2,22%  
Nulos... 2,52%  
Abstenção... 17,71%

**Rondônia**  
1.078.402 eleitores  
Votos apurados... 100,00%  
Serra... 52,63%  
Dilma... 47,37%  
Em branco... 1,62%  
Nulos... 6,99%  
Abstenção... 25,44%

**Roraima**  
271.051 eleitores  
Votos apurados... 100,00%  
Serra... 66,56%  
Dilma... 33,44%  
Em branco... 1,12%  
Nulos... 2,70%  
Abstenção... 18,88%

**Sergipe**  
1.425.393 eleitores  
Votos apurados... 100,00%  
Dilma... 58,08%  
Serra... 41,92%  
Em branco... 1,36%  
Nulos... 3,23%  
Abstenção... 76,52%

**São Paulo**  
30.290.009 eleitores  
Votos apurados... 100,00%  
Serra... 54,05%  
Dilma... 45,95%  
Em branco... 2,53%  
Nulos... 4,49%  
Abstenção... 19,15%

**Santa Catarina**  
4.538.829 eleitores  
Votos apurados... 100,00%  
Serra... 56,61%  
Dilma... 43,39%  
Em branco... 1,78%  
Nulos... 3,19%  
Abstenção... 16,89%

**Sergipe**  
1.425.393 eleitores  
Votos apurados... 100,00%  
Dilma... 58,08%  
Serra... 41,92%  
Em branco... 1,36%  
Nulos... 3,23%  
Abstenção... 76,52%

**Sergipe**  
1.425.393 eleitores  
Votos apurados... 100,00%  
Dilma... 58,08%  
Serra... 41,92%  
Em branco... 1,36%  
Nulos... 3,23%  
Abstenção... 76,52%

**Tocantins**  
947.528 eleitores  
Votos apurados... 100,00%  
Dilma... 58,08%  
Serra... 41,92%  
Em branco... 1,36%  
Nulos... 3,23%  
Abstenção... 76,52%



O GLOBO  
SEGUNDA-FEIRA, 1 DE NOVEMBRO DE 2010

# *De Silva para* **Rousseff**

A futura presidente do Brasil não só foi uma escolha do presidente Lula, imposta ao PT e aos aliados, como também deve a ele sua eleição. Primeira mulher presidente do Brasil, Dilma assume em janeiro com a missão de enfrentar problemas gigantescos ainda em saneamento, saúde, educação e infraestrutura. E também de sair da sombra de Lula, que certamente deverá querer voltar em 2014.



De Silva para Rousseff

# A escola que despertou o espírito de rebeldia

Dilma Rousseff deixou o colégio de freiras para estudar num centro público de referência, que exalava liberdade. Ali se operou uma verdadeira revolução na cabeça da futura presidente

Chico Otávio

Filhas da tradicional família mineira, as meninas da escola Nossa Senhora do Sion devem ter estranhado o que viram ao pisar pela primeira vez no Colégio Estadual Central. Sem cerimônia com a arquitetura de Oscar Niemeyer, uma pichação cintilava na parede de um dos prédios modernistas da escola: "Só morrem as causas pelas quais ninguém morre por elas". De sala cinza, bem mais curta do que as freiras permitiam, camisa branca e gravatinha verde, Dilma Vana Rousseff, de 16 anos, estava entre novatas, transferidas para o colégio público depois da venda do Sion. Para todas, foi como sair de uma missa rezada em latim diretamente para uma inflamada assembleia estudantil. E a mudança aconteceu no contramão da História. Dilma e suas colegas chegaram ao Estadual Central em 1964, quando o país se fechava e as liberdades democráticas saíam de cena. Ponta de lança do ensino público mineiro, o Estadual Central era o epicentro da agitação estudantil do período. O ambiente, todo aberto e granado, transpirava liberdade. Os alunos eram vistos como barbudos e alternativos. Foram apenas dois anos passados ali, mas suficientes para operar uma revolução na cabeça da jovem que, pouco antes, estudava latim, aprendia trabalhos manuais, como bordado e tricô, e frequentava bailes de debutantes na capital mineira. No Estadual Central, Dilma encontrou a causa pela qual arriscaria a própria vida. E foi nesse tempo que entrou em contato com a Política Operária (Polop).

— Nós éramos aqui bastante rebeldes — recordou-se a presidente eleita, ao visitar recentemente o antigo colégio.



Foto de Marcelo Santanna/Alcôpo



O ANTIGO Colégio Estadual Central, rebatizado de Escola Milton Campos, foi projetado por Oscar Niemeyer e era o epicentro da agitação estudantil mineira nos anos 60

A rebeldia começava pelos traços do arquiteto inaugurado em 1955, o colégio refletia a revolução estética iniciada nos anos 1940 pelo conjunto da Pampulha. Para traçar o auditório, Niemeyer inspirou-se num mata-borrão. O prédio das salas de aula seria uma régua; a caixa d'água, um giz; e a cantina, um caderno. Como não havia muros e as salas eram sustentadas por pilótis, parecendo que o prédio todo flutuava, da área interna dava para ver o Centro da cidade.

O Estadual Central não tinha diretor, mas reitor. Seus professores não lecionavam matérias, mas catedras, reforçando a ideia de um colégio-universidade. Foi assim que as meninas do Sion, sem outra opção de ensino mais tradicional, encontraram o colégio na primeira metade dos anos 1960. Entre as novatas, duas filhas do governador Magalhães Pinto, Virgínia e Ana Lúcia.

Mesmo herdeiras da elite mineira, as meninas não escaparam da ironia das veteranas:

— Como éramos tachadas de tomates, passamos a chamar as meninas do Sion de caquis. Tomates como nós, mas educadas em colégio chique — recorda-se Beatriz de Almeida Magalhães, ex-aluna, que entrou com 11 anos e saiu com 18.

Embora os freis dominicanos fizessem pregações no colégio, de forte teor político, o Estadual Central prezava a formação laica. Por isso, suas salas de aula abrigavam uma grande quantidade de alunos judeus, que não eram aceitos em outros colégios católicos.

O Estadual Central era uma ilha de liberdade numa capital que ainda padecia de certo provincianismo. Os meninos da juventude transviada entravam no colégio de lambreta.

José Vicente de Paula, 61 anos, o mais antigo funcionário do colégio hoje, lembra que, tempos depois, testemunhou um aluno subindo a rampa das salas de aula montado num cavalo branco. Dilma, que cursou o segundo e o terceiro anos do Clássico entre 1964 e 1965 — época em que ingressou na Política Operária (Polop) com o colega de escola e namorado Cláudio Galeno.

O compositor Márcio Borges, um dos pais do Clube da Esquina, conheceu Dilma no Estadual Central. Eram da mesma turma de amigos que frequentava o Centro de Estudos Cinematográficos e os bares do Edifício Maleta.

— Nosso grupo se encontrava todo santo dia e ainda era pouco. A gente mal dormia, esperando o dia seguinte chegar para se encontrar de novo — diz Márcio.

Além do colégio, Márcio se encontrava com Dilma e Cláudio Galeno para jogar cartas na pensão da Duna Odete, mãe de um outro amigo, Carlinhos Flex.

— Quando voltei para casa, de-

pois de enfrentar uma doença internada, Dilma vinha me visitar quase todo dia, de uniforme, junto com uma amiga, a Mariza, depois das aulas.

Na melhor fase do colégio, até o início dos anos 1970, tudo era motivo para mobilizações. A própria rampa galgada pelo cavalo branco foi motivo de conflito. Antônio Carlos Liparini, professor de Biologia que até hoje, aos 63 anos, leciona no colégio, liderou na época um protesto contra a tentativa de gradear o acesso, sob o pretexto de evitar acidentes.

— Certa vez, quando chegava, eu me incomodei ao encontrar o serrilhado soldando as grades. Logo em seguida, no Dia da Primavera (21 de setembro), distribuí flores às alunas com os seguintes dizeres: "Primavera de Praga? Justo aqui."

O protesto deu certo. Naquele ano, a instalação da grade foi adiada. Liparini passou a entregar rosas todo ano às alunas. Mas, quatro anos depois, à medida que as restrições do regime militar invadiam o colégio, as grades seriam finalmente instaladas. Diogo Magalhães, o Pico, designer gráfico de 33 anos, que estudou no colégio de 1970 a 1972, lembra-se das mudanças:

— Elas começaram com as aulas de Educação Moral e Cívica. Depois, uma intervenção impôs o maior linhadura. Rinaldo Leite Castro na direção do colégio anexo (no quarteirão ao lado). Tocava o sinal, ele fechava o portão. Cabelo grande, não pensar. Fumar era crime.

Foi no regime militar que a estátua "Mulher reclinada", obra de Alfredo Ceschiatti que decorava a entrada do auditório, mas esmaltada pela nudez da imagem, foi retirada de lá e rompiada em dois lugares.

Hoje, o Estadual Central, rebatizado de Escola Milton Campos, tem 3.700 alunos e ocupa uma área de 20 mil metros quadrados, ambicionados pela especulação imobiliária. Maria José Duarte, diretora há três anos, diz que o aluno atual não tem a ver com o espírito dos anos 60.

— A escola é aberta, arrojada, e tem aluno que não dá conta disso. Assusta-se com a falta de muros. Gosta mesmo é do celular.

A diretora admite que a rebeldia não desapareceu por completo, mas de forma menos enjaulada.

— Alguns alunos boicotam, tomam atitudes terroristas. Eles se organizam para soltar bomba, arrebentar o banheiro.

As estudantes Jéssica dos Santos e Larissa Hott, de 17 anos, eleitas no ano passado para o Centro Cívico Escolar Manuel de Abreu, pela chapa A Luta Não Para, devolvem a queixa.

— Como a diretoria barra muita coisa, somos obrigados a fazer atividades paralelas, como uma gincana clandestina.

Entrevista | Tariq Ali

## 'Dilma continuará a política para a América Latina'

Fernando Duarte

Correspondente • LONDRES

O GLOBO: Agora que o ex-metá-lárgico se vê substituído pela tecnocrata, é possível especular se o PT entra numa nova era?

TARIQ ALI: Não acredito que a ascensão de Lula será uma exceção na política brasileira, e vejo sua diferença para Dilma como apenas de gênero, não de ideologia. A popularidade atingida por Lula depois de dois mandatos, claro que isso pode ser explicado por ações como o Bolsa Família, continua sendo impressionante.

• O que esperar de Dilma?

ALI: Não a conheço tão bem para fazer muitos julgamentos, mas Dilma poderá surpreender muita gente de forma positiva, e seria tolo alguém imediatamente descartar a possibilidade de uma boa presidência de sua parte. Vencer uma eleição presidencial pode transformar uma pessoa para melhor. Ou pior também, mas é preciso lembrar que atualmente há a ausência de alterna-

Um dos mais celebrados intelectuais de esquerda, o escritor e historiador britânico de origem paquistanesa Tariq Ali tem a política na América Latina como um de seus principais interesses. As análises de Ali, um provocador de polêmicas, sobre o presidente Hugo

Chávez ajudaram Oliver Stone a construir o documentário "South of the border", que exhibe uma visão simpática à realidade política e social da Venezuela de hoje. De crítico contumaz de Lula — já o classificou de deslumbrado pelo poder —, Ali passou a ver o presidente com melhores olhos diante de sua atuação no fortalecimento dos laços regionais. Algo que o historiador não vê mudar com Dilma Rousseff na Presidência, como conta em entrevista ao GLOBO

tivas coerentes de oposição ao PT na política brasileira.

• Muita gente acredita que Lula poderia ter elegido qualquer pessoa que escolhesse. Isso joga contra Dilma?

ALI: Lula é uma força fundamental no PT e no Brasil, e acredito que Dilma certamente vá

contar com ele para conselhos, o que é normal. Eu espero que ela vá além, porém: que implemente reformas estruturais. A saúde e a educação no Brasil são uma desgraça, e mudanças cruciais precisam ser feitas. E isso não pode ser desconectado de outras prioridades como o combate ao crime.

• O que dizer da alegação de que Lula continuará dando as cartas?

ALI: Acredito que ele continuará exercendo uma influência considerável sobre Dilma. Mas Lula também precisará se dedicar a projetos maiores. Meu conselho é que se preocupe com a reconstrução do PT, de baixo para cima. Que viaje pelo país para renovar os vínculos com o povo. E que exerça sua influência para contribuir para as tais reformas estruturais.

• A saída de Lula da Presidência não tira um pouco do carisma político brasileiro?

ALI: Não, pois Lula ainda terá um papel tanto em termos nacionais quanto regionais. Ele foi muito importante para a América Latina ao se recusar a ser manipulado contra os movimentos de esquerda em países como a Venezuela e a Bolívia. Dilma continuará com essa política. O único erro foi enviar tropas para o Haiti depois de os EUA e a França terem derrubado o governo de Jean-Bertrand Aristide. Isso jamais deveria ser repetido.

## O GLOBO

ELEIÇÕES 2010 / DE SILVA A ROUSSEFF

• Editora responsável: Dilma Ferreira

• Edição: Maria Fernanda Delmas

• Arte: Léo Terepianky (edição)

Fernando Alvariz e Renato Carvallo (ilustração)

• Projeto gráfico: Marcio Coutinho

• Diagramação: Claudio V. Rocha e Marcio Coutinho

• Pesquisa: Sílvia Lima

• Colaboradores: Fernando da Escózia, Cristina Azevedo e José Figueiredo



Segunda-feira, 1 de novembro de 2010

O GLOBO

ESPECIAL • 3

De Silva para Rousseff

# O legado da Dilma

# militante

Nas organizações de esquerda, ela já mostrava perfil dirigente. Ali, discutiu teorias econômicas revolucionárias e o dilema entre guerrilha e mobilização das massas



UM PORTAL tombado pelo Patrimônio Histórico foi o que restou do Presídio Tiradentes, em São Paulo. Dilma e as outras mulheres ficaram na Torre das Donzelas

Chico Otavio

Entre um cigarro e outro, a socióloga Maria do Carmo Brito, de 68 anos, deixa escapar uma ironia sobre a Política Operária (Polop), a primeira das organizações de esquerda nas quais militou nos anos 60. Um congresso da entidade — recorda-se, repetindo as críticas dos adversários do passado — caberia dentro de um fusquinha. Mas a ex-militante emenda:

— É agora, quem diria, do congresso no fusquinha, a Polop chega ao poder.

Ícone da presença feminina na luta armada e apontada como uma das responsáveis pelo assalto ao cofre do ex-governador de São Paulo Ademar de Barros, de onde teriam sido extraídos US\$ 24 milhões. Lia, codinome dos tempos de guerrilha que Maria do Carmo conserva até hoje no e-mail, refere-se ao poder recém-conquistado por Dilma Rousseff, que debutou na militância política na incubadora mineira da Polop.

“Lusca” citado por ela saiu da garagem em 1961, quando um grupo de universitários criou uma alternativa à ampla influência do Partido Comunista Brasileiro (PCB) no cenário das esquerdas do país. Assim nasceu a organização Polop, reunindo gente do PSB (Rio e São Paulo), da Juventude Trabalhista de Minas e dos luxemburgistas da Liga Operária (SP). Na época, uma esquerda marxista fora do PCB era algo inovador.

Dados levantados pelo sociólogo Marcelo Ridenti, da Unicamp, sobre o número de militantes da luta armada processados entre 1960 e 1970, estimam que a Polop reuniu em torno de 80 membros. Dilma era um deles. Entrou para a organização quando era secundarista e a seção mineira da Polop gravitava em torno da Faculdade de Ciências Econômicas da UFMG. Mas o que teria restado daquela Dilma militante e guerrilheira, por mais duas organizações perseguidas pelo regime, antes de ser torturada e recolhida ao Presídio Tiradentes, em São Paulo?

Dilma manteve as amizades daqueles tempos e ainda se enocinava ao citar companheiros que tombaram nas lutas, como Carlos Alberto Soares de Freitas, o Beto, e Maria Auxiliadora Lara Barcelos, a Dodora. Porém, examinando apenas a linha de ação adotada hoje pela ex-guerrilheira, Ridenti, especialista em organizações armadas da esquerda brasileira, sustenta que Dilma faz, no poder, exatamente aquilo que a Polop contestou e combateu no passado:

— Ela defende um desenvolvimento impulsionado pela burguesia nacional e pelo subproletariado (a camada de baixíssima renda), algo que eles tanto criticavam. Para a Polop, que acreditava na Teoria da Dependência, a economia do Terceiro Mundo se desenvolvia comprometida com a expansão do capitalismo comercial europeu.

— Dizíamos que essa expansão teria sempre um lado subordinado e outro dominante — recorda-se o economista Theotônio dos Santos, guru da Polop que fez os olhos de Dilma e seus companheiros brilharem, em 1966, com as suas pregações sobre a Teoria da Dependência.

Do ponto de vista teórico, a Polop formulou uma alternativa ao PCB. Criticava a visão, vigente entre as esquerdas da época, de que o atraso era consequência do fenômeno das relações pré-capitalistas e feudais. Achava que, ao contrário, o país já estava num estágio avançado de modernização industrial — razão pela qual repelia a criação de focos da luta armada no campo.

Mas o grupo de Dilma padecia da indecisão entre fazer ações guerrilheiras ou ações de massas (organizar os trabalhadores). E a inquietação da juventude, principalmente os alunos da UFMG, acabou rachando a Polop e deu origem aos Comandos de Libertação Nacional (Colina) e, posteriormente, à Vanguarda Armada Revolucionária Palmares (VAR-Palmares).

Ex-conselheiro da VAR, nascida da fusão dos Colina com a Vanguarda Popular Revolucionária

(VPR), Maria do Carmo busca recordações menos teóricas para lembrar a militante que conheceu em 1969, no Rio, depois da prisão de um grupo importante dos Colina em Minas. Embora pareça paradoxal, foi na clandestinidade que Dilma começou, lentamente, a abandonar a aparência de *nerd* dos anos 1960.

— Como Dilma tinha cabelos anelados, era muito esguia e usava óculos pesados, lara lavelberg (legendária companheira do capitão Carlos Lamarca) sugeriu cabelos curtos, para realçar os olhos, e outra armadura. E assim ela o fez — lembra-se.

Na VAR-Palmares, que durou três meses, Maria do Carmo comandou Dilma, a Stela, “sempre articulada e influente”. De acordo com Lia, o objetivo da VAR era “incendiar o país” não por meio de golpes, mas de metas de combate, ações-surpresa variadas.

— Eu fazia levantamentos, disparada, para comprar terras. Percorri, elegantíssima, o Rio Pa-

raná fazendo lutos.

Ex-Colina, o médico Jorge Nahas, atual secretário de Desenvolvimento Social de Belo Horizonte, faz outra revelação curiosa sobre a trajetória de Dilma na luta contra a ditadura.

— Dilma sempre trabalhou na infraestrutura, como divulgação, formação e política. Desde cedo, mostrou perfil de dirigente e sofreu com um ranço machista das organizações de esquerda.

O talento para apelar pessoas, apesar das circunstâncias dramáticas do período, foi outra característica que Dilma mantém viva até hoje. Márcio Borges, um dos inventores do Clube da Esquina, amigo de Dilma que não quis aderir à Polop, preferindo a música, conta que, recentemente, ambos se reencontraram para um café temperado por recordações na Savassi, em Belo Horizonte.

— Ela se lembrou de um apelido que pôs em mim: “Marcinho Godard”, porque eu adorava os filmes do diretor francês.

Linda Goulart, militante da Polop e dos Colina que conheceu Dilma em reuniões na casa do sociólogo mineiro Guido Rocha, também ganhou seu apelido. Para ela, a figura pública da presidente eleita não é a mesma Dilma que conheceu, sonhadora, engraçada e brincalhona.

— Como Belo Horizonte era muito pequena, acabávamos circulando pelos mesmos ambientes. Ela era extremamente inteligente, muito bem preparada. Me pôs um apelido, que lembra até hoje: Chinês do Arrozal, porque eu tinha olhos um tanto puxados e cortei os cabelos bem curtos. Quando eu estava clandestina no Sul, Dilma fazia a conexão com a minha família, pois eu estava lá há sete anos e tinha perdido os vínculos.

Hoje professor emérito da UFF, Theotônio dos Santos, de 72 anos, elogia a Dilma da atualidade pela fidelidade histórica que sobrevive aos tempos:

— Hoje professor emérito das lutas que realizou na ditadura. Numa situação ditatorial, elas se justificavam. Isso revela uma postura combativa, muito democrática. Sobreviver à tortura e viver na clandestinidade, isso é uma vitória pessoal muito grande.

## Ela ‘jamais esmoreceu’

Tatiana Farah

• CAMPINAS E SÃO PAULO. Luisa, Wanda, Stela, Marina, Maria Lúcia. Os militares abandonaram os codinomes de Dilma Vana Rousseff Linhares, em 1970, para chamá-la de Jona D’Áze ou Papissa da Subversão. “A figura feminina de expressão tristemente notável”, que “ingressou nas atividades subversivas em 1967” e “jamais esmoreceu”, dizem os autos do processo 366/70, guardados em um cofre do Superior Tribunal Militar (STM) durante as eleições, com acesso negado até a Dilma, para, segundo os militares, não tumultuar o processo eleitoral.

Para encontrar documentos e partes dos processos, O GLOBO percorreu arquivos do Brasil Nunca Mais, guardados na Unicamp, e o Arquivo Público do Estado, onde repousam documentos do Dups, a polícia política.

Diz o texto de indiciamento de Dilma no Dops: “Manipulava grandes quantias da VAR-Palmares (...). Verificase ser uma das molas-mestras e um dos cérebros dos esquemas revolucionários. Trata-se de uma pessoa de dotação intelectual bastante apreciável”. O interrogatório citado pelos policiais foi extraído da tortura. Dilma foi presa em São Paulo, aos 22 anos, pela Operação Bandeirantes, em 16 de janeiro de 1970, com documentos falsos. Não consta porte de arma. Já presa, numa ocasião foi levada à casa de João Ruaro Filho e, segundo depoimento dele, assumiu a responsabilidade pelo material de esquerda encontrado.

Quando “estourou” a casa de Dilma em Santos, a polícia encontrou, além de material de esquerda, um bilhete amoroso, em que ela é chamada de “Nega querida”. Os militares atribuem a carta ao primeiro marido, Claudio Galeno. Mas Dilma vivia outro amor com o gaúcho Carlos Araújo, o Max, da VAR-Palmares. Nem os “companheiros de armas”, como citou José Dirceu, suspeitavam do romance com o homem com quem ela viveria por 30 anos. No Presídio Tiradentes, os dois trocavam bilhetes por “teresas”, cordas de lençóis e restos de pães.

Ao senador Agripino Maia (DEM/RN), Dilma chegou a responder, no ano passado, que “mentir, na tortura, não é fácil”.

— Não é possível supor que se dialogue com o pau-de-arara, o choque elétrico e a morte.

Poucas vezes Dilma falou da tortura, mas, na carta em que pede indenização pelo tempo da ditadura, conta que foi submetida à “cadeira do dragão”, onde o preso era amarrado para receber choques elétricos nas orelhas, na língua e nos órgãos genitais. Dilma foi condenada em dois processos pelo mesmo crime. Recebeu pena de quatro anos em um e 13 meses no outro. Seus advogados conseguiram baixar a pena para os 13 meses. Mas ela já tinha cumprido quase dois anos e meio na Torre das Donzelas, nome dado à ala das presas políticas do Tiradentes. Segundo o SNL, foi encontrado um documento que mostra planos da VAR-Palmares para tráfego da cadeia. Uma autoridade seria sequestrada para troca por presos políticos, como Dilma.

Pelos depoimentos da época, Dilma ingressou na resistência em 1967, quando era nova de Galeno, um dos líderes da Polop, em Belo Horizonte. Dilma saiu do movimento de estudantes e entrou nas alas operárias. A estudante de economia partiu para o estado da Guanabara, unindo-se ao Colina, no fim de 1968. Em 1969, mudou-se para São Paulo e participou das tratativas para fundir o Colina e a VPR (de Carlos Lamarca) na VAR-Palmares. Já era casada com Araújo.

O grupo de Lamarca achava o Colina muito estudantil, e a turma de Dilma temia que o movimento se militarizasse. Antonio Espinosa disse à revista “Brasileiros”, em 2009, que Dilma só teria integrado o comando nacional da VAR-Palmares depois do racha e nunca participou do assalto ao cofre de Adhemar de Barros. Na ocasião do racha, segundo dezenas de depoimentos encontrados pelo GLOBO, Dilma distribuía dinheiro aos integrantes e formava os quadros de militância. Para a polícia e o juiz auditor José Paulo Paiva, Dilma “chefiou greves e assessorou assaltos a bancos” — ela nega, e não há acusação dos militares sobre ações armadas.

O depoimento de Dilma no Dops tem 19 páginas. No fim, quando a polícia pergunta se ela se arrepende, diz que não se arrepende de nada.



Dilma sempre trabalhou na infraestrutura, como divulgação, formação e política. Desde cedo, mostrou perfil de dirigente e sofreu com um ranço machista das organizações de esquerda

Jorge Nahas, ex-membro do Colina



## De Silva para Rousseff



DILMA COM Brizola (ao lado), antes do rompimento. Acima, na época em que era secretária de Finanças do prefeito Aécio Collares, de Porto Alegre

## A vida no Sul foi um *recomeço* entre aulas e gestão pública



PRESIDENTE DA Fundação de Economia e Estatística (FEE), em um painel



COM O então governador Olívio Dutra, de quem foi secretária de Energia

Em quase três décadas em terras gaúchas, onde o marido esteve preso, Dilma lecionou, teve sua única filha, ajudou Brizola a fundar o PDT e ocupou cargos municipais e estaduais

Chico Otávio

**D**ilma Rousseff atravessou quase três décadas de atividades políticas em Porto Alegre, para onde se mudou depois de sair da prisão, em 1972, ocupando cargos da burocracia partidária ou da máquina pública. Daquelas que convivem com ela, talvez só o Bom Baiano, apelido do então diretor do Presídio Central, Waldomiro Jesuino da Silva, tenha acreditado que a mulher do trabalhista Carlos Araújo, este, sim, um ícone do PDT gaúcho, pudesse dar voos mais altos. Consultado na época se autorizava uma série de projetos elaborados pelos presos políticos para a cadeia da capital, incluindo aulas para presidiários comuns ministradas por Dilma, ele teria respondido: "Claro, os presos políticos de hoje podem ser os dirigentes do país amanhã."

O episódio é contado por Carlos Alberto Tejero de Rê, o Minhoça, ex-militante, como Dilma, da organização VAR-Palmares na luta contra a ditadura e que ficou detido com Araújo no Presídio Central. Com o aval do Bom Baiano, Dilma pôde retomar algo que sempre a encantou: doutrinar pessoas com um aparato de livros e cartilhas. Já fazia isso desde os tempos do curso de Economia na UFMG, onde imperava a organização Política Operária (Polop), e quando ela era encarregada da formação teórica de seus quadros.

Depois que o marido foi solto, Dilma manteve as aulas particulares, dessa vez para um pequeno núcleo que pretendia resgatar o PTB no Rio Grande do Sul, mas acabaria fundando o PDT, sob a batuta de Leonel Brizola.

Foi nessas aulas que Dilma desenvolveu o estilo professoral e determinado que nunca mais a abandonaria. Se, em quase três décadas de Rio Grande, ela construiu uma família, ocupou cargos importantes na administração pública (uma vez secretária municipal de Finanças de Aécio Collares e duas vezes secretária estadual de Energia e Comunicação), fez grandes amigos e aliados leais, também deixou um saldo de brigas e inimizades. Culpa do estilo duro e pouco flexível, incapaz de recorrer ao famoso jiti-ji brasileiro, cínico do universo político, para contornar crises ou acalmar correligionários.

Dilma rompeu com o PDT em 2000, quando Brizola retirou o apoio de seu partido ao governo do petista Olívio Dutra, mas os

pedetistas que ocupavam cargos estratégicos decidiram continuar. Dilma, que era secretária estadual de Minas, Energia e Comunicações, chegou a recorrer à Justiça para se destituir.

O deputado federal Vieira da Cunha (PDT-RS), que foi candidato a vice-governador de Aécio Collares em 1992, quando Dilma era coordenadora dos programas de governo e de TV, disse que o afastamento foi traumático.

Ainda há um foco de resistência no partido (PDT). Nas reuniões partidárias, tenho dito que água e ressentimento fazem mal à saúde — conta ele.

Havia, na época do rompimento (2000), uma disputa interna forte para decidir quem concorreria à sucessão municipal pelo PDT: Collares ou Vieira da Cunha. Collares tinha uma postura radicalmente antipetista. Esse episódio, com a vitória de Collares, foi considerado um rompimento com o PT.

Sereno Chaise, dez anos na presidência regional do PDT, disse que Dilma e Brizola não se bicavam muito porque ambos tinham gênios fortes.

Principal aliado de Brizola, o então prefeito Collares não quis que Araújo (marido de Dilma) ganhasse as eleições municipais de 1988. Não queria dividir o poder com Araújo. Forçou a greve da limpeza pública, que foi mortal para a campanha.

Mas a advogada trabalhista Gisa Nara Machado da Silva, de 60 anos, que conhece Dilma desde 1979, revela que ela já teve de Brizola um forte apoio para enfrentar adversários no Sul.

Durante um congresso de Collares em Porto Alegre, no início dos anos 1980, para discutir a fundação de uma federação de classe, o PDT resistia a criar a entidade naquele momento, mas o MRS tinha maioria e iria vencer. Foi quando Dilma e outras pedetistas tiveram a ideia de levar Brizola e distribuir lenços vermelhos para as participantes. Foi um sucesso e virou a votação a favor das pedetistas.

Entrevista | Riordan Roett

## ‘Espera-se que Dilma concentre o foco mais nos temas internos’

Fernando Eichenberg

Correspondente • WASHINGTON

O GLOBO: Qual é sua análise, de um ponto de vista mais geral, desta eleição?

RIORDAN ROETT: A coisa mais importante é que é uma eleição aberta, competitiva e democrática. Contrasta o Brasil com países como Argentina, Venezuela ou Equador. É um sinal positivo ao desenvolvimento político do Brasil.

• O que o senhor espera do governo de Dilma Rousseff?

ROETT: É esperado que Dilma concentre seu foco muito mais nos temas internos, se comparado ao último mandato de Lula, que foi centrado mais em questões internacionais.

• Mudará a relação entre o Brasil e os Estados Unidos?

ROETT: Haverá complicações e acomodações. Quando o Brasil assumir um caminho próprio, haverá confronto. No caso do Irã, Washington teve uma percepção negativa do acordo que Brasil e Turquia tentaram fazer. Mas no Terceiro Mundo e no mercado emergente, os sinais foram positivos. Os Estados Unidos terão de se adaptar a um Brasil mais agressivo. O Brasil, como membro do Bric, terá um papel crescente, e Washington ainda não está totalmente

Para o diretor do programa de Estudos de América Latina da Universidade Johns Hopkins (EUA), Riordan Roett, o governo de Dilma Rousseff estará mais voltado para as questões domésticas, diferentemente do segundo mandato de Luiz Inácio Lula da Silva, focado, segundo ele, na agenda internacional. Roett não acredita que a relação entre os EUA e o Brasil sofra alterações importantes, mas alerta que Washington terá de se ajustar a um Brasil cada vez mais agressivo. Roett vê ainda a Copa do Mundo de 2014 e as Olimpíadas de 2016 como dois grandes desafios, tanto pela grandiosidade como pelo alto potencial de corrupção.

pronto para aceitar isso.

• Qual será a diferença na postura internacional de Dilma?

ROETT: O Itamaraty terá um papel mais central. Se Marco Aurélio Garcia (assessor de Lula para Assuntos Internacionais) for o chanceler, o cenário será um. Se for Antonio Patriota, ex-embaixador em Washington que representou muito bem o Brasil, será outro. Marco Aurélio é mais ideológico, e provavelmente o Brasil não precisará disso nos próximos quatro anos, quando o presidente terá de lidar com a Copa de 2014, as Olimpíadas de 2016, o pré-sal, o G-20. São questões políticas complicadas, e talvez seja melhor ser menos agressivo em política externa.

• Dilma terá uma política externa mais moderada?

ROETT: Acredito que ela correrá menos riscos. Não tem muita experiência em política externa, e a agenda doméstica, que ela conhece bem, será bastante complicada. Dilma estará presente nos encontros internacionais, mas no dia a dia delegará a responsabilidade ao Itamaraty.

• Qual é o futuro das relações econômicas dos EUA com o governo Dilma?

ROETT: Os Estados Unidos são o segundo parceiro econômico do Brasil. Haverá muitos investimentos estrangeiros no Brasil, dos EUA e de outros países. Em questões mais amplas, como meio ambiente, há uma

posição mais ou menos complementar. No comércio há ainda o que ajustar para que o Brasil possa exportar. O Brasil e a China têm forçado mudanças no FMI, que deverão ocorrer. A Casa Branca está apoiando esses movimentos. Dependendo do tema, a política americana será de mais ou menos apoio. Mas os EUA terão de entender que o Brasil é um país mais complicado do que China, Índia ou Rússia.

• Na política interna, Dilma promoverá mudanças significativas?

ROETT: Espera-se que o papel do Estado seja pequeno no Brasil, caso de Chile, Uruguai e, em menor grau, Peru e Colômbia. A perspectiva é de mais parcerias público-privadas, e que o Estado aumente seus recursos para educação, ciência e tecnologia. Dilma terá um desafio grande com 2014 e 2016. Terá de colocar muito rapidamente muito dinheiro público na infraestrutura e lidar com os perigos da corrupção.

• E a abordagem com a América Latina?

ROETT: Certamente haverá muitos cuidados nas relações com Bolívia, Paraguai, Uruguai. Para os Estados Unidos, ficou clara a política brasileira em relação à Venezuela: não excluir. A impressão dos Estados Unidos é que o governo brasileiro entende que Hugo Chávez não ficará lá para sempre.

De Silva para Rousseff

## Sobre como Lula fabricou sua candidata

Dilma se aproximou do presidente ainda na transição, ocupou um ministério importante e ganhou mais força após a queda de José Dirceu da Casa Civil

Chico de Góis e Luiz Damé • BRASÍLIA

A mulher que até hoje se refere a Luiz Inácio Lula da Silva com admiração, mesmo longe dos holofotes e da imprensa, era apenas um nome técnico para seu ídolo no fim de 2002, logo após o primeiro operário se tornar presidente na História do Brasil. Lula já tinha ouvido falar de Dilma Rousseff antes de vencer aquela eleição. Mas apenas isso. Embora sem participação ativa no PT, no qual era neófito, Dilma chegou a Lula por meio de Olívio Dutra, de quem fora secretária de Minas e Energia no governo gaúcho. Como o raciocínio de energia de 2001 ainda animava os sonhos de desenvolvimento brasileiro, a técnica, mesmo antes de receber um ministério, ganhou importância no futuro governo, na equipe de transição. Lula não se cansa de repetir que se decidiu por Dilma como ministra de uma área propensa a curto-circuito — Minas e Energia — ao presenciar a participação dela numa reunião técnica, na transição. Olívio lembra que, antes que ele pudesse conversar com Dilma, como planejara, Lula a convidou para compor a equipe.

— O convite se deu naturalmente. Dilma tinha grande experiência na área, tinha propostas, era estudiosa do setor e se casou para ser ministra. Antes de convidá-la, o companheiro Lula falou comigo, mas eu não cheguei a conversar com ela. Ele fez o convite antes — lembra Olívio, ex-ministro de Lula.

Dilma passou a frequentar a sala de reuniões de coordenação do governo, em que tinham assento cardais da estufa de José Dirceu, Luiz Gushiken e Antonio Palocci. Nessas reuniões, chamada a analisar o setor elétrico, foi conquistando a confiança de Lula, que se impressionava, segundo um ministro, com o rigor técnico de sua auxiliar.

De acordo com esse ministro, Lula viu em Dilma competência técnica, rigor com dados — Lula adora números, e Dilma não conciliava uma frase sem citar algarismos —, capacidade de gestão e direção, além do trabalho em equipe. Olívio corrobora essa visão.

— O que chamou a atenção de Lula foi a capacidade de Dilma de trabalhar em equipe, assumir tarefas sem perder o fio da meada. Ela conseguia relacionar a área dela com as demais e tinha informações sobre as áreas que se relacionavam com a dela.

Lula só não gostava dos famosos passeios, que marcavam a prestação de contas do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC), e, uma vez, tiraram a ministra do sério, por causa da lentidão (para ela) com que o operador do computador passava as páginas. Vez ou outra, à guisa de piada, Lula dizia a ela que fizesse uma apresentação mais reduzida e falasse de improviso.

Além, essa é uma característica do presidente, dizem colaboradores: quanto mais ele gosta de alguém, mais se sente à vontade para fazer piadas e mostrar carinho. Foi assim com Dilma. A mulher fechada em planilhas foi ganhando, aqui e acolá, um alago do presidente, que a pegava pelo braço e apoiava sua mão na dela, como faz com alguns ministros e amigos mais próximos.

Um ministro lembra que, com Dirceu, embora o respeitasse politicamente, Lula nunca foi tão próximo nem se permitiu um gracejo ou ato mais voluntarioso. Depois que Dilma se assentou na Casa Civil, no lugar do antes todo-poderoso Dirceu, a proximidade aumentou. Lula achava graça — e já disse isso em público — da fama de mal-humorada de Dilma. São muitas as histórias de que ela bateu na mesa, gritou e zingou auxiliares. Quando alguém vinha reclamar com Lula, ele se divertia, porque, no fundo, via nela características suas. Quando está irritado, Lula não se contém e vez ou outra, solta um palavrão, fecha a cara, fala alto.

Dilma substituiu Dirceu num momento muito ruim para o governo. Corria 2005, e a denúncia de que o Palácio do Planalto, sob as gravatas importadas de Dirceu, pagava mensalão a deputados da base quase trouxe de 1992 o fantasma do impeachment de um presidente eleito. Lula viu que o cardal instalado num gabinete um andar acima do seu — onde até hoje é a Casa Civil — poderia colocar pedras no caminho que ele sonhava: reeleição e aprovação popular recorde.

Depois que Dirceu atendeu à voz profética de Roberto Jefferson — o delator que o mandou sair da cadeia —, antes que o trono de Lula caísse —, o presidente decidiu que, no andar acima, somente ficaria alguém sem aspiração político-eleitoral.

— A chegada da companheira Dilma à Casa Civil não foi um tapa-buraco — defende Olívio. — Ela tem uma capacidade de articular os ministros que o Zé Dirceu não tinha. Tem mais objetividade, não forma blocos e tem uma relação mais franca com os companheiros.

Ainda antes das eleições municipais de 2008, Lula começou a tocar, em todas as mãos, no talco, sucessão. Na campanha, Dilma ensaiou os primeiros passos nos palanques do PT gaúcho. Já com bons índices de aprovação, Lula queria papel decisivo na escolha. Pesquisas do PT descartaram nomes que pareciam fortes. Assim, caíram Palocci, Ciro Gomes, Tarso Genro. Olívio, um dos favoritos, deturpou o governo em 2006, no escândalo da quebra do sigilo bancário do caseiro Francisco Costa, que acusara o então ministro da Fazenda (já inocentado no STF) de se encontrar com lobistas numa casa em Brasília.

Não havia no Olimpo petista alguma deus à altura da cadeira de Lula. Foi quando ele resolveu apostar tudo em Dilma, experiente administradora pública, mas que nunca disputara uma eleição. Lula chegou a classificar a escolha como a novidade eleitoral, mas frisando a capacidade de dar continuidade a seus projetos. Surgiu a Dilma candidata.

A medida que o convívio foi aumentando, a criatura foi adquirindo outros traços do criador. Dilma está mais brava, mais curiosa de saber o que o outro está lendo ou ouvindo e conta causos do passado mineiro. A mudança de humor dela é evidente, segundo um auxiliar de Lula. Nas reuniões de coordenação que passou a frequentar quando chegou à Casa Civil, Dilma limitava seus comentários à pauta sempre técnica, ao contrário dos demais — a grande maioria, homens —, que, vez ou outra, falavam de futebol ou assuntos paralelos.

Agora, na Presidência, resta saber se a criatura formatada está um Lula de saias ou uma Dilma meio mineira, meio gaúcha, mas com identidade própria.



APF/20.12.2002



Adilson de Freitas/1.6.2003



Adilson de Freitas/1.6.2003



Guilherme Miranda/5.6.2008



World Photos/Presidência/14.10.2009

A PARTIR do alto: Lula, antes de tomar posse, apresenta alguns de seus futuros ministros; o presidente empossa Dilma no cargo de ministra de Minas e Energia; Dilma assume a Casa Civil e beija seu antecessor, José Dirceu; Lula e Dilma conversam em solenidade do PAC; e, bem antes de ser sacramentada candidata, Dilma pesca com Lula na emblemática vista às obras da transposição do Rio São Francisco

“

O convite (para ser ministra de Minas e Energia) se deu naturalmente. Dilma tinha grande experiência na área, tinha propostas e se casou para ser ministra

“

A chegada da companheira Dilma à Casa Civil não foi um tapa-buraco. Ela tem uma capacidade de articular os ministros que o Zé Dirceu não tinha

Olívio Dutra



Segunda-feira, 1 de novembro de 2010

O GLOBO

ESPECIAL • 9

De Silva para Rousseff

# Afinal, o que pensa Dilma?

A petista, lançada solitariamente por Lula, terminou a disputa como um enigma político, com ideias genéricas. Seu desafio é eliminar as dúvidas sobre um duplo comando na Presidência

José Casado

**A**o votar na Dilma... (vocês) vão estar votando um pouquinho em mim", repetiu Lula nos palanques. Falava com a convicção de quem fez uma escolha absolutamente solitária e impôs à burocracia do Partido dos Trabalhadores a candidatura de uma tecnocrata sem raízes na política partidária, no sindicalismo ou na militância petista. Dilma Rousseff aceitou o papel. Abdicou da construção de uma identidade política e atravessou a campanha cultuando o patrono — chegou a citá-lo 29 vezes em um único discurso de 20 minutos. Fez do continuísmo sua oferta única ao eleitorado. Dentro de 90 dias, ela toma posse. E Lula, já sem a camiseta e o Diário Oficial, passa a viver num mundo paralelo ao das mordenias governamentais. Ainda assim, ele estará no centro do poder do futuro governo Dilma.

— Ele vai ser sempre uma pessoa com a qual vou contar — disse Dilma, na sexta-feira. — Com quem eu vou manter uma relação íntima e forte. Ninguém vai me separar do Lula.

A onipresença anunciada impõe à nova presidente uma complexa equação política: como eliminar as dúvidas sobre um duplo comando na Presidência da República. Ela vai entrar no Palácio do Planalto à sombra do patrono na política, sem liderança no PT, que não tem maioria no Congresso, e dependente do PMDB do vice Michel Temer, cujo objetivo declarado é a "partilha do governo".

— Esse vai ser um problema institucional sério — prevê Leônicio Martins Rodrigues, sociólogo e professor da Universidade de São Paulo (USP), há 48 anos dedicado ao estudo das mutações nas fontes de recrutamento das lideranças políticas brasileiras. — Vejo aí um problema realmente grave. É estranho, mas, numa fase de política de massas, o país aceita com facilidade fantástica eleger um "poste", uma pessoa desconhecida, sem experiência de mandato e que nunca esteve na linha de frente de um partido, incluindo o seu, e nem da base sindical.

— Quem efetivamente governará a partir de 2011, Lula ou Dilma? — acrescenta. — Os eleitores foram informados de que, na realidade, não estariam escolhendo Dilma, mas Lula. E, assim, os eleitores estariam dando a Lula um terceiro mandato sem alterar a Constituição. Mas, ganhando um terceiro mandato, se Dilma passar a Lula o governo, como uma fiel secretária, sem vontade própria, estará desmoralizada.

Acho, porém, que isso tem pouca chance de acontecer, pois nada em sua personalidade e sua trajetória indica que tenha vocação para secretária obediente. E aí temos outro problema: como ela vai resolver com Lula a favor dela, ou seja, para ter o poder formal e de fato.

Dilma chegou ao fim da disputa como um enigma, com propostas encobertas por uma nuvem de generalidades e posições óbvias, dizendo-se a favor da luz elétrica, da água encanada, da erradicação da miséria e do analfabetismo.

— Meu olhar principal não é para os números do PIB nem para a taxa de juros, é para as pessoas — argumentou.

Na semana passada, depois de nove meses em campanha oficial, ela divulgou um programa de governo. Um terço do texto é dedicado a autoelogios e exaltações ao "grande mestre que nos ensinou o caminho" — como passou a se referir a Lula nos palanques.

Em sete páginas, proliferam verbos como "articular" (ações) e "implementar" (projetos), entre ambiguidades como uma reforma política a ser definida "em um amplo diálogo com a sociedade e suas organizações, por meio do Congresso".

Há propostas genéricas como a de uma reforma do Estado para dar "mais transparência e permeabilidade às demandas da sociedade".

E, ainda, compromissos como o de uma política externa voltada à "construção de um mundo multilateral" e à "democratização" da Organização das Nações Unidas, do Fundo Monetário Internacional e do Banco Mundial.

Não se conhecem estimativas de custos do programa de governo de Dilma. Da mesma

forma, não se tem ideia de como ela pretende governar a economia. Em discursos, limitou-se a sinalizar o básico:

— A premissa é preservar a estabilidade macroeconômica. Vamos manter o equilíbrio fiscal, o controle da inflação e a política de câmbio fluante.

Sobre a estabilidade e a taxa cambial, insistiu na aposta de que um nada tem a ver com o outro.

— Eu considero que o ajuste fiscal não tem uma relação direta com o câmbio. A questão do câmbio diz respeito, no caso dos Estados Unidos, ao fato de eles ainda estarem numa crise profunda. Essa crise não vai ser resolvida por ajuste fiscal. O que nós vamos ter de fazer é aumentar a competitividade da indústria brasileira, tanto através de uma reforma tributária quanto através de uma melhoria do endividamento público.

Acrescentou: — Quando chegamos ao governo, a dívida pública era de 60% (do PIB). Chegou a 40%. Isso vai permitir que a gente reduza os juros, e, com isso, a relação com o câmbio vai melhorar. Mas é necessário esse processo de redução (da dívida pública interna).

No programa de governo, registrou: "O crescimento não é sustentável sem estabilidade econômica, mas a estabilidade não se sustenta sem crescimento. A política macroeconômica será consistente com o equilíbrio fiscal, com o controle da inflação, com uma baixa vulnerabilidade a choques externos e com o crescimento mais rápido na renda das camadas mais pobres da população".

Na campanha, assim como no programa de governo, ela nunca se preocupou em esclarecer como pretende fazer para — sem diminuir o ritmo crescente das despesas governamentais — avançar na redução da dívida pública em relação ao Produto Interno Bruto. É, assim, lançar uma queda nos juros recorde, hoje inflacionados pelo governo, que, com eles, premia quem no mercado financeiro financia seus gastos.

Anunciou em palanques que a primeira das reformas será o sistema político-partidário:

— Vamos unir o melhor das nossas energias para fazer a refor-

ma política. Quero dizer com todas as letras aos partidos políticos e ao país: não dá mais para adiar essa reforma. Ela é uma necessidade vital para corrigir equívocos, vícios e distorções.

Em tese, seria uma reforma ampla, geral e irrestrita, que poderia levar até à mudança no sistema de representação no Congresso. Mas neste, como em outros temas, Dilma sempre se conteve no limite da ambiguidade. Mas se sabe que Lula já planeja

passar o primeiro ano fora do poder viajando pelo país em campanha — pela "reforma política".

Outra mudança projetada por Dilma é no sistema tributário. Quem procurar entender como será isso a partir do programa de governo corre risco de frustração. Nele há apenas uma referência, com 26 palavras: "Em acordo com estados e municípios serão complementadas mudanças tributárias que racionalizem e reduzam os efeitos socialmente regressivos da atual estrutura tributária e beneficiem as exportações".

Dilma também abordou o tema em discursos, mas sempre de forma genérica, às vezes até confusa:

— A nossa estrutura tributária é caótica. Entre outras coisas, vamos investir para informatizar (sic) todos os tributos. Vamos ampliar a base de arrecadação e diminuir as alíquotas dos impostos. Outra grande meta do governo Lula, que nós vamos completar e que foi realizada, mas iremos aprofundá-la, é a desconexão do investimento.

Ela está convencida de que o Estado brasileiro precisa ser "reconstituído", mesmo depois de passar oito anos em um governo que, na sua análise, reafirmou a nação.

— Vamos recompor a capacidade do Estado de planejar, gerir e induzir o desenvolvimento. Reforçar também a capacidade de planejar do Estado brasileiro, a integração entre o Estado e o setor produtivo, entre o governo e a sociedade. Entre o governo federal, os estados e os municípios.

Repetiu isso como um mantra na campanha, mas dedicou ao tema somente duas linhas de seu programa de governo.

Foi uma campanha hollywoodiana, como definiu Lula. Agora, os brasileiros terão quatro anos para descobrir quem realmente é, como age e pensa Dilma Vana Rousseff, 62 anos. Ela é a nova presidente.



COM TEMER, o vice, do PMDB

“

Meu olhar principal não é para os números do PIB nem para a taxa de juros, é para as pessoas

“

Não dá mais para adiar essa reforma (político-partidária). Ela é uma necessidade vital para corrigir equívocos, vícios e distorções

“

Vamos recompor a capacidade do Estado de planejar, gerir e induzir o desenvolvimento

Dilma Rousseff



Roberto Duarte/Foto 10, 8/2007

## De Silva para Rousseff

## Desafio de prover bens coletivos

Claudio Frischtak

• No plano econômico, o próximo governo irá enfrentar quatro desafios fundamentais: sustentar o crescimento econômico acima de 4% ao ano; garantir a estabilidade macroeconômica; reduzir a desigualdade e a pobreza; e melhorar a qualidade de vida da população. A boa avaliação do governo Lula foi fruto da percepção de que nesses quatro quesitos o governo acertou. E o próximo?

Conhecemos pelo crescimento econômico. A economia brasileira deve crescer este ano em torno de 7,5%, impulsionada pela expansão do emprego e da renda, do crédito pessoal e hipotecário e dos gastos de governo — inclusive transferências previdenciárias e sociais (a exemplo do Bolsa Família), e tendo por referência um crescimento levemente negativo de 2009. Inversamente, partindo de uma base elevada, será impossível emular o crescimento de 2010 em 2011 e nos próximos anos, sem colocar em risco a estabilidade alcançada no plano macroeconômico.

Manter a economia se expandindo a 4%-5% ao ano de forma continuada irá depender fundamentalmente de duas variáveis: expansão do investimento e ganhos contínuos de produtividade. Ambos, por sua vez, têm por fundamento a estabilidade macroeconômica, o aumento da poupança, particularmente do setor público, a melhoria da qualidade dos gastos e a ênfase crescente em educação.

A melhoria das contas públicas é imprescindível: o próximo governo deve anunciar — e dar partida no primeiro ano — a um programa fiscal de médio e longo prazo, com credibilidade e empenho político, que sinalize o compromisso com uma redução sensível no endividamento bruto (e líquido) e com um superávit nominal ao fim do quadriênio. Apesar de politicamente sensível, um programa dessa natureza traz enormes ganhos, não apenas ao abrir espaço para uma realocação progressiva dos gastos privilegiando os investimentos, mas talvez mais importante e duradouro, ao possibilitar a queda dos juros anormalmente elevados no país.

Esse fato por si só tem importantes consequências: do ponto de vista do crescimento, reduz o custo de capital das empresas; cria as bases para o financiamento privado de longo prazo — aliviando a demanda de recursos do BNDES; e diminui a pressão sobre um câmbio já sobrevalorizado. Do ponto de vista da equidade, melhora-se a distribuição de renda pela maior participação dos frutos do trabalho.

Os ganhos em termos de equidade e redução da pobreza nos últimos anos não foram pequenos. Sob o índice de mediana, avançou-se: o Índice de Gini, uma forma universalmente aceita para medir o grau de concentração de renda, apresenta melhoras em todos os anos desde 2001; e é provável que, de 2003 até o fim deste ano, mais de 40 milhões de pessoas tenham saído da pobreza. O desafio será manter o impulso, e a chave — mais uma vez — é a educação universal de qualidade.

Nos próximos anos, o ensino médio — celeiro de mão de obra qualificada — deverá ser prioridade, respondendo a uma demanda crescente por educação pelas novas classes médias brasileiras. Mas, para quebrar o ciclo da reprodução da desigualdade, a ênfase deve estar no pré-escolar, integrando a família — e a mãe como transmissora primordial do conhecimento — ao sistema educacional.

E a qualidade de vida? Se medida pelo nível de consumo individual, seja de alimentos, bens duráveis, entretenimento e mais recentemente a casa própria, sem dúvida melhorou, e esse movimento deve ter continuidade nos próximos anos, à medida que a economia se mantém em expansão. Mas a percepção de bem-estar pode não perdurar se os serviços públicos e os bens coletivos continuarem se deteriorando.

O país está assistindo a uma piora da qualidade do ar e da água; das condições de saúde da população, pela maior incidência de doenças velhas e novas; da mobilidade urbana e interurbana, com a crise na infraestrutura de transportes; e da segurança — com a violência rapidamente migrando para as cidades médias e de menor porte. Investir para prover esses bens de forma eficiente será o desafio maior do próximo governo.

CLAUDIO FRISHTAK é economista



Fábio Rosset/10.5.2010

## Sem Lula, uma nova relação governo-PT

Partido vai conduzir suas bandeiras históricas, como legalização do aborto, poupando Dilma. Palocci e Paulo Bernardo devem ser nomes fortes no Planalto, que terá de buscar equilíbrio com PMDB

Lella Suwvan • SÃO PAULO

Ao mesmo tempo em que vive seu auge, com a eleição de Dilma Rousseff e de bancadas históricas no Congresso, o Partido dos Trabalhadores tem à frente o desafio de equilibrar sua força política com as exigências da governabilidade balizada pelo aliado PMDB. Dessa forma, bandeiras ideológicas do PT — do controle social da mídia à legalização do aborto — poderão ter de ficar restritas à mobilização social e partidária, poupando o futuro governo de desgastes. Para isso, o partido se prepara para exercer sua musculatura, na era pós-Lula, pelo Legislativo, sem “imposições programáticas”. Na opinião do vice-presidente do partido, Humberto Costa (PE), o resultado das urnas é uma demonstração de que o PT já não vive mais à sombra de Lula e conseguiu amadurecer para não ficar à sombra também da máquina administrativa federal.

— O PT aprendeu com os erros e conseguiu separar o que é o papel do partido e o que é o papel do governo — disse Costa às vésperas da eleição. — O partido também avançou muito no seu papel questionador, e acredito que esses avanços vão ajudar no governo Dilma. O PT vai ter uma função muito mais evoluída no próximo governo porque sabe hoje como deve atuar.

Dilma já decretara que bandeiras históricas do PT serão assunto da sociedade civil organizada. Na campanha, repetia: “Movimento é movimento, sindicato é sindicato, e governo é governo.” Na trincheira de governo, para auxiliar nessa separação, estarão Antonio Palocci, cotado para a Casa Civil, e o ministro do Planejamento, Paulo Bernardo, nome certo no primeiro escalão. Entre as batalhas que o PT tentará travar em paralelo estão a redução da jornada de trabalho, a descriminalização do aborto, a taxação de grandes fortunas e a audiência prévia à reintegração de terras invadidas.

Usada em tom de ameaça pela oposição, essa nova relevância programática do PT foi um triunfo pouco alardeado internamente, em parte para evitar temores sobre as “imposições” que o partido poderia fazer à Dilma. Em setembro, o deputado cassado José Dirceu (PT-SP) sintetizou a petroleiros:

— Depois do pós, o 1º de janeiro, a força do partido e sua presença se expressam muito pela participação na vida política do país. Um partido com 30% de votos não pode ser desprezado por nenhum presidente. Temos que chegar para discutir com propostas. Tem uma disputa contra nós na comunicação — disse, sem saber da presença da imprensa. — A eleição da Dilma é mais importante do que a do Lula, porque é a eleição do projeto político, porque a Dilma nos representa.



Lopes Tavares/A. Tavares/14.9.2010

— O PT vai ter uma importância relativa maior na escolha das mesas em fevereiro, o que será um termômetro da correlação de forças que irá prevalecer — avalia o cientista político da USP André Singer, que já foi secretário de Imprensa de Lula.

Na Câmara, os “nomes naturais” são Cláudio Vazquez (PT-SP) e Henrique Eduardo Alves (PMDB-RN). O petemedista já chegou até a ser anunciado como nome certo — e estratégico — pelo vice eleito, Michel Temer (PMDB), que será um articulador político, em paralelo à Casa Civil. No que depender de Vazquez, ex-líder do PT e atual líder do governo, o partido terá atuação discreta na Câmara.

— Não tem qualquer bandeira tradicional do PT que esteja em conflito com o governo — disse, logo defendendo a importância da base legislativa majoritária no presidencialismo brasileiro. — Nossa prioridade é dar sustentação política e social ao governo. Se o governo não tiver maioria, cai. A oposição reclama, mas entenderia isso se tivesse lastro democrático.

Costa segue a mesma trilha, cita a antiga vulnerabilidade do governo no Senado e garante que o PT não fará “imposições”.

— O fato de o partido crescer não significa que ele vai impor sua agenda. Ele vai desenvolver um diálogo com o governo e com as demais forças que o compõem, tendo a exata noção de que se trata de uma coalizão. O crescimento da bancada, especialmente no Senado, vai ter um papel importante para a governabilidade. O Senado foi um espaço onde a oposição armou sua trincheira para fazer o combate ao governo Lula.

NÃO ALTO, Palocci acompanha Dilma em evento de campanha: foi escutado. A petroleiros, Dirceu (acima) disse que esta é a eleição do projeto político do PT



O PT aprendeu com os erros e conseguiu separar o que é o papel do partido e o que é o papel do governo

Humberto Costa, vice-presidente do PT



Segunda-feira, 1 de novembro de 2010

O GLOBO

ESPECIAL • 11

## De Silva para Rousseff

## O que o povo quer da 'mulher do Lula'

No Nordeste, trabalhadores esperam que Dilma continue as políticas do presidente. Mas cobram avanços em saúde, educação e combate à corrupção

Leticia Lins e Isabela Martin • RECIFE e FORTALEZA

**D**e ilustre desconhecida a "Rainha Elizabeth, aquela que libertou os pobres" — na verdade, o pescador José Moraes de Santana quis citar a Princesa Isabel, que aboliu a escravidão. A trajetória ascendente de Dilma Rousseff aparece assim na boca do povo do Nordeste, região onde teve seu melhor desempenho nas urnas. Uma volta pelo bairro popular de São José, em Recife, mostra que muita gente ficou indiferente à eclosão das acusações de corrupção na Casa Civil e o que sente, mesmo, é uma expectativa positiva quanto ao governo de Dilma. Em Fortaleza, há esperança de que a "mulher do Lula" faça um governo igual ou melhor que o dele. Mas tem quem não deite de cobrar avanços em áreas como educação, saúde e combate à corrupção.

A população espera que, a exemplo do ex-metalúrgico, Dilma olhe os pobres. Querem que ela governe como se fosse Lula e continue as políticas que turbinaram a popularidade do presidente.

— Para desmanchar o que está feito, era melhor nem disputar. Se o Brasil nunca teve antes um presidente rochado [forte], teve agora um que soube olhar pelo Nordeste. Se Dilma for o que Lula diz, posso compará-la à Rainha Elizabeth, aquela que libertou os pobres — disse Santana, enquanto fabricava uma tarrafa.

Vendedora de ervas medicinais no Mercado São José, Maria Conceição de Lima também faz uma referência imperial à petista e não crê num papel-carbono de Lula.

— Não tenho dúvida de que a mulher vai reinar. Vai mandar nesses homens todinhos. Ela é determinada, guerreira, eliminada o aprendizado de um professor do mundo, que foi Lula. Ao contrário do que muita gente pensa, Dilma não vai ser bonica, figura decorativa.

Vendedora de artigos regionais no mercado, Maria do Carmo Santana da Silva dá a receita se Dilma não continuar o trabalho de Lula:

— Se ela não seguir a gente bota para fora na outra eleição. Como primeira mulher presidente, tem uma responsabilidade muito grande. Ela é muito forte, até o cínico ela venceu. Não vai ser a sombra de Lula. Vai ter de deixar sua marca.

A professora Elenilda Farias, de Fortaleza, torce por avanços: — Diferentemente de Lula, que ela dá mais ênfase à educação e à saúde. Lula fez muita coisa. Mas (sobre) a base, que é educação e saúde, ele não fez muito.

A professora também não aceita a desculpa do "não sabia" em re-

lação às acusações de corrupção:

— Que ela não faça como o Lula e não diga que não sabia. É inadmissível e não cabe na cabeça de ninguém. Ela tem que fazer investigação preliminar (dos assessores) e tem poder para se infiltrar. Elenilda, apesar do pito em Lula, quer que ele seja um fiscal do governo da sucessora e não esconda a admiração pelo presidente.

O Lula foi presidente pelo sangue. É como se tivesse nascido para isso. A Dilma foi preparada, e a gente tem medo de que ela não governe com o coração como ele. Analfabeto, o segurança Messias Cruz da Silva, morador de Fortaleza, espera que Dilma combata a desigualdade e promova os direitos da criança.

— Antes se falava que a criança é o futuro do Brasil. Hoje não se ouve mais falar. Criança é droga.

O peixeiro José Pedro Ferreira não alimenta expectativas:

— Político para mim é tudo igual, farinha do mesmo saco. Ven aqui, aperta as mãos da gente e limpa com álcool. Depois desaparece. Mesmo para quem entregou os pontos, Dilma pode ao menos "seguir o ritmo" de Lula.

O Brasil não tem mais o que melhorar porque o roubo é grande. Do jeito que está não passa nem melhora, nem piora. Espero que Dilma siga o ritmo do outro (Lula) — diz Reinaldo Santos, dono de um mercadinho na Praia do Futuro, em Fortaleza.

Na visão de especialistas, as colocações positivas mostram o acerto da estratégia da propaganda eleitoral do PT para "vender" a figura de Dilma, que até fevereiro era praticamente desconhecida no interior de Pernambuco e pouco comentada na capital, por exemplo.



MESSIAS (NO alto) quer mais atenção às crianças. Acima, a partir da esquerda, no sentido horário: Elenilda cobra avanços em saúde e educação; José Feteira acha todos "farinha do mesmo saco"; José Santana diz que Dilma é libertadora dos pobres; e Maria Conceição descarta "figura decorativa"

No início do ano, em visita do GLOBO a Caetés (PE) — onde ainda mora grande parte da família de Lula —, poucos moradores, diante de uma fotografia de Dilma, conseguiram identificá-la. A agricultora aposentada Corina Guilhermina da Silva, tia de Lula, chegou a confundir Dilma com uma endemeira do posto de saúde. Até como Marta Suplicy e a mãe do governador Eduardo Campos, a deputada Ana Arraes (PSB/PE), Dilma foi identificada.

O cientista político Adriano Oliveira, da Universidade Federal de Pernambuco, afirma que, diante da popularidade de Lula e dos erros da campanha do PSDB, o crescimento de Dilma era previsto.

— Ela passou a ser identificada como aquela que Lula queria na Presidência. Eles (o PT) souberam

explorar a propaganda na TV, transformando a arrogância de Dilma e criando atalhos para que o eleitor a visse como mulher de fibra, que tem autonomia. O fato de ser a mulher do Lula, a mulher de sua confiança, foi muito bem explorado.

Já para o sociólogo André Huguette, da Universidade Federal do Ceará, as expectativas são reflexo da forma "sem personalidade" como Dilma foi apresentada.

— Elegeram a mulher do Lula, esperando que ela faça o que Lula fez, e ela não irá fazer. Huguette acredita que a lua de mel de Dilma com a população será curta, pela grande dificuldade que ela terá para mediar a disputa de poder entre o PT e o PMDB, e a sociedade exigirá que ela faça as reformas que Lula deixou de lado. ■



Como primeira mulher presidente, tem uma responsabilidade muito grande. Não vai ser a sombra de Lula. Vai ter de deixar sua marca

Maria do Carmo Santana da Silva, vendedora

Rose Nogueira

• Acho que fazia calor quando a carcereira veio avisar que teriam novas companhias. Como sempre, preparamos o que pediamos para a chegada. Um pouco de comida, um lençol e mais quase nada. Os cobertores eram aqueles cinzentos com uma listra vermelha nos pés, como em todas as prisões. Tínhamos de manter algum astral, mostrar qualquer coisa que pudesse alegrar um pouco quem chegasse do Dops e da Operação Bandeirantes — a Oban, depois transformada em DOI-Codi —, lugares onde a dor e a tortura eram rotina.

Ao presídio Tiradentes se chegava por ordem da Justiça Militar. Ir para lá era quase um alívio. Tortura, pelo menos, não tinha. Aguardávamos ali o julgamento, o relaxamento da prisão preventiva ou a concessão de liberdade vigiada. Isso não impediu que, por qualquer razão, a Oban ou o Dops mandasse buscar alguém "para esclarecimentos". Sabíamos o que isso significava. Aguardávamos juntas quem subia pela escadaria da Torre das Donzelas — como ficou conhecido aquele lugar mais que cen-

## Acreditamos na vida e no Brasil. Acertamos

tário, onde prendiam ou vendiam escravos no século XIX. Reunidas na porta da cela 3, a maior, cantávamos a música do Jackson do Pandeiro: "A. e. i. ô. u. ipisilone..." com uma dança inventada, hilária, muito parecida com a "dança do sirí" da televisão de hoje. Impossível não rir. Ali vinham os abraços, o choro.

Quando Dilma chegou, acho que já tínhamos pronto esse roteiro, ajudadas pela atriz Nilda Maria, também presa. Quem chegava tinha certeza: estava entre amigas para toda a vida depois daquele dia a dia medonho. Para enfrentá-lo era preciso ocupar o coração, a mente e as mãos. Com saúde, lembranças, explicações, discussões, leituras, reflexões.

Tecíamos como Penélope. Enquanto Matilene fazia um cachecol sem fim, Diva bor-

dava em gobelin, Rosalinda fazia tricô. Nair montava uma bolsa colorida, e Ilda transformava o rolo de barbante num colete de crochê — na melhor moda hippie, que começava a aparecer naquele ano de 1970. Arlete criava biquínis. Terezinha arrumou um bordado. Tia Ercina costurava numa velha máquina que o juiz permitiu que entrasse.

Eliana e Elza fizeram uma cortina com os retalhos, e todas fizemos fantasias de baiana para dezenas de bonequinhas, enviadas para os participantes de uma reunião da Cepal, no Chile, onde muitos brasileiros já estavam exilados. Maria Barreto Leite, sua filha Dudu e eu fizemos uma colcha de crochê. Dilma bordava uma tapeçaria delicada com flores coloridas.

Assim aguardávamos os dias de visita, o julgamento e a democracia. Misturando o

trabalho com os livros, com o estudo que nunca parou, com as discussões em que o sujeito eram o Brasil, as cidades, o amor, a História, a política e a Humanidade.

E hoje uma de nós, daquele coletivo de mulheres presas por acreditar na vida e lutar pela democracia, a Dilma Rousseff, que estudava sem parar e nos dava lições de economia, a que falava apaixonadamente sobre o futuro do Brasil, que brincava e cantava, em dueto com a professora Maria do Carmo Campelo, a Carmutti, a música do Chico Mineiro, elegeu-se presidente e é responsável pela nossa retomada de autoestima como cidadãs brasileiras. Isso é muito gostoso.

Dilma propôs e realizou. O Brasil virou exemplo, a miséria perdeu 24 milhões de pessoas, outros 30 milhões estão no que chamamos de classe média e formam um novo e grande mercado interno, o país vai bem, obrigada. A renda média do brasileiro hoje é a mais alta da História. O desemprego é o mais baixo, diz o IBGE. O Brasil é outro. A gente estava merecendo essa felicidade.

ROSE NOGUEIRA é jornalista

De Silva para Rousseff

# Filmes, família e feijão nas horas vagas

Cinéfila, fã de ópera e batata frita, ela não troca a costureira e adorou a China

Maria Lima

**M**esmo após a repaginada da campanha, Dilma foge das grades da moda para se vestir ou se calçar. Tem uma pequena coleção de joias delicadas — e uma excentricidade é um relógio esportivo Guess. Também é erudita: gosta de música clássica e de ópera e frequenta museus — na visita de Lula com sua megacomitiva à China, em 2004, a então ministra arrumou uma brecha na agenda para conhecer um museu em Xangai. Como o ex-marido Carlos Araújo classifica, sempre foi uma pessoa "atirada nas cordas", ou seja, nunca ligou para muita arrumação. Até no quesito gastronomia, Dilma é de gosto trivial: arroz, feijão, bife com ovo e batata frita.

• **LIVRO QUE ESTÁ LENDO:** "Empire of liberty", de Robert W. Tucker e David C. Hendrickson, uma biografia de Thomas Jefferson, o terceiro presidente dos Estados Unidos. Em inglês.

• **VIAGEM DOS SONHOS:** Uma que fez à China. Adora Buenos Aires e Bariloche.

• **HOBBY:** É cinéfila. Gosta de ficar em casa assistindo a filmes. Os preferidos: "Mimi, o metalúrgico" (da diretora italiana Lina Wertmüller) e "2001 — Uma odisseia no espaço" (de Stanley Kubrick). Quer assistir a "Tropa de elite 2" (de José Padilha), mas ainda não conseguiu.

• **MÚSICA:** Aprende a gostar de música clássica e ópera na infância, com os pais. Gosta especialmente de "Tristão e Isolde". É fã de cantoras mulheres, de Maria Rita a Ana Carolina e Alcione. Sabe de cor músicas da Jovem Guarda, de Roberto Carlos a Jerry Adriani.

• **PERFUME:** Não gosta de perfumes fortes. Não tem uma marca preferida.

• **ROUPA:** Manda fazer peças sob medida no ateliê da costureira Tânia, localizada no bairro Moim dos Ventos, em Porto Alegre. Na campanha, chegou a usar algumas peças de Alexandre Herchovitch. Mas é fiel à antiga costureira, que lhe manda malas com peças de sua preferência: terninhos e blazers que compõe geralmente com calças pretas. Ninguém se lembra de ter visto Dilma usando vestido ou saias — a não ser no casamento da filha.

• **SAPATOS:** No dia a dia, gosta de sapatênis de várias marcas, como GX (que adquiriu em Nova York) e Nike. Em eventos mais formais, usa sapatos fechados de saltinho baixo.

• **ACESSÓRIOS:** Joias delicadas de pérola e brilhante. Não tira do pulso uma pulseira com um pingente de olho turco, para espantar mau agouro, que ganhou de presente de Fátima, mulher do governador Jaques Wagner (BA).

• **BOLSA:** Não varia muito. Repete, há algum tempo, uma bolsa preta média, sem marca conhecida.

• **PRATO:** Um bom prato de arroz com feijão, bife de filé a cavalo e batatas fritas. Come guisado de carne feito pelo ex-marido Carlos Araújo quando vai a Porto Alegre.

• **TEMES DE FUTEBOL:** Atlético-MG, Inter e Flamengo.

• **CONFIDENTES:** Raramente tem conversa de mulherzinha, mas para todos os momentos os confidentes são o ex-marido Carlos Araújo, a filha, Paula, e o ex-prefeito de Belo Horizonte Fernando Pimentel, amigo desde a juventude.

• **MELHOR AMIGA:** Maria das Graças Foster (diretora da Petrobras) e amigas antigas de Porto Alegre.

• **FAMÍLIA:** Filha do bilógrafo Pedro Rousseff com a fluminense de Nova Friburgo Dilma Jane Silva, teve três irmãos: o búlgaro Lúben Rousseff por parte de pai, Igor Rousseff e Zana Lucia. Apenas Igor, que mora em Juiz de Fora, é vivo. Os dois têm pouco contato por causa da rara convivência desde sua prisão. Zana, a caçula, morreu de problemas cardíacos em Porto Alegre logo depois que Dilma saiu da cadeia.

• **MOMENTO DILMA:** Quando vai para Porto Alegre e fica com sua família.



DILMA no casamento da filha: de vestido

## Mulheres no poder

- No século passado, as mulheres não conquistaram só o direito de votar, mas também o de ser eleitas. Aqui estão algumas governantes:
- **SIRIMAVO BANDARANAIKE:** Em 1960, tornou-se uma das primeiras mulheres a ocupar o cargo de premeira no mundo, após o assassinato do marido, Solomono, no Ceilão (atual Sri Lanka). Governou o país três vezes, num total de 18 anos.
- **GOLDA MEIR:** Tinha 70 anos quando foi escolhida para o cargo, em 1969: a primeira israelense. Lian Eshkol, marido, A Vela Senhora voltou para um mandato temporário que se estendeu por cinco anos.
- **INDIRA GANDHI:** Filha do fundador da União dos Estados Indianos, Jawaharlal Nehru, dirigiu a Índia por 15 anos. A primeira-ministra foi morta por seus guardas-costas sikhs em 1984.
- **ISABELITA PERÓN:** Maria Estela Martínez de Perón, terceira mulher de Perón e sua vice-presidente, entrou a Presidência argentina em 1974, quando o marido morreu. Foi a primeira no continente. Fraca, foi deposta pelos militares em 1976.
- **MARGARET THATCHER:** A Dama de Ferro foi a primeira britânica de 1979 a 1990. Líder conservadora, teve um duro confronto com os sindicatos, que culminou na greve dos mineiros em 1984, e esteve à frente do governo na Guerra das Malvinas.
- **BENAZIR BUTTO:** Filha de um governante paquistanês destituído por um golpe militar, viu o pai morrer na prisão. Mas, tarde, tornou-se a primeira mulher a governar um país muçulmano, em 1987. Derrotada em 1999, voltou ao exílio em 2007, mas foi nomeada na campanha eleitoral.
- **ANGELA MERKEL:** Em 2005, a alemã se tornou a primeira mulher a assumir o cargo de chanceler federal — e a primeira a vir da antiga Alemanha Oriental. Entretanto, em seu governo a crise econômica e premiosa no cargo.
- **MICHELLE BACHELET:** A primeira mulher a governar o Chile deixou o cargo este ano, após quatro anos, com quase 80% de aprovação. Filha de um general, foi presa e torturada pela ditadura.
- **CRISTINA KIRCHNER:** Foi eleita em 2007, sucedendo ao marido, Néstor (morto em outubro último), na Presidência argentina. O Casal K teve embates com grupos de comunicação, Judiciário e vice-presidente.

## AS FACES DE DILMA

• Dilma atravessou os primeiros anos do governo Lula num estilo mais sisudo e discreto de se vestir e pentear. Uma mudança de blusinha antiga para terninho, um corte de cabelos sutilmente diferente, mas sem muitos sobressaltos. Quando começou a ser citada como possível candidata à Presidência, mudou. Em 2008, cirurgia plástica para suavizar a expressão facial e substituição dos óculos por lentes de contato. As roupas ficaram mais leves. Mas uma das maiores mudanças

não foi por vaidade: a peruca usada na época da quimioterapia. Já de plástica nova, em junho deste ano impressionou artistas, num jantar, com o visual assinado pelo cabeleleiro Celso Kamura. Rejuvenescera. Criticada pelo excesso de babados e braços à mostra, em agosto Dilma recorreu à assessoria do estilista Alexandre Herchovitch, que, na época, usou a expressão "clássico" para delinir o visual da cliente. Mas os dois não se entenderam, e ela voltou a seu estilo.



Anunciada na equipe de transição de Lula, usa os cabelos em estilo despojado



Como ministra de Minas e Energia, óculos e corte tradicional de cabelos



Na Couronada (SP), Dilma exibe os sinais de uma cirurgia plástica no rosto



Durante a quimioterapia para curar um câncer, Dilma passa a usar uma peruca



Terminado o tratamento, seus cabelos voltam a crescer, e ela assume o estilo curtinho



A nova face da candidata: cabelos com tope e mais modernos — e plástica

ANEXO C - 02 de janeiro de 2011: cobertura da posse

*Folha de São Paulo*

Primeiro caderno

Página A1

Caderno Especial "Presidente Dilma"

Páginas 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9

*O Globo*

Primeiro caderno

Páginas 1, 3, 4, 8A, 8B, 12, 12A, 12B, 14, 19



# FOLHA DE S. PAULO

Desde 1921

★ ★ ★ UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL

folha.com.br

DIRETOR DE REDAÇÃO: OTAVIO FRIAS FILHO

ANO 90 • DOMINGO, 2 DE JANEIRO DE 2011 • Nº 29.859

EDIÇÃO SÃO PAULO • CONCLUÍDA ÀS 23H49 • R\$ 4,00

## Dilma promete um país sem fome e de classe média sólida

★ PRESIDENTE ENFATIZA COMPROMISSO DE ERRADICAR MISÉRIA ATÉ 2014 ★ NO DISCURSO DE POSSE, SE EMOCIONA AO CITAR VÍTIMAS DA DITADURA ★ INDICADORES ECONÔMICOS DESAFIAM NOVO GOVERNO



Jorge Araujo/Folhapress

Depois de receber a faixa presidencial de Lula, Dilma Rousseff e o antecessor saúdam o público em cerimônia no Palácio do Planalto

Foto: Marlene Bergmann/Folhapress



» FAIXA JUSTA Afastada após suspeita de tráfico de influência na Casa Civil, a ex-ministra Enereide Guerra cumprimenta Dilma; presidente disse durante discurso que em seu governo "não haverá compromisso com o erro, o desvio e o malfeito" Pág. Esp. 3

A petista Dilma Vana Rousseff, 63, assumiu como o 40º presidente do Brasil e a primeira mulher a ocupar o cargo. Reconheceu que a pobreza extrema "envergonha o país" e repetiu promessa de 2003 de Luiz Inácio Lula da Silva, seu antecessor, de eliminar a fome. Defendeu um país de "classe média sólida e empreendedora".

A ex-militante de esquerda e ex-presa política foi declarada empossada às 14h52 de ontem por um antigo integrante do campo político da ditadura que combateu, o senador José Sarney (PMDB-AP). Ela inicia seu governo com mais apoio no Congresso que Lula e Fernando Henrique Cardoso.

Em um longo discurso de 40 minutos, Dilma chorou ao homenagear os que "tombaram pelo caminho", numa referência às vítimas da ditadura. Afirmou que será "a presidenta de todos os brasileiros" — a **Folha** adotará "presidente" para se referir a ela.

Chuva forte marcou o início da festa de posse, impedindo que Dilma chegasse em carro aberto e causando correria na lama entre as cerca de 30 mil pessoas presentes na Esplanada dos Ministérios, em Brasília.

Dilma assume num momento de otimismo pela alta do PIB em 2010, mas com a piora de alguns indicadores econômicos. O que mais preocupa é a inflação. Especial Presidente Dilma

ANÁLISE Discurso não ofereceu luzes sobre como será a gestão Dilma, mas abriu portas para um ambiente político mais distendido, escreve Clóvis Rossi. Pág. Esp. 3

### Novo governo começa com corte no Orçamento

Dilma Rousseff vai se reunir amanhã com assessores para definir qual será o bloqueio de gastos do Orçamento, informa Valdo Cruz. Pág. Esp. 8

ELIANE CANTANHÊDE

Difícil será preencher vazio de líder carismático Pág. A2

LAURA CAPRIGLIONE

Militantes trocam o ônibus pelo avião para ir à posse Pág. Esp. 6

MÔNICA BERGAMO

Ex-presidente encara goteira depois de deixar palácio Pág. Esp. 12

KEILA JIMENEZ

Canja de jornalismo ao vivo cura ressaca de Ano-Novo Pág. Esp. 7

VIVIAN WHITEMAN

Pérola com balacobaco é a nova tendência do poder Pág. Esp. 8

### ESPORTE

Comitê da Olimpíada espera lucrar R\$ 3 bi com logotipo Págs. D2 e D3



### FERIADO

Veja as condições das estradas e os melhores horários para voltar a São Paulo Pág. A9

### ILUSTRÍSSIMA E REVISTA SÃO PAULO

Excepcionalmente, não circulam na edição de hoje

### Governador do DF assume cargo e demite 15 mil

O governador do Distrito Federal, Agnelo Queiroz (PT), 58, assumiu prometendo restabelecer a ordem na capital "em cem dias". Entre seus primeiros atos estão a demissão de 15 mil ocupantes de cargos de confiança, a decretação de estado de emergência na saúde e mutirão para fazer a limpeza da cidade. Pág. Esp. 11

### Alckmin elogia FHC e Serra e cita Legião Urbana

Pela terceira vez, Geraldo Alckmin, 58, assumiu o governo paulista. Em discurso, citou José de Anchieta e Renato Russo, do Legião Urbana. Enalteceu FHC e José Serra e prometeu ênfase no social. Alckmin e os demais governadores do PSDB e do DEM comandam dez Estados, com 52,5% dos eleitores do país. Pág. Esp. 10

### ATMOSFERA

Pág. C2  
Chance de temporais na Grande SP  
Mínima 18°C Máxima 23°C

### FALE COM A FOLHA

Veja como entrar em contato com o serviço ao assinante, as editorias e a ombudsman fale.folha.com.br

### EDITORIAIS

Pág. A2  
Leia "Sem elefantes brancos", sobre as obras para a Copa de 2014 e para a Olimpíada de 2016; e "Banda larga para todos", sobre mudanças no PNBL.

LIVROS QUE MUDARAM O MUNDO  
Coleção traz "Cândido", de Voltaire.

96 páginas - 356.444 exemplares  
Estão incluídas 12 páginas do especial  
Presidente Dilma e 34 páginas de  
Classificados

CLASSIFICADOS  
34 páginas 5.012 ofertas



### FOLHA.com

Leia a cobertura completa da posse da presidente Dilma Rousseff  
folha.com.br

## **Dilma promete erradicar a miséria e projeta país de classe média sólida<sup>65</sup>**

**Presidente enfatiza importância histórica de ser primeira mulher presidente**

**Petista diz não ter "arrependimento" nem "rancor" pela atuação na luta armada**

DE SÃO PAULO

Dilma Vana Rousseff, 63, tomou posse ontem como a primeira mulher e a 40ª pessoa a ocupar a Presidência da República do Brasil.

Num longo discurso no Congresso Nacional, em que citou o escritor mineiro Guimarães Rosa (1908-1967), Dilma fez várias menções à questão de gênero, louvou o governo de Luiz Inácio Lula da Silva e prometeu erradicar a miséria e transformar o Brasil num país de "classe média sólida e empreendedora".

A presidente chorou no final da fala, ao mencionar sua participação na luta armada contra a ditadura e homenagear os que "tomaram pelo caminho". Ela fez menção à tortura ao dizer que suportou as "adversidades mais extremas" infligidas a quem "ousou" "enfrentar o arbítrio". "Não tenho qualquer arrependimento, tampouco ressentimento ou rancor".

Dilma prometeu ser "rígida" no combate à corrupção. "Não haverá compromisso com o erro, o desvio e o malfeito." Ministros de Lula afastados sob acusação de envolvimento em escândalos, como José Dirceu e Erenice Guerra, foram à posse no Palácio do Planalto.

A forte chuva em Brasília impediu o desfile em carro aberto até o Congresso, mas cessou no trajeto até o Palácio do Planalto e no momento em que Dilma subiu a rampa para receber a faixa presidencial de Lula.

O público que foi à Esplanada dos Ministérios era estimado em 30 mil pessoas pela Polícia Militar. Lula quebrou o protocolo e foi cumprimentar as pessoas.

Amanhã, Dilma comanda a primeira reunião de coordenação de governo. Sete ministros tomam posse hoje. A primeira tarefa é definir o corte no Orçamento, estimado em pelo menos R\$ 20 bilhões.

Em São Paulo, Geraldo Alckmin (PSDB) defendeu parceria com Dilma e elogiou a gestão de José Serra.

---

<sup>65</sup> Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/especial/fj0201201101.htm>>, acesso em 01/07/2011.

## **Dilma diz que será "rígida" com corrupção<sup>66</sup>**

**No primeiro discurso, presidente afirma que pobreza "envergonha o país" e defende reformas política e tributária**

**Ao prometer combate à miséria, petista repete promessa de campanha de entregar um país de "classe média sólida"**

DE BRASÍLIA

Dilma Rousseff tomou posse ontem como a primeira presidente mulher do Brasil afirmando que a pobreza extrema "envergonha o país". Repetiu a promessa do antecessor, Luiz Inácio Lula da Silva, em 2003, de erradicar a fome, e prometeu entregar um país de "classe média sólida e empreendedora".

Aos 63 anos, a ex-militante de esquerda e ex-presa política foi declarada empossada às 14h52 por José Sarney (PMDB-AP), antigo apoiador da ditadura militar.

Ela dedicou a vitória aos que "tomaram pelo caminho" durante a repressão. "Não tenho qualquer arrependimento, tampouco ressentimento ou rancor."

Escolhida por Lula para ser a candidata à sucessão depois do principal escândalo de corrupção do governo, o mensalão, Dilma prometeu ser "rígida" e disse que "não haverá compromisso com o erro, o desvio e o malfeito".

O discurso de 40 minutos de Dilma no Congresso foi basicamente uma repetição dos temas da eleição, além da elegia dos anos Lula.

O traço pessoal apareceu na saudação: "Queridas brasileiras e queridos brasileiros". Sarney usava "Brasileiros e brasileiras". Fernando Collor (1990-1992) cunhou o bordão "Minha Gente".

O primeiro discurso teve como mote a afirmação de que seu antecessor e padrinho político promoveu o "despertar de um novo Brasil" e "o maior processo de afirmação" que o país viveu.

---

<sup>66</sup> Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/especial/fj0201201102.htm>>, acesso em 01/07/2011.

Mas o maior afago a Lula aconteceu no discurso de 12 minutos, também lido, que ela fez no parlatório do Palácio do Planalto, pouco depois de receber a faixa presidencial das mãos do petista às 16h48 e se tornar a 40ª pessoa a ocupar o cargo.

"Lula estará conosco. Sei que a distância de um cargo nada significa para um homem de tamanha grandeza e generosidade."

Lula ficou no Planalto até o final e desceu a rampa de braços dados com ela e com a ex-primeira-dama, Marisa.

## **ERRADICAR A MISÉRIA**

Uma das principais promessas de campanha de Dilma foi a de erradicar a miséria absoluta. Ontem ela enfatizou a diretriz no discurso.

"Ainda existe pobreza a envergonhar nosso país e a impedir nossa afirmação plena como povo desenvolvido. Não vou descansar enquanto houver brasileiros sem alimentos na mesa", disse.

Dilma afirmou que sua "luta mais obstinada" será "a erradicação da pobreza extrema e a criação de oportunidades para todos". Prometeu melhorar educação, saúde e segurança.

Ela também fez referência ao ambiente, área com a qual teve atrito no tempo de chefe da Casa Civil. "Considero uma missão sagrada do Brasil a de mostrar ao mundo que é possível um país crescer aceleradamente, sem destruir o meio ambiente."

Ela afirmou, no entanto, que não pretende tolerar pressões externas: "O Brasil não condicionará sua ação ambiental ao sucesso e ao cumprimento, por terceiros, de acordos internacionais".

O trajeto que levou a presidente da Granja do Torto até o Congresso durou 30 minutos e ocorreu sob forte chuva, o que a impediu de desfilar em carro aberto na primeira parte do evento.

Ao chegar ao plenário da Câmara, foi recebida por gritos de "olê, olê, olê, olá, Dilma". Sua fala teve duas referências ao escritor mineiro João Guimarães Rosa (1908-1967), seu conterrâneo.

Na economia, prometeu a estabilidade de preços. "Podemos ser, de fato, uma das nações mais desenvolvidas e menos desiguais do mundo -um país de classe média sólida e empreendedora."

Defendeu, genericamente, reformas política e tributária. Destacou a descoberta das reservas do pré-sal.

Dilma também enfatizou a importância histórica de ser a primeira presidente mulher. "Meu compromisso supremo é honrar as mulheres, proteger os mais frágeis e governar para todos."

Além de Lula, fez homenagem ao ex-vice-presidente José Alencar, internado.

Dilma reafirmou compromissos com as liberdades individuais, religiosas, de imprensa e opinião, que provocaram polêmicas na campanha. "Reafirmo que prefiro o barulho da imprensa livre ao silêncio das ditaduras."

Os comandantes de Marinha, Exército e Aeronáutica não acompanharam o aplauso no trecho de homenagem aos militantes anti-ditadura e referências à tortura.

Dilma disse que "estende a mão" à oposição e deu as linhas gerais de sua política externa, dizendo que atuará de forma dura contra "protecionismo de países ricos" e que não tolerará "a proliferação nuclear e o terrorismo".

Prometeu continuar junto aos "irmãos africanos e da América Latina", mas também "aprofundar" as relações com EUA e Europa.

Na leitura dos discursos, engasgou algumas vezes, recorrendo à água. Chorou pela primeira vez quando disse que seria a "presidenta de todos os brasileiros", e depois em outros dois momentos.

E encerrou homenageando a família, adotando um tom maternalista: "É com este mesmo carinho que quero cuidar do meu povo, e a ele -só a ele- dedicar os próximos anos da minha vida."

Após o discurso no parlatório, Dilma acompanhou Lula na saída, empossou o Ministério e, às 18h45, desceu a rampa pela primeira vez como presidente.

*(Ranier Bragon, Simone Iglesias, Natuza Nery, Valdo Cruz, Maria Clara Cabral e Ana Flor)*

## **Pivô de crise, Erenice reaparece no Planalto<sup>67</sup>**

### **DA ENVIADA A BRASÍLIA**

Minutos após dizer no Congresso que em seu governo "não haverá compromisso com o erro, o desvio e o malfeito", a presidente Dilma Rousseff cumprimentou no Planalto a pessoa que encarnou tudo isso durante a campanha presidencial: a ex-ministra Erenice Guerra.

Antigo braço direito de Dilma, a ex-chefe da Casa Civil foi afastada após denúncias de tráfico de influência envolvendo sua família. O "Erenicegate", como ficou conhecido o escândalo, ajudou a levar a eleição presidencial para o segundo turno.

Presente também ao coquetel do Itamaraty, Erenice, escanteada por Dilma no auge da crise, ficou numa área do palácio restrita a convidados especiais. "O convite chegou em casa", disse.

Antecessor de Dilma na Casa Civil, José Dirceu também compareceu à posse. Mas optou pela discrição. "Não vou falar, porque eu falo bobagem. Da última vez que falei, a Evanise [sua mulher] brigou comigo", disse.

Dirceu, deputado cassado no escândalo do mensalão, permaneceu no mesmo lugar no momento em que Dilma se aproximou da área reservada a ex-ministros. Enquanto outros convidados se aglomeravam em torno da presidente, manteve-se no fundo.

Reverenciado por outros convidados, Dirceu deixou o palácio ao lado de Eduardo Campos (PSB), Marcelo Déda (PT) e Teotonio Vilela (PSDB). **(CATIA SEABRA)**

---

<sup>67</sup> Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/especial/fj0201201104.htm>>, acesso em 01/07/2011.

**No Congresso, Dilma diz que irá consolidar obra de Lula<sup>68</sup>**

**Presidente reafirma que não tem "compromisso com o erro, o desvio e o malfeito"**

**Em seu discurso, Dilma cita Guimarães Rosa e afirma que "a vida é assim... O que ela quer da gente é coragem"**

DE BRASÍLIA

Íntegra do discurso de posse da presidente Dilma Rousseff no Congresso Nacional.



16h40

**DESFILE**

A chuva dá trégua, e a presidente desfila em carro aberto do Congresso ao Palácio do Planalto acompanhada da filha, Paula.



No detalhe, a placa do Rolls Royce em que Dilma desfilou, com os dizeres "Presidenta da República".

16h45

**CHEGADA**

No Planalto, Lula encontra Dilma pela primeira vez durante a solenidade. Michel Temer a acompanha.



## obra de Lula

contra a ditadura militar

**Menção à Petrobras e à importância da descoberta do petróleo na camada pré-sal, que deve permitir uma certa folga nas contas externas do país.**

**A presidente mais uma vez defende a liberdade de expressão e de passagem lembra sua luta contra o regime militar.**

**Referência à participação de Dilma na luta armada contra o regime militar e às torturas de que foi vítima. Na sequência, ela faz uma homenagem aos seus companheiros que morreram.**

**Outra citação de Guimarães Rosa, extraída do romance "Grande Sertão: Veredas".**

cordos internacionais.

Defender o equilíbrio ambiental do planeta é um dos nossos compromissos nacionais mais universais.

Meus queridos brasileiros e brasileiras,

Nossa política externa estará baseada nos valores clássicos da tradição diplomática brasileira: promoção da paz, respeito ao princípio de não-intervenção, defesa dos Direitos Humanos e fortalecimento do multilateralismo.

O meu governo continuará engajado na luta contra a fome e a miséria no mundo.

Seguiremos aprofundando o relacionamento com nossos vizinhos sul-americanos; com nossos irmãos da América Latina e do Caribe; com nossos irmãos africanos e com os povos do Oriente Médio e dos países asiáticos. Preservemos e aprofundemos o relacionamento com os Estados Unidos e com a União Europeia.

Vamos dar grande atenção aos países emergentes.

O Brasil reitera, com veemência e firmeza, a decisão de associar seu desenvolvimento econômico, social e político ao do nosso continente.

Podemos transformar nossa região em componente essencial do mundo multipolar que se anuncia, dando consistência cada vez maior ao Mercosul e à Unasul. Vamos contribuir para a estabilidade financeira internacional, com uma intervenção qualificada nos fóruns multilaterais.

Nossa tradição de defesa da paz não nos permite qualquer indiferença frente à existência de enormes arsenais atômicos, à proliferação nuclear, ao terrorismo e ao crime organizado transnacional.

Nossa ação política externa continuará propagando pela reforma dos organismos de governança mundial, em especial as Nações Unidas e seu Conselho de Segurança.

Queridas brasileiras e queridos brasileiros,

Disse, no início deste discurso, que eu governarei para todos os brasileiros e brasileiras. E vou fazê-lo. Mas é importante lembrar que o destino de um país não se resume à ação de seu governo. Ele é resultado do trabalho e da ação transformadora de todos os brasileiros e brasileiras. O Brasil do futuro será exatamente do tamanho daquilo que, juntos, fizermos por ele hoje. Do ta-

manho da participação de todos e de cada um:

Dos movimentos sociais, dos que labutam no campo, dos profissionais liberais, dos trabalhadores e dos pequenos empreendedores, dos intelectuais, dos servidores públicos, dos empresários, das mulheres, dos negros, dos índios e dos jovens, de todos aqueles que lutam para superar distintas formas de discriminação.

Quero estar ao lado dos que trabalham pelo bem do Brasil na solidão amazônica, na seca nordestina, na imensidão do cerrado, na vastidão dos pampas.

Quero estar ao lado dos que vivem nos aglomerados metropolitanos, na vastidão das florestas; no interior ou no litoral, nas capitais e nas fronteiras do Brasil.

Quero convocar todos a participar do esforço de transformação do nosso país.

Respeitada a autonomia dos poderes e o princípio federativo, quero contar com o Legislativo e o Judiciário, e com a parceria de governadores e prefeitos para continuarmos desenvolvendo nosso país, aperfeiçoando nossas instituições e fortalecendo nossa democracia.

Reafirmo meu compromisso inegociável com a garantia plena das liberdades individuais; da liberdade de culto e de religião; da liberdade de imprensa e de opinião.

Reafirmo que prefiro o barulho da imprensa livre ao silêncio das ditaduras. Quem, como eu e tantos outros da minha geração, lutamos contra o arbítrio e a censura, somos naturalmente amantes da mais plena democracia e da defesa intransigente dos direitos humanos, no nosso País e como bandeira sagrada de todos os povos.

O ser humano não é só realização prática, mas sonho; não é só cautela racional, mas coragem, invenção e ousadia. E esses são elementos fundamentais para a afirmação coletiva da nossa nação.

E eu e meu Vice Michel Temer fomos eleitos por uma ampla coligação partidária. Estamos construindo com eles um governo onde capacidade profissional, liderança e disposição de servir ao país serão os critérios fundamentais.

Mais uma vez estendo minha mão aos partidos de oposição e às parcelas da sociedade que não estiveram conosco na recente jornada eleitoral. Não haverá de minha parte discriminação, privilégios ou compadrio.

A partir deste momento sou a presidente de todos os brasileiros, sob o égide dos valores republicanos. Serei rígida na defesa do interesse público. Não haverá compromisso com o erro, o desvio e o malfeito. A corrupção será combatida permanentemente, e os órgãos de controle e investigação terão todo o meu respaldo para atuarem com firmeza e autonomia.

Queridas brasileiras e queridos brasileiros,

Dediquei toda a minha vida a causa do Brasil. Entreguei minha juventude ao sonho de um país justo e democrático. Suportei as adversidades mais extremas infligidas a todos que ousassem enfrentar o arbítrio. Não tenho qualquer arrependimento, tampouco ressentimento ou rancor. Muitos da minha geração, que tombaram pelo caminho, não podem compartilhar a alegria deste momento. Divido com eles esta conquista, e rendo-lhes minha homenagem.

Esta dura caminhada me fez valorizar e amar muito mais a vida e me deu sobretudo coragem para enfrentar desafios ainda maiores. Reconheço mais uma vez ao poeta da minha terra: "O correr da vida embrulha tudo. A vida é assim: esquenta e esfria, aperta e daí afrouxa, sossega e depois desinquieta. O que quem da gente é coragem". É com esta coragem que vou governar o Brasil. Mas mulher não é só coragem. É carinho também. Carinho que dedico a minha filha e ao meu neto. Carinho com que abraço a minha mãe que me acompanha e me abraça. É com este mesmo carinho que quero cuidar do meu povo, e a ele — só a ele — dedicar os próximos anos da minha vida. Que Deus abençoe o Brasil. Que Deus abençoe a todos nós!



15h56m02s



15h56m04s



16h00m08s



16h00m10s



16h00m21s



Momentos da entrega da faixa presidencial para Dilma

## No Planalto, nova presidente cita líder política indiana

No final do discurso, Dilma faz uma referência velada à Carta de Caminha

Queridas brasileiras, queridos brasileiros,

Estou feliz, como raras vezes esteve em minha vida, pela oportunidade que a história me deu de ser a primeira mulher a governar o Brasil.

Mas estou emocionada pelo encerramento do mandato do maior líder popular que este país já teve. Ter a honra de seu apoio, ter o privilégio de sua convivência, ter aprendido com sua imensa sabedoria, são coisas que se guardam para a vida toda.

Conviver todos estes anos com ele me deu a dimensão do governante justo e do líder apaixonado por seu país e por sua gente. À alegria que sinto pela minha posse como presidente se mistura com a emoção de sua despedida.

Mas **Lula estará conosco**. Sei que a distância de um cargo nada significa para um homem de tamanha grandeza e generosidade. A tarefa de sucedê-lo é desafiadora.

Saberei honrar o seu legado. Saberei consolidar e avançar sua obra. A vontade de mudança do nosso povo levou um operário à Presidência do Brasil. Seu esforço, sua dedicação e seu nome já estão gravados no coração do povo, o lugar mais sagrado da nossa Nação.

Deixa, hoje, o governo depois de oito anos, período em que liderou as mais importantes transformações na vida do país.

A força destas transformações permitiu ao povo uma nova ousadia: colocar pela primeira vez uma mulher na Presidência do Brasil.

Para além da minha pessoa, a valorização da mulher melhora nossa sociedade e valoriza nossa democracia.

Quero, neste momento, prestar minha homenagem a outro grande brasileiro, incansável lutador, companheiro que esteve ao lado do Presidente Lula nestes oito anos: nosso querido **vice José Alencar**. Que exemplo de coragem e de amor à vida nós deste homem! E que parceria fizeram Lula e Zé Alencar, pelo Brasil e pelo nosso povo!

Eu e Michel Temer nos sentimos responsáveis por seguir no caminho iniciado por eles.

Aprendemos com eles que quando se governa pensando no interesse público e nos mais necessários a uma imensa força brota do nosso povo.

Também reafirmo aqui outro compromisso: cuidarei com muito carinho dos mais frágeis e mais necessitados, mas governarei para todos!

**Uma importante líder indiana** disse um dia que não se pode trocar um aperto de mão com os punhos fechados.

Pois eu digo: minhas mãos estão abertas e estendidas para todos, desde os nossos aliados de primeira hora até nossos adversários.

É com este espírito que eu assumo hoje o governo do meu país. Acredito e trabalharei para que estejamos todos unidos pelas mudanças necessárias — na educação, na saúde, na segurança e, sobretudo, na luta para acabar com a pobreza extrema.

Não peço que ninguém abdique de suas convicções. Buscarei apoiar e respeitarei a crítica. É o embate civilizado entre as ideias que move as grandes democracias, como a nossa.

Não carreguei nenhuma espécie de ressentimento. Minha geração veio para a política em busca da liberdade, num tempo de escurecimento e medo. Pagamos o preço da nossa ousadia, ajudando o país a chegar aqui. Aos companheiros que tombaram nesta caminhada, minha comovida homenagem e minha eterna lembrança.

Queridas brasileiras e queridos brasileiros

fazemos muito, nos últimos oito anos.

Mas ainda há muito por fazer. E foi por acreditar que nós podemos fazer mais e melhor que o povo brasileiro nos trouxe a este momento.

Agora é hora de trabalho. Agora é hora da união.

**Dilma sinaliza que Lula manterá alguma participação em seu governo, mas não deixa claro de que maneira isso se dará**

**A presidente faz uma homenagem a José Alencar, que não pôde ir à transmissão do cargo**

**Referência a Indira Gandhi (1917-1984), que governou a Índia de 1966 a 1977 e de 1980 a 1984. Foi a primeira mulher a ocupar o cargo de chefe de governo indiano**

**Lembrança da Carta de Pero Vaz de Caminha, de 1500, que dizia que nesta terra, em se plantando, tudo dá**

União pela educação das crianças e jovens, união pela saúde de qualidade para todos e união pela segurança de nossas comunidades. União para o Brasil continuar crescendo, gerando empregos para as atuais e futuras gerações.

União enfim para criar mais e melhores oportunidades para todos.

O meu sonho é o mesmo sonho de qualquer cidadão ou cidadã: o de que uma mãe e um pai possam oferecer aos filhos oportunidades melhores do que as que tiveram em suas vidas.

Este é o sonho que constrói uma família. Este é o desafio que ergue uma nação.

Apresentei a pouco uma mensagem com meus principais compromissos diante do congresso nacional.

Ali existem temas e objetivos mas também sonhos.

Acho bom que seja assim. Para governar um país continental como o Brasil é também preciso ter sonhos. É preciso ter sonhos grandes e perseguí-los.

Foi por não acreditar que havia o impossível que o presidente Lula fez tanto pelo país nestes últimos anos. Sonhar e perseguir os sonhos é exatamente o limite do possível.

Para consolidar e avançar as grandes conquistas recentes precisarei muito do apoio de todos vocês.

Quero pedir o apoio de todos, de leste a oeste, do norte ao sul do Brasil.

Vou estar ao lado dos que trabalham pelo bem do Brasil na solidão amazônica, nos rincões do nordeste, na imensidão do cerrado, na vastidão dos pampas.

Vou valorizar o desenvolvimento regional, sustentando a vibrante economia do Nordeste, preservando e respeitando a biodiversidade da Amazônia no norte, dando condições à extraordinária produção agrícola do Centro-Oeste, a força industrial do Sudeste e a pujança e o espírito de pioneirismo do Sul.

Se todos trabalharmos pelo país ele nos dará o futuro que nós mesmos desejamos. O Brasil é uma terra generosa. Tudo que foi plantado com mãos carinhosas e olhar para o futuro será colhido com abundância e alegria.

Que Deus abençoe o Brasil e o povo brasileiro!

Que possamos construir um mundo de paz!





HORA A  
HORA  
DA POSSE

16h51

## PARLATÓRIO

Dilma recebe a faixa presidencial de Lula. Em seguida, faz seu segundo discurso do dia, diante do público na Esplanada

## MINHA QUERIDA

Dilma inaugurou em seu discurso o bordão "queridas brasileiras, queridos brasileiros", que se soma ao "companheiros e companheiras" de Lula, ao "brasileiros e brasileiras" de Sarney e ao "minhas amigas e meus amigos" de Collor

17h06

## ENTRE AMIGAS

A presidente recebe autoridades e chefes de Estado no Palácio do Planalto, como a secretária de Estado dos EUA, Hillary Clinton



“Há um grande clima de otimismo entre todos, estou seguro que vai ser um grande governo, um governo maravilhoso”

Hugo Chávez, presidente da Venezuela

# Cerimônia reúne 30 mil pessoas sob forte chuva

Festa em Brasília é afetada por precipitação incomum em janeiro

Cortejo reúne público que corresponde a menos que a metade do que acompanhou Lula em sua primeira posse

DIMMI AMORA  
LARISSA GUIMARÃES  
DE BRASÍLIA

Cerca de 30 mil pessoas enfrentaram forte chuva ontem para assistirem à festa da posse de Dilma Rousseff na Esplanada dos Ministérios.

Segundo o Inmet (Instituto Nacional de Meteorologia), choveu ontem três vezes mais que a média para janeiro em Brasília, de 8 mm por dia —foram 7 mm em apenas uma hora bem no momento em que a presidente chegou à Catedral de Brasília, de onde desfilou até o Congresso.

Quando Dilma começou o cortejo em carro fechado —o plano inicial era fazer o percurso em carro aberto—, parte das pessoas correu para tentar acompanhá-la pelo enlameado gramado da Esplanada dos Ministérios.

Também precisaram correr na chuva as seis policiais que escoltaram o Rolls Royce presidencial da Catedral ao

Congresso. O grupo feminino foi um pedido da Presidência, em deferência a Dilma.

Militantes tomaram quase todos os lugares ao longo do gradeado para garantir um lugar próximo do cortejo. Segundo a PM, que tinha 2,5 mil homens trabalhando na segurança do evento, não foram registrados tumultos.

Na primeira posse de Lula, o número de presentes foi de 71 mil. O número era superior ao de seus antecessores Fernando Collor (20 mil) e Fernando Henrique (4 mil).

A professora aposentada Domiana de Souza, 51, carregava uma bandeira de 3 m de comprimento com o nome de Dilma bordado em toda a extensão. “Levei três dias fazendo, mas valeu a pena”, disse ela, que é filiada ao PT.

A iraniana Toufan Shalo, 39, levou os dois filhos para ver a posse, mesmo sem entender português. “O Lula é muito amigo do Irã. Esperamos que a Dilma também seja”, disse, em inglês.

Aparecida Carneiro, 74, pôs a melhor roupa e aproveitou a festa da posse para catar latinhas, que rendem R\$ 30 por semana e ajudam a complementar a renda do marido aposentado.



A presidente Dilma e a filha Paula acenam para público durante trajeto de carro



Sob chuva, Rolls Royce presidencial atravessa Esplanada dos Ministérios durante cortejo

## OPINIÃO

Tempo ruim ameaça, mas não atrapalha festa petista

FERNANDO DE BARROS E SILVA  
COLUNISTA DA FOLHA

Começou como um filme da Família Adams. O céu sobre a Esplanada dos Ministérios escureceu rapidamente e a água caiu forte no início da tarde. Eram 14h25. Exatamente no momento em que Dilma Rousseff começava o trajeto entre a Catedral de Brasília e o Congresso.

O primeiro contato da presidente com a população foi frustrado pela natureza: Dilma teve que fazer o percurso num Rolls-Royce fechado.

As seguranças da Polícia Federal que a acompanhavam correndo ao lado do carro ficaram como o povo atrás das grades que cercavam o Congresso —ensopadas.

Minutos antes do temporal, um pregador evangélico circulava entre a multidão distribuindo panfletos:

“É incorruptível! Este é incorruptível!”

“Quem?!” perguntou o funcionário público aposentado Geraldo Bastos, 73, maranhense de origem, em Brasília há mais de 30 anos, ali desde as 10h30.

“Jesus! Jesus é incorruptível!”, dizia o pregador.

“Ah, bom”, reagiu Bastos, que depois completou baixinho: “Mas não quem fala em nome dele...”

A seu lado, o baiano Israel dos Santos, 67, porteiro de um prédio em Brasília, “petista roxo”, brincava ao celular, antes da chegada de Dilma: “O mulher, cadê você que não vem?”. E emendou: “Se fosse o Lula, já tava lá no palácio, tomando umas”.

## DESFILE

Estiu e Dilma, enfim, desfilou em carro aberto entre o Congresso e o Palácio do Planalto, depois do seu primeiro discurso. Acenou para a multidão, sorriu, foi retribuída com gritos, faixas, bandeiras. Clima de festa. Nada como a catarse que se viu em 2003, mas, sim —festa.

Dilma tenta se habituar ao contato popular; os petistas tentam se habituar a ela. Quando Lula apareceu na porta do palácio, os convidados sob a rampa logo cantaram o famoso “Lulááá—Lulááá”. Ouviram-se alguns “eu te amo” (vozes de homens também) e até um “Corinthians”, que arrancou um sorriso do presidente.

O momento de maior comoção ocorreu, como era esperado, quando Dilma e Lula se encontraram.

Sob a rampa, várias pessoas choravam, outras tantas filmavam a transmissão da faixa com o celular.

Com exceção da chuva, que ameaçou atrapalhar a festa, tudo ocorreu conforme o figurino, do discurso ponderado da presidente às emoções suscitadas pela cerimônia, espontâneas, mas certamente menos intensas (ou menos épicas) do que se viu oito anos atrás.

Agora, o país está sob nova direção.

## FOCO



Militantes comemoram a virada do ano em Brasília; grupo com 62 petistas saiu de SP para acompanhar a posse de Dilma

## Para acompanhar a posse, militantes trocam ônibus por avião e resgatam símbolos petistas

LAURA CAPRIGLIONE  
ENVIADA ESPECIAL A BRASÍLIA

“What a wonderful world”, a canção que Louis Armstrong gravou em 1967 para falar de esperança em um futuro sem discrimina-

ção racial, começou a tocar num saxofone ao meio-dia de ontem, quando o grupo de petistas saiu a pé para ir à posse de Dilma Rousseff.

Bandeiras do PT, camisetas com a cara de Che Guevara, boinas cubanas, faixas es-

tampadas com o rosto da jovem Dilma presa no Dops. E os broches de estrelinhas.

Tudo o relicário da militância petista retirado dos armários, o grupo de 62 homens e mulheres voou de São Paulo para Brasília no dia 31 para

acompanhar a despedida de Lula da Presidência e a chegada de Dilma. A volta estava prevista para ontem à noite.

A reportagem da Folha acompanhou a turma.

Tinha um homem de 87 anos e um bebê de quatro

meses. Tinha gente que ajudou a fundar o PT, lá no final dos anos 1970. E uma jovem estudante de História da USP, que acabou de chegar.

A passagem de ano, para boa parte do grupo, foi no meio da chuva e da lama, na Esplanada dos Ministérios.

Na manhã de ontem, o grupo parecia que se conhecia desde sempre. Militantes de base do PT, atuando em movimentos de bairro, sindicais ou setoriais, o pessoal não se conhecia. Pela viagem no avião da Gol e um dia de hospedagem, cada um pagou R\$ 456.

“Na primeira eleição do Lula, eu vim de ônibus e não fiquei em hotel. Na segunda, vim de ônibus e fiquei em hotel. Agora, vim de avião e fiquei em hotel. É o país que está melhorando, não é?”, comentou um professor.

Na saída para a posse, os novos amigos tiraram foto e trocaram e-mails. Cantou-se a música da campanha da Dilma. E um companheiro fumando charuto cubano lembrou o “Lula lá”, hino da campanha de 1989.

Foram para a posse de Dilma certos de que este é mesmo um mundo maravilhoso.



17h35

**MINISTÉRIO**

Junto de Temer, Lula e dona Marisa, Dilma desce a rampa do Palácio do Planalto. Em seguida, dá posse aos ministros de seu governo e posa para foto oficial, com toda a equipe

17h40

**DESPEDIDA**

Lula segue para a base aérea de Brasília para viajar para São Paulo. No caminho, é aclamado por entusiastas de seu governo

**IMPRENSA**

Lula deixou a Praça dos Três Poderes sob gritos da militância contra a Rede Globo. Petistas hostilizaram fotógrafos da **Folha** e do jornal "O Globo" que registravam a multidão

Lula é aclamado na saída do Planalto



Domènec Pinaud/Agência O Globo



Sergio Lima/Folhapress

Lula acena do Aerolula antes de deixar Brasília

## Lula ignora roteiro e adia saída do Palácio

Emocionado ao deixar o Planalto, o agora ex-presidente se despediu com choro e foi ovacionado pela multidão

**O hino do Corinthians, a música 'Amigos para Sempre' e o 'Tema da Vitória' da F-1 foram trilha para a despedida**

ENVIADOS ESPECIAIS A BRASÍLIA DE BRASÍLIA ENVIADOS A SÃO BERNARDO DO CAMPO

Fiel ao estilo que marcou seu governo, Luiz Inácio Lula da Silva se despediu da Presidência com choro e nos braços da multidão.

Ele foi o centro das atenções na cerimônia para a entrega da faixa a Dilma Rousseff, no Palácio do Planalto. "Lula, cadê você? eu vim aqui só para te ver", gritavam cerca de 3.000 militantes que foram à praça dos Três Poderes, segundo estimativa da PM. Quando ele apareceu para receber a sucessora, o público explodiu em gritos.

Lula quebrou o protocolo várias vezes para adiar a saída do palácio. Ouvindo o discurso de sua ex-ministra no parlamento e acompanhou os cumprimentos às autoridades estrangeiras.

Em seguida, deixou-se agarrar por fãs que se aglomeravam na grade e deixou a praça com o vidro do carro oficial aberto, acenando.

Assessores montaram uma despedida na Base Aérea de Brasília, onde ele foi recebido por cerca de cem pessoas.

A Orquestra Sinfônica da Base Aérea de Brasília tocou o "Tema da Vitória", que acompanhava os êxitos de brasileiros na F-1, a música "Amigos para Sempre", cantada por Roberto Carlos, e o hino do Corinthians.

Novamente beijado e agarrado, embarcou pela última vez no Aerolula com Marisa, três filhos e o presidente do Senado, José Sarney.

Foram se despedir de Lula

na Base Aérea os ex-ministros Hélio Costa (Comunicações) e Jorge Félix (Gabinete de Segurança Institucional). Lula posou para foto com a equipe da segurança do Planalto.

Eram 18h21 quando o avião fechou as portas; às 18h50, decolou em direção a SP. Já estava na pista, o ex-presidente ainda foi à janela da cabine do piloto para mais acenos. Marisa repetiu o gesto.

Anteontem, ao fim do últi-

mo dia no Planalto, Lula fechou a porta do gabinete, abriu uma garrafa de uísque e chorou ao assinar a exoneração de colaboradores.

O último ato oficial, às 16h, foi a dispensa de Márcia Bassit, secretária-executiva do Ministério da Saúde.

Cercado por auxiliares, ele lembrou a fundação do PT e a história de um companheiro do interior do Piauí que vendeu a única cabrita para aju-

dar na criação do partido.

Aos ministros Miriam Belchior e Gilberto Carvalho, pediu ânimo e disse que o governo Dilma não pode ser tratado como "fim de linha".

A pedido do chefe-adjunto de gabinete da Presidência, Swedenberger Barbosa, autografou camisas com a inscrição "Valeu, Lula". Mais lágrimas, "Merecíamos esse uísquinho", brincou Carvalho ao relembrar a cena.

Na garagem, Lula foi surpreendido por seguranças com uma bola feita com adesivos dados aos visitantes.

Nova surpresa na noite de Ano-Novo: a família usava a camiseta da despedida.

**SÃO BERNARDO**

Lula chegou a São Bernardo do Campo, onde irá morar. Sob chuva, foi recebido por cerca de 2.000 pessoas e com uma queima de fogos.

Por volta das 23h, Lula, ao lado do presidente do Senado, José Sarney, discursou em um palanque montado à frente de seu edifício. "Volto para casa de cabeça erguida com a sensação do dever cumprido", disse.

O ex-presidente indicou que não pretende abandonar a cena pública. "O fato de eu ter deixado a Presidência não quer dizer que eu tenha deixado a política".

Lula disse que quer levar para a África e América Latina as experiências adquiridas em seu governo. E terminou o discurso com um pedido: "Amem a Dilma como vocês me amaram".

A Orquestra de Viola de São Bernardo homenageou Lula com uma versão de "Como é grande o meu amor por você", hit do cantor e compositor Roberto Carlos, (CARTÁ SEABRA, BERNARDO MELLO FRANCO, RUBENS VALENTE, FLÁVIO FERREIRA e VINÍCIUS QUEIROZ GALVÃO)



Isadora Brant/Folhapress

### 'Não fui porque não deixaram', afirma Alencar

DE SÃO PAULO

De terno em seu quarto no hospital Sírio-Libanês, o ex-vice-presidente José Alencar disse ontem que estava pronto para ir à posse da presidente Dilma Rousseff, em Brasília.

Um esquema com batedores da Polícia Militar em motocicletas e duas ambulâncias chegou a ser mobilizado na entrada do hospital por volta das 12h de ontem.

"Não fui porque não me deixaram", disse Alencar, cujo delicado estado de saúde acabou levando a equipe médica a proibir a viagem.

Alencar, há 15 anos em luta contra um câncer no abdome, disse que estava "à vontade" para viajar e brincou, assegurando que o leito a purruca que degustou na véspera o deu ânimo para assistir à posse.

Depois, mais sério, Alencar confessou que a doença tem cobrado sua fatura. "Não consigo parar de pé. Estou exaurido", afirmou ele, que já passou por 18 intervenções cirúrgicas.

À noite, Alencar recebeu a visita do ex-presidente Lula e do presidente do Senado, José Sarney.

Alencar espera retomar amanhã o tratamento contra o câncer e declarou que pretende cumprir a promessa de dançar um xaxado com Dilma para comemorar o triunfo nas eleições.

Alencar concede entrevista e hospital de São Paulo

**ANÁLISE**

## Até capota do Rolls Royce vira estrela em maratona na TV

KEILA JIMENEZ  
COLUNISTA DA FOLHA

Nem retrospectivas nem melhores momentos. A resaca da programação no primeiro dia do ano foi curada por uma canja de jornalista.

Nada como uma grande cobertura para tirar da cama comentaristas, repórteres especiais e âncoras, que logo nas primeiras horas já se mostravam a postos na TV

para a posse da presidente Dilma Rousseff.

Carlos Monforte, que comandou a cobertura da GloboNews, sofreu para se comunicar com repórteres. Na Record, links e estúdio se atropelavam a toda hora.

Adriana Araújo, na Record, e Sandra Annenberg e Evaristo Costa, no "Jornal Hoje", da Globo, ancoraram as transmissões da Esplanada dos Ministérios.

E com espaço de sobra na transmissão, qualquer detalhe vira estrela. A da vez foi a capota do carro presidencial.

A previsão de chuva fez comentaristas explicarem com propriedade detalhes da capota que poderia estragar o desfile em carro aberto de Dilma. "Tomara que ela não seja usada", foi o mantra anti-capota ecoado, em vão.

Na Band, Ricardo Boechat lamentava a falta de ca-

lôs: "Onde estão os vendedores de guarda-chuva e de água? Em algumas ocasiões, ambulantes são tão importantes quanto autoridades".

Alexandre Garcia e Heraldo Pereira explicavam particularidades meteorológicas de Brasília: "Em um lugar chove e, dois quilômetros adiante, faz sol".

Capota em ação e o momento de "tensão" da cobertura passa a ser a rampa do

Planalto. Ela irá subir a rampa molhada? Sem chuva, Dilma foi até o palácio em carro aberto e sim, subiu a rampa.

A TV se esforçou em tornar a posse emocionante. Torceu pelas lágrimas de Dilma, que vieram só aos 36 minutos do primeiro discurso. Tentou disfarçar o ligeiro delay de câmeras e congelamento de imagens, mas não decepcionou em imagens aéreas.

Um debate ao estilo "Ca-

nal Livre" fez a diferença na longa transmissão da Band.

Com bons links de Brasília, a RedeTV! escorregou ao dividir a tela da posse com a de um jogo do Campeonato Inglês. Confusão total na cabeça do telespectador.

A Record bateu recorde em tempo de transmissão entre as redes abertas. Foram mais de seis horas ininterruptas no ar. A maratona rendeu apelo ao sentimentalismo, mas também boas sacadas, como a entrevista exclusiva, por telefone, com o ex-vice-presidente, José Alencar.



HORA  
A  
HORA  
DA POSSE

18h08

## ACLAÇÃO

A presidente recebe cumprimentos de autoridades dos Poderes Legislativo e Judiciário

## Qual a marca que o governo Dilma deixará?

Tenho a impressão de que a ênfase vai ser o social

## Em que ela será diferente de Lula?

A principal diferença é de personalidade. O presidente Lula é mais expansivo

## PÉ NO CHÃO

Um item que chamou a atenção na festa foram os "chinelos da Dilma". Até a tarde, o empresário Pascoal de Jesus, 36, já havia vendido cerca de 2.000 pares a R\$ 10 cada. Ele fabricou chinelos com estrelas do PT e a inscrição "Dilma Rousseff - 1ª mulher presidente do Brasil"

Público assiste à posse

Marcio Camargo/Folhapress



CEZAR PELUSO, presidente do Supremo Tribunal Federal

# Cortes de gastos serão foco de início do governo

Planejamento estima em R\$ 20 bi necessidade de redução de despesas

## Primeira reunião de coordenação do novo governo, amanhã, vai definir plano de ação dos 100 primeiros dias

VALDO CRUZ  
DE BRASÍLIA

A presidente Dilma Rousseff abre seu primeiro dia útil de trabalho, amanhã, definindo o tamanho dos cortes de gastos necessários para equilibrar o Orçamento.

Ela se reúne logo pela manhã com o ministro Guido Mantega (Fazenda) e seu secretário-executivo, Nelson Barbosa, para tratar da questão do ajuste fiscal.

Os primeiros cálculos do Ministério do Planejamento indicam a necessidade de fazer um bloqueio de gastos no Orçamento de 2011 na casa dos R\$ 20 bilhões.

Técnicos da Fazenda, porém, defendem um corte maior. Além do bloqueio, querem vetar receitas incluídas pelo Congresso, que beiram os R\$ 28 bilhões.

O tamanho do corte será definido por Dilma e pode ficar perto de R\$ 30 bilhões se depender apenas da vontade dos técnicos da Fazenda, o que representaria quase a metade de todo investimento da União previsto no Orçamento do primeiro ano de governo da petista.

Ela não acredita na necessidade de um ajuste fiscal "severo", mas o suficiente para garantir uma economia de gastos para pagamento de juros (o chamado superávit primário) de 3,1% do PIB (Produto Interno Bruto).

## CORTE DEFINITIVO

A presidente já decidiu, porém, que neste primeiro ano de governo o bloqueio de gastos será definitivo, ou seja, não haverá liberação desses recursos ao longo do ano

para os ministérios.

Mantega avalia ser necessário fazer um ajuste fiscal que garanta de fato o cumprimento da meta de superávit primário, sem uso de manobras contábeis como sua equipe fez no ano passado.

Com isso, crente ajudar o Banco Central na tarefa de combater a inflação e reduzir a rigidez da política monetária.

A equipe econômica já sabe que as medidas iniciais do governo não devem impedir alta dos juros na primeira reunião do Copom (Comitê de Política Monetária).

O órgão do BC vai se reunir nos dias 18 e 19 de janeiro e é praticamente consenso no mercado que os juros vão subir 0,50 ponto percentual, passando de 10,75% ao ano para 11,25% por conta das pressões inflacionárias.

A primeira reunião de coordenação de Dilma manterá o formato adotado durante o governo Lula.

Neste encontro, a presidente dará as primeiras diretrizes oficiais à sua equipe para montar um plano de ação para os primeiros 100 dias de governo. Também deve começar a discutir nomeações de segundo escalão.

Dilma quer agendar, por exemplo, uma reunião com os 27 governadores para analisar a montagem de planos nas áreas de saúde e segurança, temas considerados prioritários por ela.

A presidente acredita que, mantendo a economia no ritmo atual e acelerando os investimentos, deixará sua marca se terminar o mandato reformulando as duas áreas.

Da primeira reunião de coordenação participarão o vice Michel Temer e os ministros Antonio Palocci Filho (Casa Civil), Gilberto Carvalho (Secretaria Geral), Mantega, Miriam Belchior (Planejamento), Luiz Sérgio (Relações Institucionais) e José Eduardo Cardozo (Justiça).

chamada". A nota diz: "Hoje, data em que a primeira mulher assume a Presidência da República do Brasil, torço e peço a Deus para que nosso país possa ir bem nos próximos anos".

Marina assina como "senadora do Acre"—ela deixa o cargo em fevereiro.

Em vez de "oposição por oposição", Marina promete "espírito republicano" para reconhecer acertos e criticar equívocos.

## FOCO



Lula Marques/Folhapress

16h47

Dilma usa vestido com blazer na cor pérola; ao lado, detalhes do look

## Modelo clássico teve blazer e vestido com pérolas e amuleto contra inveja

VIVIAN WHITEMAN  
EDITORA DE MODA

Depois de muito mistério, Dilma revelou o modelo que escolheu para o dia de sua posse. Nunca no Brasil houve tanta curiosidade sobre as roupas de um presidente.

O conjunto "senhora", de blazer e vestido, assinado pela estilista Luisa Stadlander, não é do tipo que causa impacto. Funcionou bem como um "uniforme de festa".

A estilista, amiga da família de Dilma, não é nenhuma

celebridade fashion, nem um supertalento criativo.

Uma ótima opção, portanto, para afastar comentários sobre modinhas, grifes e assuntos que pudessem roubar a atenção do foco principal.

A maquiagem, com olhos fortes, esfumados, e lábios marcados, quebrou a suavidade do look. A presidente, afinal, precisa ser firme.

Um tailleur vermelho, certamente, teria mais impacto visual. A cor, por si só, é sanguine, apaixonal.

Porém, a preferência de

Dilma pelo brilho da pérola, tanto na cor quanto nos acessórios (brincos e pingente), passou uma mensagem.

As pérolas são símbolo da história das mulheres que sobreviveram ao câncer, caso da própria Dilma.

Na moda, das rainhas a Coco Chanel, o brilho duro das pérolas representa resistência, um tipo eterno de beleza, acima da modinha.

O termo pérola também significa gafe. Lula, por exemplo, fez de suas "pérolas" um canal direto com o

discurso popular— frases impertinentes que muitas vezes o ajudaram a tocar em pontos polêmicos com humor.

Há também as chamadas "pérolas do desenvolvimento", ou seja, os resultados práticos do governo Lula, que o levaram a bater todos os recordes de aprovação.

Em sua casca grossa, Lula engendrou o desenvolvimento de diferentes pérolas. Dilma tem dito com todas as letras (e agora também com roupas) que é uma delas.

Toda cantilante, e nada bobagem, a nova presidente não tirou do pulso seu já conhecido talismã de olho grego, amuleto para afastar invejosos. Pérola com balacobaco é a nova tendência do poder.

## Ex-miss, vice-primeira-dama chama atenção durante a posse

DE BRASÍLIA

A vice-primeira-dama Marcela é filha de um microempresário e uma dona-de-casa. O relacionamento com o político começou quando ela pediu para ser fotografada ao lado de Temer na convenção. Ganhou a foto e um pedido de telefone.

Ontem, depois de aparecer durante os eventos de posse, passou a figurar nos assuntos mais comentados no microblog Twitter. Durante a posse, foi criado um perfil falso em seu nome e comentários sobre as cerimônias.

Outra mulher que chamou a atenção foi a acompanhante da presidente Dilma Rousseff, sua filha, Paula, 34, casada e mãe de Gabriel, único neto de Dilma. Mora em Porto Alegre, trabalha como procuradora, e ontem desfilou no Rolls Royce presidencial.

mer chama de Michelzinho— e abandonou as passarelas para se formar em Direito.

Marcela é filha de um microempresário e uma dona-de-casa. O relacionamento com o político começou quando ela pediu para ser fotografada ao lado de Temer na convenção. Ganhou a foto e um pedido de telefone.

Ontem, depois de aparecer durante os eventos de posse, passou a figurar nos assuntos mais comentados no microblog Twitter. Durante a posse, foi criado um perfil falso em seu nome e comentários sobre as cerimônias.

Outra mulher que chamou a atenção foi a acompanhante da presidente Dilma Rousseff, sua filha, Paula, 34, casada e mãe de Gabriel, único neto de Dilma. Mora em Porto Alegre, trabalha como procuradora, e ontem desfilou no Rolls Royce presidencial.



Lula Marques/Folhapress

16h49

Marcela Temer (à dir.), ao lado da filha de Dilma, Paula

## Em recado, Marina diz que não fará 'oposição pela oposição'

DE SÃO PAULO

No governo Lula, Dilma Rousseff (PT) e Marina Silva (PV), então ministras da Casa Civil e do Meio Ambiente, acumularam divergências. Agora, com Dilma presidente, Marina promete não fazer parte "do grupo do quanto pior melhor, da oposição pela oposição".

Ela publicou ontem, na internet, um recado à "presidenta, como ela gosta de ser



### Qual a marca que o governo Dilma deixará?

Vai dar continuidade ao governo Lula. Ela é uma excelente administradora, conhece profundamente todos os programas em andamento e vai acompanhá-los e terminá-los

JOSÉ SARNEY (PMDB-AP), presidente do Senado

### Em que ela será diferente de Lula?

A gestão do presidente Lula tem uma grande conotação política, até pela vida dele, a estrada que o trouxe ao poder. A presidente Dilma vai fazer uma gestão mais voltada para a parte da administração



Marcelo Bortolotto/Folhapress

18h45

### COMPROMISSO

Dilma desce a rampa do Planalto com Temer para seguir ao Itamaraty, onde participará de recepção a chefes de Estado — último compromisso oficial da posse

### A FOTO OFICIAL DO MINISTÉRIO DE DILMA



18h06



**NO FUNDO:** 1 Maria do Rosário (Direitos Humanos), 2 Ideli Salvatti (Pescaria), 3 Moreira Franco (Assuntos Estratégicos), 4 Alexandre Tombini (Banco Central), 5 Jorge Hage (Controladoria-Geral da União), 6 José Elito Siqueira (Segurança Institucional), 7 Gilberto Carvalho (Secretaria-Geral), 8 Luís Inácio Adams (Advocacia-Geral da União), 9 Luiz Sérgio (Relações Institucionais), 10 Helena Chagas (Comunicação Social), 11 Luiza Bairos (Igualdade Racial), 12 Iriny Lopes (Política para Mulheres), 13 Leônidas Cristino (Portos)

**NO MEIO:** 14 Mário Negromonte (Cidades), 15 Fernando Bezerra Coelho (Integração Nacional), 16 Orlando Silva (Esporte), 17 Aloizio Mercadante (Ciência e Tecnologia), 18 Miriam Belchior (Planejamento), 19 Fernando Pimentel (Desenvolvimento, Indústria e Comércio), 20 Tereza Campello (Desenvolvimento Social), 21 Alexandre Padilha (Saúde), 22 Edison Lobão (Minas e Energia), 23 Paulo Bernardo (Comunicações), 24 Izabella Teixeira (Meio Ambiente), 25 Pedro Novais (Turismo), 26 Afonso Florence (Desenvolvimento Agrário)

**NA FRENTE:** 27 Carlos Lupi (Trabalho), 28 Fernando Haddad (Educação), 29 Alfredo Nascimento (Transportes), 30 Antonio Patriota (Relações Exteriores), 31 José Eduardo Cardozo (Justiça), 32 Antonio Palocci (Casa Civil), 33 Nelson Jobim (Defesa), 34 Guido Mantega (Fazenda), 35 Wagner Rossi (Agricultura), 36 Ana de Hollanda (Cultura), 37 Garibaldi Alves (Previdência)

# Presidente começa novo governo com piora na economia

Principais indicadores deram sinais de deterioração no final do ano passado, e espaço para correção é limitado

### BC pode elevar juros em cenário de inflação em alta, dólar em queda, contas externas piores e dívida pública maior

FERNANDO CANZIAN  
DE SÃO PAULO

Dilma Rousseff ganhou a Presidência e assumiu ontem embalada no maior crescimento econômico em um quarto de década. Chegou sua hora de pagar a conta.

No início de 2011, a inflação sobe, o dólar retomou trajetória de queda, as contas externas pioraram e a economia para pagar a dívida pública diminuiu.

No dia 19 de janeiro, o Banco Central poderá se ver obrigado a aumentar os juros para conter a inflação. Isso pode trazer impactos negativos sobre a dívida pública e o dólar. Mas a prioridade do Banco Central é com a inflação.

Em 2010, até novembro, o IPCA (índice oficial de preços) subiu 5,25%. Ele deve fe-

char o ano passado perto do teto da meta do BC (6,5%).

Já o IGP-M, que reajusta a maioria dos contratos de financiamentos imobiliários e de bens, subiu 10,56%.

Na virada do ano, Lula assinou medida provisória fixando o salário mínimo em R\$ 540 a partir de ontem — reajuste de 5,88%. Pela primeira vez desde 2003, o mínimo corre o risco de ficar sem aumento real.

Em dezembro, o BC também retirou R\$ 61 bi da economia elevando os compulsórios que impõe aos bancos. Isso fez com que os juros subissem aos consumidores e reduziu prazos de financiamentos para bens e veículos.

As duas medidas foram as primeiras na transição Lula-Dilma para tentar conter a aceleração da inflação e o aumento dos gastos públicos.

O descontrole nas despesas do governo está na raiz de muitos dos atuais indicadores negativos. A deterioração se deu para que a economia pudesse ter o forte desempenho no ano eleitoral de 2010, com

o PIB (Produto Interno Bruto) crescendo cerca de 7,5%.

Segundo o boletim Focus do BC, o mercado espera um PIB ao redor de 4,5% em 2011. A expectativa é de uma economia mais fria com gastos públicos crescendo menos e o BC subindo o juro básico para conter a inflação.

A tarefa de Dilma de conter o ritmo do crescimento da despesa estatal, porém, é um desafio. Em 2010, a economia efetiva que o governo fez para pagar a dívida pública foi a menor dos anos Lula.

Dilma promete economizar mais. Mas o espaço de manobra ficou pequeno por conta dos gastos crescentes. Só cerca 8% do gasto não financeiro da União (excluindo juros da dívida pública) são passíveis de corte caso o governo não queira reduzir ainda mais investimentos em infraestrutura (hoje, menos de 1% do PIB).

Com a atividade econômica mais fraca 2011, o governo terá receitas em impostos menores para pagar suas despesas correntes e obrigatórias.



Santos (Colômbia), Hillary (EUA), Piñera (Chile) e Chávez (Venezuela) no Planalto

## Chávez e Hillary esperam lado a lado em fila

DE BRASÍLIA  
DA ENVIADA A BRASÍLIA

A secretária de Estado norte-americana, Hillary Clinton, e o presidente da Venezuela, Hugo Chávez, inimigos diplomáticos, tiveram que esperar lado a lado na fila para cumprimentar Dilma Rousseff.

De acordo com o cerimonial do Palácio do Planalto, a proximidade foi apenas coincidência, já que não houve programação sobre a ordem da fila de cumprimentos.

Hillary, recebida antes, e Chávez, logo depois, foram os que mais ficaram conver-

sando com Dilma.

O protocolo do Itamaraty diz que os chefes de Estado não demorem mais que 30 segundos na hora de cumprimentar a presidente, segundo a *Folha* apurou.

Hillary e Chávez levaram cerca de um minuto e meio cada um.

A secretária de Estado americana, porém, não esperou a chegada da Dilma ao coquetel no Itamaraty. A presidente chegou por volta das 19h no local, mas Hillary saiu oito minutos antes.

Ao todo, Dilma recebeu o cumprimento de 21 chefes de Estado —esperava-se a pre-

sença de 23, mas houve duas faltas, a do presidente boliviano Evo Morales.

Os chefes de Estado que estiveram em Brasília disseram-se otimistas com o governo Dilma. "Há um grande clima de otimismo entre todos, estou seguro que vai ser um grande governo, um governo maravilhoso", afirmou Hugo Chávez.

O presidente do Chile, Sebastián Piñera, membro de um partido conservador, disse que o fato de ele e Dilma terem visão política diferente não será um problema. "Isso de esquerda e direita está ficando um pouco para trás."

### REPERCUSSÃO Cobertura da posse de Dilma





oglobo.com.br

O GLOBO

IRINEU MARINHO (1876-1925)

RIO DE JANEIRO, DOMINGO, 2 DE JANEIRO DE 2011 • ANO LXXXVI • Nº 28.272 • EDIÇÃO FECHADA ÀS 11h15m

ROBERTO MARINHO (1904-2003)

# Ao assumir, Dilma promete enfrentar desafios pós-Lula

Primeira mulher no Planalto, petista estende a mão à oposição e diz que fará as reformas

• A economista Dilma Vana Rousseff, de 63 anos, assumiu a Presidência da República prometendo consolidar o legado do presidente Lula e fazendo uma carta de intenções de seu governo: erradicar a miséria, melhorar a saúde, a segurança e a educação. Também prometeu realizar as reformas política e tributária, que o governo Lula não fez. Dilma reafirmou compromissos com a estabilidade econômica, a democracia, os direitos humanos e a liberdade de expressão. Ex-guerrilheira, eleita numa disputa acirrada, ela também fez um discurso de conciliação. Disse que estende a mão à oposição e que quer ser a presidente de todos os brasileiros. Presa e torturada pela ditadura militar, chorou ao lembrar os companheiros que morreram e disse que não guarda arrependimento, mas tampouco ressentimento ou rancor. Dilma destacou que é a primeira mulher a chegar ao Planalto e prometeu "honrar as mulheres, proteger os mais frágeis e governar para todos". Mineira, citou Guimarães Rosa para dizer que precisará de coragem para a tarefa de governar. **Páginas 3 a 19**



DILMA, EMOCIONADA, com Lula, após receber a faixa presidencial: promessa de combater a miséria, melhorar a saúde e a educação

"Entreguei minha juventude ao sonho de um país justo e democrático; suportei as adversidades mais extremas, infligidas aos que ousamos enfrentar o arbítrio. Não tenho qualquer arrependimento, tampouco tenho ressentimento ou rancor"

Dilma Rousseff  
presidente da República

CHICO



## Política externa



• Dilma esbanja simpatia com Hillary Clinton, depois com Hugo Chávez. **Página 14**



SEM CONTER as lágrimas, Lula cumprimenta populares: o agora ex-presidente não escondeu a emoção na despedida do cargo

## Uma despedida com muito choro

• Foi uma despedida muito difícil para o ex-presidente Lula. Ele chorou em vários momentos do dia. Mesmo antes de passar a faixa a Dilma, estava tão emocionado que assessores precisaram lhe dar uma dose de uísque para se acalmar. Ao descer a rampa, Lula quebrou o protocolo e foi chorar nos braços do povo. Na Base Aérea, chorou mais uma vez antes de embarcar no Aeroclube. Da janelinha do avião, deu adeus. **Página 9**

## Cabral: agora é a vez da educação

• Depois de reafirmar o compromisso de retomar as áreas dominadas pelo crime, o governador Sérgio

Cabral disse ontem, na posse, que o desafio agora é levar o estado a ficar entre os cinco melhores no Índice

de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb), ranking em que o Rio é o penúltimo. **Páginas 26 e 27**

Em Tocantins, governador passa faixa a cinegrafista **Página 22**

Cid Gomes vai coordenar plano para o Nordeste **Página 25**

Aécio promete oposição atenta à nova presidente **Página 19**

### SEGUNDO CADERNO

Os estúdios Marvel investem US\$ 140 milhões para levar às telas o Capitão América, ícone dos quadrinhos.



### REVISTA O GLOBO

**A arte de rua**  
Depois do grafite, pinturas, colagens e instalações de jovens artistas dão nova cara à arte urbana carioca.

### REVISTA DA TV

**Sucesso da Raia**  
Claudia Raia explica o sucesso de Jaqueline em "Ti-ti-ti" e diz que o personagem requer esforço.



## O PAÍS



DILMA ROUSSEFF e Michel Temer sobem a rampa do Palácio do Planalto, sendo aguardados por Lula e dona Marisa: emoção na passagem da faixa. Após a cerimônia, já ex-presidente, Lula foi abraçar o povo

# Dilma e o desafio do voo solo

Primeira mulher presidente do Brasil promete fazer país avançar mais e fala em conciliação

Luiza Damé e Chico de Góis  
BRASÍLIA

**E**leita com 55.752.483 (56,05%) de votos, a petista Dilma Rousseff, de 63 anos, assumiu ontem a Presidência do Brasil como a primeira mulher a ocupar o cargo e prometeu "consolidar a obra transformadora" do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Na solenidade de posse, se comprometeu a erradicar a pobreza extrema, manter a estabilidade econômica, ampliar investimentos, melhorar a qualidade da educação, da saúde e da segurança e fazer deste um país de classe média sólida, entre tantas outras promessas, numa demonstração de que reconhece que muita coisa ainda precisa ser feita e que seus desafios são enormes.

Depois de oito anos de poder, o primeiro presidente de origem operária a presidir o país e que sai como uma popularidade recorde não conseguiu conter a emoção ao receber sua sucessora na rampa do Palácio do Planalto. Lula, que escolheu a candidata do PT e garantiu sua vitória, não discursou, como fazia supor seu estilo, mas em seguida à cerimônia de transmissão da faixa caiu nos braços do povo e chorou por diversas vezes.

Depois de tomar posse no Congresso, Dilma pediu apoio da população, no discurso no parlamento do Planalto, para dar continuidade ao trabalho iniciado no governo Lula. A presidente, que ficou com a voz embargada, disse ter a responsabilidade de manter, com o vice Michel Temer, o modelo de parceria de Lula e José Alencar para "seguir no caminho iniciado por eles" rumo ao desenvolvimento. Alfinhou, para governar um país continental como o Brasil, é preciso, mais do que metas, ter sonhos.

Dirigindo-se ao público que estava na Praça dos Três Poderes apesar da chuva, abriu o discurso di-



LULA PASSA A FAIXA para Dilma, a sucessora que chega ao Planalto graças à popularidade do padrinho: ele estava muito emocionado, e surpreendeu ao não discursar

zendo estar muito feliz por ser a 1ª mulher a assumir a Presidência, mas emocionada porque chegava ao fim o mandato do "maior líder popular que este país já teve".

— São coisas que se guardam para a vida toda. Conviver todos esses anos com o presidente Lula me deu a dimensão do líder justo e apaixonado por sua gente.

E completou:

— Lula estará conosco. A distância de um cargo nada significa para um homem de tamanha grandeza e generosidade. Saberei honrar esse legado e avançar nessa obra de transformação do Brasil.

Para Dilma, a dedicação e o nome de Lula estão "gravados no coração do povo".

— Nesse período, o presidente liderou as transformações deste país. Isso permitiu que o povo brasileiro tivesse uma nova ousadia: colocar

pela primeira vez uma mulher na Presidência. Para além da minha pessoa, a valorização da mulher melhora nossa sociedade.

Ela realizou o compromisso de cuidar "com muito carinho dos mais frágeis e necessitados". Prometeu governar "de mãos abertas e estendidas" para "todos os brasileiros e todas as brasileiras". Num recado à oposição, disse estar disposta a conversar com os aliados de primeira hora e com os que não participaram da sua eleição.

— Não peço a ninguém que abdique de suas convicções. Buscarei o apoio, respeitarei a crítica. É o embate civilizado entre as ideias que move as grandes democracias como a nossa. Não carreguei nenhum ressentimento nem espécie de rancor.

Dilma homenageou seus companheiros de luta contra a ditadura, dizendo que sua geração pagou um pre-



Foto de André Goffin

ço pela redemocratização do país.

— Aos companheiros que tombaram, minha comovida homenagem e minha eterna lembrança.

A presidente disse que muito foi feito nos últimos oito anos, mas ainda há muito o que fazer. Foi nesse momento que a voz falhou.

— Foi por acreditar que podemos fazer mais e melhor que o povo nos trouxe até este momento.

É preciso que o Brasil continue crescendo, gerando empregos e criando oportunidades.

— É o sonho que constrói um país, uma família, uma nação. Esse é o desafio que ergue o país. Existem metas e objetivos, mas também existem sonhos. Para governar um país continental do tamanho do Brasil, é preciso ter sonhos e perseguí-los.

Mais uma vez citou Lula, que a aguardava dentro do Palácio, onde se encontravam a mãe da presiden-

te, Dilma Jane, e a filha, Paula.

— Foi por não acreditar que havia o impossível que o presidente Lula fez tanto pelo país nesses últimos anos. Para consolidar e avançar nas grandes conquistas recentes precisarei muito do apoio de todos vocês. Vou estar ao lado dos que trabalham pelo bem do Brasil. Se todos trabalharmos pelo Brasil, o Brasil nos devolverá em dobro nosso esforço.

Dilma encerrou o discurso pedindo a bênção de Deus para transformar o Brasil "no maior e melhor país para se viver". ■

LEIA A ÍNTEGRA DO DISCURSO DE DILMA NO PARLAMENTO na página 128

O GLOBO NA INTERNET

GALERIA Confira as fotos da posse de Dilma Rousseff [globo.com.br/pais](http://globo.com.br/pais)



4 • O PAÍS

O GLOBO

Domingo, 2 de janeiro de 2011

De Silva para  
Rousseff

# ‘Não tenho arrependimento, tampouco rancor’

Na posse no Congresso, Dilma estende a mão à oposição, relembra companheiros mortos e diz que será presidente de todos

Maria Lima e Cristiane Jungblut

• **BRASÍLIA.** No discurso de 40 minutos, feito após assinatura do termo de posse no Congresso, a presidente Dilma Rousseff apresentou uma espécie de carta aos brasileiros. Realizou compromissos com a estabilidade econômica e o respeito às instituições, aos direitos humanos e à liberdade de expressão, citou o ex-presidente Lula nove vezes e prometeu que sua luta mais obstinada será contra a miséria. Embora lembrando o legado social de Lula, Dilma disse que a pobreza ainda envergonha o Brasil.

No fim do discurso, Dilma embargou a voz ao falar de companheiros do combate à ditadura e citou um trecho de Guimarães Rosa para ressaltar a coragem que precisará ter para enfrentar os desafios de ser a primeira mulher presidente do Brasil.

Dilma lembrou que muitos de sua geração tombaram pelo caminho, por isso dividia com eles a conquista da Presidência. Na tribuna de honra, ao lado da filha, Paula, o ex-guerrilheiro Carlos Araújo, ex-marido de Dilma, ficou emocionado.

— Dediquei toda a minha vida à causa do Brasil, entreguei, como muitos aqui, minha juventude ao sonho de um país justo e democrático; suportei as adversidades mais extremas, infligidas a todos que ousaram enfrentar o arbítrio. Não tenho qualquer arrependimento, tampouco tenho ressentimento ou rancor. E com essa coragem que vou governar o Brasil. Mas mulher não é só coragem, é carinho também, carinho que dedico à minha filha e ao meu neto, carinho com que abraço a minha mãe, que me acompanha e me abençoa. É com esse imenso carinho que quero cuidar do meu povo e, a ele, dedicar os próximos anos da minha vida.

**Mais descontração que no dia da diplomação**

Mais leve e sorridente que no dia da diplomação no Tribunal Superior Eleitoral, Dilma entrou no plenário da Câmara descontraída, dando beijos nos amigos e aliados por bom tempo. Usava vestido pérola com um casaco de renda branca. O plenário estava lotado, com parlamentares e governadores tucanos, liderados por Marconi Perillo. No discurso, Dilma prometeu governar sem perseguir ninguém.

— Ao citar o legado de Lula, ela disse que houve expressiva mobilidade social, mas admitiu que há muito a ser feito. — Ainda existe pobreza a envergonhar nosso país e a impedir nossa afirmação plena como povo desenvolvido. Não vou descansar enquanto houver brasileiro sem alimento na mesa. É este o sonho que vou perseguir. Ela prometeu ampliar investimentos públicos, melhorando a

qualidade do gasto público. Disse ainda que melhorará o serviço público, com consolidação do SUS e ampliação do ProUni.

— No ensino médio, além do aumento do investimento público, vamos estender a vitoriosa experiência do ProUni para o ensino médio e profissionalizante. Dilma prometeu combater a inflação, que chamou de “praga”. — A inflação desorganiza a economia e degrada a renda do trabalhador. Não permitiremos, sob nenhuma hipótese, que essa praga volte a corroer nosso tecido econômico e a castigar as famílias mais pobres.

**Promessa de reformas política e tributária**

Como todos os presidentes que assumem, Dilma prometeu as reformas política e tributária. Foi aplaudida quando defendeu mudanças no sistema político. — É, portanto, inadmissível a implementação de um conjunto de medidas que modernize o sistema tributário orientado pelo princípio da simplificação e da racionalidade.

Diante de presidentes como o venezuelano Hugo Chávez e embaixadores de praticamente todos os países representados em Brasília, ela defendeu, na política internacional, multilateralismo e defesa dos direitos humanos.

— Não faremos concessão ao protecionismo dos países ricos, que sufoca qualquer possibilidade de superação da pobreza de tantas nações pela via do esforço de produção.

O tom e os temas abordados no discurso, todo ele lido, foram decididos em conversas de Dilma com os ministros Antonio Palocci e José Pimentel, além do marqueteiro João Santana. O texto final foi de Dilma.

A solenidade foi comandada pelo presidente do Senado, José Sarney. O presidente da Câmara, Marco Maia (PT-RR), ofereceu a Dilma sua caneta, para assinatura do termo de posse, mas ela preferiu a oferecida por Sarney. Além de estender a mão à oposição, Dilma disse que vai governar para todos.

— Não venho para esultar com a minha biografia, mas para glorificar a vida de cada mulher brasileira. Meu compromisso supremo, reitero, é honrar as mulheres, proteger os mais frágeis e governar para todos.

No início do discurso, ao falar da responsabilidade de dirigir o Brasil, Dilma disse que é apaixonada pela sua vida de presidente e destacou a coragem da mulher brasileira. E leu um trecho do escritor mineiro Guimarães Rosa: “O correr da vida embrulha tudo. A vida é assim: esquisita e estranha, aberta e fechada, sossega e depois desinquieta. O que ela quer da gente é coragem”.

• **A ÍNTEGRA DO DISCURSO DE DILMA nas páginas 34 e 38**



DILMA NO plenário da Câmara, entre os presidentes da Câmara, Marco Maia (à esq.), e do Senado, José Sarney, com o vice Michel Temer



A PRESIDENTE é cercada pelos convidados para a solenidade de posse, ao chegar para a cerimônia no Congresso

## Sob chuva, posse é marcada por emoção

Primeira mulher a comandar o Brasil é ovacionada

Isabel Braga, Adriana Vasconcelos, Gerson Camarotti e Evandro Ebboli

• **BRASÍLIA.** Apesar da chuva que atrapalhou parte do cerimonial da posse de Dilma Rousseff no Congresso e do número menor de presentes que na primeira posse do presidente Lula, em 2003, a solenidade de ontem emocionou os presentes. As autoridades destacaram a importância de o Brasil ter a primeira mulher presidente. O presidente do Senado, José Sarney (PMDB-AP), de mãos trêmulas, cantou com emoção o Hino Nacional.

O presidente da Venezuela, Hugo Chávez, foi a autoridade internacional mais festejada no plenário. Chefe de estado, futuros e ex-ministros e integrantes da oposição disputaram a atenção de Dilma, ovacionada com gritos de “Dilma lá”. Elevado ao estrelato antes da posse por pagar uma festa no motel com verba da Câmara, o ministro do Turismo Pedro Novais (PMDB-MA) era alvo de tapinhas nas costas e declarações de solidariedade. Sentou perto do cardeal arcebispo Dom José Freire Falcho.

Perguntado se estava ali para se confessar, ou pedir perdão, Novais riu e prometeu falar tudo sobre o caso na sua posse.

— Não vou me confessar, não tenho recebido piadas de todo tipo que você imagina. Mas como naquela última frase do livro “O Guarani”, tudo passa sobre a terra — disse Novais.

O primeiro que Dilma cumprimentou foi o deputado petista Arlindo Chinaglia. Houve cumprimentos efusivos para o ex-presidente do PT José Genoino. O ministro da Saúde, Alexandre Padilha, era o mais animado. — Muito bem Dilma, Dilma!

— gritava, da plateia. Depois do início da solenidade, a chuva parou. O aparato montado para a passagem de Dilma pela rampa foi reativado. Antes de deixar o Congresso, Dilma foi até o gabinete da Presidência do Senado, onde havia um camarim para que ela retocasse a maquiagem.

Assim que Dilma deixou o Congresso, militares da Aeronáutica que perfolavam, no Salão Negro, para que ela passasse, puderam relaxar e ver, do telão, a primeira revista à tropa da nova comandante das Forças Armadas. Sem dizer seus nomes, não escondam uma emoção. Um deles comentou, empolgado: — Deu arreio vendo ela cantar o Hino. Será legal.

## Acerto na escolha da cor

Mas Dilma peca ao usar vestido e casaco na posse

Patrícia Velga

• O branco pérola deu o tom da posse da presidente Dilma Rousseff. Se o vestido do acompanhante pelo casquinho não favoreceu sua silhueta, pelo menos a cor neutra se impôs como símbolo de sua intenção de governar para todos. Com um conjunto de pérolas discreto (colar, pulseira e brincos), um penteado que cairia melhor se fosse menos armado, mais natural.

A maquiagem foi correta: discreta e sem arroubos como convém a uma mulher que ocupa o cargo máximo de um país. A correntinha no pescoço estava muito apertada. Se fosse mais solta, daria leveza ao colo de Dilma, que acabou recusando propostas de estilistas consagrados permanecendo fiel à sua amiga, a estilista gaúcha Luisa Stadtfelder, com quem convive há cerca de 20 anos. Foi Luisa quem fez o vestido de noiva do casamento de Paula Rousseff, filha de Dilma, como também o longo azul usado pela presidente na cerimônia matrimonial.

Dilma, que não queria deixar as pernas à mostra na cerimônia de posse, acabou cedendo e dispensou a calça comprida, traje que marcou toda a sua campanha. Mas a modelagem não lhe favoreceu. O casaco era largo demais, quadrado, não definindo a cintura e, assim, aumentando o volume da silhueta. A gola era grande demais, e o tecido texturizado, além de engordar, não



ESTILO DILMA: brinco de pérola e correntinha

Fernando Mota

harmonizou com a faixa presidencial. A melhor opção seria um tecido plano. Bem, a elegância feminina não foi o forte da cerimônia. Na plateia, onde as mulheres se dividiam entre tons claros e vermelhos totais, os equívocos eram muitos. A senadora Seyra Shlessarenko (PT-MT), que compôs a mesa da solenidade, surpreendeu usando um modelo vermelho com uma overdose de informação que em nada lhe favorecia. Paula Rousseff tentou ser tão discreta para não

ofuscar o brilho da mãe que acabou errando na dose: o modelo, escuro e monótono, acabou envelhecendo Paula. Mas uma coisa ficou evidente: o estilo Dilma já está desfilando pelo Planalto. Grandes golas com debreus em cores contrastantes, paletós com mangas 3/4, pérolas, casacos mais quadrados e escarpins de salto mais baixo.

Mas um dos destaques da cerimônia, que promete estar em todas as conversas daqui por diante, é, sem dúvida, Marcela Teleschi Temer, a jovem mulher do vice-presidente Michel Temer. Bonita, bem feita de corpo, Marcela quase acertou. A saia de cintura alta ressaltou o bumbum e marcou um pouco a barriga. Imaginem Marcela usando um modelo à la Carla Bruni! A trança lateral realçou os traços delicados de Marcela. Tudo indica que, com alguns ajustes, ela será o ícone da elegância do governo que se instala.

**UNIVERSIDADE CANDIDO MENDES**  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA  
Programa de Pós-graduação em Economia e Gestão Empresarial

**Mestrado em Economia Empresarial**  
Recomendado pela CAPES/MEC 20 anos de sucesso

**Áreas de Concentração:**  
Finanças e Investimentos das Empresas  
Gerenciamento de Projetos  
Regulação e Competitividade

Inscrições: até 10 de janeiro  
Seleção (entrevista): de 11 a 14 de janeiro  
Matrículas: até 17 de janeiro  
Início das aulas: 07 de fevereiro

**Últimas Vagas**

TURMAS: NOITE E FINAIS DE SEMANA

Rua da Assembleia, 10, sala 709 - Centro - Rio de Janeiro  
Tel/Fax: (21) 3543-6494 e 2232-8451 (das 14 às 20h.)  
mestradoec@candidomendes.edu.br • www.candidomendes.edu.br/mestradoec



Domingo, 2 de janeiro de 2011

O GLOBO

O PAÍS • 8A

De Silva para  
Rousseff

## ‘Luta obstinada pela erradicação da pobreza extrema’

• Esta é a íntegra do discurso da presidente Dilma Rousseff no Congresso Nacional:

“Senhor presidente do Congresso Nacional, senador José Sarney; senhores chefes de Estado e de governo que me honram com as suas presenças; senhor vice-presidente da República, Michel Temer; senhor presidente da Câmara dos Deputados, deputado Marco Maia; senhor presidente do Supremo Tribunal Federal, ministro Cezar Peluso; senhoras e senhores chefes das missões estrangeiras; senhoras e senhores ministros de Estado; Senhoras e senhores governadores; senhoras e senhores senadores; senhoras e senhores deputados federais; senhoras e senhores representantes da imprensa; meus queridos brasileiros e brasileiras, pela decisão soberana do povo hoje será a primeira vez que a faixa presidencial cingirá o ombro de uma mulher.

Sinto uma imensa honra por essa escolha do povo brasileiro e sei do significado histórico dessa decisão.

Sei, também, como é aparente a suavidade da seda verde anarela da faixa presidencial, pois ela traz consigo uma enorme responsabilidade perante a nação. Para assumi-la, tenho comigo a força e o exemplo da mulher brasileira. Abro meu coração para receber neste momento uma centelha da sua imensa energia e sei que meu mandato deve incluir a tradução mais generosa dessa ousadia do voto popular que, após levar à Presidência um homem do povo, um trabalhador, decidiu convocar uma mulher para dirigir os destinos do país.

Venho para abrir portas, para que muitas outras mulheres também possam, no futuro, ser presidentes e para que, no dia de hoje, todas as mulheres brasileiras sintam o orgulho e a alegria de ser mulher. Não venho para enaltecer a minha biografia, mas para glorificar a vida de cada mulher brasileira. Meu compromisso supremo, reitero, é honrar as mulheres, proteger os mais frágeis e governar para todos.

Venho, antes de tudo, para dar continuidade ao maior processo de afirmação que este país já viveu nos tempos recentes.

Venho para consolidar a obra transformadora do presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Venho para consolidar a obra transformadora do presidente Lula, com quem tive a mais vigorosa experiência política da minha vida e o privilégio de servir ao país a seu lado nos últimos anos. De um presidente que mudou a forma de governar e levou o povo brasileiro a confiar ainda mais em si mesmo e no futuro do país.

A maior homenagem que posso prestar a ele é ampliar e avançar as conquistas do seu governo. Reconhecer, acreditar, investir na força do povo foi a maior lição que o presidente Lula deixa para todos nós. Sob a sua liderança, o povo brasileiro fez a travessia para uma outra margem da nossa História. Minha missão agora é consolidar essa passagem e avançar no caminho de uma nação geradora das mais amplas oportunidades.

Quero, neste momento, prestar minha homenagem a outro grande brasileiro, incansável lutador, companheiro que esteve ao lado do presidente Lula nos seus últimos anos: o nosso querido vice-presidente José Alencar!

Que exemplo de coragem e amor à vida nos dá esse grande homem! Ele que sempre



DILMA: “No ensino médio, vamos estender a experiência do ProUni, acelerando a oferta de milhares de vagas”

**Vamos consolidar a obra transformadora do presidente Lula, com quem tive a mais vigorosa experiência política**

**Na política, é tarefa urgente uma reforma com mudanças na Legislação para fazer avançar nossa jovem democracia**

zadas ao longo da História. Ele sempre será, ao seu tempo, mudança e continuidade. Por isso, ao saudar os extraordinários avanços recentes, liderados pelo presidente Lula, é justo lembrar que muitos, a seu tempo e a seu modo, deram grandes contribuições às conquistas do Brasil de hoje.

Vivemos um dos melhores períodos da vida nacional. Milhões de empregos estão sendo criados. Nossa taxa de crescimento mais que dobrou e encerramos um longo período de dependência do Fundo Monetário Internacional, ao mesmo tempo em que superamos a nossa dívida externa. Reduzimos, sobretudo, a nossa dívida social, a nossa histórica dívida social, resgatando milhões de brasileiros da tragédia da miséria e ajudando outros milhões a alcançarem a classe média.

Mas, em um país com a complexidade do nosso é preciso sempre querer mais, descobrir mais, inovar nos caminhos e buscar sempre novas soluções.

Só assim poderemos garantir aos que melhoraram de vida que eles podem alcançar mais e provar aos que ainda lutam para sair da miséria que eles podem, com a ajuda do governo e de toda sociedade, mudar de vida e de patamar, que podemos ser, de fato, uma das na-

ções mais desenvolvidas e menos desiguais do mundo, um país de classe média sólida e empreendedora, uma democracia vibrante e moderna, plena de compromisso social, liberdade política e criatividade.

Queridos brasileiros e queridas brasileiras, para enfrentar esses grandes desafios é preciso manter os fundamentos que nos garantiram chegar até aqui, mas, igualmente, agregar novas ferramentas e novos valores. Na política, é tarefa indeclinável e urgente uma reforma com mudanças na Legislação para fazer avançar nossa jovem democracia, para fazer avançar nossa jovem democracia, fortalecer o sentido programático dos partidos e aperfeiçoar as instituições, restaurando valores e dando mais transparência ao conjunto da atividade pública.

Para dar longevidade ao atual ciclo de crescimento, é preciso garantir a estabilidade, especialmente a estabilidade de preços e seguir eliminando as travas que ainda inibem o dinamismo da nossa economia, facilitando a produção e estimulando a capacidade empreendedora de nosso povo, da grande empresa até os pequenos negócios locais, do agronegócio à agricultura familiar.

É, portanto, inadivável a implementação de um conjunto

de medidas que modernize o sistema tributário orientado pelo princípio da simplicidade e da racionalidade.

O uso intensivo da tecnologia da informação deve estar a serviço de um sistema de progressiva eficiência e elevado respeito ao contribuinte.

Valorizar nosso parque industrial e ampliar sua força exportadora será meta permanente. A competitividade de nossa agricultura e da nossa pecuária, que faz do Brasil grande exportador de produtos de qualidade para todos os continentes, merecerá toda a nossa atenção. Nos setores mais produtivos, a internacionalização de nossas empresas já é uma realidade.

O apoio aos grandes exportadores não é incompatível com o incentivo ao desenvolvimento e o apoio à agricultura familiar e ao microempreendedor. As pequenas empresas são responsáveis pela maior parcela dos empregos permanentes em nosso país. Merecerão políticas tributárias e de crédito perenes.

Valorizar o desenvolvimento regional é outro imperativo de um país continental, sustentando a vibrante economia do Nordeste, preservando, desenvolvendo, respeitando a biodiversidade da Amazônia no Norte, dando condições dando à extraordinária produção agrícola do Centro-Oeste, a força

industrial do Sudeste e a pujança e o espírito de pioneirismo do Sul.

É preciso, antes de tudo, criar condições reais e efetivas capazes de aproveitar e potencializar ainda mais e melhor a imensa energia criativa e produtiva do povo brasileiro.

No plano social, a inclusão só será plenamente alcançada com a universalização e a qualificação dos serviços essenciais. Esse é um passo decisivo e irrevogável para consolidar e ampliar as grandes conquistas obtidas pela nossa população, no período do governo do presidente Lula. É, portanto, tarefa indispensável uma ação renovadora eletiva e integrada dos governos federal, estaduais e municipais, em particular nas áreas de saúde, da educação e da segurança, o que é vontade expressa das famílias e da população brasileira.

Queridos brasileiros e brasileiras, a luta mais obstinada do meu governo será pela erradicação da pobreza extrema e a criação de oportunidades para todos.

Uma expressiva mobilidade social ocorreu nos dois mandatos do presidente Lula, mas ainda existe pobreza a envigorar nosso país e a impedir nossa afirmação plena como povo desenvolvido. Não vou desistir enquanto houver brasileiro sem alimento na mesa, enquanto houver famílias O congoçamento das famílias se dá no alimento, na paz e na alegria. É este o sonho que vou perseguir.

Essa não é tarefa isolada de um governo, mas um compromisso a ser abraçado por toda a nossa sociedade. Para isso, peço com humildade o apoio das instituições públicas e privadas, de todos os partidos, das entidades empresariais e dos trabalhadores, das universidades, da juventude, de toda a imprensa e das pessoas de bem.

A superação da miséria exige prioridade na sustentação de um longo ciclo de crescimento. É com crescimento que serão gerados os empregos necessários para as atuais e as novas gerações. É com crescimento, associado a fortes programas sociais, que venceremos a desigualdade de renda e de desenvolvimento regional. Isso significa, reitero, manter a estabilidade econômica como valor.

Já faz parte, aliás, da nossa cultura recente a convicção de que a inflação desorganiza a economia e degrada a renda do trabalhador. Não permitiremos, sob nenhuma hipótese, que essa praga volte a corroer nosso tecido econômico e a castigar as famílias mais pobres.

Continuaremos fortalecendo nossas reservas externas para garantir o equilíbrio das contas externas e bloquear, impedir a vulnerabilidade externa.

Atuaremos decididamente, nos fóruns multilaterais, na defesa de políticas econômicas saudáveis e equilibradas, protegendo o país da concorrência desleal e do fluxo indiscriminado de capitais especulativos. Não faremos a menor concessão ao protecionismo dos países ricos, que sufoca qualquer possibilidade de superação da pobreza de tantas nações pela via do esforço de produção.

Queremos um trabalho permanente e continuado para melhorar a qualidade do gasto público. O Brasil optou, ao longo de sua história, por políticas de gastos elevados para toda a sociedade, mas significa também a garantia do acesso da aposentadoria para todos e serviços de saúde e de educação universais. Portanto, a melhoria dos ser-

viços públicos é também um imperativo de qualificação dos gastos governamentais.

Outro fator importante da qualidade da despesa é o aumento dos níveis de investimento em relação aos gastos de custeio. O investimento público é essencial como indutor do investimento privado e como instrumento de desenvolvimento regional.

Por meio do Programa de Aceleração do Crescimento e do Programa Minha Casa, Minha Vida, manteremos o investimento sob estrito e cuidadoso acompanhamento da Presidência da República e dos ministérios. O PAC continuará sendo um instrumento de coesão da ação governamental e coordenação voluntária dos investimentos estruturais dos estados e municípios; será também vetor de incentivo ao investimento privado, valorizando todas as iniciativas de constituição de fundos privados de longo prazo. Será também vetor de incentivo ao investimento privado, valorizando todas as iniciativas de constituição de fundos privados de longo prazo.

Por sua vez, os investimentos previstos para a Copa do Mundo e para as Olimpíadas serão concebidos de maneira a dar ganhos permanentes de qualidade de vida em todas as regiões envolvidas. Esse princípio vai reger também nossa política de transporte aéreo. É preciso, sem dúvida, melhorar e ampliar nossos aeroportos para a Copa e as Olimpíadas, mas é mais que necessário melhorá-los para arcar com o crescente uso desse meio de transporte por parcelas cada vez mais amplas da população brasileira.

Queridas brasileiras e queridos brasileiros, junto com a erradicação da miséria, será prioridade do meu governo a luta pela qualidade da educação, da saúde e da segurança. Nas últimas décadas, o Brasil universalizou o ensino fundamental, porém é preciso melhorar a sua qualidade e aumentar as vagas no ensino infantil e o ensino médio. Para isso, vamos ajudar decididamente os municípios a ampliar a oferta de creches e de pré-escolas. No ensino médio, além do aumento do investimento público, vamos estender a vitoriosa experiência do ProUni para o ensino médio e profissionalizando, acelerando a oferta de milhares de vagas para que nossos jovens.

Mas só existirá ensino de qualidade se o professor e a professora forem tratados como as verdadeiras autoridades da educação, com formação continuada, remuneração adequada e sólido compromisso dos professores e da sociedade com a educação das crianças e dos jovens.

Somente com o avanço na qualidade do ensino poderemos formar jovens preparados, de fato, para nos conduzir à sociedade da tecnologia e do conhecimento.

Queridas brasileiras e queridos brasileiros, consolidar o Sistema Único de Saúde será outra grande prioridade do meu governo. Para isso, vou acompanhar pessoalmente o desenvolvimento desse sistema essencial para o povo brasileiro. O SUS deve ter como meta a solução real do problema que atinge a pessoa que o procura com o intuito de obter diagnóstico e tratamento disponíveis, tornando os medicamentos acessíveis a todos, além de fortalecer as políticas de prevenção e promoção da saúde.

Vou usar, sim, a força do governo federal para acompanhar a qualidade do serviço prestado e o respeito ao usuário.”

• A ÍNTEGRA DO DISCURSO DE POSSE DA PRESIDENTE CONTINUA NA PÁGINA 8B









De Silva para  
Roussell

# Os 10 passos de Dilma até a Presidência



## 1 INFÂNCIA E JUVENTUDE

**Dilma Rousseff** nasceu no dia 14 de dezembro de 1947, em uma família de classe média de Belo Horizonte. Recebeu uma formação clássica de seus pais, o advogado búlgaro Pêter Roussell (seu pai adotivo) e a professora Dilma Jane Silva Rousseff, que chegou ao Brasil aos 30 anos e a professora Dilma Jane Silva Rousseff veio vinda da Bulgária, onde deu um filho, Luiz, morto em 2007. Os pais de Dilma tiveram outros dois filhos: o primogênito Igor e a caçula Zena Lúcia. Já falecidos. Dilma cursou a pré-vestibular no Colégio Irmãs Mendonça, depois estudou no tradicional colégio para meninas Nossa Senhora do Sol. Foi o ensino médio no Colégio Estadual Central (hoje Escola Estadual Governador Milton Campos), onde despertou para a militância política.



Reprodução

Foto: J. de A. Silva



Agência Reuters/11.01.2008

Abandonando como secretária de Finanças do prefeito Aloisio Calheiros

## 3 O RECOMEÇO NO SUL

Libertada da prisão, dos quais mais magra e com problemas de saúde, Dilma se mudou em 1973 para Porto Alegre, onde estava preso o marido, Carlos Araújo — que deu a ela uma filha, Paula Rousseff Araújo, em 1978, e com quem viveu por cerca de 30 anos. Formou-se em economia na Universidade Federal do Rio Grande do Sul e trabalhou na Fundação de Economia e Estatística (FEE). Apoiou ao governo gaúcho. Dilma aderiu à campanha pela Anistia e continuou a militância. Ela e o marido apoiaram a fundação do PT no Rio Grande do Sul. De 1980 a 1985, Dilma trabalhou na assessoria da bancada estadual do PT.



Carlos Araújo e Paula

## 2 MILITÂNCIA

Aos 16 anos, em 1964, após o golpe militar, Dilma ingressou na Polícia (Operária) (Prosp). Depois passou para a Organização, que virou Comando de Libertação Nacional (CLN). Ao mesmo tempo, Dilma estudava economia na Universidade Federal de Minas Gerais. Casou-se em 1967 com o jornalista Cláudio Galvão Magalhães Lefevre, com quem militou e ficou por dois anos. Em 1969, apoiou e fundou a Vanguarda Armada Revolucionária Palmar (VAR-Palmares), a unidade do CLN com a Vanguarda Popular Revolucionária (VPR) de Carlos Lamarca. Foi na clandestinidade que conheceu o advogado Carlos Franklin Paiva de Araújo, com quem se casou em 1969. Foi presa em janeiro de 1970, aos 22 anos, e detida por 22 dias. Condenada a seis anos de prisão, cumpriu menos da metade na Presidência Trótski, em São Paulo, porque o Superior Tribunal Militar reduziu sua pena.

Amazonas em Teresopolis, 6.2008



Com Lula, em solenidade para inaugurar projeto de urbanização em Manaus

## 4 VIDA PÚBLICA

Com o apoio do político Aloisio Calheiros para a Prefeitura de Porto Alegre, Dilma foi nomeada, em 1986, secretária municipal de Finanças. Em 1989, tornou-se diretora geral da Câmara Municipal de Porto Alegre. No início dos anos 90, presidiu a FEE. De 1993 a 1994, com Aloisio Calheiros no governo gaúcho, Dilma foi secretária estadual de Energia, Minas e Constituição. Em 1998, o petista Olívio Dutra assumiu o governo do Rio Grande do Sul e convidou-a para voltar à secretária. Em 2000, Dilma começou com Leonel Rincón, diretor do FOT e filio-se ao PT. Envolvida na política, não defendeu a tese do doutorado em economia iniciado em 1998 no Unicamp e abandonado, a que viveu à luta em 2009 e criou política, para em seu currículo constar que ela ainda era doutoranda. Foi secretária executiva com um mandato, também na Unicamp, no fim dos anos 70. Dilma atribuiu os erros a algum servidor desleixado e corrigiu o currículo.

Tikoni de S. Paiva/12.4.2009



Com médicos de hospital Sirio e Libani, em São Paulo

## 5 GOVERNO FEDERAL

Em junho de 2003, Dilma começou a participar de um grupo que discutia políticas para o setor energético, para o caso de Lula vencer a eleição de 2002. Com a eleição do petista, Dilma ganhou e virou uma das responsáveis pela transição de governo. O primeiro Lula disse que a escolheu como ministra de Minas e Energia quando todos, em uma reunião, que ela se desfilou com "um computadorzinho na mão" e demonstrou conhecimento do setor. Antonio Palocci, futuro ministro da Fazenda e, à época, coordenador do plano de governo de Lula, apoiou a escolha, assim como Olívio Dutra.

## 7 A ESCOLHIDA

Já preocupado com sua sucessão — embora muitos pensassem que ele tentaria um terceiro mandato —, Lula apontou para Dilma depois que todos os seus principais assessores foram caídos, como Antonio Palocci, um dos nomes mais fortes para substituí-lo. Para substituí-lo e manter a imagem pública de Dilma, Lula criou o Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) e deu-lhe sua assessoria econômica. Depois, ele era escolhido para o cargo de chefe do PAC. A decisão de Lula de escolher Dilma sua candidata não passou pelo PT, foi simplesmente comunicada ao partido, que, sem outros nomes, acabou aceitando. Com a popularidade em alta, Lula passou a levar Dilma para todos os lugares onde ia, inclusive ao exterior.

## 8 CÂNCER

Dilma já era a escolhida de Lula quando, em abril de 2009, anunciou que seria submetida a tratamento contra um câncer intestinal, descoberto a partir de um exame na sala especial, num exame de rotina. Ela e o marido chegaram em dois helicópteros garantiram que, como estava no início, era relativamente curável. Dilma se submeteu a sessões de quimioterapia. Seus cabelos caíram e, por causa disso, passou a usar uma peruca. Durante o tratamento, ela reduziu seu ritmo, embora poucas vezes tenha deixado de trabalhar. O ritmo político, na época, especificava-se em três condições de sua candidatura. Em setembro de 2009, ela anunciou ter sido curada, o que foi confirmado pelos médicos.



## 9 MOMENTO FAMÍLIA

Em abril de 2008, a República foi em peso ao casamento do filho único de Dilma, o procurador do Trabalho Paulo, em Porto Alegre. Em setembro de 2010, Paulo deu a Dilma a primeira neto da petista, Gabriel. Dilma interrompeu brevemente a campanha para acompanhar o parto, na capital gaúcha.

## 10 O ANO ELEITORAL

Em novembro de 2010, Dilma foi anunciada pré-candidata à Presidência pelo PT. Para fazer o apoio da maioria do PMDB, que indicou Michel Temer a vice na chapa de Dilma, o PT brigou com aliados e sacrificou candidaturas estaduais. A convenção que sacralizou Dilma candidata aconteceu em 13 de junho. Em 31 de outubro de 2010, Dilma foi eleita presidente em segundo turno.



Com correioleiros, Dilma Rousseff faz seu primeiro pronunciamento como presidente eleito

Alfonso de Paiva/31.10.2010

Domingo, 2 de janeiro de 2011

O GLOBO

O PAÍS • 12A



De Silva para Rousseff

Perfil

# Hora de descobrir quem é a Dilma presidente

Para colegas, a ministra com estilo durão saiu de cena, e país se surpreenderá com sua maneira de trabalhar

Eliane Oliveira e Cristiane Jungblut

• **BRASÍLIA.** Aqueles que convivem há algum tempo com a presidente Dilma Rousseff têm basicamente a mesma opinião: somente a partir de agora o Brasil saberá de fato como será, na Presidência da República, a filha de pai bilgaro e mãe brasileira que, na juventude, passou três anos de sua vida na prisão e que décadas mais tarde, a caminho do auge de sua vida pública, superou um câncer e políticos tradicionais na primeira eleição que disputou. Nesse novo contexto, a ministra exigente e dura, aquela que encantou o presidente Lula, saiu de cena, dando lugar a uma pessoa que procura capitalizar tudo o que aprendeu em 60 anos de vida, em especial o que aprendeu de política nos últimos dois ou três anos.

O estilo que Dilma poderá imprimir no comando do país começou a ser percebido a partir do momento em que ela começou a montar seu Ministério, no governo de transição. Recorrer a táticas aprendidas no seu passado de guerrilheira foi uma prática discretamente usada pela presidente, mas percebida pelos interlocutores mais frequentes no processo de montagem do novo governo.

## Cuidado com vazamentos

• Dilma demonstrou que não gosta de reuniões cheias para negociações e decisões específicas. Prefere encontros com duas, três pessoas no máximo e, de preferência, com ninguém esperando na antessala. Se a informação vazar, sabe de onde saiu, conta um dos auxiliares mais próximos.

— Isso é segurança da informação, usada tanto como tática em guerrilha como por grandes empresas — arrisca a dizer Antonio Jorge Riancho, especialista em estratégia militar.

Dilma fala sobre assuntos específicos a pessoas específicas, princípio que se aplicou aos coordenadores da transição: Antonio Palocci, escolhido para a Casa Civil; José Eduardo Cardozo, que assumirá o Ministério da Justiça; e José Eduardo Dutra, presidente do PT. Sempre abstrai as informações passadas a cada um. Ou seja, ninguém pode assegurar que Dutra ou Cardozo souberam tudo de uma presidente eleita conversando com Palocci, por exemplo.

Além desse estilo próprio de se relacionar com os auxiliares, a nova presidente será, para o público externo, muito diferente do que foi até o último minuto seu cri-



DILMA: uma presidente 'low profile', que não gosta de aparecer muito na mídia e que sabe que precisa se impor num mundo dominado por homens

dor e antecessor, Luiz Inácio Lula da Silva. A Dilma não interessa a publicidade; garante os mais próximos. Será uma presidente *low profile*, que não gosta de aparecer muito na mídia. Sua personalidade revela uma pessoa discreta, mas que sabe que precisa se impor por se tratar de uma mulher cercada de homens.

Quem acompanhava os discursos de improviso feitos por Lula não verá o mesmo procedimento por parte da nova presidente. Afirmam que ela segue o que foi escrito à risca, provavelmente uma tentativa de não ser prolixa, adjetivo usado por seus adversários, incluindo o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso, ao apontar suas supostas deficiências. O tucano declarou, sem uma passada, que não consegue entender o que Dilma diz.

Para o cientista político João Paulo Peixoto, Dilma está, por enquanto, limitada pela sombra de Lula. Ele acredita que os dois têm personalidades bem diferentes, mas isso só será evidenciado depois da posse.

— No sábado, assistimos à despedida do Lula e a posse

de Dilma? Nunca vi um presidente, até o último dia de seu mandato, dominar tanto o noticiário na História da República. Normalmente, quem está saindo vai para a quarta ou quinta página dos jornais meses antes de deixar o poder — comenta Peixoto.

## Estilo agressivo causava irritação

• Inicialmente, o estilo agressivo de Dilma causava desconforto e até irritação, entre os colegas de Ministério. Quem conseguiu construir uma relação de amizade a ponto de ter liberdade para rebater suas duras cobranças, Paulo Bernardo, o "leal Paulinho", como é chamado carinhosamente pela presidente. E Paulinho gosta de se referir a ela como Dilma, eternizando uma brincadeira.

Quando ministra, Dilma usava sempre um computador — foi, aliás, com essa ferramenta a tiracolo que ela impressionou o então presidente eleito Lula, em 2002. Na equipe de transição. Ao apresentar o Programa de Aceleração do Crescimento

(PAC), no início de 2007, a então ministra da Casa Civil tinha um laptop à mão para mostrar a situação de todas as obras. Também ficou famosa pelas longas apresentações com PowerPoint — que acabaram virando alvo de brincadeiras dos próprios ministros.

Dilma gosta de supervisionar todos os assuntos pessoalmente. Agora, como presidente, talvez tenha que se adaptar a delegar, mas seus colaboradores lembram que ela tem a vantagem de "saber fácil onde está o defeito".

Fez sua fama de técnica na Fundação de Economia e Estatística, do Rio Grande do Sul. Sua militância sempre foi dentro do PDT, ao lado do ex-marido Carlos Araújo, até o rompimento com os trabalhistas, para permanecer no governo do petista Olívio Dutra. Ironicamente, ganhou notoriedade no plano nacional durante o apagão do governo Fernando Henrique. Então secretária de Minas e Energia do Rio Grande do Sul — estado que ficou livre do racionamento —, Dilma tinha seu nome citado pelo então ministro da Casa Civil, Pedro Parente. A fama construída nesse período a levou para a equipe de transição de Lula, em 2002.

Ano passado, quando houve novo apagão no país, ela já não estava no Ministério de Minas e Energia, mas não se livrou da responsabilidade que lhe foi atribuída pelos adversários do governo.

## Muito metódica e disciplinada

• Pessoas que trabalharam nesses anos com Dilma a classificam como uma "pessoa muito disciplinada e metódica". Também é famosa pelo seu estilo de cobrança. Apesar dos elogios, mesmo seus admiradores admitem que a presidente às vezes "extrapola um pouco" no ênfase do trabalho.

Muito ligada à família, Dilma lê sobre diversos assuntos de acordo com assessores, é bastante estudiosa. Quando escolhe um tema, estuda-o até a exaustão e quer sempre à disposição todas as alternativas.

— Dizem que ela é impaciente, mas não é verdade. Quando se dispõe a resolver uma questão, ouve atentamente todas as opiniões antes de chegar a uma conclusão — comentou um assessor.

## MULHER E HISTÓRIA

• Foi a 1ª eleitora no Brasil e na América Latina. Votou em 5 de abril de 1928. Nasceu em Mossoró, no Rio Grande do Norte, que em outubro de 1927 foi o 1º estado a suprimir a distinção de sexo para o exercício do voto. Os votos femininos foram anulados pela Comissão de Poderes do Senado. Só em 1932 o código eleitoral permitiu o voto feminino.

• Aos 32 anos, foi eleita a 1ª prefeita do Brasil — e da América Latina —, em 1928. Comandou Lajes, no Rio Grande do Norte, por um ano. Perdeu o mandato com a revolução de 30, por ser contra a ditadura de Getúlio Vargas.

• Primeiras deputadas estaduais: Maria do Céu P. Fernandes (foto), pelo RN, Antônia de Barros (SC), Lili Lages (AL), Maria Luiza Bittencourt (BA), Maria Tereza N. de Azevedo e M. Tereza S. de Barros, por SP, eleitas em 1934.

• A 1ª deputada federal, eleita por São Paulo, Carlota P. de Queiroz, ocupou o cargo até 1937, quando o Congresso foi fechado por Getúlio. Eunice Michels foi a 1ª senadora.

• A 1ª ministra: Maria Ester assumiu a Educação, no governo de João Figueiredo. Ficou no cargo de agosto de 1982 a março de 1985.

• A 1ª governadora eleita. Ela foi reeleita, neste ano, para o cargo no Maranhão.

## Novo governo Dilma

Leônicio Martins Rodrigues

• Cada novo governo tende a trazer novidades e levantar esperanças ou temores. Mas o próximo deve proporcionar aos brasileiros poucas surpresas. O anúncio da composição dos ministérios, como já vimos, não trouxe mudanças radicais. Pelo que foi anunciado, o fator continuidade tenderá a predominar, e o mercado poderá dormir tranquilo. Na economia, depois das reformas introduzidas nos governos FHC e das alterações feitas no governo Lula, as mudanças mais fletas já foram feitas e as mais difíceis, como as reformas fiscal, tributária e política, poderão ser deixadas de lado porque mexer nessa área pode produzir mais problemas do que solução.

No plano da economia, a indicação dos novos ministros, ou re-

condução dos antigos, tende a acalmar o mercado (para usar o chavão), porque não prognostica alterações nos rumos anteriormente seguidos.

Também no campo político o governo Dilma não deve esperar complicações maiores do que as que habitualmente habitam nosso sistema partidário e político. A fragmentação partidária continua e as alterações se produzem lentamente a cada eleição. Sete partidos com mais de 30 cadeiras representam cerca de 74% dos deputados federais. O PSDB, que ficou na Câmara dos Deputados, conquistou o governo de oito estados, e o PT, que continuou com a Presidência da República e a maior bancada federal, venceu em apenas cinco. O PSB, partido de dimensões médias, ganhou o go-

verno de seis estados e o direito de reivindicar maiores favores do governo federal. A oposição continua a controlar uma ampla parcela do eleitorado brasileiro.

A primeira vista, o quadro partidário parece complicado e justificaria uma reforma do sistema político habitualmente reclamada depois de cada eleição, especialmente pelos perdedores. Contudo, as numerosas tentativas de reformas anteriores não deram em nada e, hoje, parece esforço destinado ao malogrado certo inventar novo projeto, especialmente se não se sabe claramente por que e para quê proceder a reforma política. O quadro partidário, nos últimos anos, sofreu alterações reveladas especialmente no declínio lento dos partidos tidos como de direita e no crescimento dos de esquerda. A fragmentação partidária

não impediu Fernando Henrique e Lula de governarem. Na distribuição de forças, as diferenças com relação às eleições anteriores têm sido pequenas. PT e PMDB alteram-se, desde a eleição de 2006, nas primeiras posições, e o PSDB (junto com o PFL-DEM) declina.

Por isso, a situação atual do PT da presidente Dilma parece um pouco melhor do que a vivenciada por Lula, sendo hoje o PT o primeiro partido na Câmara. Para relembrar: nas eleições de 2006, o PMDB obteve 89 cadeiras (30 na posse) contra 83 do PT. Em 2002, o PT conseguiu 91 contra 84 do PFL, então o segundo partido. O PMDB tinha 66. Agora, nas eleições de 2010, baixou para 79, e o PT foi para 88.

Do ângulo do manejo da máquina estatal, os petistas e seus aliados no governo devem ter adquirido mais

experiência administrativa, o que permite antever maior chance de que certos erros sejam evitados. Por outro lado — e apesar de serem quase inexauríveis as demandas da classe política por mais benefícios, favores e vantagens — é possível que as pressões do baixo e médio clero petista/sindical diminuam, sendo o governo Dilma favorecido pelo distributivismo anterior dos anos Lula. São especulações. Nas incertezas que sempre cercam a chegada de um novo governo, a performance da nova equipe dependerá amplamente da capacidade política e administrativa de Dilma, que enfrentará, nos primeiros anos de governo, a dura tarefa de adquirir fisionomia própria.

LEONICIO MARTINS RODRIGUES  
cientista político



12B • O PAÍS

O GLOBO

Domingo, 2 de janeiro de 2011

De Silva para  
Roussell

# 'Agora é hora de trabalho. É hora de união'

Em discurso no parlatório do Planalto, Dilma fala da responsabilidade que assume. Abaixo, a íntegra:

• **BRASÍLIA.** Leia na íntegra o discurso da presidente Dilma Rousseff no parlatório do Palácio do Planalto.

"Queridas brasileiras, queridos brasileiros,

Eu e o nosso vice-presidente Michel Temer e sua senhora, Marcela, estamos aqui assumindo a Presidência e a Vice-Presidência do Brasil.

Eu estou feliz, como raras vezes estive na minha vida, pela oportunidade que a História me deu de ser a primeira mulher a governar o Brasil. Mas eu estou muito emocionada pelo encerramento do mandato do maior líder popular que este país já teve. Ter a honra do seu apoio, ter o privilégio de sua convivência, ter aprendido com sua imensa sabedoria, são coisas que se guardam para a vida toda.

Conviver todos estes anos com o presidente Lula me deu a dimensão do governante justo e do líder apaixonado por seu país e por sua gente. A alegria que sinto pela minha posse como presidenta se mistura com a emoção da sua despedida. Mas Lula estará conosco. Sei que a distância de um cargo nada significa para um homem de tamanha grandeza e generosidade.

A tarefa de suceder o presidente Lula é desafiadora. Eu saberei honrar este legado e saberei consolidar e avançar nesta obra de transformação do Brasil. A vontade de mudança do nosso povo levou um operário à Presidência do Brasil. Seu esforço, sua dedicação e seu nome já estão gravados no coração do povo, o lugar mais sagrado da nossa nação.

Hoje, o presidente Lula deixa o governo depois de oito anos, período em que liderou as mais importantes transformações na vida do país. A força dessas transformações permitiu que vocês, o povo brasileiro, tivessem uma nova chance de colocar, pela primeira vez, uma mulher na Presidência do Brasil.

Para além da minha pessoa, a valorização da mulher melhora nossa sociedade e valoriza a nossa democracia.

**Homenagem ao "Incansável lutador" José Alencar**

Quero, neste momento, prestar minha homenagem a outro grande brasileiro, incansável lutador, companheiro que esteve ao nosso lado, ao lado do presidente Lula, nestes oito anos. Eu me refiro ao nosso querido vice-presidente José Alencar. Que exemplo de coragem e de amor à vida nos dá este grande homem! É que parceria Zé Alencar e Lula, Lula e Zé Alencar fizeram, pelo Brasil e pelo nosso povo!

Eu e Michel Temer nos sentimos responsáveis por seguir o caminho iniciado por eles. Aprendemos com eles que, quando se governa pensando no interesse público e nos mais necessitados, uma imensa força brota do nosso país. Aprendemos que, quando se governa amando o Brasil, preservando a sua soberania e desenvolvendo o nosso país para torná-lo do tamanho do sonho de cada brasileira e cada brasileiro, uma força intensa é



LULA ABRAÇA Dilma durante a solenidade da passagem da faixa presidencial: para nova presidente, "A alegria que sinto pela minha posse se mistura com a emoção da sua despedida"

mobilizada e todos nós avançamos juntos.

Reafirmo aqui outro compromisso: cuidarei com muito carinho dos mais frágeis e mais necessitados. Governarei para todos e todas as brasileiras.

Uma mulher, uma importante líder indiana disse um dia que não se pode trocar um aperto de mão com os punhos fechados. Pois eu digo: minhas mãos vão estar abertas e estendidas para todos, desde os nossos aliados de primeira hora até aqueles que não nos acompanharam neste processo eleitoral.

É com este espírito de união que eu assumo hoje o governo do meu país. Acredito e trabalharei para que estejam todos unidos pelas mudanças necessárias na educação, na saúde,

na segurança e, sobretudo, na luta para acabar com a pobreza, com a miséria.

Não peço a ninguém que abdique de suas convicções. Buscarei o apoio, respeitarei a crítica. É o embate civilizado entre as ideias que move as grandes democracias como a nossa.

Não carrego, hoje, nenhum ressentimento nem nenhuma espécie de rancor. A minha geração veio para a política em busca da liberdade, num tempo de escuridão e medo. Pagamos o preço da nossa ousadia ajudando, entre outros, o país a chegar até aqui. Aos companheiros meus que tombaram nessa caminhada, minha eterna lembrança.

Queridas brasileiras e queridos brasileiros,

Já fizemos muito nos últimos oito anos, mas ainda há muito por fazer. E foi por acreditar que nós podemos fazer mais e melhor que o povo brasileiro nos trouxe até este momento.

Agora é hora de trabalho. Agora é hora de união. União de todos nós pela educação das crianças e dos jovens. União pela saúde de qualidade para todos. União pela segurança de nossas comunidades. União para o Brasil continuar crescendo, gerando empregos para os atuais e para as futuras gerações. União, enfim, para criar mais e melhores oportunidades para todos nós.

O meu sonho é o mesmo sonho de qualquer cidadão ou cidadã: o sonho de que uma

mãe e um pai possam oferecer aos seus filhos oportunidades melhores do que a que eles tiveram em suas vidas.

Esse é o sonho que constrói um país, uma família, uma nação. Esse é o desafio que ergue um país.

Apresentei há pouco uma mensagem, com meus princípios e compromissos, no Congresso. Ali, existem metas e objetivos, mas também existem sonhos.

Acho bom que seja assim. Para governar um país, um país continental do tamanho do Brasil, é também preciso ter sonhos. É preciso ter grandes sonhos e persegui-los.

Foi por não acreditar que havia o impossível que o presidente Lula fez tanto pelo país nestes últimos anos. Se

nhar e perseguiu os sonhos é exatamente romper o limite do possível.

Para consolidar e avançar as grandes conquistas recentes precisarei muito do apoio de todos vocês.

Quero pedir o apoio de todos, de leste a oeste, do Norte ao Sul do nosso país.

**No fim do discurso, citação a Deus**

Vou estar ao lado dos que trabalham pelo bem do Brasil na solidão do Amazonas, nos rincões do Nordeste, na insensidão do cerrado, na vastidão dos pampas.

Se todos trabalharmos pelo Brasil, o Brasil nos devolverá em dobro o nosso esforço. O Brasil é uma terra generosa. Tudo que for plantado com mãos carinhosas e olhar para o futuro será colhido com abundância e alegria.

Que Deus abençoe o Brasil e o povo brasileiro. Que todos nós juntos possamos construir um mundo de paz.

Eu quero, neste momento, dizer a vocês que eu darei todo o meu empenho, toda a minha dedicação para fazer com que as transformações que nós começamos nestes últimos oito anos continuem, prossigam e se expandam, porque o povo brasileiro e o nosso país têm condições, hoje, de se transformar no maior e no melhor país para se viver.

Um abraço a todos, homens e mulheres do meu Brasil! ■



DILMA NA FOTO OFICIAL com os 37 ministros: "Trabalharei pelas mudanças na educação, na saúde, na segurança e na luta para acabar com a miséria"

## Erenice reaparece no Planalto

Ex-ministra envolvida em denúncias de lobby estava entre os convidados da posse

Vivian Oswald

• **BRASÍLIA.** Em sua primeira aparição pública desde que se afastou do comando da Casa Civil após denúncias de tráfico de influência, a ex-ministra Erenice Guerra ressurteu ontem na ala dos convidados especiais do Palácio do Planalto para a cerimônia de transmissão da faixa presidencial de Luiz Inácio Lula da Silva para Dilma Rousseff. Acompanhada do marido, José Roberto Camargo, Erenice fez questão de

ser notada pelas câmeras. Ela deixou o governo ainda durante a campanha eleitoral em função das denúncias de tráfico de influência, lobby e suborno.

Outra figura política da Era Lula, o ex-ministro da Casa Civil José Dirceu, também ganhou lugar de destaque e foi um dos personagens mais populares na ala destinada aos membros do atual governo. Nove importante do Partido dos Trabalhadores, Dirceu, afastado em 2005 por causa do escândalo do mensalão, distribuiu abraços e

beijos e posou para fotografias com outros convidados. Nas primeiras fileiras estavam os ex-ministros do governo Lula.

Apesar de estar na área dos convidados especiais, Erenice não tinha lugar marcado como os demais. Nas primeiras fileiras da sua ala estavam os comandantes das Forças Armadas, o novo secretário Executivo do Ministério da Fazenda, Nelson Barbosa, que coadjuvava com a economista Maria da Conceição Tavares, e os membros do Comitê Olímpico Internacional (COI).



EX-MINISTRA Erenice Guerra cumprimenta Dilma Rousseff na posse

O GLOBO NA INTERNET  
Assim, depois da íntegra do discurso de Dilma no parlatório, veja o que ela disse.



**De Silva para Rousseff**

**CLIQUE MULTIMÍDIA**

- Especial multimídia conta a trajetória política de Dilma Rousseff
- oglobo.com.br/pais

**No site do GLOBO, infográficos e especiais sobre a posse**

**CLIQUE INFOGRAFIA**

- Infográfico especial apresenta a nova composição do Congresso Nacional
- Infográfico especial traz as principais promessas da candidata eleita
- Confira infográfico especial com os principais desafios da sucessora de Lula
- oglobo.com.br/pais

**CLIQUE ESPECIAL**

- Relembra 50 frases polêmicas dos dois mandatos de Lula
- Especial relembra os principais fatos desde que Lula assumiu
- Confira o perfil dos ministros e presidentes de estados do governo Dilma
- oglobo.com.br/pais

**A CONSTRUÇÃO DO MITO LULA**



**CLIQUE ESPECIAL**

- Lula na íntegra o candidato especial da Era Lula

## Intimidade com Hillary e afagos de Chávez

Dilma é cumprimentada por 11 chefes de Estado, entre eles os presidentes de Chile, Colômbia, Uruguai e Paraguai

BRASÍLIA. As autoridades estrangeiras que compareceram às solenidades de posse de Dilma Rousseff aproveitaram o cumprimento à nova presidente para sinalizar ou reafirmar seus laços com o Brasil. Surpreendendo a diplomacia brasileira, um dos mais calorosos encontros no salão do Palácio do Planalto foi com a secretária de Estado americana, Hillary Clinton. Elusiva, ela — que chegou atrasada e não esteve no Congresso Nacional — conversou longo tempo com Dilma e fez questão de tirar fotos com a brasileira, em meio a largos sorrisos.

O gesto foi especialmente destacado porque a diplomacia do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva culpa Hillary pelo desfecho das negociações com o Ira, intermediadas pelo Brasil e a Turquia. Também há incômodo com os telegramas da diplomacia americana sobre o Brasil, divulgados recentemente pelo Wikileaks.



DILMA É cumprimentada e conversa com José Sócrates, primeiro-ministro de Portugal



HILLARY E Chávez trocam um aperto de mão e são observados por Piñera, presidente do Chile

### Encontros descontraídos com latino-americanos

Saenidade. Dilma foi cumprimentada por 11 chefes de Estado — como o presidente da Autoridade Nacional Palestina, Mahmoud Abbas — e dez primeiros-ministros, além de Hillary Clinton. Dezenas de representantes de outros países de todos os continentes também prestaram homenagens à nova presidente brasileira.

A Coreia do Sul, por exemplo, enviou seu primeiro-ministro, Kim Hwang-sik, num sinal de que o país pretende reafirmar sua

relação com o Brasil. O presidente da França, Nicolas Sarkozy, não veio, mas, numa escolha cheia de simbolismo, enviou o ministro da Defesa, Alain Juppé, à posse de Dilma — para a qual ficou a decisão sobre a compra dos caças da Força Aérea, na qual o Rafale francês era o favorito de Lula.

Os encontros foram descontraídos com os chefes de Estado latino-americanos. Imediatamente após Hillary, o presidente da Venezuela, Hugo Chávez, deu longo abraço em Dilma e conversou proximamente, travando contato físico com a presidente brasileira to do o tempo. Antes, no Congresso Nacional, Chávez exaltou a colega.

— Dilma é extraordinária. Eu sou feminista. As mulheres são melhores que os homens. Quando eu entregar o governo — não sei quando — gostaria que fosse para uma mulher. Dilma dará continuidade à força social do governo Lula.

Também foi longo o cumprimento do presidente do Uruguai, José Mujica, e de sua esposa, Lucía Topolansky, presidente do Senado do país vizinho, um dos parceiros de Mercosul. O trio trocou brincadeiras e abraços. Dilma também demorou-se longamente com o presidente do Paraguai, Fernando Lugo, que está em tratamento contra um câncer — doença que a presidente brasileira combateu em 2009.

Os mandatários de Chile, Sebastián Piñera, e Colômbia, Juan Manuel Santos, também compareceram. As ausências

mais marcantes na América do Sul foram as dos presidentes Evo Morales, da Bolívia, Rafael Correa, do Equador, e Cristina Kirchner, da Argentina, (que alegou motivos particulares para não comparecer à cerimônia).

Da Europa, as presenças mais notadas foram as do primeiro-ministro de Portugal, José Sócrates, e do príncipe de Astúrias, Felipe de Borbón, herdeiro do trono da Espanha. Mas foi com o primeiro-ministro da Bulgária, Boyko Borisov, que o

cumprimento pareceu mais familiar. Dilma já havia se encontrado com ele dia 30. A presidente é filha de búlgaro.

Os convidados estrangeiros ficaram isolados em uma sala do Palácio do Planalto, com sofás, em um clima de informalidade. No Congresso, os presidentes estrangeiros ficaram no Plenário.

**GO GLOBO NA INTERNET**  
Sabe quem foi a posse  
oglobo.com.br/pais

## Mulher de Temer rouba a cena

Marcela faz sucesso no Twitter: 'Foi a verdadeira atração'

A presidente Dilma Rousseff até que se esforçou, indo à sua posse com cabelo novo e um taitleur marfim, mas foi a beleza estonteante da mulher do vice-presidente Michel Temer que capturou olhares e cliques dos homens Brasil afora. E o Twitter é prova disso: Marcela Temer começou a ser citada no site por volta das 16h30m, quando subiu a rampa do Planalto, e pouco mais de uma hora depois já estava entre os assuntos mais comentados do mundo.

Com seus 28 anos — 42 mais jovem que o marido —, a vice-primeira-dama vestia uma saia justa e uma camisa que lhe deixavam os braços de fora. Ao lado dos governantes no Parlamento, sob os flashes e câmeras que transmitiam ao vivo a cerimônia, Marcela despertou amores à primeira vista.

— Na posse da Dilma, quem deu show foi Temer... Mas não o Michel, a Marcela Temer! Ela foi a verdadeira atração! disse Francisco Antonio Dias no Twitter.

— Carla Bruni para que se nós temos Marcela Temer? Cancela a compra dos caças que nós já encontramos um avião!, escreveu outro usuário no site.

Em segundos surgiu a hashtag #marcelatemernaplayboy, usada para quem já torce



MARCELA DURANTE a posse: internautas atentos

por uma capa da revista com a vice-primeira-dama. Assim que ela apareceu em frente às câmeras, foi criado um perfil falso para Marcela no Twitter, @marcelatemer. Em uma hora, conseguiu 445 seguidores.

Marcela Tedeschi Araújo, seu nome de batismo, vem de uma família de classe média em Paulínia, interior paulista. Aos 20 anos, quando era recepcionista de um jornal local, conseguiu chegar perto do sonho de ser modelo disputando o Miss Paulínia, ficando em segundo lugar. Mais tarde, ganharia o Miss

Campinas, e seria vice no Miss São Paulo. Em entrevista à revista "Plau", Temer disse que viu Marcela no restaurante do tio da moça há dez anos, durante campanha eleitoral, e ficou encantando com sua beleza. Temer disse que recebeu um e-mail dela cumprimentando-o pela vitória e decidiu ligar convidando-a para sair. Em 2003, os dois se casariam (terceiro casamento do político) em uma cerimônia para apenas 12 pessoas. Os dois têm um filho de 2 anos, Michelzinho. Em 2010, Marcela deu um depoimento ao site de Dilma.

— Como vice-primeira-dama, quero contribuir muito para ajudar o nosso país. (Renan Setti)

— Não pesa nada, está leve. Está leve! — respondeu.

## Após a posse, encontro reservado com companheiras de prisão e familiares

Dilma participa rapidamente da recepção oferecida pelo Itamaraty

Maria Lima, Catarina Alencastro e Demétrio Weber

BRASÍLIA. Contrariando os conselhos do chafeiro Celso Kamura, a presidente Dilma Rousseff preferiu não trocar o vestido pérola por um vermelho para participar da recepção oferecida no Itamaraty para cerca de 800 convidados. Dilma circulou rapidamente pelo coquetel e depois se recolheu em uma sala reservada com familiares e 17 ex-companheiras de prisão dos tempos de regime militar. Algumas foram barradas pelo cerimonial e liberadas em seguida para participar do coquetel.

Quando se dirigia para a sala reservada, Dilma encontrou-se com o deputado tucano José Aníbal (SP), a quem cumprimentou com um abraço afetuosos. Aníbal foi companheiro de Dilma na organização revolucionária marxista Política Operária (Polop), em Belo Horizonte.

— Vamos entrar comigo. Eu vou te levar para ver a minha mãe — convidou Dilma, lembrando que os dois militaram juntos em Minas Gerais durante o regime militar.

No pouco tempo em que circulou entre os convidados, Dilma exibiu a faixa presidencial que levava no peito e reagiu com bom humor ao ser indagada pelos repórteres se ela não pesava muito.

— Não pesa nada, está leve. Está leve! — respondeu.



EX-COMPANHEIRAS de prisão de Dilma, convidadas pela presidente

Embora não tenha participado das solenidades de posse de Dilma no Congresso ou no Planalto, o governador de São Paulo, o tucano Geraldo Alckmin, chegou a tempo para participar da recepção no Itamaraty em homenagem à nova presidente e anunciou que será parceiro do governo federal em projetos que beneficiem a população. Para Alckmin, apesar de o PSDB ser um partido de oposição, cabe a legenda exercer esse papel com inteligência e de forma propositiva.

— No que depender de nós, ela vai contar conosco. São Paulo vai ser parceiro do Brasil, do desenvolvimento brasileiro, vamos participar, trabalhar juntos em benefício da população — confirmou o tucano, acrescentando: — Va-

mos, sim, ajudar e ser parceiros do governo federal.

Alckmin ressaltou ainda a importância do diálogo entre o governo e a oposição.

— Acho que o diálogo é sempre importante. Na democracia, quem vence governa, quem perde fiscaliza. E é bom nos termos no Brasil grandes partidos preparados para alternância no poder. É tão patriótico ser governo quanto ser oposição.

A recepção no Itamaraty também foi prestigiada por vários ex-ministros do governo Lula. Até mesmo aqueles que deixaram o governo em meio a escândalos como José Dirceu e Erenice Guerra, ex-stilistas da Casa Civil. Dilma também fez questão de encaminhar convites para os jornalistas que acompanharam sua campanha eleitoral.



Domingo, 2 de janeiro de 2011 • 2ª edição

O GLOBO

O PAÍS • 19

De Silva para  
Rousseff

## Aécio: 'Faremos oposição leal ao Brasil e vigorosa'

Senador mineiro vai apresentar proposta de reformas política e tributária. Serra defende colaboração entre governos



SENADOR AÉCIO NEVES: "NÃO HÁ GOVERNO FORTE SEM OPosição FORTE"

Adalberto Antunes Barbosa,  
Christiane Jungblut e Maria Lima

• SÃO PAULO e BRASÍLIA. Político mais aplaudido na celebração da posse do governador Antônio Anastasia (PSDB), o ex-governador e senador eleito Aécio Neves (PSDB) prometeu fazer uma oposição "atenta e vigilante" ao governo da presidente Dilma Rousseff (PT), mas disse que espera o apoio de senadores da base do governo para construir uma agenda de reformas de interesse do país.

— Como brasileiro, desejo a ela sorte em sua gestão, mas repito: não há governo forte sem oposição forte. Faremos uma oposição leal ao Brasil e aos brasileiros, mas vigorosa em relação às ações do governo — disse Aécio, acrescentando que deve concluir, em até dois meses, um esboço de uma agenda de reforma política e tributária do país, além de medidas que julga necessárias ao fortalecimento de estados e municípios.

Aécio afirmou já ter mantido conversas com senadores

da base da presidente e estar otimista em relação à construção das reformas, para que o Congresso não seja "caudatário de uma agenda de interesse exclusivo do Poder Executivo".

— Isso apequena o Congresso e é o que tem acontecido ao longo dos últimos anos — afirmou.

Perguntado a respeito da ascendência do presidente Lula sobre Dilma e a influência do petista no novo governo, Aécio disse esperar que o ex-presidente cumpra a promessa de ter um comportamento exemplar.

— O presidente Lula disse algumas vezes que demonstrará na prática como deve agir um ex-presidente da República. Vamos aguardar e observar qual é a forma que ele compreende que seja a mais adequada.

Aécio disse esperar que Minas não sofra discriminação por parte do governo federal. O tucano criticou a escolha do primeiro escalão do governo Dilma, por contar

com apenas um representante de Minas Gerais, o ex-prefeito de Belo Horizonte Fernando Pimentel (PT).

— Como ele entra numa coisa pessoal, vejo que do ponto de vista político Minas ficou excluída do atual governo — disse.

O ex-governador de São Paulo José Serra (PSDB) afirmou, durante a posse do governador paulista Geraldo Alckmin (PSDB), que a população quer a cooperação entre os governos federal, estadual e as prefeituras.

— O que a população sempre espera é cooperação entre governos. Nós governamos assim em São Paulo. O Covas governou assim, o Alckmin também, eu governei assim e o Alckmin vai continuar governando assim.

Em rápida conversa com jornalistas, Serra se limitou a dizer que, daqui para a frente, vai "ganhar a vida" já que "não tem renda", mas não abandonará a atividade política.

— Na atividade política, eu sempre estive e vou continuar.

Já em Brasília, um plenário dominado por aliados que gritavam palavras de ordem elogiosas, alguns integrantes da oposição marcaram presença na cerimônia de posse de Dilma, no Congresso. O deputado Bruno Araújo (PSDB-PE) chegou a ficar inquieto com a ausência de colegas da oposição.

— Fiquei sozinho no ninho! Aos colegas, outros foram chegando, e o deputado Antônio Carlos Magalhães (DEM-BA) sentou-se ao lado de Dilma, porque é integrante da Mesa Diretora. Questionados, os parlamentares responderam que cumpriam uma obrigação constitucional.

— Estou cumprindo meu dever constitucional — defendeu José Carlos Aleluia (DEM-GO).

Já o senador Demóstenes Torres (DEM-GO) não perdeu a chance de criticar o longo discurso de Dilma.

— Ela fez um discurso horrível, para agradar todo mundo. Ela entendeu a mão para a oposição, e nós também lhe entendemos a mão. Mas não bastam só palavras — disse.

## 'Dilma tem enviado sinais de independência'

Pesquisadora Julia E. Sweig diz que petista vai impor estilo de governar e definir onde Lula será útil politicamente

## ENTREVISTA

Julia E. Sweig

Apesar de admitir que os bons resultados econômicos e a extrema popularidade com os quais o presidente Luiz Inácio Lula da Silva termina o seu governo o tornam uma figura fundamental no cenário político dos próximos anos, uma das maiores especialistas em Brasil nos EUA, Julia E. Sweig, considera sexistas os comentários que colocam a presidente Dilma Rousseff como marionete e seu governo como um mero interregno nos planos de Lula de voltar ao poder. Julia, diretora de Estudos da América Latina

e do Global Brazil Initiative do Council on Foreign Relations — um dos mais influentes centros de estudos estrangeiros de Washington — não enxerga Dilma apenas como uma tecnocrata e diz que ela também contribuiu para o sucesso do governo que acaba hoje.

Julia afirma que, como prometido na campanha presidencial, o governo de Dilma será de continuidade, o que não impedirá que a nova presidente tenha uma personalidade própria, fenômeno já percebido após seus comentários condenando o apedrejamento da iraniana Sakineh Ashtiani. Em recente artigo sobre o Bra-

sil publicado na última revista "Foreign Affairs" — intitulado "A new global player: Brazil's Far-Flung Agenda" (Um novo jogador global: a ampla agenda do Brasil) e no qual não se menciona o governo Dilma —, ela observa que, apesar da ambição por ter mais influência nas discussões internacionais, o Brasil segue preñado de desafios, como ser ainda o décimo país mais desigual do mundo (apesar de os progressos no combate à miséria), a má qualidade da educação e o baixo investimento em ciência e tecnologia. São alguns dos problemas vitais para a nova presidente administrar.

Gilberto Scofield Jr.

SÃO PAULO

O GLOBO: O presidente Luiz Inácio Lula da Silva tem sido inconstante em seus pronunciamentos sobre o nível de atuação política que terá durante o governo de Dilma Rousseff, ora afirmando que vai ajudá-la politicamente, ora dizendo que não pretende interferir. Como a senhora vê o grau de independência do governo de Dilma diante de um ex-presidente que ajudou a eleger e com índices de popularidade tão altos?

JULIA E. SWEIG: Dilma e Lula vêm trabalhando juntos por um longo tempo na cúpula do governo brasileiro em diferentes projetos, especialmente no front doméstico, e ela concorreu pelo PT. Então obviamente seu projeto doméstico em termos de prioridades será mais continuidade do que mudança, e isso estava claro em sua campanha. Mas, ao mesmo tempo, ela é a presidente e como tal tem enviado sinais de independência e opinião própria, como no caso da prisioneira iraniana Sakineh Ashtiani. Então acho que o estilo próprio deve se revelar com o tempo. Um ex-presidente de qualquer país, seja no Brasil ou nos EUA, tem que definir seus próximos passos, e acho que Lula está neste exato momento definindo qual será o seu papel no Brasil e internacionalmente. Ao mesmo tempo, Dilma é uma pessoa extremamente vigorosa, pragmática e forte que não pretende, abruptamente, tirá-lo do caminho. Ela vai decidir onde ele será politicamente útil, tanto do ponto de vista doméstico quanto internacional, bem como na aprovação de reformas e nos difíceis tópicos que precisará administrar no Congresso. Se ele pode ser útil, por que não o usar? Não fazer isso seria totalmente ilógico.

• Muitos afirmam desde a corrida eleitoral que Dilma foi uma criação de Lula e seu governo, parte do projeto político do próprio presidente.

JULIA: Eu vejo esses comentários com sexistas. Assumam que ela não será capaz de ter o seu próprio governo de forma independente. Ela claramente terá. É uma mulher forte e independente, e não tenho dúvidas de que ela vai governar o Brasil com suas próprias visões. Dilma não emerge de um vácuo. Ela emerge de uma parceria, especialmente no segundo mandato do presidente, quando ela foi extremamente importante para o país e para o sucesso do próprio Lula. Então, quando se fala em continuidade, eu vejo como a continuidade de um governo bem-sucedido do qual ela fez parte e foi arquiteta.

• Você se refere a que exatamente? Ao PAC (Programa de Aceleração do Crescimento)? JULIA: Ao PAC, à implementação dos programas sociais e de redistribuição de renda e mesmo ao exercício político. Dilma é uma figura importante, inclusive internacionalmente. Ela tem ótima reputação na indústria de energia, na comunidade financeira internacional e é vista por gente de fora como uma profissional séria, uma gerente muito pragmática. E acredita-se que ela continuará a ter esse perfil, só que como presidente.

• Muitos enxergam nisso um defeito, afirmando que ela está mais para tecnocrata do que para estadista. JULIA: Quando ela estava negociando a nova legislação do pré-sal ou quando participava dos vários conselhos criados por ela, entre outras tarefas, ela não estava sendo somente técnica. Ela estava fazendo polí-



JULIA SWEIG: "DILMA VAI DECIDIR ONDE LULA SERÁ POLITICAMENTE ÚTIL"

tica. O fato de ter sobrevivido politicamente no Brasil da forma como ela sobreviveu é uma prova de suas habilidades políticas. São habilidades diferentes das de Lula. Ninguém pode repetir o carisma do ex-presidente ou sua habilidade de se conectar com as pessoas, afinal, ele é Lula. Eu tampouco acho que ela tentará ser como Lula, o que seria um desapontamento para todos. Dilma terá que desenvolver sua própria identidade como presidente. De novo, neste início de governo, acho as críticas de fundo sexista. Se Dilma fosse um homem, acredito até que a pergunta não seria formulada dessa maneira. Seria: "Como o presidente deve controlar e aproveitar Lula como um ativo e um recurso para governar no futuro?" De qualquer forma, esse é um preço a pagar por se trabalhar com Lula, porque ele tem enorme personalidade e é grande, inclusive no cenário internacional. Então também é legítimo questionar como ele vai estruturar sua fase pós-presidência e qual será seu papel no cenário político do país, não importa se o novo presidente é homem ou mulher.

• Em recente entrevista, o presidente Lula afirmou que Obama não conseguiu mudar a relação entre os EUA e a América Latina, e que a visão dos americanos sobre a região continua basicamente a mesma. Você concorda? JULIA: Concordo. A América Latina não é uma prioridade para o presidente Barack Obama. Mesmo que ele e a secretária de Defesa, Hillary Clinton, tenham tentado dizer que possuem uma nova política para a região, eles têm sido muito lentos na implementação dessa nova visão. Eu acho que é porque eles estão simplesmente ocupados com outras coisas, como Afeganistão, Iraque, Irã, Rússia e agora com o WikiLeaks, um problema enorme. Curiosamente, o primeiro semestre de 2009 foi muito bom com a Conferência das Américas em Trinidad e Tobago, a reunião da OEA em San Pedro Sula (em que Clinton reafirmou a disposição do governo Obama de estreitar relações com o continente), a reunião do G-20 em Londres em que Lula prometeu ajudar com o Irã, e Obama o chamou de "o cara". Mas no segundo semestre ocorreram o golpe em Honduras, a crise das bases na Colômbia e uma série de desentendimentos, deliberações e acidentes, incluindo temas como o Irã, em que a relação dos EUA com a região e com o Brasil piorou. A política externa dos EUA para a América Latina é muito vulnerável à política doméstica e a ideologias dentro dos EUA. É mais fácil para os diplomatas americanos focar em um ou dois grandes temas e deixar a briga ideológica continuar. Há muitos focos de desconhecimento que precisam ser discutidos.

• Trabalhando no Council on Foreign Relations em Washington, você deve ter conhecido o novo ministro das Relações Exteriores, Antônio Patriota, que em 2008 foi embaixador no Brasil dos EUA.

Latina, e que a visão dos americanos sobre a região continua basicamente a mesma. Você concorda?

JULIA: Concordo. A América Latina não é uma prioridade para o presidente Barack Obama. Mesmo que ele e a secretária de Defesa, Hillary Clinton, tenham tentado dizer que possuem uma nova política para a região, eles

têm sido muito lentos na implementação dessa nova visão. Eu acho que é porque eles estão simplesmente ocupados com outras coisas, como Afeganistão, Iraque, Irã, Rússia e agora com o WikiLeaks, um problema enorme. Curiosamente, o primeiro semestre de 2009 foi muito bom com a Conferência das Américas em Trinidad e Tobago, a reunião da OEA em San Pedro Sula (em que Clinton reafirmou a disposição do governo Obama de estreitar relações com o continente), a reunião do G-20 em Londres em que Lula prometeu ajudar com o Irã, e Obama o chamou de "o cara". Mas no segundo semestre ocorreram o golpe em Honduras, a crise das bases na Colômbia e uma série de desentendimentos, deliberações e acidentes, incluindo temas como o Irã, em que a relação dos EUA com a região e com o Brasil piorou. A política externa dos EUA para a América Latina é muito vulnerável à política doméstica e a ideologias dentro dos EUA. É mais fácil para os diplomatas americanos focar em um ou dois grandes temas e deixar a briga ideológica continuar. Há muitos focos de desconhecimento que precisam ser discutidos.

• Trabalhando no Council on Foreign Relations em Washington, você deve ter conhecido o novo ministro das Relações Exteriores, Antônio Patriota, que em 2008 foi embaixador no Brasil dos EUA.

JULIA: É claro que conheço bem Patriota. Eu diria que o considero um amigo e tenho muito respeito por ele, que é uma pessoa muito madura para lidar com essas pendências.

• E com que tipo de EUA o futuro governo Dilma vai ter que lidar?

JULIA: Nos próximos dois anos a Casa Branca vai estar focada na reeleição do presidente, além de ter que lidar com temas domésticos importantes, inúmeros problemas econômicos com uma taxa de desemprego acima de dois dígitos. Acredito que certa rivalidade por influência na região vá continuar. Eu gostaria que a abordagem do Brasil fosse feita com mais prioridade e até acredito que haja muitas oportunidades, porque Washington sabe que o Brasil é parte da América Latina, mas muito maior do que ela. Existem pessoas na administração americana dispostas a conversar seriamente, como o embaixador americano no país, Thomas Shannon. Ele conhece o Brasil muito bem e entende completamente o valor de uma relação séria com o país, não apenas bilateralmente, mas nos temas globais que fazem parte da agenda. Mas isso não é universal. Quando Washington diz "nós queremos parceria com potências emergentes", como o Brasil, eu não acredito que eles saibam o que esta palavra significa. Ela quer dizer "nós vamos ser legais quando conversarmos contigo, mas esperamos que você faça o que dissermos no fim do dia". Ou significa "estamos prontos para algum tipo de negociação em que daremos de um lado e perderemos de outro"? Eu não acho que haja uma resposta para essa pergunta por hora.